

Universidade de Lisboa



O desenho e a formação integral do aluno:  
desenvolvimento da atenção e consciência crítica no uso das novas tecnologias.

Cristiane Veneza Quintanilha

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2014

**Universidade de Lisboa**



**O desenho e a formação integral do aluno:**  
desenvolvimento da atenção e consciência crítica no uso das novas tecnologias.

Cristiane Veneza Quintanilha

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada e orientada pelo  
Professor Doutor José Domingos Rêgo

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2014



## **Agradecimentos**

Ao professor Pedro Correia pelo empenho e dedicação.

À professora Mónica Bessa pelo seu dinamismo e exemplo.

À direção do Colégio Amor de Deus, em especial à diretora geral Irmã Helena Oliveira e à diretora pedagógica professora Maria José Fernandes.

À turma 12.4 pelo acolhimento, sem eles não seria possível a execução deste trabalho.

Aos professores do departamento das Artes Visuais da escola.

À professora Raquel Vaz pela sua preciosa ajuda.

À professora Ana Sofia Freire pela disponibilidade, entusiasmo e empatia.

Ao professor José Domingos Rêgo pela orientação, compromisso, sinceridade e apoio pessoal e profissional na execução desta dissertação.

À minha colega Ana Romão pela sua amizade e partilha.

À minha família, que muitas vezes foi penalizada pela minha ausência, especialmente ao meu marido e aos meus filhos Gabriel e Tiago.

À todos aqueles que durante dois anos estiveram sempre presentes.

À minha mãe, que em todos os momentos, mesmo estando distante, nunca deixou de aconselhar e orientar a ser a pessoa que sou.

Muito obrigada a todos.



## RESUMO

O desenho, enquanto disciplina, deve refletir uma estratégia de ensino, bem como o processo de aprendizagem e estruturação do pensamento humano, visual e exploratório, de forma a originar a resolução de problemas ou ideias.

Todo este processo de ensino procurou desenvolver e estimular os conhecimentos teórico e práticos, do desenho, mas também a capacidade de análise e reflexão crítica, considerando o desenho como um elemento essencial na formação dos alunos na área das Artes Visuais, um recurso pedagógico necessário ao desenvolvimento individual e intelectual, e ao conhecimento dos sentidos.

O plano das aulas procurou articular o programa de Desenho A às novas tecnologias, estimulando a sua utilização e alertando para a sua má utilização através de uma formação assente em valores morais, éticos e sociais.

**Palavras chave:** desenho, consumo, valores, reflexão, consciencialização, tecnologia, manipulação.



## **ABSTRACT**

The Art of drawing, as a school subject, should reflect an educational strategy, as well as the learning process and the structuralization of the human mind, visual and exploratory, in order to originate problem solving capabilities and ideas.

This whole teaching process strive to develop and stimulate the theoretical and practical knowledge, of the art of drawing, and also the capability of analysis and critical reflection, considering the art of drawing as an essential element of the students educational path in the Visual Arts area, a necessary pedagogic resource to the personal and intellectual development, and to the understanding of the senses.

The classes lesson plan was based on the articulation of the program of “Desenho A” with the new technologies, stimulating its use and alerting to its bad application through an education based on moral, ethical and social values.

**Keywords:** draw, consumption, manipulation, values, reflection, awareness raising, technology.



## ÍNDICE

Introdução	3
------------	---

### PRIMEIRO | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

---

<b>1.1. Breve história da Educação em Arte: o papel do Desenho</b>	<b>9</b>
<b>1.2. Desenho e Aprendizagem</b>	<b>12</b>
<b>1.3. O Desenho: uma ideia de Futuro</b>	<b>20</b>
1.3.1. Projeções	20
1.3.2. O Homem <i>versus</i> Máquina	24
1.3.3. A tecnologia (como ferramenta para o desenvolvimento)	27
<b>1.4. Desenvolvimento da atenção e consciência crítica a partir da experiência do Desenho</b>	<b>30</b>
1.4.1. Formação humanista	31
1.4.2. Formação com valores	33
1.4.3. Da perspectiva humanista à prática pedagógica	35
1.4.4. O excesso de imagens e o saber ver	39
1.4.5. A cultura hipertecnológica do consumo	44

### SEGUNDO | CONTEXTO ESCOLAR

---

<b>2.1. Contexto histórico do Colégio Amor de Deus</b>	<b>51</b>
<b>2.2. Localização</b>	<b>52</b>
<b>2.3. Instalações</b>	<b>53</b>
<b>2.4. Organização Escolar e Curricular</b>	<b>56</b>
<b>2.5. Os Espaços das Artes Visuais</b>	<b>57</b>
<b>2.6. Comunidade Escolar</b>	<b>59</b>
<b>2.7. Projeto Educativo</b>	<b>61</b>
<b>2.8. Departamento de Artes</b>	<b>63</b>
<b>2.9. Caracterização da turma</b>	<b>64</b>

<b>3.1. Caracterização da Unidade didática</b>	<b>69</b>
3.1.1. A disciplina de Desenho	69
3.1.2. As aulas de Desenho A e o projeto Sarau	70
3.1.3. Âmbito dos conteúdos programáticos	71
3.1.4. A conceção das aulas	72
<b>3.2. Estratégias de Ensino</b>	<b>73</b>
3.2.1. A prática educativa	73
3.2.2. Desenvolvimento de competências	74
3.2.3. Metodologia aplicada	77
<b>3.3. Concretização:</b>	<b>78</b>
3.3.1. O plano das aulas	78
3.3.2. Descrição Sumária da Parte 1	79
3.3.3. Descrição Sumária da Parte 2	81
3.3.4. Descrição Sumaria da Parte 3	84
3.3.5. Descrição Sumária da Parte 4	90
3.3.6. Descrição Sumária da Parte 5	95
<b>3.4. Finalização</b>	<b>96</b>
3.4.1. A avaliação	96
3.4.2. Os resultados	98
3.4.3. A disseminação	104

---

QUARTO | ANÁLISE E REFLEXÃO **109**

<b>4.1. Apresentação e análise dos dados recolhido</b>	<b>110</b>
4.1.1. Questionários 1 e 2	110
4.1.2. Questionário 3	112
<b>4.2. Reflexão</b>	<b>115</b>

Referências Bibliográficas	121
Fontes	123
Webgrafia	124
Videografia	126

## FIGURAS

---

Figura 1. Padre Jerónimo Usera	51
Figura 2. Primeira instalação da escola, no Monte Estoril	51
Figura 3. Vista panorâmica da escola e envolvente	52
Figura 4. Todos os edifícios que compõe o espaço da escola	53
Figura 5. Edifício 1 e entrada da escola	54
Figura 6. Interior de edifício 2	54
Figura 7. Interior de edifício 3	55
Figura 8. Interior edifício 4 - piscina	55
Figura 9. Interior edifício 4 - pavilhão gimnodesportivo	56
Figura 10. Espaço exterior, campo de jogos destinado ao pré-escolar e 1º ciclo	56
Figura 11. Sala 1.2	58
Figura 12. Sala 2.1	58
Figura 13. Sala 2.2	59
Figura 14. Sala ET	59
Figura 15. As Artes do Colégio Amor de Deus no <i>facebook</i>	64
Figura 16. Imagens do filme “Metropolis”	80
Figura 17. Imagens do filme “Metropolis”	80
Figura 18. Imagens do filme “Metropolis”	81
Figura 19. Mensagem do Papa Francisco colocada no <i>facebook</i>	86

## QUADROS

---

Quadro 1. Resultado da avaliação referente a Parte 2	99
Quadro 2. Resultado da avaliação referente a Parte 3	101
Quadro 3. Resultado da avaliação referente a Parte 4	102
Quadro 4. Resultado da avaliação referente a Parte 5	103

## GRÁFICOS

---

Gráfico 1. Corpo discente	60
Gráfico 2. Corpo docente	60
Gráfico 3. Corpo não docente	61
Gráfico 4. Corpo docente do departamento de Artes	64
Gráfico 5. Respostas dos alunos sobre: Qual o exercício que mais gostou de desenvolver?	103
Gráfico 6. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre os meios de auxílio e acompanhamento dos exercícios	113
Gráfico 7. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre a prestação do professor-estagiário	114
Gráfico 8. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre os recursos disponibilizados para a preparação do tema do Sarau	115

## ANEXOS

---

Anexo A - Plano das aulas	129
Anexo B - Calendário do plano das aulas	139
Anexo C - Breve história: da primitiva aos dias de hoje	143
Anexo D - Trecho do texto da Carta Encíclica de João Paulo II	147
Anexo E - A simbologia do triângulo	151
Anexo F - Imagens de apoio ao tema do Sarau	155
Anexo G - Resumo da reunião de 12/12/2013	169
Anexo H - Questionário 1 e 2	173
Anexo I - Questionário 3	177
Anexo J - Enunciado do exercício - Parte 2	181
Anexo K - Cotações do enunciado do exercício - Parte 2	187
Anexo L - Resultados do exercício - Parte 2	193
Anexo M - Enunciado dos exercícios - Parte 3	213
Anexo N - Apresentação em <i>slideshow</i> - Parte 3	217
Anexo O - Vídeo: 2011 - Os Super Humanos	221
Anexo P - <i>How schools kill creativity</i> , de Ken Robinson	223
Anexo Q - Recursos no facebook - Parte 3	225
Anexo R - Resultados do exercício “Refigurar” (sala de aula) - Parte 3	233

Anexo S - Resultados do exercício “Refigurar” (diário gráfico) - Parte 3	251
Anexo T - Enunciado dos exercícios - Parte 4	265
Anexo U - Apresentação em <i>slideshow</i> - Parte 4	269
Anexo V - Vídeo: Educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade, de Pedro Krupenski	277
Anexo W - Recursos no facebook - Parte 4	279
Anexo X - Resultados do exercício “Naturalização” (sala de aula) - Parte 4	283
Anexo Y - Resultados do exercício “Naturalização” (diário gráfico) - Parte 4	305
Anexo Z - Enunciado do exercício - Parte 5	321
Anexo AA - Cotações do enunciado do exercício - Parte 5	327
Anexo AB - Resultados do exercício - Parte 5	333
Anexo AC - Algumas imagens guarda-roupa Sarau	355
Anexo AD - Imagens diário gráfico Sarau	361
Anexo AE - Estrutura da apresentação no Sarau	383
Anexo AF - Respostas questionário 1	387
Anexo AG - Respostas questionário 2	389
Anexo AH - Respostas questionário 3	391
Anexo AI - Outros recursos disponibilizados no <i>facebook</i>	393
Anexo AJ - Relatório de avaliação de prática supervisionada	397



## INTRODUÇÃO

A realização desta dissertação surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino das Artes Visuais, a uma turma do 12º ano do Ensino Secundário. A presente dissertação constitui-se como o relatório de apresentação da unidade curricular da disciplina de Desenho A e o relato descritivo do desenvolvimento do estágio pedagógico.

O desenho esteve sempre presente ao longo da história, permitindo esclarecer, exemplificar e entender o mundo. Esta trajetória demonstra a utilidade do desenho, não apenas no âmbito artístico, mas também no conhecimento e reconhecimento do real, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento abstrato.

O desenho é a tradução de um processo de reflexão, de escolhas, de opções, de exclusões, que correspondem ao processamento da informação assimilada. Assim, o desenho desenvolve-se através dos sentidos, estimulando a interpretação e o conhecimento estrutural de algo.

O ensino no desenho visa desenvolver hábitos de observação, o espírito de análise, o gosto pela precisão, os meios a tradução das ideias, a melhor compreensão do mundo e das formas. Neste processo procura-se estimular a imaginação, a criatividade e as potencialidades de cada aluno, de forma a suprir algumas lacunas da formação artística ao longo do ensino básico.

Independentemente das diversas características ou aptidões humanas, e das diversas áreas de estudo, o ensino do desenho e da arte em geral deveria abranger todo o percurso escolar, de forma transversal e obrigatória, desde a educação pré-escolar até ao 12º ano. O investimento nesta área de ensino deveria contar com a lecionação de professores da área das artes plásticas, pois o desenho é entendido como uma forma primordial da linguagem e de expressão humana.

Quem pode ficar indiferente à qualidade de um desenho executado por uma criança, antes de ser submetido à formatação do sistema de ensino? O que o desenho revela do seu ser e da sua aprendizagem? A imaginação de uma criança que regista e explica o desenho efetuado, a história que conta, ou, à sua maneira, revela uma forma única de ver o mundo. Quem disse que o sol não pode ser azul? É esse o caminho, é esse o processo que o ato de desenhar permite, influenciando o rigor e o sentido crítico

aplicado às ciências exatas, às ciências experimentais, às ciências sociais, gerando liberdade de expressão, interpretação e criação.

Ao nível do ensino secundário, e em especial no 12º ano, os alunos têm à sua disposição o estudo da arte e do desenho, no âmbito das possíveis saídas profissionais, ou na perspectiva do desenvolvimento de um percurso artístico. Neste sentido, o processo de ensino/aprendizagem, reconhece ao desenho um papel importante como meio de descoberta, invenção, resolução e consciencialização; fator de aprofundamento do pensamento, relacionando as formas com as ideias, os objectos com os conceitos, através de processos de transformação que permitem considerar a complexidade do real como um todo. Assim sendo, a disciplina de Desenho A, no âmbito desta dissertação, foi entendida como peça chave em todo o processo de aprendizagem, ocupando um lugar de excelência na formação integral do aluno, estabelecendo a ponte com o mundo tecnológico, mas também na acentuação dos valores morais, éticos e sociais.

Este relatório desenvolve-se em quatro partes:

- › Na primeira, faz-se uma abordagem do Desenho, através de um enquadramento teórico e pedagógico, tendo em vista uma didática fundamentada.
- › Na segunda parte, descreve-se o ambiente escolar aonde foi realizado o estágio.
- › Na terceira parte, faz-se referência a didática curricular e profissional, estabelecendo a ponte entre a teoria e a prática. Esta parte compreendeu vinte e três aulas de 90 minutos, e é contextualizado o plano das aulas, a sua implementação, os objetivos e a sua concretização, culminando nos resultados da avaliação.
- › E na quarta, conclui-se este trabalho com a análise e reflexão sobre a experiência, os dados recolhidos e os resultados obtidos.

O desenvolvimento do plano das aulas descrito neste relatório promoveu conteúdos segundo o programa da disciplina, as matérias e os procedimentos, que partem do conhecimento teórico e prático do desenho, mas também, da capacidade de análise e reflexão crítica. Neste contexto, o desenho foi um elemento essencial para o desenvolvimento pedagógico, um recurso que permitiu o desenvolvimento individual, intelectual e cognitivo dos alunos. A aula de Desenho A foi definida como espaço de discussão e lugar de experimentação, de modo a obter trabalhos que tivessem sido

pensados e vividos. Essa foi a estratégia pedagógica adoptada. Todas as aulas foram apoiadas em recursos pedagógicos: movimentos artísticos, imagens, vídeos, textos, que possibilitaram a articulação entre os conteúdos e as estratégias, dando origem ao entendimento estrutural e projetual, exigidos pela própria disciplina, na análise e estudo dos objetos e dos temas propostos.

A elaboração deste relatório identifica a educação como um processo que pretende promover mudanças. Neste sentido, as aulas preparadas e apresentadas neste relatório, cumprem objetivos pedagógicos concretos e descrevem a direção que o professor empreendeu nas aulas, orientando e estimulando, convidando os alunos a conhecer várias facetas da vida, para além da criação artística, de forma a fazerem as suas opções.

Toda a planificação procurou adaptar-se às necessidades dos alunos, acrescentando informação e mantendo-se em constante atualização, procurando ajustar-se, sedimentando os conhecimentos adquiridos, e avançando para as etapas seguintes de forma segura e consistente.

Por fim, é importante acrescentar duas observações: o estágio pedagógico decorreu em aulas em que o professor cooperante não era o professor titular da disciplina. Por outro lado, e a apesar da vasta recolha fotográfica dos trabalhos efectuados pelos alunos, não foi possível integrar a totalidade das suas reproduções, por motivos alheios ao professor estagiário.



## PRIMEIRO | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

---



### **1.1. Breve história da Educação em Arte: o papel do Desenho**

Os primeiros desenhos surgem na pré-história, tendo como suporte a pedra, e demonstram a necessidade do homem se expressar e comunicar. Fruto dessa vocação expressiva e comunicacional, o desenho acompanha a história da humanidade, preenchendo propósitos práticos, artísticos e religiosos.

Conforme a investigação desenvolvida por Arthur Efland (1990), a história do ensino em Arte teve origem na Grécia antiga. No entanto, e apesar de Platão defender um método de educação natural e artístico, conforme mencionada no livro de Herbert Read: “deves habituar os teus filhos a estudarem de um modo lúdico, ausente de qualquer constrangimento, com o objectivo ulterior de mais prontamente discernires a inclinação natural da sua personalidade” (Read, 2007, p. 251), a herança grega transmitida aos romanos compreendia a inclusão das artes, embora as artes visuais não fossem valorizadas.

A exclusão das artes visuais do ensino oficial continuou até à Idade Média, e no Renascimento, verificou-se, com o auxílio de documentos escritos e o aumento da tecnologia envolvida nas artes visuais, a afirmação do artista e, nomeadamente, a produção da Arte. O artista passa a assumir uma nova posição na sociedade. Surgem academias, onde se incentiva o estudo teórico, e oficinas onde se recebe a formação prática. O desenho passa a ser considerado como um “instrumento de ação sobre a esfera subjectiva das ideias, evidenciando ao autor a expressão do sinal possível das formas em elaboração, ou seja, implementando as capacidades pessoais que tornam possível ver melhor aquilo que, na altura, pertencia ainda ao imaginário” (Cabau, 2012, p. 37).

No período do Renascimento, o desenho assume uma enorme importância na ciência, na arte e na técnica, muito devido ao trabalho de Leonardo da Vinci, que usou o desenho, como técnico, como cientista e como artista, permitindo o registo a partir da sua imaginação, observação e invenção, transformando o modo de pensar e atuar no mundo.

No século XVII, o desenho já era considerado como necessário para a formação dos alunos. A partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, o desenho

responde às necessidades específicas das sociedades industriais que exigem uma maior massificação da produção obrigando à “planificação das cadeias de produção e à reinvenção do desenho como ferramenta de sustentação dessa produção” (Cabau, 2012, p. 37) ao serviço da indústria. Devido a essa nova abordagem, acentuaram-se as diferenças entre desenho artístico e projetual.

No século XIX, o desenho passa a assumir um papel na indústria, originando uma educação profissional onde se entende a conceção do desenho como meio de compreensão e antecipação do objeto, ou seja, como ferramenta projetual (Cabau, 2012), deixando de pertencer exclusivamente às Belas Artes. O ensino estava voltado para a aprendizagem de ofícios, que mercê de um investimento generalizado, levou a instrução a uma grande quantidade da população, através da dinamização da escola pública. A especialização do desenho estava associada ao “entendimento das linguagens gráficas e a um acesso a uma formação eficaz que lhe permitisse um melhor desempenho enquanto profissional” (Cabau, 2012, p. 68).

No final século XIX, os impressionistas, num período de novas conceções sobre a realidade e o descobrimento de novos modos de pintar, romperam com determinadas regras. O desenho “começa” por assumir o papel principal, oscilando entre o “belo estético” e o “belo funcional” (Dias & Tavares, 2007) e, neste contexto, o desenho gráfico evidencia-se. Exemplos disso encontram-se nos cartazes de Henri de Toulouse-Lautrec ou na obra de Pablo Picasso.

Na mudança para o século XX, verificou-se um acréscimo de profissionais especialistas em arte contratados para o ensino, facto que resulta do reconhecimento de competências adquiridas e defendidas pela corrente expressionista (Efland, 1990). Esta mesma corrente defendia a educação em arte como um processo de crescimento do indivíduo, valorizando a imaginação, a liberdade e o poder criativo. No entanto, no século XX, a corrente expressionista terá menos importância devido ao aparecimento de novas correntes estéticas e novas políticas.

Durante o século XX, o ensino do desenho é reconhecido como “entidade expressiva e conceptual provida de autonomia” (Cabau, 2012, p. 38), sendo questionadas as suas fronteiras, bem como as próprias características que compõem o seu território, originando novas conceções anexadas às formações profissionais. Esta abordagem é defendida por Philip Cabau em quatro grupos de procedimentos:

no quadro anatómico das formações em desenho [...]: *conteúdos generalistas do desenho* (ver o mundo e representá-lo), os *conteúdos específicos propedêuticos do desenho* (as ferramentas e as aptidões), os *conteúdos específicos do desenho* (a orientação para a especialidade em questão) e, finalmente, os *conteúdos de problematização* (ou pensamento pelo desenho). A combinação destes assuntos permite identificar as funções do desenho na configuração (e na legitimação) das fronteiras entre as diversas disciplinas profissionais (Cabau, 2012, p. 38).

Ainda no século XX, a partir da década de 90, o desenho foi dinamizado através dos recursos informáticos: animações, impressões, vídeo, entre outros, criando uma diversidade de novos estilos, constituindo não apenas uma ferramenta importantíssima na execução de diversos trabalhos profissionais artísticos ou não, mas também permitindo alcançar novas plataformas de expressão e exposição.

Atualmente, o ensino artístico cumpre uma função nos objetivos gerais das escolas, tendo o desenho um lugar de destaque, conforme refere Cabau (2012, p. 38) e ocupando “um lugar relevante nos debates associados a diversas práticas profissionais [...] e estratégias pedagógicas que as sustentam e potenciam a sua dimensão criativa”, permitindo alcançar um novo território que cresce a cada dia: *o design*, onde o desenho se assume como uma “ferramenta de procura criativa e de construção de problemas e soluções” (Cabau, 2012, p.39), e desta forma, faz evidenciar o seu importante papel no trabalho das áreas criativas da produção visual, pois, segundo Cabau (2012, p. 44) o desenho “possui [...] esta natureza singular: ele é simultaneamente o gesto, integrado no corpo, que produz a coisa e o discurso articulado que acompanha esse movimento – e o clarifica”. Neste sentido, e segundo Efland (1990), as Artes Visuais têm um papel importantíssimo a desempenhar, pois desenvolvem-se em virtude de um envolvimento afetivo, em comunhão com uma aprendizagem participativa na celebração com a vida, com o sentimento e com a imaginação.

## 1.2. Desenho e Aprendizagem

Existem várias formas de designar o desenho: como ato de representar algo num suporte ou como uma necessidade expressiva e comunicacional. Na verdade, a história do desenho está intimamente ligada à história do Homem. A sua condição de imagem confere-lhe um carácter mágico, conforme sustenta Fayga Ostrower: “pensamos que o criar, tal como viver, é um processo existencial” (1978, cit. Derdyk, 2010, p. 19)

O desenho existe ao longo dos séculos na incessante busca pela beleza, conforme referem Juan Jose Gomez Molina, Lino Cabezas e Juan Borges Caballero (2005, p. 401):

Además de la búsqueda de la belleza, en el dibujo se reconoce la valoración de lo cotidiano, la búsqueda de una utopía, la nostalgia del pasado, la pasión por la verdad, el orgullo por el virtuosismo y el don natural, la fe en los principios científicos, la creencia en la objetividad, el gusto por la retórica humanista, el reconocimiento de los maestros y muy pocas cosas más.<sup>25</sup>

Segundo Edith Derdyk (2010, p. 63), “desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir”, transformando-se em “uma forma de raciocinar no papel” (Steinberg, 1978 cit. Derdyk, 2010, p. 100). Mas o desenho não é mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando e atribuindo novas configurações ao original.

O desenho como estratégia pedagógica, segundo Cabau, cumpre duas funções formativas: a primeira de instrução, quando os “rudimentos do desenho constituem-se em ferramentas de adestramento da percepção enquanto sistema de signos de representação do universo visual, ocupando um lugar central no conjunto dos actos formativos” e a segunda no “desenvolvimento de estratégias pedagógicas dirigidas à consolidação de uma área profissional específica e na aquisição de ferramentas de apoio a um trabalho concreto [...] da produção de objectos” (Cabau, 2012, p. 23). Neste sentido, o desenho nasce da necessidade de dar resposta a uma visão, numa atividade metodológica ativa e que, segundo Le Corbusier, consiste no “saber observar, saber onde ver, o que ver e como ver como fundamento da qualidade de uma produção

---

<sup>1</sup> Nota de tradução livre: Além da busca pela beleza, no desenho reconhece-se a valorização do quotidiano, a busca por uma utopia, a nostalgia pelo passado, a paixão pela verdade, o orgulho pelo virtuosismo e o dom natural, a fé nos princípios científicos, a crença na objetividade, o gosto pela retórica humanista, o reconhecimento dos professores e pouco mais.

criativa”, e apoiada num compromisso ético da “relação que inscreve a invenção, autoral, nas ações fundadas na articulação entre mão e o olhar” (Cabau, 2012, p. 62).

O desenho nasce de uma visão que, segundo Pierre Francastel “o desenho não reproduz as coisas, mas traduz a visão que delas se tem” (1975, cit. Derdyk, 2010, p. 107), num processo mecânico onde a visão traduz um pensamento e revela um conceito que, para “[...] além da visão pessoal, existe a visão da cultura, a visão da história” (Derdyk, 2010, p. 110). Flávio Motta (1973, cit. Derdyk, 2010, p. 110), ainda reforça quando refere que o desenho “vê, com o corpo inteiro, porém, muito mais ainda, com a visão de muitos outros” pois “a visão é fruto da comunhão ou do confronto entre o mundo exterior e o mundo interior” (Derdyk, 2010, p. 110). E é desta conjugação, através da visão, interligando com a capacidade do pensamento, que surge a capacidade de projetar a imaginação, possibilitando transformar o invisível em visível, ou melhor, não imitando o visível, mas sim tornando visível, conforme refere Paul Klee (2001, p. 43) quando afirma que “a Arte não reproduz o visível, mas torna visível”. Neste âmbito, observamos nos trabalhos de Klee o explorar da fantasia através de linhas e formas simples que expressam traços finos e nervosos muito próximos ao desenho infantil. É todo este processo sensível que alimenta os artistas, assim como os cientistas, os técnicos, os artesãos sem qualquer formação académica, até as crianças, pois o desenho é, acima de tudo, um objeto de estudo por parte dos psicólogos, pedagogos, artistas, e educadores, sendo uma disciplina que participa no desenvolvimento pessoal e mental de um indivíduo: no saber, no sentir e no concretizar, pois o desenho não é somente um modo de transpor informação e sentimento, mas também um modo de consciencialização e entendimento, que, conforme refere José Domingos Rêgo (2011, p. 116), “pela proximidade do gesto e do pensamento, o desenho traduz de forma simples, mas eficaz, as intenções e intuições do artista”.

Para a criança, o desenho assume o papel de experimentação, de exploração, de acesso ao imaginário infantil, como podemos verificar quando Derdyk refere que, “o desenho manifesta o desejo de representação, mas também, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial” (Derdyk, 2010, p. 49).

Contudo, a expressividade e a espontaneidade poderão ser influenciadas conforme o meio onde se inserem, bem como a forma como a pessoa interage com os diversos elementos da realidade física e cultural, construindo e desconstruindo toda a

informação que se apresenta, promovendo a comunhão entre o indivíduo e o mundo. É neste sentido que se encaminha o pensamento de Derdyk (2010, p. 58) quando refere que “o desenho, além de ser fruto de uma ação motora, manifesta um ritmo biopsíquico de cada indivíduo, encadeado com uma repetição proveniente de uma ordem imperiosa que vem lá de dentro”. Esta ação permite ao autor tornar-se o dono daquele momento, que é seu, ditando regras acompanhadas pela expressão corporal que desencadeia processos de rabiscos e de formas, desenvolvendo “uma percepção inata das formas” (Rhoda Kellog, 1969, cit. Derdyk, 2010, p. 69), a fim de transferir para o desenho, como suporte da fala, a sua narração verbal.

No entanto, alguns autores referem que um dos processos de inibição do desenho infantil, que se tem vindo a refletir-se no adulto, poderá ser a introdução de técnicas de alfabetização. A forma como se deve escrever, de cima para baixo, da esquerda para a direita, controlando e formatando, provoca, em alguns casos, a diminuição da produção gráfica conforme referido por Florende de Mèredieu (1974, cit. Derdyk, 2010, p. 100):

Traçar linhas retas, bastões, letras, num espaço regulamentado, da esquerda para a direita: o corpo e os mecanismos motores organizam-se para acabar de uma vez por todas com as manchas, os borrões, os erros. A criança que rabisca não se engana nunca, já que é assim que o corpo decide.

Desta forma, podemos então dizer que a alfabetização é uma forma de controlar e formatar, limitando as ideias e controlando os impulsos. Mas o desenho para uma criança, nunca provém de uma reprodução servil dos objetos, mas sim de um modelo interno, originado por uma linguagem gráfica a duas dimensões para um forma visual, e todo este processo, apesar de parecer muito espontâneo, resulta de uma elaboração extremamente complexa. No ato de desenhar, conforme refere Derdyk (2010, p. 116):

está implícita uma conversa entre pensar e fazer, entre o que está dentro e o que está fora. Recebemos inúmeros estímulos a todo instante. Relacionamos alguns, selecionamos outros, valorizamos, negamos... e desse movimento interno vão surgindo as configurações e constelações de significados que se transformarão em futuros entes gráficos.

No desenho encontram-se as janelas da percepção e da sensibilidade do mundo, numa constante troca do exterior para o interior e vice-versa, onde a “visão também é uma janela aberta, permitindo a troca permeável entre a observação, a memória e a

imaginação” (Derdyk, 2010, p. 116), e onde “o desenhador acaba por funcionar como um operador que favorece o processo perceptivo do sujeito. Ele seleciona em função do modo de ver que lhe é ditado pelas próprias propensões e pelo consenso da sociedade a que pertence” (Massironi, 1989, p. 74). É através deste processo de relações e de estímulos que Molina, Cabezas & Borges (2005, p. 39) referem:

El aprendizaje real es siempre un proceso continuo de reconocimiento de las nuevas relaciones surgidas entre las palabras e las cosas. Dibujar es por lo tanto un hecho conflictivo, sometido a las palabras y a sus corrimientos de significado, no sólo por las transformaciones posibles de sus articulaciones, sino también por su referencia a los segmentos de realidad nombrable que la línea establece entre las figuras que lo determinan.<sup>26</sup>

A prática do Desenho, enquanto disciplina da área das Artes Visuais do Ensino Secundário, constitui uma ferramenta de exploração, invenção e resolução de problemas plásticos que manifesta a sua eficácia no processo pedagógico, em discurso entre um pensamento teórico e a prática, conforme referido por Cabau (2012, p. 66), segundo uma ação de formação fundamental resultando em três itens:

- 1) O desenho desempenha um papel crucial no conhecimento da complexidade do mundo visível. Possui uma função didáctica que não é partilhada por nenhuma outra forma de conhecimento;
- 2) A prática do desenho promove a aquisição das formas e o acesso à sua construção (chave para o trabalho de compreensão). Efectua um processo de compressão do espaço que dista entre a análise e o projecto, entre o ver e o fazer. Tem uma função propedêutica, mas possui também uma elevada capacidade de problematização, inventando problemas tanto quanto os soluciona;
- 3) O processo de aprendizagem do desenho é uma prática e é, como tal, sempre uma instância individual, até certo ponto, solidária e secreta. Esta prática envolve sempre uma dimensão provada e, frequentemente, idiossincrática, um olhar sobre o desenho e a sua utilidade no trabalho autoral.

O ensino do Desenho envolve estratégias pedagógicas aliadas aos conteúdos, bem como objetivos concretos que conduzem a uma prática que se quer ordenada de mecanismos que sustentam uma orientação pedagógica (Cabau, 2012), ou seja, o desenho tem de responder a um dado enunciado, que, por sua vez, procura responder

---

<sup>2</sup> Nota de tradução livre: A verdadeira aprendizagem é sempre um processo contínuo de reconhecimento das novas relações que surgem entre as palavras e as coisas. Desenhar é, portanto, um facto em conflito, sujeito às palavras e as suas mudanças de significados, não apenas pelas possíveis transformações de suas articulações, mas também por referência aos segmentos da realidade nomeável que a linha estabelece entre as figuras que o determinam.

a um procedimento pedagógico concreto. Nesse processo, verifica-se que só se aprende quando se faz, e que o ato de desenhar exige disciplina, preparação rigorosa, conhecimento dos materiais, dos utensílios, dos seus comportamentos, possibilidades, interpretações e intuições, acompanhado de muita paciência, e em busca de um momento em que se reconhece a conquista do êxito. É neste trabalho intenso, apoiado na comunicação de intenções e interpretações, que o desenho assume diversos significados e permite a tradução de palavras, ideias, memórias, servindo de auxílio à forma, ilustrando reflexões verbais, numa narrativa visual, onde o desenho não é a forma, é a maneira de ver a forma; interligando o tempo, o presente da observação, o passado das memórias e projeta criativamente o futuro. O ato de desenhar envolve “um raciocínio que liga aquilo que se acaba de aprender com o conhecimento já adquirido, de tal modo que, dessa forma, aprendemos o que antes era desconhecido” (Pignatari, 2004 cit. Derdyk, 2010, p. 94). Este processo também é possível de se verificar, conforme referem Molina, Cabezas e Borges (2005, p. 39):

Controlar el dibujo es establecer los límites da la palabra. Donde detener al trazo, dónde interrumpir la continuidad de aquello que nombramos, es una operación por la que nos atrevemos a saltar las vallas, los círculos que la línea ha determinado previamente para crear los límites de seguridad de nuestro conocimiento. Precisar el dibujo es ante todo establecer un respiro, un lugar de descanso provisional a nuestro deseo de nombrar nuevos territorios; es un orden provisional desde el que explicamos la realidad, un modelo de relaciones posibles que él ejemplifica en el gesto. Controlar el dibujo es un acto de soberbia con el que establecemos nuestra relación definitiva con las cosas, un acto que tiene inmediatamente a ser desdicho, cuestionado, en la periferia del gesto, para dejar paso a una nueva interpretación.<sup>27</sup>

O desenho apresenta uma concepção do mundo através de formas, cores, luz, matéria, volumes, linhas, planos... tudo isto e muito mais em toda a sua dimensão espacial, possibilitando ao observador ler e configurar tudo em seu redor. Desenha-se para representar, para perceber e, por vezes, para desenvolver uma ideia. O desenho é, pois, uma forma de perceber e de nos percebermos, entender o mundo, recriá-lo e desse modo nos compreendermos melhor. Neste sentido, “tal como o instrumento é o prolongamento da mão, o mundo é o prolongamento do corpo” (Derdyk, 2010, p. 58).

<sup>3</sup> Nota de tradução livre: Controlar o desenho é estabelecer os limites da palavra. Onde parar o traço, onde interromper a continuidade daquilo que designamos, é uma operação em que se atreve a saltar as cercas, os círculos que a linha, previamente, determinou para os limites de segurança do nosso conhecimento. Especificar o desenho é primeiramente, estabelecer uma pausa, um lugar para descanso provisório aos nossos desejos de nomear novos territórios; é uma ordem provisória de explicar a realidade, um modelo de relações possíveis exemplificada por um gesto. Controlar o desenho é um ato de arrogância de como estabelecemos a nossa relação final com as coisas, um ato que tem que ser imediatamente desmentido, questionado, na periferia do gesto, para abrir caminho para uma nova interpretação.

Desenhar, para além de desenvolver a capacidade de expressão, contribui para uma maior consciência das experiências tidas. Desenha-se com a mão, sobre um suporte, desenha-se com o corpo e com o movimento e, desta forma, rececionamos a expressão corporal; desenha-se com a voz, ao narrar ou interpretar, e a partir daqui conseguimos criar e visualizar imagens. O desenho é algo inerente ao ser humano.

O desenho de figura humana implica conhecimentos e treino constante. O estudo das estruturas, das proporções, das expressões gestuais e faciais continuam a ser uma inspiração inesgotável. Ao elaborar um desenho de figura humana, inevitavelmente, presenciamos que “la nuestra fascinación es consecuencia del hecho de que cuando observamos y dibujamos a otra persona ayudamos a nuestro próprio conocimiento y conciencia”<sup>28</sup> (Simmons cit. Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 248). A exigência necessária para um resultado aceitável é extremamente elevada e implica dedicação, insistência e determinação pois a “complejidad del cuerpo, con su animación y flexibilidad, requiere años de estudio para llegar a dibujarlo bien”<sup>29</sup> (Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 248). Assim sendo, o desenho implica treino e exercício:

desenhar não quer dizer simplesmente reproduzir contornos; o desenho não consiste meramente no traço: é também a expressão, a forma interior, o plano, o modelado... O desenho compreende tudo... É preciso desenhar sempre, desenhar com os olhos quando não se pode desenhar com o lápis. (Ingres, 1869, cit. Derdyk, 2010, p. 145)

Para qualquer pessoa que utiliza o desenho, identifica-o como instrumento do pensamento, território entre as ideias e a realidade. Através dele é possível analisar, estudar, observar, registar, intervir e transformar um espaço, projetando uma nova realidade. O desenho começa por ser uma forma de representação gráfica, mas também é um processo de configuração mental de uma ideia; é a possibilidade de perceber se é exequível de conceber de forma clara: desenha-se para representar, para perceber e para desenvolver, o desenho é o que estabelece a ponte entre a ideia e o projeto.

O desenho enquanto estrutura compreende uma análise organizacional da qual se cria a composição. Segundo John Ruskin, a composição é a expressão de unidade (cit. Molina, Cabezas & Borges, 2005), e conforme a própria palavra descreve “pôr

---

<sup>4</sup> Nota de tradução livre: o nosso fascínio decorre do facto de que, quando observamos e desenhmos outra pessoa, ajudamos o nosso próprio conhecimento e consciência.

<sup>5</sup> Nota de tradução livre: complexidade do corpo, com a sua animação e flexibilidade, requerem anos de estudo para conseguir um bom desenho.

em conjunto”, colocar em posição, juntar, agrupar, numa atitude que implica escolhas, procurando equilíbrios, de acordo com o formato do suporte que condicionará “enormemente en la distribución que haga el artista de las formas y espacios dentro de los bordes que limitan esa superficie”<sup>30</sup> (Edwards, cit. Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 336). No entanto, muitas vezes, este processo compositivo desenvolve-se de forma intuitiva, ou seja, procedendo de domínios estéticos intrínsecos de quem o cria e de uma visão que reage ao equilíbrio, peso, volume, dinamismo e movimento, onde cada um destes substantivos possibilita a construção de formas que ligam “las diferentes partes de una composición y dar unidad al conjunto”<sup>31</sup> (Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 342), mas que, segundo Wassily Kandinsky (2009), resulta em 1+2=composição, ou seja, da soma dos elementos (1) com o ato de construção (2).

Para construir uma composição, muitas vezes, é necessário recorrer à desconstrução, neste sentido “la deconstrucción de las obras de arte se realiza desde la construcción discursiva de teorías del conocimiento, que no necesariamente son la razón de sus prácticas”<sup>32</sup> (Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 19). Este complexo processo de desconstrução para alcançar uma construção que reflita a conceção de um trabalho artístico acontece através de mecanismos de formação e discussão, em que a visão conduz a uma seleção de imagens até a mente que “procesa los materiales sensoriales acumulados de forma notablemente sofisticada”<sup>33</sup> (Arnheim, 2013, p. 31) num diálogo onde “ver implica pensar” (Arnheim, 2013, p. 32), conforme é referido por Molina, Cabezas e Borges (2005, p. 19):

Lo que determina la acción del dibujante no es nunca en pensamiento organizado, es siempre la sugerencia que la imagen provoca en su ánimo, y la dificultad que ésta tiene de ser integrada en su obra a través de unos recursos limitados en los que ha sido adiestrado. Son sus hechos gráficos los que determinan las posibilidades de los futuros encuentros. Como en todo experimento, la comparación se realiza desde estereotipos de relativa complejidad que permiten visualizar los esquemas de partida.<sup>34</sup>

---

<sup>6</sup> Nota de tradução livre: enormemente na distribuição feita pelo artista das formas e espaços dentro dos limites que limitam a superfície

<sup>7</sup> Nota de tradução livre: as diferentes partes de uma composição e dá unidade ao todo

<sup>8</sup> Nota de tradução livre: a desconstrução das obras de arte realiza-se desde a construção discursiva de teorias do conhecimento, que não são necessariamente a razão das suas práticas

<sup>9</sup> Nota de tradução livre: processa os materiais sensoriais acumulados de forma notavelmente sofisticada

<sup>10</sup> Nota de tradução livre: O que determina a ação do desenhador, nunca é o pensamento organizado, é sempre a sugestão que a imagem provoca, e a dificuldade que esta tem em ser integrada no seu trabalho através de recursos limitados que foram disponibilizados. São os seus fatores gráficos que determinam as possibilidades de futuros encontros. Como em qualquer processo, a comparação é feita a partir de estereótipos de relativa complexidade que permitem visualizar a partida, os esquemas.

Ao longo dos tempos, os desenhos têm cumprido diferentes propósitos: desde estudos e projetos, a obras com caráter autónomo, pois “la obra no es otra cosa que su própria materialidad, en la medida en que ella determina la totalidad de referencias que propone con su ejemplo”<sup>35</sup> (Molina, Cabezas & Borges, 2005, p. 18).

O desenho de um “objeto nunca é a simples representação desse objeto, mas também nem sempre é a interpretação e a explicação... A mensagem gráfica está fortemente condicionada, no momento de escolher o código a aplicar, pela qualidade informativa que quer comunicar” (Massironi, 1989, p.92), ou seja, o desenho poderá assumir a importância que queremos dar a algo. Na verdade, “o desenho é (ou pode ser) o primeiro passo para a visualização de uma ideia” (Derdyk, 2007, p. 210), ajudando a concretizar trabalhos em fotografia, cinema, artes gráficas, etc, e permite desenvolver processos não individuais e informativos de auxílio, assumindo um papel útil para o desenvolvimento de um conceito ou ideia.

---

<sup>11</sup> Nota de tradução livre: a obra não é outra coisa do que a sua própria materialidade, na medida em que ela determina todas as referências que propõe o seu exemplo.

### 1.3. O Desenho: uma ideia de Futuro

O desenho, para além de servir de suporte à imaginação, constitui um processo de realização pessoal e, por isso, detém o poder de projetar o futuro. Este pensamento utópico também deve servir de suporte à educação que, segundo Pierre Furter, deve exprimir-se “pela capacidade não só de pensar o futuro no presente, mas também de organizar o presente de maneira que permita actuar sobre esse futuro” (1970, cit. Nóvoa, 2009, p. 16). Neste sentido, o desenho no âmbito da representação, apoia-se num ensino moderno, onde se trabalha na busca da expressão de figuras vivas que evoquem a ação e movimentos como meio de projeção e conquista, conforme é referido por Molina, Cabezas e Borges (2005, p. 277):

La representación del movimiento está considerada, más que como una codificación formal, como un símbolo de determinadas actitudes y conocimientos verbales. El dinamismo, la acción, la evolución y la transformación son conceptos que sintonizan perfectamente con las ideas revolucionarias que propugnaban cambios sociales. Por todo ello, el movimiento estuvo en el centro de los intereses de las vanguardias artísticas; así, el futurismo italiano encumbró la representación del movimiento como el símbolo estético de sus propuestas de transformación estética y social.<sup>36</sup>

#### 1.3.1. Projeções

O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que de cousas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento! (Padre António Vieira, 1718, capítulo I)

O excerto do texto *História do Futuro*, do Padre António Vieira, serve de ponto de partida para relacionarmos a ideia e a projeção de futuro. Imaginar o que há de vir, constitui uma missão impossível, mas a sua prospeção possibilita uma ação que se desenvolve a partir de um conjunto de operações visando a obtenção de algo.

---

<sup>12</sup> Nota de tradução livre: A representação do movimento é considerado, mais do que uma condição formal, um símbolo de determinadas atitudes e conhecimentos verbais. Os conceitos de dinamismo, de ação, de evolução e de transformação estão em harmonia com as ideias revolucionárias que defendiam a mudança social. Portanto, o movimento estava no centro dos interesses das vanguardas artísticas; deste modo, o futurismo italiano exaltou a representação do movimento como um símbolo estético de propostas de transformação estética e social.

A imaginação é amiga do futuro e permite-nos projetar o horizonte que, para Furter (1966, cit. Nóvoa, 2009, p. 1) contribui não apenas “para nos trazer de volta à origem, mas para nos permitir medir toda a distância que temos a percorrer”. Neste sentido, a palavra *futuro* constitui a expressão do presente, como indicador de um trabalho que visa sensibilizar, e atua como obrigatório para um tempo que há-de vir. O futuro significa o alcance do melhor e do que é necessário. Na Arte, o futuro assume a característica de “construir o porvir, adivinhar... para além da nossa época” (Kandinsky, 2009, p. 28) e, tal como no desenho, o futuro constitui a busca da originalidade, que parte de uma bagagem de conhecimento, que reflete o passado, e se desenvolve no presente.

As vanguardas artísticas do início do século XX, permitiram romper paradigmas enraizados na História da Arte e criaram a prospeção de futuro que “se assume estrategicamente como novo entendimento do tempo, da Arte e da vida modernista, como: *o Futurismo*” (Quaresma, 2007 cit. Dias & Tavares, 2007, p. 89).

Os movimentos de vanguarda desenvolvidos no século XX, constituem a base plástica para o despertar artístico dos alunos e decorrem da visão do mundo e de conceitos que possibilitam a criação, bem como o conhecimento da Arte e da atual vida contemporânea. A apresentação dos diversos movimentos da História da Arte procura estimular a reflexão espaço-temporal a par com a estética, constituindo um laboratório de ideias, que se relacionam a uma prática apoiada na experimentação, que se desenvolve com avanços e retrocessos, e permite ao futurismo constituir uma charneira, assumindo uma característica própria, que dá ênfase à mudança, conforme refere José Quaresma (2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 93):

a experiência interna da mudança na sua dupla raiz espaço-temporal, mais do que ser ininterrupta na formação de estados estéticos, e logo, não se esgotar na passagem de um estado X para um estado Y, não se deixa confirmar a separação por blocos que nos indiquem um trânsito de determinada posição para outra e a reflexão sobre as respectivas sequelas. A todo e qualquer instante da actividade das nossas faculdades se verificam mudanças, mesmo que anónimas ou inapreensíveis para a consciência.

Neste sentido, espera-se do desenho a exploração da dinâmica em sintonia com o seu simbolismo plástico, a busca da originalidade em conformidade com as orientações estéticas, o aguçar da “compreensão da vida contemporânea, a assimilação do fluxo cosmopolita à expressão artística”, o atuar no “confronto do dinamismo interior do sujeito da experiência estética com a velocidade dos elementos da natureza,

assim como dos artefactos e máquinas lançadas na vida contemporânea”, de forma a estimular a “paixão desenfreada pelo «mexer maquínico» e pela tecnologia” (Quaresma, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 95).

A expressividade transmitida pelos movimentos de vanguarda manifesta a incessante busca pela resposta artística na procura da imaginação. O poema *Ode triunfal* de Álvaro de Campos (cit. Pessoa, 1914) vem realmente exaltar a modernidade e preparar a ligação do homem com a máquina, conforme poderemos verificar no trecho do poema que se segue, e que serviu de referente a um dos trabalhos realizados em sala de aula:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.  
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

A estética do Futurismo manifesta as sensações presentes numa sociedade que se quer industrializar e enfatiza o triunfo da técnica, a beleza das máquinas, dos motores, a valorização da velocidade, a civilização mecânica e industrial, o dinamismo, o movimento, a extravagância da contemporaneidade, permitindo a exaltação da sociedade moderna, onde os ambientes fabris são identificados como sendo fontes de inspiração e idealismos que visam o progresso. O tempo faz no presente, mas absorve a síntese do passado e do futuro. No poema de Álvaro de Campos faz-se eco a tentativa de humanizar as máquinas, bem como a de denunciar a desumanização, revelando a outra face das sociedades modernas.

A reflexão sobre o poema *Ode triunfal* demonstra a proximidade dos avanços tecnológicos e do progresso social, conforme refere João Pais quando comenta que: “as teorias estéticas e as experimentações empreendidas pelos movimentos modernistas

de vanguarda efectuaram em larga medida uma importante simbiose entre as várias artes e estas com os novos meios tecnológicos” (2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 135). Filippo Marinetti também defendeu esta posição ao publicar a fórmula que demonstra a sua visão otimista, segundo a promessa de um mundo próspero e melhor: “Arte + Acção + Vida = Futurismo” (Pais, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 136), no seu primeiro manifesto, no Jornal Le Fígaro, a 20 de janeiro de 1909. Esta fórmula defende uma ideologia artística ativa visando uma mudança social. Estes idealismos que reforçam a interligação entre o homem e a máquina fez originar novas conceções, conforme refere Pais (2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 136):

- uma máquina que adquire a forma humana, utopia e premonição futuroológica tida como passível de concretização a partir do universo científico já existente;
- a máquina de carácter simbólico enquanto presença na vida em acção, a sensibilidade e, ou, a sensualidade, as relações possíveis entre máquina e os sentidos e vice-versa.

As abordagens referidas conduzem a máquina ao lugar de protagonista enquanto o homem detém um papel secundário, elevando-as “como seres vivos artificiais” que “podem conservar o seu aspecto de objectos mecânicos, autónomos, inumanos, o mecanóide, ou terem uma presença semelhante à do Homem, o andróide” (Pais, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 137).

Mas a projeção de um futuro denota um processo criativo na procura de uma estruturação visual, que compreende valores e intenções, e origina alguns movimentos de vanguarda. A exposição de alguns movimentos, como o futurismo, o cubismo, o expressionismo e o construtivismo, permite a análise em busca do saber, a fim de alcançar a síntese que provém da descoberta, conforme refere Kandinsky (2009, p. 48), “a descoberta deveria ser o resultado dos diversos conhecimentos”. Neste sentido, o seu livro *Curso da Bauhaus* reforça a necessidade de articular alguns domínios que se apresentam isolados, tais como, a arte, a ciência, a técnica e a natureza. E a partir dessa articulação, exprimir a interrelação da arte-ciência-técnica-natureza, apresentando semelhanças e diferenças, lógicas e funções, com o objetivo de entender cada um desses domínios e a sua unidade. Tanto a arte, como a ciência ou a técnica partem do desejo de descobrir e aprofundar as leis da natureza, e por isso assumem objetivos que enriquecem quando trabalhados em conjunto, conforme é referido por Kandinsky (2009, p.151):

Objectivo da técnica: multiplicar e «alargar» as energias disponíveis, isto é, tornar realizável o que primeiramente parecia «utópico» (caminhos-de-ferro e depois avião).

Objectivo da ciência: generalizar o saber adquirido, substituí-lo por um saber mais actual e mais justo, alargá-lo, aprofundá-lo e descobrir, assim, um novo universo.

Objectivo da arte: desmultiplicar as possibilidades de expressão existentes, substituir assim as possibilidades de expressão ultrapassadas, alargar a percepção e descobrir um novo universo.

Através da exposição dos diversos movimentos artísticos, reforça-se a necessidade de refletir o presente, possibilitando a mudança do homem, bem como a valorização da componente ética e do compromisso moral. Esta reflexão possibilita o assumir dos valores de adequação e responsabilização, em comunhão com os valores da estética.

### **1.3.2. O Homem *versus* Máquina**

O homem constitui um organismo mais completo da nossa natureza, uma *máquina química* (Hall, 2003) que detém capacidades psicológicas, cognitivas, sensoriais aliadas às capacidades físicas, das quais possibilitam o conhecimento, a imaginação e a construção de uma própria identidade, bem como a percepção espacial, visual e tátil do que se encontra ao seu redor. As capacidades humanas, inexistentes em qualquer outro ser vivo, permitem através da formação do pensamento, entendimento e reconhecimento, idealizar, sintetizar e concretizar formas e coisas que respondem a uma interpretação do mundo e a necessidades e desejos. Esta particularidade dos demais seres vivos distingue-se pelo desenvolvimento de prolongamentos do seu próprio organismo: cérebro-computador, voz-telefone, pernas-rodas, traduzindo inspiração de forma a alcançar novas plataformas, a conceção das máquinas.

A partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, em Inglaterra, ocorre a maior mudança tecnológica. Com a necessidade de dar resposta a um sistema de produção, devido ao aumento da população e concentração de aglomerados populacionais em cidades, desencadeou-se a produção em massa, originando uma sociedade de massa. Este processo de industrialização caracterizou-se por um grande avanço tecnológico, que começou pelos transportes e alcançou todo o tipo de produção,

apoiando-se no incremento da velocidade, que como meio possibilitou a obtenção de capital. Foi o primeiro momento da substituição do homem pela máquina.

Acredita-se que o desenvolvimento de processos tecnológicos conduzirá o Homem a atingir novos padrões estéticos, em resposta a novas necessidades. Muitas dessas necessidades estão relacionadas com a medicina e a biotecnologia. No futuro, prevê-se a aplicação de diversos suportes ou próteses que possibilitarão ao homem melhorar a sua condição física, ou corrigir qualquer anomalia ou deficiência. Estaremos perante uma nova versão homem-máquina, cujo corpo deixará a sua definição clássica, tornando-se numa crescente evolução programável, que conforme Ieda Tucherman (1999, cit. Gonçalves & Simon, 2010, p. 71), entenderemos a “sedução nos novos corpos que surgem como realização da promessa tecnológica”, a qual permitirá uma nova definição de ser humano que viverá enriquecido intelectualmente e fisicamente.

Segundo Stelarc, a necessidade de anexar suportes tecnológicas ao corpo humano constitui uma forma de colmatar a sua função obsoleta, pois esta transformação será a única maneira de dar resposta às insuficiências, constituindo uma simbiose entre homem e máquina, conforme podemos constatar nas suas próprias palavras:

O corpo não é nem muito eficiente nem muito durável. A falta de um desenho modular para o corpo e o seu sistema imunológico hiperativo dificultam a reposição de órgãos em mal-funcionamento. [...] É somente quando o corpo atenta para esta sua posição é que ele pode mapear uma estratégia pós-evolutiva. Não é mais uma questão de perpetuar a espécie humana pela reprodução, mas sim de reforçar o intercurso macho-fêmea pela interface humano-máquina. O CORPO É OBSOLETO. Nós estamos no final da filosofia e da fisiologia humana. O pensamento humano recua para o passado humano. (Stelarc, cit. Ladra, 2007)

Enquanto que para Stelarc existe a necessidade de construção do homem em máquina, desenvolvendo uma simbiose e sobrevalorizando o corpo humano, para Paul Virilio, este processo, entendido como a terceira revolução (sendo que a primeira é a revolução industrial e a segunda a revolução digital, caracterizada pela *internet*), acarreta um “drama” pois significa “a colonização do corpo vivo por biotecnologias” (Virilio, 2000, p. 58). Virilio acredita que a interligação do homem com a máquina fará perder a relação com o mundo, pois “não há ganhos sem perdas. Não há ganhos tecnológicos, sem perdas ao nível do vivo, do vital” (Virilio, 2000, p. 58). Não estamos a falar de tecnologias de assistência à vida, mas sim de tecnologias que substitua o homem, e

nesta perspectiva Virilio (2000, p. 59) acredita que “a técnica coloniza o corpo do homem como colonizou o corpo da Terra”. Neste âmbito, é necessário perceber o que são os suportes tecnológicos e o que oferecem, mas também perceber o seu enquadramento ao serviço de uma ação útil. Segundo Virilio, é preciso deixar de fantasiar sobre o para além do homem com a robótica, a superação humana, a inteligência artificial, pois:

não há para além do homem. Nesse plano, o homem é terminal, ele é o fecho das maravilhas de Deus [...]. O homem não é o centro do mundo, ele é o fim do mundo. Não há homem memorável. Não há eugenismo da espécie humana. O fantasma do para além da Terra é liquidá-la, o fantasma do outro é de o liquidá-lo em benefício do anjo-máquina. (Virilio, 2000, p. 94)

Na verdade, toda a nossa sociedade já se desenvolve através de uma *prótese técnica*, termo referido por Herbert Marshall McLuhan (1996), que faz referência a uma nova estrutura social, bem como ao impacto das novas tecnologias na vida humana. Este conceito de *prótese técnica* associa os meios tecnológicos como extensões dos sentidos do homem, conforme referido anteriormente, cérebro-computador, voz-telefone, pernas-rodas, entre outros, e são meios que permitem a transformação, a reprodução e a documentação das experiências do homem (McLuhan, 1996). Toda esta nova forma de se apresentar, via *skipe*, ou via *email*, ou *facebook*, obedece a transformações exigidas pela própria sociedade que evolui. Podemos verificar um exemplo disso com a utilização, nas novas gerações, do dedo polegar no manuseamento de telemóveis ou monitores *touchscreen*. Este exemplo demonstra uma de outras novas capacidades humanas e físicas a se desenvolver, interativamente, com os meios tecnológicos. A perceção de novos sentidos físicos aliados a novos meios tecnológicos caminham para uma evolução da espécie, que adquire novas relações sinestésicas entre o meio e os sentidos, influenciando a noção de tempo e espaço, e permitindo a expansão da comunicação.

Mas não podemos desacreditar que urge uma corrente transumanista que aborda a união da genética, da robótica e das nanotecnologias, que fará uma nova definição de ser humano, do aumento das capacidades da figura humana (Lipovetsky e Serroy, 2008), bem como da sua durabilidade. Será que veremos a transformação do *homo sapiens* para *tecno sapiens*? Apenas o tempo permitirá evidenciar as perdas e os danos, mas também os ganhos. No entanto, o otimismo tecnológico pelo qual vive a nossa sociedade tem colocado para segundo plano os valores morais e sociais, inseridos na nossa própria cultura.

### 1.3.3. A tecnologia (como ferramenta para o desenvolvimento)

No século XX, desenvolveu-se uma das maiores descobertas que viria a mudar e redirecionar todo o investimento na tecnologia, a criação do chip, produzido pela Intel (Sequeira, 2014). É a partir daqui que se torna possível uma nova abordagem da informação investindo numa sociedade baseada no conhecimento, aumentando as inúmeras possibilidades do avanço tecnológico e dando origem à revolução digital.

O desenho como uma das mais antigas formas de expressão, nas últimas décadas, atingiu uma nova etapa do seu desenvolvimento, a era digital. O desenho digital vem reformular a forma de se representar e apresentar dando realismo, movimento e interatividade, alterando a nossa visão sobre o próprio desenho.

Hoje, no início do século XXI, ainda refletimos algumas mudanças ocorridas nos séculos anteriores, como o automóvel, o avião, o telefone... reduzindo distâncias e possibilitando uma nova comunicação. Estamos perante a era da informação, onde “o diálogo entre saberes constitui uma característica fundamental da construção do conhecimento no século XXI” (Figueiredo, 2006, p. 122). Presenciamos o *alfabetismo digital*, termo introduzido por Paul Gilster em 1997 através do seu livro com o mesmo nome, que enquadra a compreensão dos recursos informáticos fornecidas pelo mundo cibernético. A alfabetização digital visa capacitar o indivíduo para o uso do computador e de diversos acessórios eletrónicos, com apoio à *internet*, e para todo o sistema informático disponível. A partir do investimento na alfabetização digital, acredita-se que se poderá garantir uma melhor aprendizagem escolar, oportunidades de futuro, emprego para a população e maiores perspetivas para o desenvolvimento de toda a sociedade.

No mundo atual, não existe futuro para quem viva sem o domínio dos códigos e das redes informáticas, que evidenciam a aquisição de competências tecnológicas tão importantes quanto a leitura e a escrita. A informação disponível através da tecnologia assume uma importância crescente nas nossas vidas e exige uma constante atualização e especialização a todos que dela necessitam. Precisamos saber analisar quais os seus aspetos negativos, mas também os positivos. É preciso perceber que a utilização da tecnologia, cada vez mais rápida e dinâmica, facilita o nosso dia a dia, criando comodidade positiva, contudo também demonstra um lado negativo: a dependência, a violência (cyberbullying), a inércia, etc... De facto, existe o lado negativo no avanço

tecnológico, mas não podemos negar que a tecnologia está presente na sociedade e que nunca mais desaparecerá. Por essa razão, devemos tomar estes produtos tecnológicos como aliados e programá-los a nosso favor, conforme refere Ivan Maia (2011, p. 175) que “no ato de programar, a criança poderá refletir sobre seus erros e acertos, promovendo novas estruturas mentais que possam contribuir para a capacidade de resolver problemas inesperados”.

A tecnologia não se limita apenas aos produtos, também é informação, e invade culturas, atingindo globalmente os conteúdos, as ideias e os temas, que devido à manipulação dos media faz despertar o consumo, mas também fomenta a aprendizagem e a prestação de serviços úteis às comunidades. Este novo cenário demonstra uma nova disposição tempo-espaço, que coloca os utilizadores ou consumidores em qualquer lugar da Terra, alterando a noção de tempo, que se apresenta escasso comparado com uma oferta que estimula padrões de consumo dinâmicos e singulares. Numa vertente positiva, as plataformas e as tecnologias digitais criam novas possibilidades de expressão e comunicação, estimulam a lógica participativa, entendida por Henry Jenkins (2006, cit. Maia, 2011) como a *cultura da convergência*, cujos utilizadores apresentam uma postura ativa, como protagonistas de novas informações e de conexões entre conteúdos expostos, projetos colaborativos e científicos, facilitando uma interação mútua. Exemplo disso poderão ser as conferências via *online*.

De facto, a Revolução Industrial tornou os métodos de produção mais eficientes, os produtos passaram a ser produzidos com maior velocidade, reduzindo o custo e estimulando o consumo. Mas a substituição das máquinas pela mão-de-obra humana, a poluição ambiental, o êxodo rural, o crescimento desordenado das cidades, o excessivo consumo... ainda hoje se fazem sentir em toda a nossa sociedade, que presencia uma vida mais individualizada, abstrata e digitalizada, conforme refere Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2008, p. 57), quando menciona que “o universo da alta tecnologia parece, pois, uma máquina de dessocialização e de desencarnação dos prazeres que destrói o mundo sensível, bem como as relações humanas tácteis”.

A projeção de um sistema de ensino é analisada e colocada em dúvida nas muitas formas de abordagem que hoje são aplicadas. Surgem vozes que defendem as novas tecnologias como possíveis meios para colmatar o ensino tradicional e promover e estimular o ensino individual. Não estamos a falar de escolas futuristas, mas de

métodos de ensino que recorrem a ferramentas interativas de aprendizagem, conforme menciona António Nóvoa (2009, p. 4):

As escolas, tal como as conhecemos, deixarão de existir. No seu lugar, haverá centros de aprendizagem que funcionarão sete dias por semana, 24 horas por dia. Os estudantes terão acesso aos seus professores, mas à distância. As salas de aula passarão a estar dentro dos seus computadores.

Mas para que seja aplicada, na plenitude, este tipo de estrutura, e de forma positiva, é importante, primeiramente, que consigamos refletir sobre a forma como a tecnologia tem mudado as nossas vidas, oferecendo novos conhecimentos, praticidade e entretenimento, a partir de um trabalho de informação e boa utilização dos recursos a fim de preparar e consciencializar os alunos em prol de um melhor aproveitamento.

#### **1.4. Desenvolvimento da atenção e da consciência crítica a partir da experiência do Desenho**

O desenvolvimento do processo criativo, através do desenho, nasce da necessidade de estimular um entendimento e consciencialização de todo o trabalho de análise, conceção projetual, sensibilização, produção e elaboração. Este processo começa pelo estímulo de suportes, referentes, o tema em análise e desenvolve-se com o acompanhamento de questões e respostas colocadas por quem executa, e conclui-se com o projeto final. Espera-se que a partir da conclusão deste processo e trabalho de consciencialização seja possível conceber novos paradigmas, como também novas observações críticas que desafiem a todos que nele interagem, levando assim à obtenção de valores que enriqueçam a condição humana, conforme refere Molina, Cabezas e Borges (2005, p. 29):

se sobrevalora muchas veces el valor de la palabra o el discurso ordenado para inducir a una práctica artística, pero en la realidad son muchas veces estas «prácticas», sus forma ejemplares, las que determinan el conjunto de valores que el dibujante asume en su proyecto.<sup>37</sup>

Quer-se, a partir do desenho, o desenvolvimento da atenção e da consciência crítica em relação a tudo o que está à nossa volta, permitindo ao aluno interrogar e procurar respostas às questões que tem, incentivando uma autoconfiança e, conseqüentemente, a melhoria da sua formação, conforme refere Carl Rogers (1987, p. 64):

Maior autoconsciência torna-se possível uma escolha mais bem fundamentada, uma escolha mais livre de introjeções, uma escolha *conscient*, e mais em sintonia com o fluxo evolutivo. Essa pessoa está potencialmente mais consciente, não só dos estímulos, como também das ideias e sonhos, do fluxo de sentimentos, emoções e reações fisiológicas advindas do seu interior. Quanto maior essa consciência, mais a pessoa flutuará segura numa direção afinada com o fluxo evolutivo.

O desenvolvimento de um processo evolutivo que se expresse a partir do desenho consiste em assumir o ato de desenhar como algo superior à habilidade em si, pois desenhar vai para além da técnica, permite sensibilizar a visão e, conforme refere Betty Edwards (1984, p. 216), permite “ver com profundidade cada vez maior”.

---

<sup>13</sup> Nota de tradução livre: se valoriza, muitas vezes, o valor da palavra ou o discurso ordenado para induzir a uma prática artística, mas na realidade estas “práticas” são muitas vezes, formas exemplares, que determinam o conjunto de valores que o desenhador assume no seu projeto

O desenho como meio de estudo e análise permite a percepção do mundo, pois segundo Rudolf Arnheim (2013, p. 69), o “conocimiento práctico de los principios de la forma artística y de las formas de comunicar significados mediante estos principios ayuda de forma directa a aprender a pensar productivamente en cualquier campo”<sup>38</sup>, pois “em mundo se refleja en el cuerpo y el cuerpo se proyecta en el mundo”<sup>39</sup> (Pallasmaa, 2006, p. 47). É a partir desta compreensão que se torna possível elaborar um pensamento existencial e metafísico, que conduza o aluno à formação pessoal e integral.

#### **1.4.1. Formação humanista**

A filosofia humanista apoia-se na valorização da condição humana, na compaixão e na preocupação da formação integral do ser.

O humanismo nasce na Antiga Grécia e desenvolve-se em vários momentos da história, influenciando fortemente as artes, as ciências e a política. A partir do século XIV, no período do Renascimento, o humanismo difundiu-se pela Europa, rompendo com alguns padrões, em resposta à necessidade de se libertar de ideologias impostas pela doutrina cristã da Idade Média, que determinava Deus como o centro. Neste período, o humanismo foi caracterizado por um pensamento mais racional e científico. Durante os séculos XVI e XVII, “o humanismo perde o seu elemento idealista. A civilização torna-se cada vez mais materialista e o artista acaba por tornar-se, finalmente, no século XVIII, ou um servidor da sociedade materialista ou simplesmente o seu próprio padrão” (Read, 1968, p. 56). Apesar de durante muitos séculos o homem ser tomado como servo, foi a partir do século XIX que foram reconhecidos os direitos políticos e civis de cada indivíduo, apoiado em filosofias e ideologias Iluministas, que permitiram atingir um novo patamar da valorização do pensamento, sustentado pelo progresso. Estas mudanças sociais permitiram a transição da Idade Média para a Idade Moderna, sobre uma perspetiva reflexiva e humanista, influenciando todas as áreas de expressão e do conhecimento. No entanto, apenas no século XX, passa a ser reconhecida a soberania entre ambos os géneros (Enriquez, 2006). Mas foi a partir da queda do muro

---

<sup>14</sup> Nota de tradução livre: o conhecimento prático dos princípios da forma artística e das formas de comunicar significados mediante estes princípios ajuda de forma direta a aprender a pensar productivamente em qualquer área.

<sup>15</sup> Nota de tradução livre: no mundo se reflete no corpo e o corpo se projeta no mundo.

de Berlim, em 1989, que se verificaram, efetivamente, novas mudanças sociais e políticas a nível mundial. Com o investimento tecnológico e a expansão de uma rede informática mundial – a *internet* –, presenciamos um novo mundo, o qual nunca voltará a ser como outrora (Ribeiro, 2013).

O valor da condição humana, enquanto ser pensante, em virtude de uma ação assente em valores morais de respeito a tudo e a todos, de justiça, de honra, de liberdade, de solidariedade ao próximo, estabelecendo relações, constitui o humanismo.

A filosofia defendida pelos humanistas retira Deus do centro da ação, e coloca o homem como ser intelectual e racional, que, para além de valores, detém capacidades intrínsecas de perceção e conhecimento. Estas capacidades possibilitam ao homem, expandir os seus estudos nas áreas da física, das matemáticas, da anatomia e do corpo humano, da medicina, contribuindo para a aquisição de muitas competências e levando ao desenvolvimento tecnológico de toda a humanidade, conforme descreve Ruskin: “tudo o que é verdadeiramente grande, tanto na arte grega, como na arte cristã, é também estritamente humano” (cit. Read, 1968, p. 29). Este mesmo pensamento também é defendido por Maurice Merleau-Ponty (s.d., cit. Pallasmaa, 2006, p. 42) quando refere que: “Nuestro cuerpo es al mundo lo que el corazón es al organismo: mantiene el espectáculo visible constantemente vivo, respira vida en él y lo preserva en sus adentros e con él forma un sistema”<sup>40</sup>, ou seja, é a partir na nossa experiência sensorial e perceção natural que estabelecemos relações com o mundo.

A educação também assume essa função quando estimula o desenvolvimento da interrelação com a experiência em prol da construção do homem. Neste sentido, tomamos a educação como um processo de humanização e de preparação para a vida, que no contexto de uma sociedade globalizada, tecnológica e multimédia tem como finalidade, conforme refere Selma Pimenta (1998, p. 79-80):

possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. O que implica analisá-los, confrontá-los, contextualizá-los. Para isso, há que articulá-los em totalidades, que permitam aos alunos irem construindo a noção de «cidadania mundial»

---

<sup>16</sup> Nota de tradução livre: Nosso corpo é o mundo e o coração é o organismo: mantém o espetáculo visual constantemente vivo, dá vida, preserva-o em sua mente e forma um sistema.

E é a partir deste novo modo de convivência e de cidadania, defendido pela ideologia humanista, que se constitui o equilíbrio, conforme mencionado no texto de Almada Negreiros, intitulado “Deixemos a Humanidade à Sua Ordem Natural” (Negreiros, s.d.). Este texto também serviu de referente a uma dos trabalhos aplicados em sala de aula:

Não aleijemos a pobre humanidade mais do que ela já está com tantas sacudidelas da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, de cima para baixo e de baixo para cima. Do individualismo para o colectivismo e do colectivismo para o individualismo. Não sejamos tão crianças que queiramos levantar ao ar a esfera pretendendo agarrá-la apenas pelo hemisfério da direita ou apenas pelo da esquerda, ou apenas pelo hemisfério superior, porque a única maneira de agarrá-la bem tão-pouco é pôr-lhe as mãos por baixo, nem ainda abraçando-a com os dois braços e os dedos metidos uns nos outros para não deixar escapar as mãos e com o próprio peito do lado de cá a ajudar também; a única maneira de equilibrar a esfera no ar é deixá-la estar no ar como a pôs Deus Nosso Senhor, às voltas à roda do sol, como a lua à roda de nós e assegurada contra todos os riscos dos disparates da humanidade. Não temos mais remédio do que ir aprender tecnicamente como funcionam estas coisas tão naturais! O Mundo da Natureza é o modelo dos modelos de todas as maquinarias, porque não havemos então de acertar também o mundo social no seu próprio funcionamento como todas as outras máquinas do mundo?

#### **1.4.2. Formação com valores**

A formação humanista, conceito defendido pela Declaração Universal do Direitos Humanos, apoiado por muitos filósofos, como Jacques Maritain, e também pelo Papa Francisco, é entendida como sendo a “maneira humana de viver” (Azevedo, 2009), que concilia o catolicismo, a fé, os ideais com a felicidade, a harmonia, a liberdade e a dignidade humana. Para Maritain, co-autor da Declaração Universal do Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), escrita em 1947, a visão humanista deve interagir com o cidadão cristão e, desta forma, conciliar a Igreja com o mundo moderno. A visão de Maritain, estrutura uma ordem social e cristã e demonstra uma verdadeira visão futurista, presente nos nossos dias. Este espírito humanista acredita num sistema com fundamento social, detentor de igualdade e de liberdade, que se apoia na força da natureza espiritual e “lei natural como fonte da democracia” (Azevedo, 2009).

O humanismo cristão tem como missão valorizar cada pessoa, reconhecendo através da sua imagem a imagem de Deus, visando, conforme refere o Papa Francisco (Salesianos, 2014):

o desenvolvimento integral da pessoa a que responde ao direito de todos a ter acesso ao saber e ao conhecimento [...] com pleno respeito pela liberdade de cada indivíduo e aos métodos próprios do ambiente escolar, à proposta cristã, isto é, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da história

E acrescenta:

A educação é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com os jovens, com paciência. O educador nas escolas católicas deve ser, antes de tudo muito competente, qualificado, e ao mesmo tempo rico em humanidade, capaz de estar entre os jovens com estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens precisam de uma educação de qualidade juntamente com valores, não só enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se pode fazer crescer, não se pode educar sem coerência: coerência, testemunho. (Salesianos, 2014)

A evolução dos tempos e a progressiva conquista da igualdade, liberdade e fraternidade originou Estados de Direito mais fortes, apoiado em leis e disseminadas pelos direitos humanos. As crenças e os valores passaram a ser determinados por acordos e leis, das quais a natureza moral humana se apoia e que, muitas vezes, se esquece.

Por essa razão, a educação deve apoiar-se numa formação assente em valores que exaltem a essência positiva e mais natural de cada ser, dinamizando os valores sociais que asseguram o valor da vida humana. A educação humanista desenvolve-se a partir do pensamento de São Tomás de Aquino (século XIII), que acreditava num modelo educacional intelectualmente independente, que proporcionasse a cada aluno processos autónomos de descoberta e aprendizagem. E sobre esta ótica, inspirando-se em São Tomás de Aquino, que Maritain estuda e escreve sobre uma educação no saber integral, referindo que:

Tal humanismo sabe que o homem é feito do nada e que tudo que sai do nada tende por ser ao nada; sabe também que o homem é a imagem de Deus e que no homem há mais do que o homem; ele é habitado por Deus, que não lhe dá só o viver e o agir, mas se dá ele mesmo e quer que o homem tenha como objeto de gozo as três pessoas divinas. (Maritain, 1999, cit. Vigneron, 2001, p. 5)

O humanismo integral de Maritain apresenta-se como um novo modelo de humanismo, que pertence ao período moderno, e que demonstra as diversas dimensões da vida humana, promovendo e respeitando a dignidade da pessoa humana, bem como a sua integridade, a sua ordem espiritual, os direitos enquanto cidadão, estabelecendo uma “harmonia entre a ciência e a sabedoria, entre a ação e a contemplação, entre a fidelidade ao homem e a fidelidade a Deus” (Vigneron, 2001, p. 6). Esta ideologia, que foi analisada na primeira metade do século XX, influenciou diversos pensamentos intelectuais e a vida da Igreja, e mantém-se no século XXI, no pontificado do Papa Francisco, como uma corrente muito inspiradora do direito à condição da pessoa humana, tomando como fonte de reflexão e crítica à sociedade e ao Estado. Este modelo humanista cristão caminha lado a lado com uma ideologia socialista, que acredita na comunhão de forças, na partilha de valores e no bem de todos.

### **1.4.3. Da perspectiva humanista à prática pedagógica**

O ensino está organizado para a transmissão massiva de informação, de uma só vez e ao maior número de alunos. Após essa transmissão, cabe ao professor perceber e classificar a sua aquisição. No entanto, este modelo tradicional, presente na educação, não consegue responder às necessidades individuais dos alunos.

A formação sobre uma perspectiva humanista permite ao professor modelar os recursos para o desenvolvimento das tarefas conforme a necessidade individual de cada aluno, permitindo uma maior eficácia de informação, bem como a consciencialização crítica e acompanhada aos seus alunos, de forma a possibilitar a inclusão das diferenças e experiências pessoais para o espaço da sala de aula. Todo este processo procura colocar o aluno no centro de toda a ação, enriquecendo o próprio currículo.

Este modelo coloca o professor como mediador e facilitador da informação, que, por vezes, é transmitida pelo mesmo e outras pelo próprio aluno. Pretende que se estabeleça uma relação de troca e partilha de conteúdos, de confiança, de extrospeção e discussão, apoiado numa aprendizagem contínua, conforme analisado por Jacques Delors (1996): *Aprender a conhecer* que se baseia “no prazer de compreender, de conhecer e de descobrir” (Delors, 1996, p. 78) exercitando a memória, a atenção e o pensamento; *Aprender a fazer* permitindo colocar em prática o conhecimento adquirido

ou adquirir conhecimento em prática; *Aprender a viver* juntos, o maior desafio da educação, que faz perceber a descoberta do outro e estimula a participação em grupo e por fim, *Aprender a ser* onde a educação deve ter o compromisso de preparar cada indivíduo para um desenvolvimento total como ser responsável, membro social, pensante, autônomo, elevando-o a um progresso pessoal e com um identidade própria.

A formação humanista acredita no ser humano como ser livre, criativo, que abarca diversas potencialidades em busca de uma realização própria. Esta formação parte das experiências pessoais, dos sentimentos pessoais e valores, e estende-se à aprendizagem, onde o aluno é o centro deste processo educativo, como indivíduo livre e responsável na escolha de caminhos que possam delinear a construção do conhecimento. Pretende-se que o aluno desenvolva um processo de seleção de conteúdos e objetivos, sempre mantendo uma relação interpessoal com todos os agentes envolvidos, levando-o à liberdade de expressão. A formação humanista, está *centrada na pessoa*, e acredita, tal como também defende Carl Rogers (1987), que a estrutura da personalidade está no organismo, onde se encontra a experiência humana e o autoconceito (noção que a pessoa tem de si, tanto real como aquela que é desejada). Assim sendo, o aluno “vive num mundo de experiências em mutação constante, mundo de que ele é o centro” (Justo, 1979 cit. Ferreira, 2002, p. 151), o qual se realiza, mantém e se desenvolve, tendo como ponto de partida, um clima que estimule o crescimento, bem como a “atitude de valor próprio, estima e consideração positiva de si mesmo” (Ferreira, 2002, p. 151), de acordo com um ambiente empático, que possibilite a cada um tornar-se mais compreensivo com os outros, aceitando melhor as diferenças.

O processo de ensino desenvolvido no trabalho com os alunos foi baseado nas teorias de Carl Rogers e no pensamento humanista cristão, presente do projeto educativo do colégio Amor de Deus, que parte de uma abordagem que transmita confiança, crescimento, realização e reprodução. A confiança começa no educador que detém uma autoconfiança e a transmite na relação que estabelece com os outros. O crescimento desenvolve-se a partir do contrato que estabelece com os alunos, responsabilizando-os e compartilhando recursos. A realização faz-se através de um processo contínuo de aprendizagem que busca a satisfação e a valorização da pessoa que levará à motivação, pois “o substrato de toda motivação é a tendência do organismo à auto-realização” (Rogers, 1987, p. 60). E por fim, a reprodução, que incentiva “o progresso significativo na aprendizagem de como aprender aquilo que se quer saber” (Rogers e Rosenberg,

1977 cit. Ferreira, 2002, p. 153), baseando-se na prática do fazer. Para tal, é preciso, primeiramente, que se estabeleça uma relação pessoal entre professor e aluno, expondo ideias e sentimentos reais, apresentando opiniões verdadeiras erradicadas de omissões, estabelecendo uma comunicação sem julgamento, que valoriza as potencialidades e as suas capacidades. Também é preciso que se desenvolva uma aprendizagem em que o professor saiba compreender o aluno, procedendo a um ambiente de empatia e de mudança, pois segundo Rogers (1977, cit. Ferreira, 2002, p. 158):

o professor muda tanto quanto aluno, quando há liberdade para mover-se, liberdade de ser e de manter a dignidade. [...] Confiar nas capacidade do outro é mais do que ser apenas professor. É ser um facilitador, que proporciona aos alunos liberdade, vida, oportunidades de aprender. Só assim estará preparando cidadãos para o mundo em mudança.

Uma aprendizagem significativa promove estratégias baseadas na realidade, no cotidiano, na promoção de recursos, na definição de contratos, na divisão de tarefas e grupos, na orientação da pesquisa assumindo uma atitude de preocupação e respeito por todos, conforme refere Rogers (1971 cit. Ferreira, 2002, p. 152):

tem a *qualidade de um envolvimento pessoal* – a pessoa como um todo inclui-se no fato de aprendizagem. Ela é *auto iniciada* – mesmo quando o primeiro impulso ou o estímulo vem de fora, o senso da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro. É *penetrante* – suscita modificação no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do educando. É *avaliada pelo educando*. [...] Quando se verifica a aprendizagem, o elemento de significação desenvolve-se para o educando, dentro da sua experiência como um todo.

Mas Educação para além de englobar os processos de ensinar e aprender, entendido por Read, como o “cultivo dos modos de expressão”, detém o ensino em arte como o “esforço da humanidade para conseguir uma integração com as formas básicas do universo físico e com os ritmos orgânicos da vida”, considerando “como boa feitura de sons, imagens, movimentos” (cit. Santos, 1999, p.23).

O conceito da Educação pela Arte foi dinamizado por Read, na segunda metade o século XX, e baseou-se nas teorias de Platão, que defendia a arte como base da educação sem estabelecer qualquer “distinção entre ciência e arte, excepto quanto aos métodos”, pois a “arte é representação, a ciência é explicação da mesma realidade” (Read, 2007, p.12). Para Read, a Arte está em toda a parte, mas raramente nos detemos para a

considerar, “pois a arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades, como Florença e Roma. A arte, seja lá como a definimos, está presente em tudo que fazemos para satisfazer nossos sentidos” (Read, 2007, p.16).

Numa pesquisa conduzida por Randi Korn & Associates para o Guggenheim Museum (Randi Korn & Associates, Inc., 2010), indica que a educação artística melhora o desempenho dos estudantes em todas as áreas do conhecimento. O estudo cita melhoria na alfabetização e nas habilidades do pensamento crítico como descrição acurada, levantamento de hipóteses e raciocínio, ou seja, a educação pela arte permite a qualquer indivíduo adquirir maiores faculdades na concentração, no desenvolvimento cognitivo, no entendimento do mundo à sua volta e, principalmente, na melhor apreciação pessoal. Tudo isto através de métodos como a observação, a expressão, a crítica, a criação, a desconstrução e a construção, entre outros. Para Arquimedes da Silva Santos, a “Arte é, sobretudo, um meio, quiçá o modo mais humanizável de fruição e harmonia” (Santos, 1999, p.138), e refere que existe efetivamente a:

necessidade de preservar a herança humanista; talvez, sociologicamente, pela urgência de reflectir, nesta era científico-tecnológica, acerca de um milenar afluente educacional europeu; talvez, pedagógica-educativamente, pela reconhecida importância das “expressões artísticas” no desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade da criança; talvez, e ainda, porque apurando a sensibilidade e propiciando o equilíbrio afetivo, se repercute na aprendizagem, combatendo o insucesso escolar, melhorando o aproveitamento das diversas matérias curriculares, além de desenvolver a livre criatividade infantil, pela apropriação de meios técnicos e matérias, para uma melhor expressão pessoal. (Santos, 1999, p.116)

Jessica Davis (2008), no seu livro *Why our schools need the arts*, refere que o sucesso escolar generalizado acontecerá quando as artes estiverem presentes ao longo de todo o currículo, originando uma melhor metacognição, que se caracterizará a partir da importância dada ao processo de tomada e pensamento reflexivo que estará intrínseco, permitindo uma melhor conexão com as ciências, tornando-a ainda mais ampla e equilibrada. A finalidade do ensino em Artes é permitir a compreensão de todo o panorama social e cultural e deve funcionar em união com as ciências conforme defende Efland, no seu livro *La educación en el arte posmoderno*:

El arte y la ciencia no sólo no se oponen uno a otro sino que son igualmente importante. [...] Ningún grado de conocimiento científico puede proveer a los hombres de los recursos necesarios para ayudar a una sociedad ciega ante sus

propios conflictos sociales y morales. Éstos se revelan en la experiencia privada de los individuos y quedan plasmados en las representaciones simbólicas de las artes y las humanidades. Este proceso es lo que permite que la realidad social se manifieste. Los niños del mañana necesitarán del arte para entender su mundo social y labrarse algún futuro dentro de ese mundo.<sup>41</sup> (Efland, Freedman e Stuh, 2003, p. 127)

A importância das artes, no contexto escolar, resulta em ganhos extremamente satisfatórios, pois permite capacitar o aluno “a não ser estranho no seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo” (Barbosa, 2007, p.18). Ana Mae Barbosa (2007, p.18) ainda reforça esta ideia quando refere que:

a Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

No ensino tradicional, segundo Rogers (1987, p.129): “Não há lugar para pessoas inteiras no sistema educacional, só há lugar para seus intelectos”. E porque presenciamos uma crise de valores e de cidadania, estimulada por uma economia que ao invés de oferecer, compara, a formação integral humanista enriquecida com as artes denota uma possível solução urgente e necessária para fazer travar essa mesma crise.

#### **1.4.4. O excesso de imagens e o saber ver**

A educação do olhar exige uma percepção global, ao mesmo tempo seletiva, de tudo o que está à nossa volta, tal atitude, muitas vezes, não é devidamente estimulada.

Somos, diariamente, bombardeados com inúmeras imagens, que nos levam à banalização da própria imagem. A apreciação de uma imagem carece de atenção e consciencialização, mas tal ato não é desenvolvido com a devida consideração. A

---

<sup>17</sup> Nota de tradução livre: A arte e a ciência opõe-se não só entre si, mas são igualmente importantes. [...] O conhecimento científico não basta para fornecer aos homens os recursos necessários para ajudar a sociedade cega resolver os seus próprios conflitos sociais e morais. Estes revelam-se na experiência individual dos indivíduos e refletem nas representações simbólicas das artes e das humanidades. Este processo permite que a realidade social se manifeste. As crianças de amanhã necessitam da arte para compreender o seu mundo social e poder projetar um futuro no mundo.

facilidade tecnológica na captação de imagens faz-nos refletir que hoje, mais do que nunca, é necessário informar e desenvolver a apreciação da imagem, bem como da Arte, de forma a fornecer às pessoas ferramentas de escolha que manifestem novos paradigmas que se reflitam em alterações de comportamentos, conforme refere Fernando Rodrigues (2011, p. 10):

Neste tempo, de criação e recriação por meios electrónicos – em que os procedimentos ópticos convergem no digital e as diversas imagens chegam em catadupa e a todos indistintamente, quase sempre desancoradas –, a descodificação da imagem, incluindo a da obra de arte e das suas reproduções, precisa ser associada ao julgamento da sua qualidade e pertinência, no contexto do aqui e agora e em relação ao passado.

A quantidade de mensagens e informação visual que é disponibilizada, diariamente, a cada um de nós é muitas vezes superior àquela que é fornecida pelas escolas. A partir daqui, a dificuldade, cada vez maior, de selecionar ou escolher o que vemos, apenas constata a vulgarização da imagem e demonstra-nos que “tornou-se banal evocar o conceito de uma cultura da imagem” (Aumont, 2009, cit. Rodrigues, 2011, p. 11). Esta multidão diária de imagens é caracterizada, por Maria Acaso, como sendo a técnica, o espetáculo e o consumo, quando afirma:

que vivemos dentro del mundo-imagem, de una serie de mundos visuales, paralelos al mundo real y contruidos a través del lenguaje visual, que tienen una influencia en nuestras vidas cada vez mayor que la propia realidad.<sup>42</sup> (Acaso, 2009, p. 34)

E ainda menciona que:

todas características de nuestra sociedad están, de una manera u otra, ligadas al hiperdesarrollo del lenguaje visual, el cual funciona como catapulta del deseo. Però no debemos olvidar que la capacidad para absorber e interpretar la información visual no es una capacidad innata en el ser humano, sino que es una capacidad que hay que aprender a desenvolver y, por lo tanto, la educación artística tiene mucho, pero mucho que ver no tanto con la consolidación sino con la desconsolidación del mundo-imagen.<sup>43</sup> (Acaso, 2009, p. 35)

---

<sup>18</sup> Nota de tradução livre: vivemos dentro do mundo-imagem, de uma série de mundos visuais paralelos ao mundo real e contruídos através da linguagem visual, que têm uma influência em nossas vidas cada vez maior que a própria realidade.

<sup>19</sup> Nota de tradução livre: todas as características da nossa sociedade estão, de uma maneira ou de outra, ligadas ao super-desenvolvimento da linguagem visual, que funciona como uma catapulta ao desejo. Mas não devemos esquecer que a capacidade de absorver e interpretar a informação visual não é uma habilidade inata no ser humano, e sim uma habilidade que precisa ser desenvolvida, portanto, a educação artística não tem haver com a consolidação mas sim com a desconsolidação da imagem-mundo.

Atualmente, presenciamos um período de mudanças, em que se privilegia o material, a individualização, a atribuição de novos significados e simbologias às matérias, bem como a estruturação e organização de novos valores. A identidade pessoal do sujeito é definida pelo o que o compõe visualmente, e é reforçada pela inclusão de apetrechos tecnológicos. Nos jovens, estas mesmas características parecem mais evidentes, levando-os ao consumo indevido de demasiada informação. Para Acaso, esta exagerada deglutição, sujeita os jovens a uma educação *bulímica*, que faz ingerir, diariamente, conteúdos da escola, informação dos meios de comunicação, da família, tornando os jovens de hoje, sujeitos passivos, sem poder de expressão, com uma opinião uniforme, sendo levados ao consumo desenfreado de objetos, ideias, imagens, meios e serviços. Segundo Acaso (2009, p. 86), os estudantes “viven dentro de la hiperrealidad, que viven en un mundo altamente tecnificado, que configuran su identidad en base a ídolos mediásticos, que determinan su dieta basándose en las marcas, que desenrollan su ocio siempre a través de pantallas”<sup>44</sup>.

Presenciamos a substituição do mundo do texto pelo mundo da imagem, transformando-a numa linguagem volátil, de consumo imediato e descartável. A educação do olhar, devido a estas conceções erróneas, deve assumir um papel de importância na percepção, na alteração de padrões de comportamento e na seleção, de forma a ser um suporte para uma aprendizagem diferenciadora. Este papel não deve ser atribuído apenas no âmbito educacional, mas também no âmbito social e cultural, de forma a que a exploração massiva da imagem não constitua uma ameaça para toda a sociedade.

A Arte, como meio de disseminação e análise, detém, como o nosso olhar, esse poder de divulgar, educar e informar a consciência. A Arte constitui a forma natural de observação e interiorização da imagem, porque, para além do que é visto, exige atenção, conforme referido por David Perkins (1994, cit. Efland, 1999):

a arte ajuda de uma maneira natural. O olhar para a arte convida, recompensa e encoraja um temperamento atencioso, porque obras de arte requerem atenção para descobrir o que elas têm para mostrar e dizer. Obras de arte também conectam o social, o pessoal e outras dimensões da vida com fortes sugestões afetivas. Então, é melhor do que a maioria das situações, olhar para a arte pode construir realmente disposições para um pensamento básico.

---

<sup>20</sup> Nota de tradução livre: vivem dentro de uma hiper-realidade, que vive num mundo automatizado, configurando a sua identidade a partir de ídolos mediáticos que determinam uma dieta baseada em marcas, e desenvolvendo o seu ócio sempre através de telas.

A Arte e as Obras de Arte, como portadoras de imagens e símbolos visuais, provêm de processos de pensamento humano e, por isso, resultam de mecanismos de reflexão e análise. Assim sendo, o desenvolvimento artístico desenvolve-se a partir de um trabalho de estudo e funciona a favor da educação da imagem, conforme refere Jerome Hausman (1967, p. 17):

Visual symbols have always been critical to man's thought processes. By educating students to be more sensitive to and knowledgeable about their visual world, we will provide a key avenue for dealing with the future. The knowledge about art to which I am referring is really knowing art as an endeavor that is never satisfied with the obvious and the trivial. Knowing art, in the sense that I use the term, requires newly created visions and insights at moment of living.<sup>45</sup>

A educação sobre o nosso mundo visual origina conhecimento e reconhecimento dos nossos próprios sentidos. Toda a comunicação com o mundo é estabelecida através do nosso corpo. Segundo Juhani Pallasmaa (2006), a expressão artística resulta dos significados pré-verbais do mundo e proporciona o entendimento existencial entre o mundo e o nosso ser, permitindo estabelecer a ponte entre o ser e o sentir. Este processo sensitivo, referido por Pallasmaa, e defendido por Merleau-Ponty (Pallasmaa, 2006) coloca o homem no centro do mundo e das experiências, interagindo com o meio envolvente e proporcionando as orientações nas nossas vidas, conforme também defendido pela ideologia humanista. A percepção natural do homem no mundo permite-nos entender que os nossos sentidos são o meio de expressar o pensamento e a imaginação, e provém da nossa relação e visão com o mundo e, neste sentido, devemos tomar a escola, para além de um canal que operacionaliza a “passagem de conteúdos que representam e participam de uma visão cultural, regional e universal do património humano do conhecimento” (Derdyk, 2010, p.18), deve funcionar como elemento diferenciador do processo de educação visual.

A utilização de meios de comunicação, como a imprensa, a televisão, o cinema, o computador, entre outros, porque fazem parte da nossa atual sociedade, e se difundem na nossa cultura, constituem elementos de apoio à imagem e à informação. Neste sentido, e apesar de serem caracterizados como meios de entretenimento de massas, devemos considerá-los como meios de educação que facilitam uma melhor apreciação

---

<sup>21</sup> Nota de tradução livre: Símbolos visuais sempre foram fundamentais para os processos de pensamento do homem. Ao educar os alunos a serem mais sensíveis e bem informados sobre o seu mundo visual, iremos fornecer um caminho fundamental para lidar com o futuro. O conhecimento sobre a arte a que me refiro é realmente perceber que a arte apresenta-se como um esforço que nunca está satisfeito com o óbvio e o trivial. A arte, no sentido de que eu uso o termo, requer visões recém-criados e *insights* em cada momento da vida.

e resposta aos atuais interesses. Segundo McLuhan, os meios e a comunicação devem ser caracterizados da forma a:

nos ayudaron a recuperar la intensa conciencia del lenguaje social y del gesto corporal. Si estos «medios de comunicación de masas» nos sirvieran solamente para debilitar o corromper niveles anteriormente alcanzados de la cultura verbal y de la imagen, no sería porque haya en ellas nada inherentemente malo. Sería porque no hemos podido dominarlas como nuevos lenguajes para integrarlas en la herencia cultural global.<sup>46</sup> (McLuhan, 1974a, p. 156).

O manuseamento de meios de comunicação tecnológicos para o desenvolvimento e apoio ao ensino é uma mais-valia, pois permite a exposição de ideias abstratas, passíveis de visualização, tornando qualquer recurso num objeto educativo. Contudo, para isso é necessário a realização de uma adequada intervenção, de forma a propiciar momentos de debate e reflexão. As aulas lecionadas para a finalização desta dissertação iniciaram-se com a projeção de um filme, sendo posteriormente acompanhadas com a exibição de *slides* e de diversas imagens. Ao longo das aulas, foi notório a utilização de computadores com apoio à *internet*, bem como a troca de informação via *email* e *facebook*. Todo este manuseamento de recursos serviram, essencialmente, como estímulo pedagógico, tendo em vista o enriquecimento do processo criativo.

A utilização adequada de todos os meios à disposição da nossa sociedade, permite-nos entender que “los medios de comunicación de masas son extensiones de los mecanismos de la percepción humana; son imitadores de los modos de aprehensión y razonamiento humanos”<sup>47</sup> (McLuhan, 1974b, p. 157). Não podemos caminhar para um futuro sem pensar o que levaremos connosco. Não podemos obrigar a nossa cultura, cada vez mais tecnológica, a desenvolver-se com os meios mecânicos utilizados há 20 ou 30 anos atrás. Devemos utilizar estes novos meios para não esquecer o passado, divulgando o presente e projetando ideias e opiniões para o futuro.

---

<sup>22</sup> Nota de tradução livre: nos ajudam a recuperar a intensa consciência da linguagem social e do gesto corporal. Se estes «meios de comunicação de massas» nos servissem somente para anular e interromper o nível anteriormente alcançado pela cultura verbal e pela imagem, não seria porque existe algo intrinsecamente mau. Seria porque não conseguimos dominá-los com novas linguagens para integrá-los na herança cultural global.

<sup>23</sup> Nota de tradução livre: os meios de comunicação de massas são extensões dos mecanismos da percepção humana; são imitadores de modos de apreciação e raciocínio humanos.

### 1.4.5. A cultura hipertecnológica do consumo

O consumo “surge como modo activo de relação (não só com os objectos, mas ainda com a colectividade e o mundo), como modo de actividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo o nosso sistema cultural” (Mayer, cit. Baudrillard, 1991, p. 11). O consumo torna-se o expoente das respostas às nossas necessidades mais débeis, mas também às mais supérfluas. Hoje, o objeto de consumo obtém um novo patamar na escala social, dando-lhe novos significados e símbolos associados à esfera social e de desejo. Para Jacob Mayer (cit. Baudrillard, 1991, p. 12), o consumo torna-se um “novo mito tribal, transformando-se na moral do mundo contemporâneo. Encaminha-se para a destruição das bases do ser humano [...] da mesma maneira que a sociedade da Idade Média se equilibrava em Deus, e no Diabo, assim a nossa se equilibra no consumo”.

Vivemos rodeados pela abundância de objetos e de serviços, tornando-nos servos desta indústria de equipamentos. Já não sabemos viver sem as máquinas que nos sustentam, cujos objetos de consumo existem para satisfazer a necessidade do bem-estar, da qual justificamos o consumo de objetos, num discurso assente “na antropologia ingénuas: a da propensão natural para a felicidade [...], revelando-se como o equivalente autêntico da *salvação*” (Baudrillard, 1991, p. 47). Os significados atribuídos à necessidade, ao bem-estar e à felicidade detêm uma simbologia encarnada nas sociedades modernas, e na promessa social de igualdade universal, conforme podemos verificar segundo Jean Baudrillard (1991, p. 48):

a felicidade surge primeiramente como exigência de igualdade e deve, em tal demanda, significar-se sempre a «propósito» de critérios *visíveis*. [...] alimentada por exigência igualitária, se funde nos princípios *individualistas*. [...] A noção de «necessidade» é solidária da de bem-estar, na mística da igualdade. [...] Perante as necessidades e o princípio de satisfação, todos os homens são iguais, porque todos eles são iguais diante do *valor de uso* dos objectos e dos bens.

A conquista da felicidade através do consumo denota “o aumento da miséria interior e o ressentimento dos que não podem ter acesso à felicidade consumista prometida a todos, por viverem uma «subexistência»” (Lipovetsky & Serroy, 2008, p. 75), do mesmo modo que, em tempos, se exigiu uma nova organização social, familiar e educacional, instituindo fundamentos e princípios. Hoje, essas características parecem--nos dissociadas daquelas

vividas nas sociedades. O capitalismo que levou ao consumo, à globalização e às políticas generalizadas está a demonstrar uma desfiguração do tecido social. Muitos ideais e valores perdem-se, originando incertezas e comportamentos anti-sociais. O progresso difundido a partir do desenvolvimento industrial do século XVIII, durante décadas, prevaleceu, segundo pensamentos e ideologias positivistas, mas escondeu o lado mais desacertado de toda a consequência tecnológica. Após o desenvolvimento de um sistema industrial, que permitiu socializar as massas como força de trabalho, passou a ser necessário controlá-las como força de consumo. Conforme refere Baudrillard (1991, p. 84) “o sistema precisa de homens como trabalhadores (trabalho assalariado), como economizadores (impostos, empréstimos, etc.) e, cada vez mais, como consumidores”.

Este consumo que parece aumentar a cada dia, desenvolve-se acompanhado pela adoração da autosuficiência, que leva ao isolamento, apoiado-se em plataformas, *chats*, entre outros. Hoje, verificamos que é possível viver em grupo, mas sozinho. Podemos passar horas a conversar sem emitirmos um som, ou sem estabelecer qualquer tipo de contacto físico ou visual. Podemos comprar e autosustentarmo-nos a partir de um espaço, sem que para isso tenhamos de ver, falar ou estabelecer qualquer contacto com outra pessoa. Podemos ainda satisfazer necessidades sem qualquer intimidade pessoal. Estamos perante um período de absoluto individualismo, mas tudo isso leva-nos a outras consequências, conforme refere Rogers (1987, p. 91):

o auge da privacidade na vida pessoal pode – e geralmente é o que ocorre – ser alcançado. Atingimos nossa meta. Mas pagamos um preço. Da nossa juventude alienada emergem nossos criminosos, capazes de um violência sem sentido. De nossos anos adultos vividos em privacidade, “progredimos” para um solitário *status* de “cidadão idoso”. Tanto o jovem quanto o velho são quase completamente inúteis em nossa sociedade moderna e têm uma aguda percepção dessa inutilidade. Não há lugar para eles. Têm a sua privacidade, o seu isolamento – e nenhuma esperança.

O investimento no consumo significou para muitos a valorização material e pessoal, e para outros originou a diferença e o poder. Este mesmo investimento acompanhou as evoluções tecnológicas, estabeleceu ligações entre velocidade e riqueza, e desencadeou, conforme comenta Paul Virilio, a riqueza através do controle da velocidade: “Independentemente da economia da riqueza, uma abordagem do político não pode ser feita sem a abordagem da economia da velocidade. [...] A velocidade é o

próprio poder” (Virilio, 2000, p. 15-16). Neste sentido, quem controla o movimento da sociedade detém o poder.

O consumo a que assistimos nos nossos dias, desenvolve-se associado a uma sociedade de informação, caracterizada por novos paradigmas que originam “novas formas de criar; novos processos de produção; novos modelos de gerir; novas organizações de trabalho; novos mecanismos de entretenimento; novos estilos de vida e diferentes percepções de valores; novas fontes de conhecimento” (Carneiro, 1998, p. 352), que proporcionam a disseminação de uma pedagogia tóxica, e sustenta um ensino que não considera os interesses e muito menos a participação dos alunos, mas impulsiona a competitividade, a obtenção de uma classificação máxima que visa apenas o sucesso escolar na consolidação. A pedagogia tóxica, alertada por Acaso, apresenta-se como sendo um modo de *no-educación*, é um modelo omissivo à verdadeira aprendizagem, que segundo Lipovetsky: “el imperativo futuro es inventar nuevos modos de educación y trabajo que permitan a los individuos encontrar una identidad y satisfacciones que no sean las de los paraísos pasajeros del consumo”<sup>48</sup> (2007, cit. Acaso, 2009, p. 37).

Nunca uma evolução tecnológica se apresentou tão dinâmica e rápida, levando ao consumo, como nos dias atuais, demonstrando a necessidade urgente de preparar os jovens e consciencializá-los para novos desafios. Neste sentido, o espaço de sala de aula torna-se o ambiente ideal para o desenvolvimento técnico e cognitivo, bem como, e segundo Roberto Carneiro (1998, p. 353), para “a inteligência moral, a literacia emocional e as competências sociais”. Não há dúvidas que as novas tecnologias vieram e estão para ficar e, por isso, é preciso entender os seus aspetos negativos, que suporta estes mesmos recursos para melhor saber evitá-los, conforme afirma Paul Virilio (2000, p. 95) “a *internet* tem a sua própria negatividade. Mas o desenvolvimento das tecnologias não pode fazer senão através da análise e da ultrapassagem destes acidentes. [...] Hoje, as novas tecnologias, como a *internet* [...] provocam acidentes imateriais que são infinitamente menos apercebidos”, aproximando, cada vez mais, o espaço-tempo, e reorganizando a própria velocidade tecnológica, que se estende a todos os domínios da vida, exigindo a aquisição da técnica como estilo de vida e modo de pensar. Jacques Ellul ainda

---

<sup>24</sup> Nota de tradução livre: O desafio é inventar novos modos de educação e trabalho para capacitar os indivíduos a encontrar uma identidade e satisfação do que aqueles passageiros paraísos de consumo.

acrescenta que “a técnica traz consigo maneiras de ser, de pensar e de viver para toda a gente. É cultura global, é síntese” (1977, cit. Lipovetsky e Serroy, 2008, p. 54).

A velocidade da produção tecnológica dos nossos dias mantém a ilusão de que o seu crescimento é benéfico para todos, principalmente para os mais carenciados. Contudo, este mesmo processo de produção capitalista só propicia o aumento das desigualdades sociais. O crescimento industrial “produz, reproduz e restitui a desigualdade social, os privilégios, os desequilíbrios, etc. [...] não existe equilíbrio. O equilíbrio é o fantasma ideal dos economistas, que contradiz, se não a lógica interna do estado de sociedade, pelo menos a organização social por toda a parte assinalada” (Baudrillard, 1991, p. 51-52 ). Os objetos de consumo parecem acessíveis a todos, no entanto, esta mesma acessibilidade demonstra apenas uma igualdade meramente formal, onde nem todos têm as mesmas possibilidades, conforme menciona Baudrillard (1991, p. 84-85): “O consumo revela-se, pois como poderoso elemento de dominação social (através da atomização dos indivíduos consumidores), traz consigo a necessidade de coacção burocrática cada vez mais forte sobre os processos de consumo”, e ainda reforça:

Todo o discurso sobre o consumo procura transformar o consumidor no Homem Universal, na encarnação geral, ideal e definitiva da Espécie Humana, a considerar o consumo como as primícias da <<libertação humana>>, que acabaria por cumprir-se em vez de e apesar do fiasco da libertação político e social. Mas, o consumidor nada tem de ser universal: surge como ser político e social, como força produtiva e como tal, suscita problemas históricos fundamentais, como os da propriedade dos meios de consumo, da responsabilidade económica. (Baudrillard, 1991, p. 85).

Este discurso sobre uma cultura hipertecnológica de consumo, evidencia uma época individualista, defendida desde o século XVIII, que desequilibra o sistema de valores e que reconhece o indivíduo como ser livre e igual, induzindo-o ao consumo. Na atual configuração familiar, verificamos a utilização de telemóveis, computadores, jogos, entre outros, essencialmente para uso individual (Lipovetsky e Serroy, 2008), permitindo uma gestão do tempo individual, e originando um mundo pessoal e restrito. Neste sentido, torna-se “essencial formar cidadãos que sejam criticamente atentos às redes de interesses que guiam a produção e disseminação das tecnologias de informação” (Carvalho, Pintassilgo & Sousa, 2005, p. 39).

Para contrariar esta tendência consumista de massificação, acreditamos no investimento no ensino artístico, e em particular no ensino do Desenho, pois estimula o fazer manual e único, e reforça ao estudo e a análise, conforme refere Elliot Eisner (2008, p.10):

A temperatura de uma cor pode ser um pouco quente de mais, a margem de uma forma pode ser um pouco aguçada de mais, a percussão pode precisar de um pouco mais de dinâmica. O que as artes ensinam é que estes pormenores são realmente importantes. As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas.

Não queremos que todos sejam artistas, mas que através do estudo da Arte, sejam indivíduos que desenvolvem ideias e que saibam defendê-las, que explorem os sentidos e as suas aptidões, e, desta forma, possamos anular uma excessiva cultura tecnicista, que uniformiza os conteúdos, a avaliação e as expectativas.





## SEGUNDO | CONTEXTO ESCOLAR

### 2.1. Contexto histórico do Colégio Amor de Deus

O Colégio Amor de Deus é uma escola particular de cariz católico, cuja entidade proprietária é a Congregação das Religiosas do Amor de Deus, instituição religiosa católica, com personalidade jurídica e plena capacidade de autonomia, reconhecida pela legislação vigente.

Foi através da Congregação das Irmãs do Amor de Deus, fundada em 27 de Abril de 1864, pelo Padre Jerónimo Mariano Usera (1810-1891), com a missão de servir através da educação, que a escola nasceu, primeiramente, em Espanha.

Em Cascais, a sua história começa em 2 de Outubro de 1950 no Monte Estoril, com uma comunidade religiosa composta por 3 Irmãs e 1 postulante. No início, a escola destinava-se apenas ao ensino do pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, ministrado, exclusivamente, para alunos do sexo feminino.



Figura 1. Padre Jerónimo Usera



Figura 2. Primeira instalação da escola, no Monte Estoril

A partir de 1973, o Colégio alargou a sua oferta para o 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico, nas atuais instalações, na Avenida de Sintra em Cascais. Na década de 80, passou a integrar o ensino misto e alargou a sua oferta educativa ao nível do Ensino Secundário.

Segundo o seu lema “o Amor de Deus faz sábios e santos”, a escola apoia-se no modelo educativo idealizado pelo Padre Jerónimo Usera, que dedicou a sua vida à Educação e à oferta à sociedade de um sistema de educação baseado no amor e no estímulo do desenvolvimento harmonioso da pessoa como agente do seu próprio crescimento nas suas dimensões individual, social e religiosa.

Atualmente, a Congregação das Irmãs do Amor de Deus está presente em 69 comunidades, nos seguintes países: Cabo Verde, Moçambique, Angola, Chile, Peru, Bolívia, Brasil, México, Porto Rico, República Dominicana, Cuba, Guatemala, Estados Unidos, Alemanha, Itália, França, Portugal, Espanha e Filipinas. Em Portugal encontram-se organizadas em doze comunidades, tendo a sede em Fátima.

Hoje, o colégio é composto por cerca de 1200 alunos, distribuídos por 48 turmas nos seis níveis de ensino: pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

## **2.2. Localização**

O Colégio Amor de Deus está localizado na Avenida de Sintra, nº 1451, na confluência de três freguesias do Concelho de Cascais: Alcabideche, Cascais e Estoril. A zona envolvente ao Colégio, compreende bons acessos e é essencialmente constituída por habitações, nomeadamente por prédios e vivendas. O pessoal docente, não docente e alunos deslocam-se em carros particulares, de autocarro ou a pé.



Figura 3. Vista panorâmica da escola e envolvente

O Concelho de Cascais é composto por quatro freguesias: Cascais-Estoril, Alcabideche, São Domingos de Rana e Parede-Carcavelos, e compreende uma população, que cresceu 28% nas últimas décadas, com cerca de 218 mil habitantes. Atualmente, tem na sua área geográfica 166 estabelecimentos de ensino, apresentando uma taxa de ocupação nos estabelecimentos de ensino público, no universo do ensino básico, em situação de sobrelotação. No entanto, o mesmo não acontece ao ensino secundário, devido à diversidade de vertentes curriculares e de cursos tecnológicos.

Segundo os últimos documentos publicados, a Carta Educativa do Concelho de Cascais e o Censos de 2011, 51,2% dos alunos encontram-se matriculados no setor público, 43,2% no privado e 5,5% está a cargo de IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social). Esta distribuição reflete uma situação muito particular no contexto nacional, com um equilíbrio entre os alunos inscritos no ensino público e no privado.

Na última década, no Concelho de Cascais, verificou-se um grande aumento dos níveis globais de instrução e, principalmente, uma maior frequência de alunos no Ensino Superior. A formação académica dos residentes com o 3º Ciclo do Ensino Básico quase duplicou, passando de 35,3% para 55,7%, sendo que ao nível do Ensino Superior é de 21,2%. Valores muito superiores quando comparados com a média nacional que são, respetivamente, de 38% no 3º Ciclo e de 10,6% no Ensino Superior (Censos, 2011).

### **2.3. Instalações**

A escola encontra-se organizada em quatro estruturas designadas por: edifício 1, edifício 2, edifício 3 e edifício 4.



Figura 4. Todos os edifícios que compõe o espaço da escola

O edifício 1 é o edifício principal do colégio e encontra-se localizado na entrada de todo o complexo. Este edifício é constituído por quatro pisos, onde se distribuem as 34 salas de aulas destinadas aos alunos dos níveis de ensino 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, biblioteca, secretaria, gabinetes administrativos (sala do diretor geral, sala do diretor pedagógico, contabilidade e gabinete de coordenação), ginásio interno, enfermaria, lavandaria, capela, sala dos professores, instalações sanitárias, dormitórios das irmãs e outros espaços de apoio. Neste mesmo edifício também se encontram as salas destinadas às aulas de Educação Visual, Educação Tecnológica, Desenho e Oficinas de Artes.



Figura 5. Edifício 1 e entrada da escola

O edifício 2 caracteriza-se por ser o espaço destinado ao refeitório, cozinha, instalações sanitárias e bar.



Figura 6. Interior de edifício 2

O edifício 3, organizado em três pisos, é constituído por 18 salas de aulas destinadas ao Pré-Escolar e ao 1º Ciclo do Ensino Básico, e ainda comporta dois ginásios, enfermaria, gabinetes de apoio (psicologia, sala dos professores...) e instalações sanitárias.



Figura 7. Interior do edifício 3

O edifício 4 alberga funcionalmente, um pavilhão polivalente gimnodesportivo com auditório, uma piscina, balneários, instalações sanitárias, três laboratórios de Física e Química, uma sala de reuniões, uma sala de informática, duas salas de apoio, uma sala para as aulas teóricas de Educação Física, uma sala de jogos, algumas salas para arrumos e apoio técnico e uma sala para a disciplina de Educação Tecnológica.

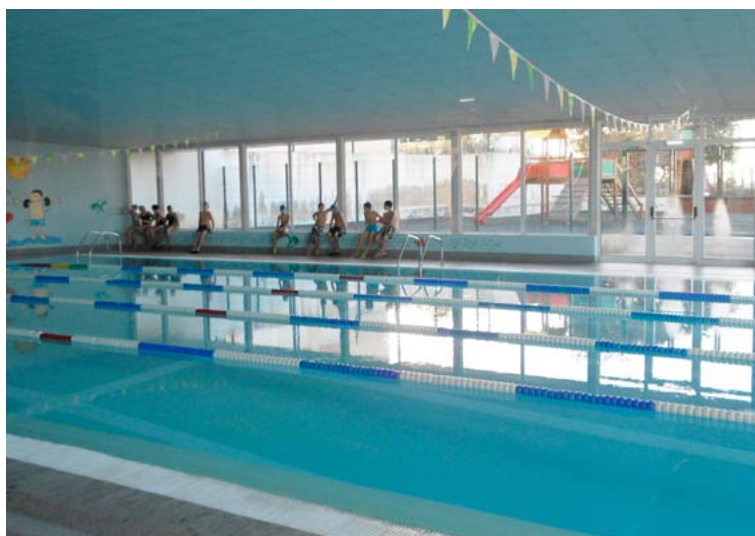


Figura 8. Interior edifício 4 - piscina



Figura 9. Interior edifício 4 - pavilhão gimnodesportivo

A área circundante aos edifícios é composta por quatro campos de jogos não cobertos e destinados às aulas de Educação Física, entre outras atividades, dois parques infantis (um para o pré-escolar e um para o 1º Ciclo), zonas de circulação e jardim.



Figura 10. Espaço exterior, campo de jogos destinado ao pré-escolar e 1º ciclo

#### **2.4. Organização Escolar e Curricular**

A Organização Escolar e Curricular está dividida em: Conselho de Administração, Direção Executiva, Conselho Pedagógico, Departamentos e Coordenações.

O Conselho de Administração compreende o Diretor Geral, o Diretor Pedagógico, a Superiora da Comunidade e o Administrador.

A Direção Executiva compreende o Diretor Geral, o Diretor Pedagógico, os Coordenadores de todos os níveis de ensino, o Coordenador da Pastoral, a Superiora da Comunidade e o Administrador.

O Conselho Pedagógico abrange o Diretor Pedagógico como presidente, os responsáveis de cada departamento, os Coordenadores de cada nível de ensino, o Coordenador do Serviço Especializado de Apoio Educativo e o Coordenador da Pastoral.

Os Departamentos estão divididos nas seguintes áreas: Artes, Educação Física, Ciências Exatas, Ciências Experimentais, Ciências Humano-Sociais, Educação Moral e Religiosa Católica, Línguas Estrangeiras e Português.

## **2.5. Os Espaços das Artes Visuais**

Os responsáveis pelo Colégio Amor de Deus acreditam que as Artes Visuais desempenham um papel fundamental em todo o percurso escolar dos alunos e, por isso, investe funcionalmente nesta área.

As aulas de Expressão Plástica, desenvolvidas para os alunos do Pré-Escolar e 1º Ciclo, são realizadas nas salas de aula das turmas com um professor de Artes Visuais. As aulas de Música são ministradas nos ginásios, por professores de música.

Para os alunos do 2º Ciclo, 3º Ciclo e Secundário as aulas de Educação Visual, Educação Tecnológica, Desenho A e Oficina de Artes são ministradas em salas próprias para cada disciplina, distribuídas por quatro espaços. As aulas de Geometria Descritiva, disciplina que também compõe o departamento das Artes Visuais, são realizadas na sala de aula da própria turma.

A sala 1.2 está localizada no edifício principal (edifício 1), destina-se, especificamente, às aulas de Oficina de Artes e Desenho A, e aos alunos do 10º, 11º e 12º anos do Ensino Secundário do curso de Artes Visuais. Esta sala apresenta ótima condição de iluminação natural e está equipada com estiradores individuais no formato 90 x 60 cm, projetor de vídeo e ecrã, quadro de giz, lavatório, diversos móveis de apoio aos alunos, livros, computador, duas mesas de luz no formato 65 x 115 cm, modelos em plástico, painéis em cortiça para fixação de trabalhos, despensa e alguns armários com diversos objetos para auxílio às aulas, como panelas, vidros, troncos, etc...



Figura 11. Sala 1.2

A sala 2.1 destina-se à prática da disciplina de Educação Visual, e também tem ótimas condições de iluminação natural, armários para apoio de trabalhos e pastas dos alunos, estiradores individuais no formato 90 x 60 cm, lavatório, aparelhagem de som, projetor de vídeo e ecrã.



Figura 12. Sala 2.1

As aulas de Educação Tecnológica estão divididas em dois espaços: Sala 2.2 no edifício 1 e Sala ET no edifício 4. Estas aulas são ministradas por um professor por cada grupo de quinze alunos. A sala 2.2 tem uma excelente condição de iluminação natural, muitos armários, dois fornos, quadros, projetores, lavatórios, arrecadação, etc. A sala ET não se apresenta como um espaço muito grande, mas está equipada com diversos tipos de ferramentas e mesas de trabalho.



Figura 13. Sala 2.2



Figura 14. Sala ET

## 2.6. Comunidade escolar

No ano escolar 2013/2014, a população da escola era composta por 1239 alunos, distribuídos por 48 turmas, e funcionando segundo a legislação aplicável e critérios exigidos pelo Ministério da Educação. O Ensino Secundário contou com três áreas de ensino: Ciências e Tecnologia, Ciências Sócio-Económicas e Artes Visuais, sendo que esta última área, considerada a grande aposta do Colégio, continha quatro turmas ao nível do ensino secundário com um total de 83 alunos. Conforme poderemos verificar no gráfico que se segue, a distribuição nos alunos aos diferentes níveis de ensino apresenta-se muito equilibrada. A diferença numérica está no pré-escolar que apresenta um número de alunos inferior aos outros níveis de ensino, pois apenas

contém duas turmas por cada ano, ao contrário dos anos seguintes que tem pelo menos três turmas em cada ano de ensino.

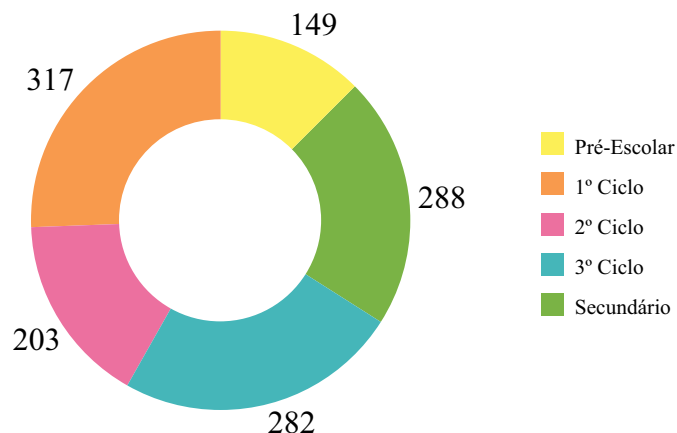


Gráfico 1. Corpo discente

Os alunos da escola têm idades compreendidas entre os três e os dezanove anos, dos quais, mais de 90% são residentes no Concelho de Cascais, essencialmente nas freguesias de Cascais, Alcabideche e Estoril, e os restantes são oriundos dos Concelhos de Sintra, Oeiras e Lisboa.

A escola, no ano letivo 2013/14, contou com 81 professores distribuídos pelos diferentes departamentos curriculares e com 89 funcionários distribuídos pelas diversas funções operacionais e de apoio.

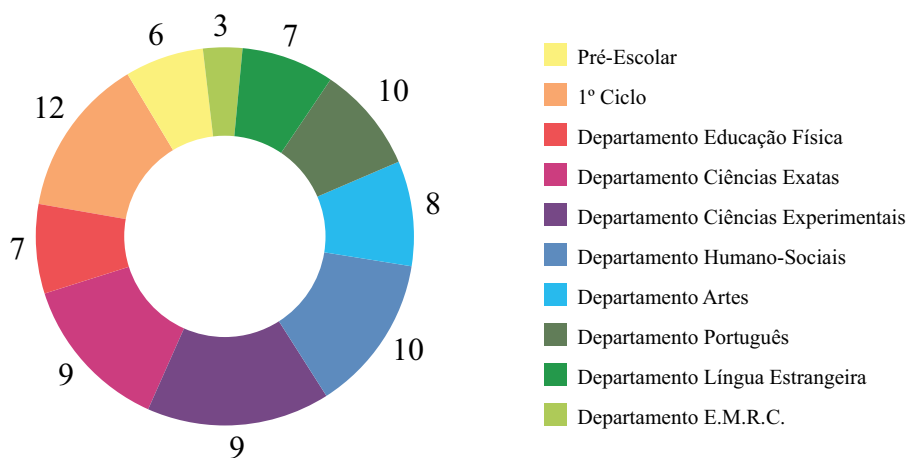


Gráfico 2. Corpo docente

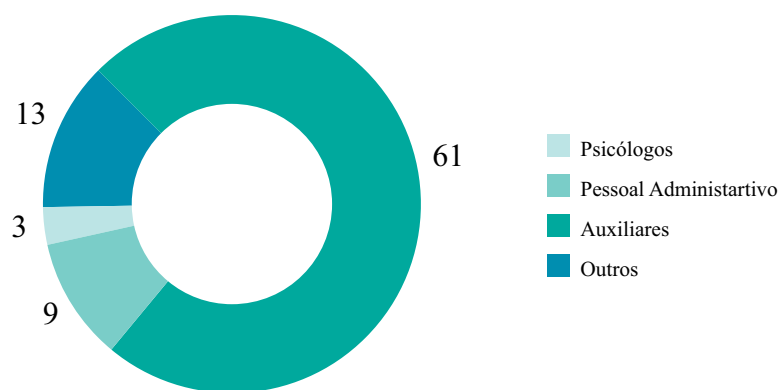


Gráfico 3. Corpo não docente

## 2.7. Projeto Educativo

O modelo educativo do Colégio Amor de Deus baseia-se, conforme já referido, nos ideais herdados do Padre Jerónimo Usera, fundador da Congregação das Religiosas do Amor de Deus, que têm como princípios o desenvolvimento da personalidade, a autonomia, o espírito em família, a autenticidade, a responsabilidade, o respeito pelo próximo, a identidade e a qualidade numa educação integral e humanista, que acredita no Amor, assente numa visão cristã do mundo e da vida e no modelo: “Educar por amor, em amor e para amor” (Colégio Amor de Deus, 2014c, p.8).

O projeto educativo tem como objetivo incentivar a identidade e estimular a educação das famílias numa sociedade pluralista e democrática, visando uma ação educativa pastoral e com critérios pedagógicos básicos, orientados à dimensão do indivíduo socialmente e naturalmente, mas também na construção de uma escola inclusiva.

A escola inclusiva propõe um processo educativo assente na integração social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm direito a uma boa escolarização. Este tipo de escola apresenta-se como vanguarda no processo educacional, e tem como objetivo aceitar diferentes escalões sociais, e originar níveis de bom desempenho a todos os alunos envolvidos. A colaboração e cooperação também fazem parte deste processo de ensino, privilegiando as relações sociais e a rede de entre ajuda, que se coadunam com a doutrina cristã.

Com o apoio de professores especializados, a escola inclusiva procura estabelecer relações próximas com os alunos, para melhor entender as suas dificuldades e poder resolvê-las, integrando-se na comunidade, estimulando a parceria de pais e

educadores, atendendo às necessidades de cada aluno. Apoiado na doutrina cristã, a escola procura direcionar todos os membros da sua comunidade, principalmente os alunos, para uma vida com sentido, respeito e liberdade através de um crescimento progressivo e responsável.

É fundamental promover o equilíbrio afetivo, cultivando um espírito crítico e criativo, num ambiente de trabalho, onde é possível desenvolver as capacidades de cada aluno no seu intelecto, numa forma física saudável, na compreensão global do Homem e num entender e viver a sexualidade de forma positiva e serena.

Todo este processo também está assente no estímulo do exercício de observação, reflexão, aprofundamento, diálogo e ação à favor do sentido de justiça e verdade sobre os seus próprios direitos e deveres, e em dever aos outros, fomentando a solidariedade, a colaboração com todos e para todos, e especialmente, com os mais carenciados.

Pretende-se que o ambiente escolar estimule a um clima de estima, acolhimento, confiança e segurança, orientando cada membro na descoberta e aceitação dos seus próprios valores e limitações. O trabalho de grupo também faz parte do projeto educativo, que acredita na sua aprendizagem, comunicação, produção e socialização, permitindo desenvolver a prática do diálogo recíproco, a tolerância e a concórdia, estimulando o dinamismo criativo e a sensibilidade estética, individualmente e em grupo, como fonte de alegria, celebração, convivência, prazer e apoio cultural.

A instituição familiar é um elemento essencial na execução deste projeto educativo, que entende a realidade Família/Escola como um todo único.

A metodologia deste projeto educativo apoia-se em aspetos didáticos, pedagógicos e pastorais. Este último aspeto tem como objetivo final “o Homem - pessoa livre, solidária e transcendente à luz do Evangelho” (Colégio Amor de Deus, 2014a, p. 6), incentivando um espaço de humanização e de liberdade, assente no respeito, no diálogo, na espontaneidade no trabalho, na ajuda e na amizade, promovendo uma relação de educador e aluno e incentivando a aprendizagem: “Aprender a ser, Aprender a amar, Aprender a pensar, Aprender a tomar decisões, Aprender a fazer” (Colégio Amor de Deus, 2014a, p. 8). Mas para o sucesso desta metodologia, é necessário que a comunidade educativa, composta por alunos, pais e encarregados de educação, docentes, não docentes, entidade titular e instituições, parceiros e complementares se

comprometam no esforço de atingir metas assentes nos valores da vida, transmitidos por atitudes honestas, interesse real, aceitação dos princípios básicos da escola e vontade de cada um assumir, as suas funções e responsabilidades.

A proposta educativa assenta sobre três documentos: o Projeto Educativo, o Projeto Curricular e o Regulamento Interno, que juntamente com o Plano Anual de Atividades e a Memória Anual (registo de todos os eventos que existem no Colégio: visitas de estudo, festas comemorativas, entre outros) constituem a organização educativa legal num contexto de ação educativo-pedagógica.

## **2.8. Departamento de Artes**

Um dos principais objetivos do Departamento de Artes do Colégio do Amor de Deus é o de oferecer aos alunos as competências necessárias que lhes permitam ter o maior sucesso numa carreira profissional ligada às Artes, ou simplesmente desenvolver a sua sensibilidade artística e o gosto pelas Artes em geral.

Este departamento, para além de estar atento aos conteúdos das orientações programáticas, estimula os alunos a atingirem níveis de desempenho que, numa primeira análise, possam parecer impossíveis. O objetivo é desenvolver o saber fazer, e não tanto o saber como se faz, permitindo ao aluno evoluir ao longo da sua escolaridade, incentivando a crença de que é possível atingir padrões de grande qualidade, superiores ao esperado, com muita insistência, dedicação e trabalho.

O Departamento das Artes apoia os seus professores no desenvolvimento das suas diversas iniciativas, pois acredita que estes representam um papel essencial em sala de aula. Sem descuidar a promoção e organização, através das diferentes eventos e atividades: exposições, concursos, visitas de estudo, formações temáticas, divulgação *online*, entre outras, valorizando não só as turmas, mas, principalmente, os seus alunos e a própria escola. A divulgação *online* é atualizada semanalmente ou, quando necessário, e faz referência aos trabalhos dos alunos de todos os níveis de ensino. Esta divulgação está disponível no *facebook* em <http://www.facebook.com/artescad>.

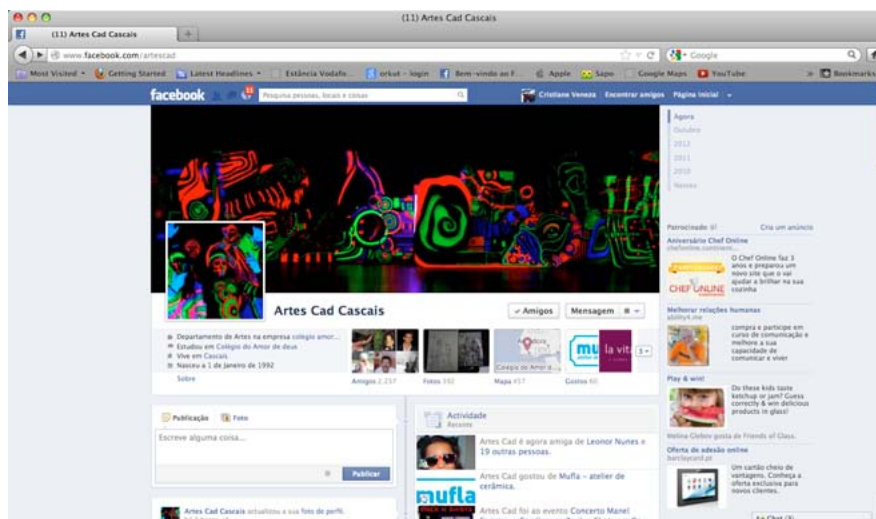


Figura 15. As Artes do Colégio Amor de Deus no facebook

O Departamento de Artes é composto por oito professores, que lecionam as disciplinas de Expressão Plástica, Educação Visual, Educação Tecnológica, Desenho, Geometria Descritiva, Oficina de Artes e Expressão Musical. Sendo que, mais de metade dos professores são oriundos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, conforme poderemos verificar segundo o gráfico que se segue:

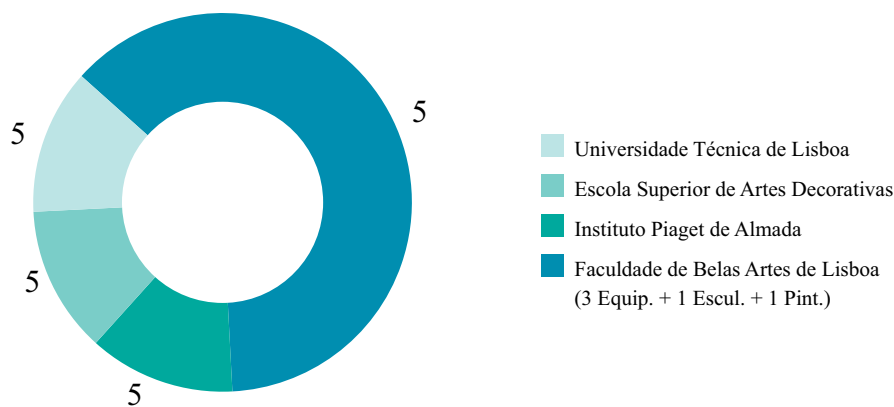


Gráfico 4. Corpo docente do departamento de Artes

## 2.9. Caracterização da turma

A turma 12.4, do 12º ano do Ensino Secundário, foi a escolhida para a realização do estágio. Esta turma é constituída por vinte e um alunos, sendo cinco do sexo masculino e dezasseis do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos. Todos são de origem cultural portuguesa.

A caracterização socioeconômica dos alunos é média, e todos os pais encontram-se empregados. No que diz respeito à caracterização da estrutura socioafetiva, a maioria dos alunos são provenientes de famílias biparentais estáveis, excetuando três alunos que têm famílias monoparentais.

Na turma, não existe nenhum aluno sinalizado com necessidades especiais, e à exceção de apenas um aluno, todos frequentaram o Colégio Amor de Deus no ano anterior.

Ao longo de todo o estágio, a turma mostrou-se bastante acolhedora, afável e simpática. Os alunos mantêm boas relações de amizade entre si, o que provoca, por vezes, alguma agitação em sala de aula, exigindo do professor maior presença e atenção. Aos alunos é pedido esforço e dedicação na execução dos trabalhos, pois todos os alunos ambicionam dar continuidade aos seus estudos, ingressando no Ensino Superior.



TERCEIRO | DIDÁTICA CURRICULAR E PROFISSIONAL

---



### **3.1. Caracterização da unidade didática**

#### **3.1.1. A disciplina de Desenho A**

A disciplina de Desenho A, inserida no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do Ensino Secundário (Ramos, Barros, Queiroz & Reis, 2002), tem como finalidade fazer o aluno perceber, comunicar e dominar a aquisição de técnicas e conhecimento, bem como a expressão, a investigação, a figuração, a interpretação e a construção, enriquecendo a sua componente cultural e social, através da observação crítica perante tudo o que o rodeia.

O programa da disciplina de Desenho A pretende ser motivador e “motriz quanto à capitalização das novas gerações: área de acolhimento onde a maturação bio-psico-social se processa com oportunidade, sem oprimir ou ultrapassar as complexidades crescentes e em conflito que caracterizam a sociedade” (Ramos Barros, Queiroz & Reis, 2001, p. 3), reforçando a capacidade de interação e identificação no aluno. Esta disciplina tem como objetivo dinamizar a “educação através da arte”, mas também assegurar a “educação para a cidadania” (Ramos et al., 2001). Assim sendo, pedagogicamente, o professor tem a missão de gerar e estimular o desenvolvimento estético, o sentido de superação dos alunos, da apreciação e recriação da forma, respondendo às necessidades e experiências próprias, motivando o aluno para a aquisição de competências e a aceitação das diferenças, numa perspetiva de saber “olhar o mundo” com a capacidade de representar, enriquecendo o indivíduo e a sua característica humanista.

O professor, como orientador, tem o papel determinante e estimulante, assumindo a responsabilidade por implementar a dinâmica característica desta disciplina, pois o desenho está em constante mutação de formas e conceitos, participando no desenvolvimento cognitivo e psicomotor, podendo também refletir no ambiente social.

O desenvolvimento dos conteúdos da disciplina está assente em estudos direcionados para a análise das formas (naturais e artificiais) levando o aluno a um processo de síntese, estimulando o domínio da linguagem gráfica, plástica e do design, com implicações ao nível da cor, do espaço, do volume, da luz, entre outros fatores importantes, de forma a originar o desenvolvimento da perceção. O diário gráfico também é um elemento de extrema importância em todo este processo de

aprendizagem, questionamento e desenvolvimento, tornando-se um aliado em todo o processo de estudo, análise e reflexão.

Assim sendo, a disciplina de Desenho A apresenta-se como fundamental para o autoconhecimento do ser, o desenvolvimento do espírito crítico e da sensibilidade estética; o aprofundamento da consciencialização histórica e cultural, o domínio de conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica, através da exploração de diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos que possibilitam a experimentação e a manipulação aos novos desafios e ideias.

### **3.1.2. As aulas de Desenho A e o projeto do Sarau**

A planificação das aulas de Desenho, que decorreram ao longo do 2º período, tiveram como objetivo curricular a preparação para a comemoração dos 150 anos da Congregação das Religiosas do Amor de Deus, fundada em 27 de abril de 1864.

Todos os anos, o Colégio Amor de Deus, no início do 3º período, juntamente com a sua comunidade escolar, realiza a Festa da Comunidade Educativa. Esta comemoração desenvolve-se durante dois dias. No primeiro dia, a partir das 20:00h realiza-se um evento cultural e musical desenvolvido pelos alunos no 2º Ciclo, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, e compreende um momento de expressão e manifestação artística, designado por Sarau. No segundo dia, sempre num sábado, a comemoração é destinada, na parte da manhã aos alunos do ensino pré-escolar e na parte da tarde aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico. No ano letivo de 2013/14, a Festa da Comunidade teve um cariz especial, devido à comemoração dos 150 anos da instituição, e decorreu nos dias 25 e 26 de abril.

A Festa da Comunidade é caracterizada como o momento das Artes, e manifesta-se com apresentações, música, performances e uma exposição de todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos nas aulas de artes visuais em todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao 12º ano. O Ensino Secundário da área das Artes Visuais, constituído por uma turma do 12º ano, uma do 11º ano e duas do 10º ano, assumiram um papel de grande responsabilidade, porque esta comemoração realiza-se sobre a esfera da sua área de estudo.

Para o desenvolvimento da Festa da Comunidade Educativa, em cada ano, é atribuído um tema. O tema central escolhido para o ano letivo 2013/14 foi: “Grande é

o amor de Deus”. Este tema teve a finalidade de fazer reforçar a família Amor de Deus, a sua história e o reconhecimento do amor de Deus através da dedicação e do empenho do padre Jerónimo Usera.

Inspirado no tema: “Grande é o amor de Deus”, todos os níveis de ensino desenvolveram subtemas. Ao Ensino Secundário da área das Artes Visuais foi-lhe atribuído o subtema: “A Escola de Futuro”, baseado num dos objetivos presente nas fichas, e distribuídas a toda comunidade educativa, designadas *Em comunhão para a missão*: “Aprofundar no conhecimento das nossas origens para valorizar o presente e projetar o futuro” (Coordenação Geral de Missão Amor de Deus, 2014, p. 8). Neste sentido, a partir de uma performance, uma coreografia, um cenário e guarda-roupa, estudou-se o desenvolvimento das relações entre a tecnologia e o homem, numa perspetiva onde as máquinas existem para fortalecer o desempenho humano, na atualidade e no futuro, pois são de facto um grande auxílio; mas se não houver a componente humana e o amor de nada servirão. Assim, ao longo do 2º período, a preparação das aulas de Desenho, como disciplina específica e obrigatória do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, serviu de base ao conhecimento, esclarecimento e discussão, bem como contributo para um processo de introspeção, reflexão crítica, envolvimento e crescimento dos alunos enquanto seres pensantes, a fim de se prepararem para a sua apresentação no Sarau.

### **3.1.3. Âmbito dos conteúdos programáticos**

As aulas tiveram como base os conteúdos programáticos definidos pelo programa de Desenho A, estabelecidos pelo Ministério da Educação Português, a preparação técnica para a realização dos Exames Nacionais e o Sarau. Neste âmbito, o desenvolvimento dos conteúdos programáticos compreendeu a exibição de um filme, a simulação de dois exercícios de exame e a realização de dois exercícios em sala de aula, em simultâneo com os trabalhos realizados em diário gráfico. Os dois exercícios implementados em sala de aula, obedeceram às características definidas pelo programa de Desenho A, sendo que o primeiro se baseou na articulação da figura humana com uma fonte mecânica ou utensílio, e o segundo com a animação e sequência narrativa. Em ambos os casos, os conteúdos procuraram estimular o aluno a procedimentos e técnicas de registo, à análise e estudo das formas, ao grafismo, à invenção, bem como ao domínio da linguagem plástica, movimento, interpretação e imaginação.

### **3.1.4. A conceção das Aulas**

A planificação construída e destinada à organização das aulas de Desenho visa possibilitar aos alunos do 12º ano uma análise e observação crítica sobre o mundo em redor, bem como a preparação e aquisição de competências técnicas para a realização dos Exames Nacionais, visto os alunos se encontrarem no último ano do ciclo escolar de estudo e ambicionarem transitar para o Ensino Superior, mas também, conforme já mencionado obterem, a pré-preparação para a apresentação do Sarau.

Por ser uma disciplina obrigatória e assumir uma grande responsabilidade ética e estética na formação dos indivíduos aptos para as Artes Visuais, as aulas de Desenho têm como missão contribuir como espaço de transmissão, consciencialização e formação integral dos alunos. Neste sentido, a planificação proposta para a unidade didática reforça o estudo do desenho à vista como auxílio aos exercícios de composição, assente numa metodologia de observação e exploração de imagens. A planificação integra exercícios de desenho analítico, a par de ações que promovam a capacidade de síntese, o sentido crítico e a responsabilidade ética.

A execução do plano das aulas (Anexo A) iniciou-se com a exibição do filme *Metropolis*, ponto de partida para a reflexão a empreender, seguindo-se a simulação de um exercício de exame, com o fim de avaliar e perceber as carências técnicas da turma; depois desenvolveram-se dois trabalhos de construção, aumentando os recursos técnicos necessários aos alunos. Esta fase foi concluída com outra simulação de um exercício de exame. Todo este trabalho foi acompanhado por uma avaliação formativa e contínua, a qual permitiu perceber a aquisição dos conhecimentos pretendidos, informando e sensibilizando o aluno para a ideia de futuro, o desenvolvimento social, a tecnologia como adjuvante para a realização, sem deixar de alertar para a dependência, o consumo material, o individualismo e a manipulação. Pretendeu-se que, no final do 2º período, os alunos apreendessem os conceitos e símbolos necessários à execução do guarda-roupa, à criação da coreografia e à identificação e diferenciação do grupo das Artes para efeitos da apresentação no Sarau. Este plano de aulas teve a preocupação de promover os exercícios a nível individual, suscitando um olhar pessoal sobre os temas em questão, sem desmerecer a convivência e o respeito mútuo.

## 3.2. Estratégias de Ensino

### 3.2.1. A prática educativa

Ensinar é, antes de tudo, um ato de partilha e afeto. O professor, como orientador, partilha o seu conhecimento com outras pessoas, transmitindo não apenas o que sabe, mas as suas referências e a sua cultura. O ato de ensinar, inserido num contexto escolar, facilita a organização dos conteúdos, mas também a diversidade de informação a ser adquirida, a fim de originar a consolidação de práticas e atividades, tendo em vista o desenvolvimento pessoal.

As estratégias de ensino desenvolvem-se, segundo Maria do Céu Roldão (2010), a partir da conceção da ação, que analisa o porquê do exercício, para quem e para quem, seguido da sua instrumentalização, que responde às questões relativas à sua operacionalização, ou seja, com que meios, atividade, tarefas e ordens que devem seguir, de forma a transformar a ideia em ação. Neste sentido, a elaboração da unidade didática parte da necessidade de possibilitar aos alunos uma consciencialização a partir da reflexão e prática do desenho e aplica-se de acordo com uma lógica sequencial, onde o aluno vai adquirindo e enriquecendo o seu próprio conhecimento, de forma crescente e consistente.

Em todo o processo pedagógico, o professor assume um papel de orientador. Segundo Roldão (2010), o professor como profissional de educação caracteriza-se pela função, saber, poder e reflexividade. O estágio concretizou-se tendo em mente a necessidade de ensinar algo que se apresenta de forma complexa e, neste caso, a *função* exigiu interatividade e disponibilidade para fazer reajustes. O processo de trabalho relativo ao *saber* educativo consistiu na mobilização dos domínios do conhecimento científico, metodológico e técnico. O *poder* traduziu-se nos conteúdos a serem ministrados possibilitando autonomia e decisão. A *reflexividade* esteve presente como elemento chave da exigência profissional, levando ao questionamento da eficácia das aulas e dos exercícios, os resultados, os pontos fortes e fracos, a fim de originar a melhoria das aprendizagens.

A ação estratégica organizou-se pela seguinte ordem: em primeiro, sobre a análise do tema do Sarau e os objetivos a atingir; em segundo, nas atividades e exercícios a desenvolver; e em terceiro, na preparação dos recursos a serem disponibilizados aos alunos. Todo o trabalho organizou-se tendo em vista a etapa final, o exame nacional de Desenho A.

As aulas de Desenho implicam exercícios com determinados propósitos pedagógicos, contribuindo para a aquisição de hábitos de trabalho e de disciplina, por parte dos alunos, contribuindo, também, para a promoção contínua da sua autonomia. Assim sendo, a planificação incluiu a consciencialização dos alunos para os objetivos definidos e afirmados na sala de aula, estimulando a auto iniciativa e, ao mesmo tempo, verificando as dificuldades, as potencialidades, os pontos de interesse e as características pessoais de cada aluno. Nesta planificação houve o cuidado de integrar as aprendizagens e as experiências dos alunos, articulando a unidade didática e o tema do Sarau com o conteúdo curricular.

A seleção dos recursos procurou responder às necessidades didáticas, assentes em técnicas de observação, demonstração, exposição e experimentação, mas também, tendo em conta o espaço onde se inseriu, o tempo oferecido e os meios disponibilizados, expressando os objetivos e as competências a serem adquiridas.

### **3.2.2. Desenvolvimento de competências**

Desenho A foi definida como espaço à discussão e ferramenta à experimentação, a fim de alcançar uma construção reflexiva, resultado de uma estratégia pedagógica.

A aprendizagem dever ser um processo dinâmico e ativo de transferência de informação responsável que permita a mudança através da experiência, possibilitando a aquisição de saberes, descoberta e aquisição de competências. Na sala de aula, queremos que a aprendizagem seja significativa e transformadora, ou seja, que promova no aluno um novo comportamento e que possibilite novos pensamentos e competências.

No entanto, e segundo David Elkind (1982 cit. Almeida, 2002), toda a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento cognitivo assente exclusivamente na memorização, acaba sempre por desaparecer, nunca se integrando na estrutura do conhecimento do aluno. Adaptar a forma como o aluno adquire os conhecimentos torna-se diferenciador em todo este processo de ensino e aprendizagem, pois a transferência de conhecimentos “não é automática, adquire-se pelo exercício e por uma prática reflexiva, nas situações que permitem mobilizar, transpor e combinar os saberes, bem como inventar uma estratégia original a partir dos recursos que não a contêm, nem a ditam” (Perrenoud, 2003, p. 32).

Em todo o plano social e educacional, a aquisição de uma dada competência não é sinónimo de conhecimento, mas sim de gestão, de integração, de relação e de manuseamento dos recursos cognitivos que, por sua vez, originam decisões e atitudes em resposta a uma situação. O investimento na obtenção de competências não se verifica de imediato, pelo contrário, os resultados surgem a médio ou a longo prazo, por meio de comportamentos e ações futuras, de forma contínua e crescente, para além do tempo e do espaço escolar, num permanente processo de construção, confrontação, tomada de decisões e escolhas. Segundo Philippe Perrenoud (1999, cit. Ricardo, 2010, p. 618), o ensino por competências deve “promover uma *aventura intelectual* nos alunos e nos professores, no sentido de se opor à excessiva fragmentação e inflexibilidade comuns à pedagogia por objetivos, na qual se sabe exatamente como começará e como terminará o ano letivo”. Neste sentido, o plano das aulas foi estruturado de forma flexível e com escolhas didáticas que acompanharam as aulas, sendo ajustado conforme as necessidades e dificuldades manifestadas pelos alunos, acrescentado novos recursos, de forma a potenciar, explorar e confrontar as suas capacidades conforme refere Roldão (2003 cit. Dias, 2010, p.74):

A competência emerge quando, perante uma situação, o sujeito é capaz de mobilizar adequadamente diversos conhecimentos prévios, seleccioná-los e integrá-los de forma ajustada à situação em questão. Desta forma, a competência exige apropriação sólida e ampla de saberes, de modo a permitir ao sujeito que os convoque (de forma ajustada) quando se encontra face a diferentes situações e contextos.

E ainda, conforme refere Perrenoud (2003, p. 32), “uma competência permite enfrentar regular e adequadamente um grupo de tarefas e de situações, apelando a noções, conhecimentos, informações, procedimentos, métodos e técnicas, bem como outras competências mais específicas”, ou seja, a aquisição de competências é a capacidade individual de saber articular e relacionar os diferentes saberes, conhecimentos, atitudes e valores em prol de uma ação cognitiva, afetiva ou social sobre a realidade. Assim sendo, as competências estimuladas na sala de aula, conforme a planificação (Anexo A) construída, procuraram orientar os alunos para:

- 1) Saber respeitar o próximo;
- 2) Tomar decisões e agir socialmente como cidadão participativo e crítico;
- 3) Cooperar com os outros em tarefas e projetos comuns;

- 4) Manter uma postura adequada ao espaço onde está inserido;
- 5) Respeitar e organizar o espaço de trabalho;
- 6) Desenvolver as capacidades de observação, interrogação, autonomia e interpretação;
- 7) Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação;
- 8) Utilização do desenho e dos meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação;
- 9) Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos, utilizando-os como registo gráfico;
- 10) Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica;
- 11) Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência;
- 12) Utilizar corretamente o material didático de apoio;
- 13) Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias;
- 14) Compreender os conceitos do desenho rigoroso e ser criativo nos trabalhos propostos;
- 15) Compreender a importância de materiais e processos utilizados no fabrico de objetos técnicos;
- 16) Compreender que a natureza e a evolução da tecnologia é resultante do processo histórico;
- 17) Ajustar-se, intervindo criativamente e criticamente, às mudanças sociais e tecnológicas da comunidade/sociedade;
- 18) Elaborar soluções para os problemas propostos e propor soluções alternativas;
- 19) Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação;
- 20) Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros;
- 21) Compreender o objetivo da aula.

Um ensino que visa a aquisição de competências deve exigir uma maior participação e comprometimento do aluno. Nessa medida, as estratégias de ensino desenvolvidas, ao longo das aulas, apoiaram-se na perspetiva humanista defendida por Rogers, e já referida no ponto 1.4 da primeira parte deste relatório, com o intuito de permitir a cada aluno um melhor conhecimento de si mesmo através de uma prática baseada no estudo, de acordo com os interesses e o ritmo pessoal. No

âmbito da disciplina, foram debatidas as preocupações e as vantagens das novas tecnologias. Este debate permitiu aos alunos questionarem e procurarem uma melhor participação na sociedade, incluindo valores, éticas, atitudes e emoções. A aquisição destas competências projeta um futuro com cidadãos mais conscientes, mais livres, responsáveis e críticos.

A utilização de diversos recursos, como o *facebook*, a fotografia digital, entre outros, reforçou as estratégias adotadas no âmbito das novas tecnologias, e permitiu a atualização da comunicação com alunos, estimulando a empatia, bem como a partilha e a discussão dos conteúdos. A projeção do filme *Metropolis* fez parte integrante da estratégia de ensino, propiciando leituras e interpretações muito pessoais.

### **3.2.3. Metodologia aplicada**

O desenho é uma disciplina teórico-prática. Neste sentido, a metodologia aplicada partiu de uma análise teórica para uma prática intensiva, a fim de alcançar os dois objetivos definidos: a realização do Sarau e a preparação para o Exame Nacional.

As aulas foram pensadas de acordo com a exigência própria para alunos do 12º ano e incluiu uma metodologia expositiva, diagnóstica e interrogativa. As metodologias adotadas visaram a ampliação do conhecimento teórico sobre a Arte, os valores, a tecnologia, oferecendo condições para a compreensão do que ocorre no plano da expressão, do significado, da interação, da sensibilidade, da percepção, da reflexão e da imaginação.

As *aulas expositivas* tiveram um cariz informativo e de estímulo, expondo os conteúdos e os objetivos a serem alcançados. As *aulas diagnóstico* visaram perceber as dificuldades apresentadas pelos alunos, de forma a encontrar as melhores estratégias na obtenção de um resultado favorável para cada aluno. As *aulas interrogativas* tiveram um cariz, para além de demonstrativo e ativo, também motivacional, permitindo o acompanhamento individual dos alunos ao longo das diferentes fases de trabalho, estimulando o interesse e a participação, e levando-os à reflexão. As aulas centraram-se no aluno, procurando adaptar-se às questões colocadas pelos mesmos, de forma a desenvolver as capacidades dedutivas e indutivas, bem como a administração de uma melhor estruturação dos saberes.

### **3.3. Concretização**

#### **3.3.1. O plano das aulas**

O plano das aulas (Anexo A), estruturado para o 2º período do ano letivo 2013/14 (Anexos B), foi, sumariamente, dividido em cinco partes, compreendendo no total 23 aulas de 90 minutos. Cada parte é constituída por um conjunto de aulas e exercícios específicos, e permitiu a disponibilização de diversos recursos didáticos, que serão mencionados na descrição sumária das aulas.

No dia 12 de dezembro de 2013 a direção da escola realizou uma reunião com todos os alunos do ensino secundário de Artes, a fim de expor o tema e iniciar a preparação e estruturação do Sarau. No âmbito desta reunião, deu-se a conhecer o tema “A escola de futuro” e os conteúdos que serviram de base a reunião. Estes conteúdos, foram preparados pelo professor estagiário, e serviram de base de conhecimento e estímulo à discussão do tema, que naquele momento era exposto aos alunos de forma exclusiva.

Os conteúdos disponibilizados foram:

- *Breve história: da tecnologia primitiva aos dias de hoje* (Anexos C);
- um trecho da *Carta Encíclica Centesimus Annum do Sumo Pontífice João Paulo II* (Anexo D);
- a simbologia do triângulo (Anexo E);
- diversas imagens que expressavam a mensagem de futuro, de manipulação, de máquina... (Anexo F).

Na sequência desta reunião foi feito um texto estrutural da apresentação do Sarau, dividido em três momentos e disponibilizado, posteriormente, aos alunos: 1º momento – a ideologia, 2º momento – tecnologia *versus* valores, 3º momento – o equilibrado futuro tecnológico. Cada momento foi subdividido em três partes: verdade, trabalho e partilha (Anexo G).

Estes momentos também foram inseridos no plano das aulas, obedecendo à mesma ordem, conforme se pode verificar na descrição sumária das aulas.

Tendo como objetivo analisar a relação dos alunos com os diversos suportes tecnológicos, antes da implementação do plano das aulas, os alunos da turma 12.4 foram convidados a responder a um questionário (Anexo H). Este questionário voltou a ser realizado e preenchido na última aula lecionada. A repetição deste questionário visou perceber se no intervalo de tempo houve uma mudança significativa nos alunos.

No fim de todas as aulas foi solicitado aos alunos o preenchimento de um terceiro questionário (Anexo I) referente à avaliação do trabalho desenvolvido pelo professor estagiário.

A análise dos três questionários encontra-se presente na última parte desta dissertação: Quatro - Análise e Reflexão.

### **3.3.2. Descrição sumária da Parte 1**

No dia 12 de dezembro de 2013, decorreu a primeira aula de 90 minutos referente a Parte 1, e destinou-se à exibição do filme *Metropolis*. Esta aula teve um caráter diferenciador da estrutura normal, proporcionando um espaço de descontração, e funcionou como estímulo a novas aprendizagens, a novos conhecimentos, fomentando o gosto pela disciplina.

A aula teve um cariz expositivo, por meio da visualização do filme, que através de uma linguagem estética expressionista, pretendeu servir de ponto de partida ao desenvolvimento e apreciação crítica, que levasse à reflexão, observação plástica e futurista expressa pelo próprio filme, a fim de elucidar algumas questões e interesses, e proporcionar instrumentos à perceção e ao raciocínio de cada aluno.

O filme *Metropolis*, produzido em 1927, realizado por Fritz Lang, é tido como um filme de “culto”. Este filme é considerado um clássico do cinema de ficção científica e um marco do expressionismo alemão. A sua mensagem projeta a história de um futuro, onde a sociedade se encontra dividida em dois grupos: os trabalhadores, que são aqueles que vivem debaixo da terra, e a classe dominante, que vive à superfície. Os trabalhadores escravizados vivem desumanamente, em constante trabalho monitorizado, enquanto a classe dominante, pertencente a uma elite, aprecia a vida. No decorrer do filme, os trabalhadores passam a ser guiados por Maria, que acredita que entre a razão e o trabalho mecânico é necessário existir o amor, caso contrário a ordem natural não se apresenta equilibrada.



Figura 16. Imagem do filme “Metropolis”

A escolha do filme *Metropolis* deveu-se a diversos fatores. Em primeiro, pela preocupação de implementar em sala de aula um recurso cultural, que se inserisse nos meios tecnológicos e de comunicação. Em segundo, pelo filme ser ilustrativo e o cenário acessível à representação pelo desenho. Em terceiro, por representar um período da nossa história em que a ficção científica usava de diversos recursos, que não informáticos, para responder a uma ideia, e com isso demonstrar o nosso avanço tecnológico. Em quarto, por transmitir a linguagem plástica expressionista no seu apogeu, que pressupõe a arte como meio de desenvolvimento da pessoa, valorizando a imaginação e o poder criativo, enriquecida apenas a duas cores. Em quinto, pela sua mensagem, que põe em confronto o homem *versus* a máquina, reforçando a perspectiva de que as máquinas existem para o um melhor desempenho humano e são de facto um grande auxílio, mas se não houver a componente humana e o amor de nada servirão.

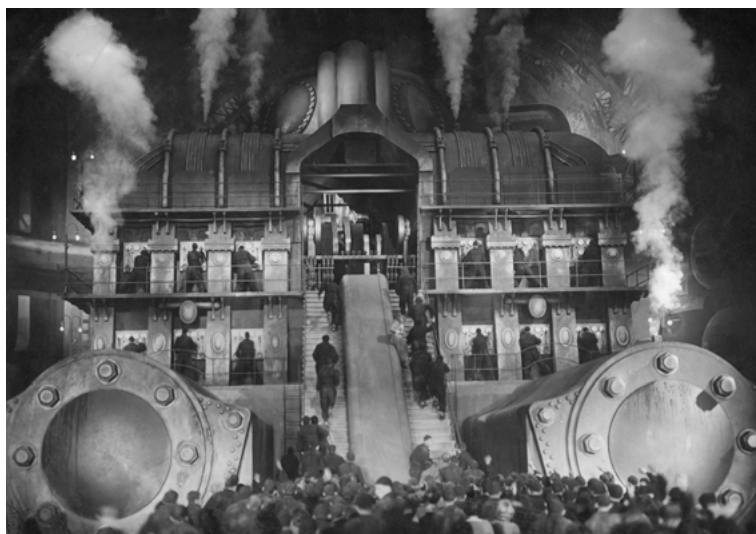


Figura 17. Imagem do filme “Metropolis”

Sendo o primeiro momento do Sarau, baseado na mensagem de que tudo se constrói com amor, e na ideologia da criação idílica assente nos valores do Padre Usera (que se divide: na *verdade* de Cristo e da palavra, no *trabalho* que exige esforço, dedicação e sacrifício e na *partilha* entre todos demonstrando uma vertente social e comunitária), a mensagem transmitida pelo filme adapta-se a estes mesmos valores e demonstra a fé na palavra, no esforço, no trabalho coletivo em comunhão com o respeito e o amor pelo próximo. A visualização do filme procurou criar uma ponte com a atualidade, pela análise das condições sociais, onde se verifica uma desigualdade social e ambiental em toda a ordem mundial.

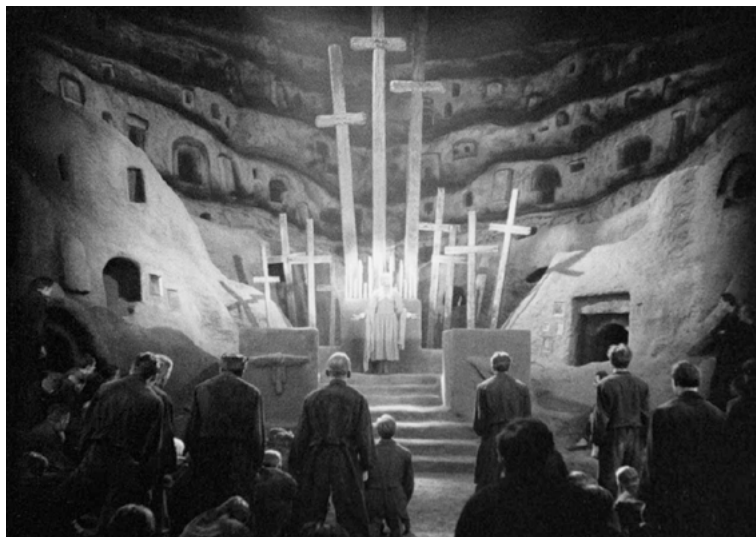


Figura 18. Imagem do filme “Metropolis”

Esta aula decorreu de forma tranquila, embora alguns alunos tenham demonstrado alguma agitação, pois o filme, sendo mudo, apresenta momentos menos dinâmicos, e os alunos demonstram dificuldades de concentração. Nesta aula não houve oportunidade para haver uma discussão e, por ter sido dada na última aula do 1º período escolar, foi pedido aos alunos, que na interrupção letiva pensassem sobre o filme, através de imagens e palavras, recorrendo ao diário gráfico. Este trabalho foi, posteriormente, alvo de análise de forma individual no decorrer das aulas.

### **3.3.3. Descrição sumária da Parte 2**

A Parte 2, realizou-se na aula do dia 7 de janeiro de 2014, e consistiu na simulação de um exercício de exame de Desenho A (Anexo J). Esta aula, de cariz diagnóstico, teve como objetivo perceber as capacidades dos alunos ao nível da

interpretação e execução criativa a partir dos referentes; os conhecimentos e aplicação dos procedimentos e das técnicas com adequação e correção; as capacidades de síntese, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstratas; bem como a identificação das dificuldades sentidas, quando confrontados com limites de tempo precisos para a sua execução e conclusão. Neste sentido, esta simulação exigiu, por parte do aluno, uma maior destreza e capacidade de lidar com o stress, desenvolve a interpretação em simultâneo com o registo gráfico, o domínio de processos de síntese e as técnicas de trabalho, entre outras competências. Com a implementação deste exercício esperou-se encontrar melhores estratégias para o desempenho e preparação dos alunos para a execução dos exercícios de exame de Desenho A, com vista à aquisição de conhecimentos ao nível do Exame Nacional, a fim de permitir a conclusão e o prosseguimento de estudos a nível do Ensino Superior<sup>25</sup>.

Após uma análise a todos os exames disponíveis no site do GAVE<sup>26</sup>, o exercício foi construído segundo as características definidas para a segunda parte dos exames nacionais, designada por “GRUPO II: Representação gráfica com exploração da capacidade de síntese”. Esta segunda parte é considerada como sendo a mais difícil do exame, pois exige um domínio técnico na utilização dos materiais escolhidos pelo próprio aluno; uma capacidade de análise e representação das formas e objetos, aliado à observação e interpretação do(s) referentes(s) (gráfico e/ou texto); domínio na estruturação e composição da linguagem plástica; capacidade de síntese e transformação gráfica e criativa, segundo a coerência formal e conceptual dos referentes; e ainda diversos processos de luz/sombra, enquadramento, transferência, escala, desenho à vista, pontos de inflexão, eixos e ângulos, contorno e cor, configuração, proporção, entre muitos outros, que intensifica e compõe uma imagem conforme características indicadas pelos enunciados.

A prova de Exame Nacional de Desenho A incide nos conhecimentos e nas competências enunciados no programa curricular, de acordo com o despacho normativo n.º 5/2013 de 8 de Abril. Nas provas de exame desta disciplina, o grau de exigência decorrente do enunciado e o grau de aprofundamento evidenciado nos critérios de classificação procuram obedecer a qualidade do processo da avaliação externa dos

<sup>25</sup> Os Exames Nacionais constituem uma avaliação sumativa externa, com o objetivo da obtenção de resultados uniformes e fiáveis sobre a aprendizagem, inerentes aos conteúdos programáticos definidos pelo currículo, e em concordância com as metas curriculares determinadas pelo Ministério da Educação Português.

<sup>26</sup> Gabinete de Avaliação Educacional, órgão do Ministério da Educação responsável pelo planeamento, coordenação, elaboração, validação, aplicação e controlo de instrumentos de avaliação externa das aprendizagens em todo território português.

alunos, incidindo sobre a validade do objeto de avaliação e também sobre todo o processo subsequente de correção.

Cada exercício do GRUPO II, tem um prazo de execução que corresponde a 70+15 minutos (tempo do exercício + tempo de tolerância), e é acompanhado com a identificação das cotações aplicáveis a cada exercício (Anexo K), de forma a permitir classificar, perceber e contribuir para a gestão do aluno.

A construção do exercício de exame teve por base a temática relacionada com o primeiro momento do Sarau, o programa da disciplina de Desenho A (Ramos et al., 2002), e o programa da disciplina de Português (Campos, Coelho, Grosso, Loureiro, Pascoal & Seixas, 2002), e neste sentido compreendeu os seguintes referentes: um excerto do Poema de Álvaro de Campos, “Ode Triunfal”, datado de junho de 1914, publicado no Orpheu, nº 1 de 1915, que nos remete para a fase futurista de Fernando Pessoa (cf. ponto 1.3.1. da primeira parte do relatório), e uma imagem da obra de Almada Negreiros, intitulada estudo para os painéis da Gare Rocha Conde de Óbidos, de 1948 (Anexo J).

Pretendeu-se com a seleção destes referentes abordar a produção em massa, a importância das máquinas e do movimento, assim como aludir para questões do domínio da sociedade sobre o Homem. No desenvolvimento deste exercício, os alunos, para além dos referentes obrigatórios, já mencionados, também puderam partir da mensagem do filme sobre a industrialização, manipulação, operacionalização, mecanização, produção e utilização do homem como suporte à produção e ao consumo desnecessário, que o leva a uma *felicidade comercial*, termo utilizado por Lipovetsky e defendido por Acaso, ao referir que “convercemos de que solo seremos felices comprando”<sup>27</sup> (Acaso, 2009, p.34).

A partir da observação da imagem e da interpretação do texto, segundo o enunciado, cada aluno deveria criar um desenho ilustrativo que, plasticamente, transmitisse ritmo, movimento e dinâmica, conforme as sugestões patenteadas pelos referentes, evidenciando a criatividade e a invenção, através da utilização de uma técnica mista: sanguínea e grafite, ou aguarela e lápis de cor, ou, ainda, aguarela e tinta-da-china. Os resultados obtidos denotam o nível de desenvolvimento de cada aluno, demonstrando as suas capacidades e as suas dificuldades. (Anexos L).

O espaço de sala de aula foi organizado de modo a simular o exercício de exame.

---

<sup>27</sup> Nota de tradução livre: convencemo-nos que apenas seremos felizes comprando.

### 3.3.4. Descrição Sumária da Parte 3

No dia 8 de janeiro de 2014, iniciou-se uma nova unidade de trabalho, designada Parte 3, com o título “Refigurar”. Esta parte foi constituída por dez aulas de 90 minutos, e nela procurou reforçar-se a mensagem transmitida pelo filme e pelo primeiro exercício de exame, de forma a alertar os alunos para os aspetos menos positivos da tecnologia, nomeadamente, a possibilidade de sermos sujeitos a manipulação e controlo.

O enunciado da Parte 3 (Anexo M), enquadrou-se no programa nacional de disciplina de Desenho A, designado pela *articulação da figura humana com a forma mecânica ou utensílio* (Ramos et al., 2002, p. 8), tendo como sinopse a representação da figura humana, tomando a imagem de uma parte do corpo humano como modelo, numa pose que inclua uma ação sobre um objeto, e reforçando a mensagem alusiva à manipulação, ou seja, através de uma imagem ou parte do corpo humano procedeu-se à representação de um sistema mecânico ou tecnológico que dominasse o homem. Esta parte foi ministrada usando diversos recursos que suscitaram a execução do exercício prático e teve como resultado uma composição no formato A3 e dez composições em diário gráfico no formato A4, como elementos de estudo e análise.

Segundo o enunciado, para a elaboração da composição no formato A3, os alunos poderiam optar por desenhar uma parte do próprio corpo ou recorrerem a fotografias. Os trabalhos desenvolvidos recorreram de ambos os processos. Este exercício solicitava o auxílio de uma cartolina branca e dos seguintes materiais atuantes: lápis de cor, aguarela, canetas esferográficas e grafite.

No diário gráfico, os alunos deveriam fazer desenhos de figura humana e formas mecânicas, a partir do trabalho de estudo sobre uma corrente artística e/ou de palavras ou ideias retiradas do filme *Metropolis*. Por ser considerado um espaço de experiências, os materiais atuantes para a execução dos estudos no diário gráfico, para além dos mencionados acima, os alunos ainda poderiam acrescentar colagens e desenho à vista. A avaliação destes desenhos teve em conta o domínio de técnicas, a sugestão dos volumes, a correção das proporções, o uso adequado da cor, a construção da perspetiva e o bom entendimento das formas.

A primeira aula apresentou-se de forma expositiva e interrogativa, e iniciou-se com a distribuição do enunciado (Anexos M). De seguida, realizou-se a projeção de um *slideshow* (Anexo N) que serviu de apresentação dos movimentos artísticos: o Cubismo – com a multiplicidade de pontos de vista e consequente liberdade de composição; o Futurismo – com a exploração do movimento; e o Construtivismo – cruzando áreas e técnicas e envolvendo-se com a dinâmica política e social. Pretendeu-se com esta apresentação estimular o pensamento independente e ativo nos alunos, bem como a sua participação, com questões, proporcionando a análise e o debate sobre os conteúdos e sobre o enunciado disponibilizado. A projeção das imagens, “cuya misión es permitirnos ver aquellas cosas que no podemos ver directamente”<sup>28</sup> (Arnheim, 2013, p. 53), teve como objetivo o enquadramento histórico e artístico de alguns movimentos, de forma a servir de referência visual para o trabalho a desenvolver, bem como, suscitar o debate e a orientação do trabalho por parte de cada aluno, ajudando a perceber melhor ideias e conceitos. Esta metodologia “centra la atención porque ofrece la presencia viva de lo que el espectador reconoce como esencia de la experiencia”<sup>29</sup> (Arnheim, 2013, p. 72). Recordou-se, ainda, o filme *Metropolis* ligando-o com o expressionismo, e incentivando os alunos a procurarem outras correntes artísticas, de forma a fomentar uma aprendizagem acompanhada de exemplos diversificados, promovendo a curiosidade e a vontade de pesquisa.

A escolha de alguns movimentos artísticos deveu-se às suas características construtivas e plásticas. Assim, os artistas<sup>30</sup> seleccionados, e consequentemente algumas das suas obras, destacaram-se por serem reconhecidos como alguns dos principais percursos dos respetivos movimentos artísticos.

A necessidade de apresentar e analisar os diferentes movimentos artísticos nas aulas de desenho deriva do facto da disciplina de História da Culturas e das Artes ser opcional, e apenas metade da turma optar por esta formação (preferindo a Matemática). Esta situação traduz-se, efetivamente, no desconhecimento, por parte dos alunos, destas matérias, o que tem implicações na dificuldade em articularem um discurso

---

<sup>28</sup> Nota de tradução livre: cuja missão é permitir ver o que não vemos diretamente.

<sup>29</sup> Nota de tradução livre: centra a atenção porque oferece a presença viva do que o espectador reconhece como essência da existência.

<sup>30</sup> Cézanne, Georges Braque, Pablo Picasso, Juan Gris, Umberto Boccioni, Carlo Carrá, Giacomo Balla, António Sant’Elia, El Lissitzky, Laslo Moholy-Nagy

informado sobre as obras, limitando-se a análises superficiais. Na arte, apenas com estudo e observação é possível a dissociação, introspeção e associação às verdades da vida, conforme refere Rudolf Arnheim (2013, p. 48):

Arte es la evocación de la vida en toda su plenitude, pureza e intensidad. El arte, por tanto, es uno de los instrumentos más poderosos de que disponemos para la realización de la vida. Negar esta posibilidad a los seres humanos es ciertamente desheredarlos.<sup>31</sup>

Nesta aula, os alunos apreenderam, em geral, tudo o que exigia o enunciado, contudo, verificou-se que muitos deles se sentiam ainda inseguros com o novo trabalho, algo natural numa primeira abordagem.

O enunciado, apesar de ter sido entregue em papel, também foi enviado por *email*, e o *slideshow* foi disponibilizado pelo *facebook* da turma.

Neste mesmo dia publicou-se, também no *facebook*, a seguinte mensagem do Papa Francisco:

A falta de emprego é um sofrimento que leva – desculpem se sou um pouco forte, mas é a verdade – a sentir-se sem dignidade!... Onde não há trabalho, não há dignidade. E este não é um problema só da Sardenha, um problema só da Itália ou de alguns países da Europa!... É a consequência de uma ESCOLHA MUNDIAL, de um SISTEMA ECONÓMICO que leva a esta tragédia. Um sistema económico que tem no centro um ÍDOLO, que se chama dinheiro. [...] Trabalho significa dignidade, trabalho significa levar o pão para casa, trabalho significa amar!...



Figura 19. Mensagem do Papa Francisco colocada no *facebook*

<sup>31</sup> Nota de tradução livre: Arte é a evocação da vida em toda a sua plenitude, pureza e intencidade. A arte é um dos instrumentos mais poderosos que dispomos para a realização da vida. Negar essa possibilidade aos seres humanos é simplesmente deserdá-los.

Estas palavras reforçam o princípio de que a economia está ao serviço do homem e não o homem ao serviço da economia. Esta publicação teve o intuito de estimular a reflexão e de fornecer mais um recurso de análise ao trabalho prático.

## 2º aula — Parte 3

A segunda aula iniciou-se com a apresentação de um vídeo intitulado “2111: Os Super-humanos” (Griyo SRL, 2012) (Anexo O), que faz referência a uma evolução tecnológica nos seres humanos. O corpo, elemento que detém força, agilidade e inteligência, muitas vezes sofre alterações, resultado de doenças, acidentes ou más formações congénitas. Assim, estuda-se e espera-se que no futuro, daqui a um século, a tecnologia possibilite ao nosso corpo mais capacidades, ou seja, a possibilidade de correção ou substituição de qualquer parte do corpo humano por máquinas. Estaremos perante a transformação de um corpo natural para um super-corpo com maiores capacidades de ver, correr e funcionar, aumentando as suas próprias características físicas e a longevidade. Estas substituições e o aumento das potencialidades humanas são argumentadas por Sterlac, conforme verificamos no ponto 1.3.2 da primeira parte deste relatório, fazendo referência à utópica eternidade do futuro corpo humano, conforme podemos verificar no seguinte texto:

Pode parecer poético quando eu falo do obsoletismo do corpo humano atual, mas a visão que eu tenho não é utopia. [...] poderemos substituir partes do corpo humano que funcionam mal e colocar lá componentes artificiais, então – mais uma vez, tecnicamente falando – não há necessidade de morte. Chegaremos a uma situação em que a vida já não é mais condicionada pelo nascimento e pela morte. O corpo não necessitará mais ser “reparado”, poderá simplesmente ter partes substituídas. (Stelarc, 2001, cit. Gonçalves & Simon, 2010, p. 71)

Mas toda esta observação, que enaltece as possibilidades de conquista a nível tecnológico que o homem tem conseguido através de estudo e trabalho, também nos levou a argumentar: Será que surgirão novos seres humanos? Seremos máquinas ou seremos homens? As máquinas dominarão a Terra por completo? Estas e outras questões foram expostas e demonstrou-se que partir daquele momento todos os alunos tinham o mínimo de material necessário para uma primeira reflexão e estudo, a fim de produzirem o trabalho sobre o tema “Refigurar”.

Esta nova fase de trabalho desenvolveu-se conforme a mesma temática do segundo momento da apresentação do Sarau, que se caracterizou pela má utilização da tecnologia e, conseqüentemente, dos valores sociais e humanos, os quais se apresentam diferentes daqueles defendidos no primeiro momento: a *verdade* surge sem liberdade, em alienação, e vive na ignorância, no sofrimento e no isolamento; o *trabalho* apresenta-se individualista, anti-social e numa vertente de exploração; e a *partilha* não existe, todos vivem voltados para si próprios. Não podemos deixar de referenciar que estes valores parecem-nos muito atuais e enraizados na nossa sociedade, e, por isso, a importância de serem analisados e mencionados, não apenas como trabalho curricular, mas como alerta e tomada de consciência para esta geração de jovens alunos.

### 3º aula — Parte 3

Nesta aula os alunos demonstravam ainda alguma insegurança e, por isso, só alguns apresentaram esboços relativos ao tema. Antes do fim da aula, foi projetado o vídeo de uma conferência (Anexos P), disponível no site da TED, de Ken Robinson que refere que “as escolas matam a criatividade”. Este vídeo leva-nos a uma observação crítica sobre o modo como a sociedade define as Artes, o que essa mesma aprendizagem nos oferece e a necessidade de aprender com os erros. Robinson (2006) afirma que “*if you don’t prepare to be wrong, we never came to anything original*”<sup>32</sup>, fazendo referência a atual geração que não está preparada para errar, o que originará adultos sem capacidade criativa. E ainda vai mais longe, quando comenta que, ao contrário do que acreditava Picasso que dizia que todas as crianças nascem artistas, Robinson refere que “*we don’t grow into creativity, we grow out of it. Or rather we get educated out of it*”<sup>33</sup> (Robinson, 2006). A apresentação deste vídeo serviu para estimular, mais uma vez, a reflexão, permitindo aos alunos perceberem que a educação em Artes é uma mais valia para a formação do ser humano.

### Nas aulas seguintes — Parte 3

Nas seis aulas seguintes, os alunos procuram responder ao enunciado, recorrendo a imagens impressas, ou projetadas pelo computador ou de outro suporte

---

<sup>32</sup> Nota de tradução livre: se não estivermos preparados para errar, nunca conseguiremos nada de original

<sup>33</sup> Nota de tradução livre: não crescemos para a criatividade, afastamo-nos dela. Ou somos educados para a perder.

eletrônico, desenvolvendo um trabalho de análise, observação e pesquisa. Na sala de aula, os alunos concentraram-se na execução do desenho, no formato A3, e em casa, desenvolveram os desenhos em diário gráfico. O desenvolvimento das composições realizou-se através de um processo mimético, auxiliando-se de várias imagens. No diário gráfico, os alunos produziram os desenhos através de imagens e desenhos à vista.

Ao longo das aulas, o professor estagiário procurou analisar em conjunto com o aluno os desenhos desenvolvidos, tanto em diário gráfico como também no trabalho de sala de aula, e, individualmente, procurou acompanhar as diferentes fases de trabalho, colocando questões e auxiliando nos desenhos, partindo do estudo das formas naturais (homem) e artificiais (máquina). Sempre que necessário, através do *facebook*, foram sendo disponibilizadas novas imagens (Anexo Q) que auxiliassem os alunos a responderem a necessidades específicas. Este contributo e partilha, característica desta rede social, permitiu a todos os alunos visualizar, analisar e tomar como referente na produção dos seus trabalhos. Todas estas diferentes abordagens pedagógicas permitiram ajudar e articular a informação, possibilitando novas perspetivas e ideias. A exploração dos diferentes suportes, formatos, materiais, instrumentos e processos, desenvolveu-se com o objetivo de estimular a autonomia. Os alunos tenderão para uma autonomia na aprendizagem, na medida em que possam tomar decisões baseadas no desenvolvimento do seu trabalho, assumindo a responsabilidade sobre as suas decisões e sobre os critérios que presidirão à avaliação das suas tarefas, regulando-as (Solé, 2001).

### 10º aula — Parte 3

A última aula desta unidade de trabalho permitiu a alguns alunos concluírem alguns pormenores do seu trabalho, e proceder à entrega dos desenhos no formato A3 (Anexo R). Na aula anterior, conforme enunciado, os alunos procederam a entrega dos diários gráficos (Anexo S) para a avaliação.

Toda esta unidade de trabalho desenvolveu-se usando diferentes abordagens pedagógicas, adotando um cariz expositivo, através da apresentação de vídeos e imagens, e interrogativo, de forma a permitir equilibrar o saber e o fazer, estimulando a conquista do conhecimento por parte de cada aluno.

Apesar de muitos trabalhos apresentarem um resultado positivo, é prática frequente destes alunos recorrerem apenas a imagens fotográficas, como ponto de partida para realizarem os exercícios de desenho. Contrariando essa tendência, e ajustando o plano das aulas às necessidades dos alunos, no exercício seguinte (parte 4), foi suscitado a observação direta de objetos, chamando a atenção para a importância do contacto direto com os materiais, as texturas e os volumes.

### **3.3.5. Descrição Sumária da Parte 4**

A Parte 4 teve início no dia 5 de fevereiro de 2014 com o título “Naturalização”. Esta nova fase de trabalho foi constituída por dez aulas de 90 minutos, e desenvolveu-se na sequência dos outros dois momentos anteriores.

O enunciado da Parte 4 (Anexo T) enquadrou-se no programa nacional da disciplina de Desenho A, designado por *animação* (Ramos et al., 2002, p. 13), tendo como sinopse o planear e o concretizar de uma sequência de animação definida por três imagens, obedecendo a sequência narrativa e a lógica comunicacional. De um modo simples, tratou-se da evolução de uma dada forma no espaço, como narrativa de uma ação e transformação. A sequência dos desenhos recorreu a três suportes de formato 20 x 20 cm, sendo que o primeiro correspondeu a um desenho de observação de formas (objeto e figura natural) na sua *essência*, tal como conhecemos; no segundo suporte, a representação da sequência avançou ao *processo* de transfiguração; e no terceiro suporte finalizou a transformação, que permitiu ao objeto assumir um *novo estado*, uma nova imagem, um novo design. O enunciado, depois de entregue, foi enviado por *email* para cada aluno.

Conforme o enunciado, a realização dos desenhos da sequência, que decorreram na sala de aula, exigiu os mesmos parâmetros do exercício da Parte 3, no entanto, com mais ênfase na textura, na forma, e, principalmente, na exploração da transformação, tendo em conta o movimento e o tempo. Estes desenhos foram feitos no formato já mencionado, e recorreram a materiais, como o lápis de cor e grafites, usando cartolinas como suporte, numa cor a definir pelo aluno. No diário gráfico, tal como no exercício da Parte 3, e de acordo com o tema, os materiais e as técnicas seguiram opções dos alunos.

A Parte 4 foi desenvolvida de acordo com o terceiro momento do Sarau, que expressou a boa utilização da tecnologia, ou seja, a tecnologia como meio de propagação da palavra, dos valores, no presente e no futuro. Segundo a mensagem do Padre Usera, que se caracterizou pela *verdade* no ser humano, no *trabalho* com louvor e recompensa, e na *partilha* mais rápida, devido aos meios tecnológicos, a todos oferecendo diálogo e troca de conhecimentos. Neste sentido, para transmitir esta mensagem, esta nova unidade de trabalho partiu da escolha, por parte do aluno, de um objeto tecnológico, levando-o à sua naturalização, ou seja, através de um processo de transformação e metamorfose, o objeto escolhido assume uma nova forma natural ou animal, que se desenvolve a partir de alguma característica do produto, dando-lhe um novo revestimento sem perder a sua função. Esta nova parte do trabalho procurou anexar uma importante mensagem, tanto a nível material e social, como a nível espiritual, procurando sensibilizar os alunos sobre os objetos enquanto forma e função, enquadrado no design e na cultura material.

Esta dicotomia entre forma e função, associada ao belo e útil, é por sua vez reforçada pela cultura material, que, enquanto objeto de uso, obedece a uma funcionalidade, integra uma componente estética e simbólica, e vai estabelecer conceitos de beleza e utilidade (Dias & Tavares, 2007). Segundo Aurelindo Jaime Ceia, “o conceito de beleza no objecto deve ligar-se não à mera evidência superficial da sua forma, mas a articulação entre a *necessidade* e a *essencialidade* das suas características materiais e formais, com vista à produção para o social” (2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 182), que neste sentido:

a utilidade estará, assim, presente na expressão do visível como consequência de uma concepção de base estrutural que respeite a função, sendo que esta, não é agora simples consequência da manipulação do objecto, mas entendimento global do seu valor de comunicação. Um objecto é, socialmente, o modo como dele nos apropriamos e também o modo como ele próprio nos *usa* ou, no limite, nos *consume*.” (Ceia, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 183)

Assim sendo, a dicotomia referida, entre forma e função, terá de ser equilibrada, permitindo entender o que refere Wassily Kandinsky (2009, p. 51), “a máquina também está ao serviço do espírito”.

O conceito de “design integra o controle e articulação de todas as fases (desde as necessidades do social às necessidades do desenho), que culminarão numa completa

“fusão entre o projecto (artístico) e a produção (industrial)” (Ceia, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 187), porque “as intenções do design não são apenas introduzir valor estético na indústria, mas induzir as componentes sociais e poéticas do objecto industrial” (Ceia, 2007, cit. Dias & Tavares, 2007, p. 187).

A mensagem contida neste exercício veio reforçar um significado positivo por meio da aquisição de uma nova textura “mais natural” fomentando a consciência da necessidade de vivermos com os recursos naturais, tanto físicos, como espirituais.

Durante este processo recorreu-se a registos fotográficos e videográficos que propiciaram a execução dos desenhos. Com sucesso, alguns alunos recorreram a objetos para o desenvolvimento do desenho à vista, possibilitando uma observação direta e mais sensitiva. As aulas práticas tiveram diferentes abordagens pedagógicas de cariz expositivo, demonstrativo e interrogativo.

#### 1º aula P4

A primeira aula da Parte 4, de cariz mais expositivo e interrogativo, iniciou-se com a distribuição do enunciado (Anexo T) e seguiu com a projeção de um *slideshow* (Anexos U). Esta projeção contemplou imagens que mostravam diferentes sequências, metamorfoses, texturas, produtos e objetos de design, que sofreram a necessidade de serem redesenhados – o *redesign*. No mercado de consumo existe a necessidade de reposicionar os produtos, alcançando novos *targets*. Este trabalho consiste em recolocar o mesmo produto, transmitindo uma nova mensagem, que poderá ser mais *clean*, mais jovem, ou mais atual, e para isso recorre-se a um novo desenho. Este processo é extremamente difícil, pois não exige uma nova função, mas sim uma nova imagem sobre aquela que já existe, sem que se verifique uma descaracterização da imagem original. E, neste sentido, muitas vezes torna-se mais difícil a conceção, devido ao próprio vínculo entre o que é e o que pode ser. Todos estes conceitos foram trabalhados em aula e a apresentação destas imagens contribuíram para uma maior perceção do design e, conseqüentemente, do enunciado.

Nesta aula, os alunos apreenderam alguns conceitos e ideias, nomeadamente o design e *redesign*, como também, compreenderem alguns processos de síntese e transformação gráfica: a sequência, que responde a um movimento que compreende

um determinado tempo, e a metamorfose, que permite revestir ou camuflar, processo muito utilizado na natureza por muitos animais. Estes processos de transformação exploram a invenção e põem jogo as capacidades de conceber e construir.

## 2º aula — Parte 4

A segunda aula, iniciou-se com a projeção do vídeo sobre o tema “Educação para a Cidadania, educação para a sustentabilidade”, de Pedro Krupenski, realizado durante a conferência TEDxCoimbraED, em 20 de abril de 2013 (Anexos V). Este vídeo faz referência à maneira portuguesa de estar e reforça a necessidade de mudança, que é caracterizada como cultural, mas que, na verdade, tem uma vertente social, ou seja, vivemos sobre a esfera da cidadania passiva, o contrário do significado da própria palavra que nos remete para uma ação e mobilização, levando à mudança. Segundo palavras de Krupenski, esta cidadania passiva deve-se ao “fenómeno do treinador de bancada. Todos temos opiniões, todos temos soluções para tudo, mas, na verdade, nenhum de nós, ou poucos de nós, contribuem de facto para a implementação dessas soluções” (Krupenski, 2013). O orador comenta que esta passividade deve-se a uma matriz judaico-cristã, em que cada indivíduo depende de algo ou de alguém que está a sua frente ou acima de si, não verificando que cada um de nós é responsável pelo que é e pelo que faz, conforme refere: “toda a gente é responsável pelo meu próprio bem-estar exceto eu, que talvez estarei no último da escala, e isto [...] acaba por ter consequências bastante concretas na vida de cada um de nós” (Krupenski, 2013). Toda esta atitude origina um processo de evolução e de conhecimento em que a consciência coletiva domina a consciência individual, ou por vezes, não permite a formação de uma consciência, ou, ainda pior, demonstra que as pessoas não querem ter uma consciência individual, “sentimo-nos confortáveis, diluídos na consciência coletiva, portanto não sentimos a vontade de criarmos a nossa própria consciência” (Krupenski, 2013). Exemplo disso poderá ser a falta de opinião própria visível através de um momento de diálogo. Qualquer um de nós faz referência a uma ideia ou um conceito, a partir do que assimilamos na *internet*, na televisão ou em qualquer meio de comunicação social e segundo palavras de outras pessoas. Desta forma, verificamos efetivamente na atual geração a falta de conteúdos e questões próprias. Neste vídeo, Krupenski ainda refere que “a economia é resultado das ações das pessoas e não o contrário, a economia está

para as pessoas e não as pessoas é que estão para a economia”. Vivemos escravizados pelos meios de consumo, que colocam em causa toda a dimensão social.

Esta aula procurou ser de reflexão sobre a nossa atitude perante tudo e todos, articulando diferentes meios pedagógicos – a projeção, oralidade, meios multimédia, trabalhos e discussão. O vídeo foi disponibilizado via *facebook*. A discussão não se desenvolveu em conjunto, pois a turma apresentou alguma agitação. Ao longo das aulas seguintes, individualmente, o professor estagiário foi abordando algumas questões consoante a necessidade demonstrada por cada aluno.

#### Aulas seguintes — Parte 4

Nas aulas seguintes, todos os alunos demonstraram empenho no desenvolvimento e na execução dos trabalhos. Por diversos momentos foi solicitado aos alunos que observassem o trabalho dos colegas, de forma a ajudarem a encontrar soluções, motivando um ambiente de partilha e cumplicidade. Numa abordagem didática, foi sendo referido, a necessidade de tratamentos gráficos, graus de compressão, captação de imagem, transformação e dinamização informática, como apoio ao desenvolvimento criativo. Cada trabalho exigiu modos próprios de representação e expressão, através da utilização dos distintos recursos do desenho (imagens, *facebook*, *slideshow*), aprofundando as suas potencialidades no âmbito de um projeto visual, plástico e temporal. Na construção do desenho, reforçado por uma sequência, o recurso ao tempo, elemento que assume um papel de grande importância, segundo Domingos Rêgo (2011, p. 115), vem confirmar que:

o desenho implica o tempo, tempo para que a revelação aconteça. Esta constatação, numa época de todas as acelerações, pode parecer desfasada, no entanto, nessa característica, reside muita da sua força e pertinência na actualidade: como disciplina que se liga com a materialidade do mundo, reflectindo, num sistema sempre aberto, sobre a complexidade do que nos rodeia, com tempo.

Ao longo das aulas, como também referenciado na Parte 3, o professor estagiário foi disponibilizando novas imagens via *facebook* (Anexo W) de forma a estimular a criatividade, a curiosidade e a plasticidade.

Na última aula da Parte 4, foi momento para conclusão e entrega dos trabalhos (Anexo X), que em alguns casos resultou em trabalhos inacabados, o que se refletiu numa avaliação menos favorável. A entrega dos diários gráficos (Anexo Y), conforme enunciado, foi realizada na semana anterior. Os resultados da avaliação apresentam-se no ponto 3.4.

### **3.3.6. Descrição Sumária da Parte 5**

A quinta e última parte do plano de aulas, realizou-se no dia 27 de fevereiro de 2014, numa aula de 90 minutos, e consistiu na simulação de um exercício de exame de Desenho A (Anexos Z), do GRUPO II, com o mesmo intuito da aula realizada na Parte 2. Esta aula destinou-se à finalização de um plano completo de sessões, bem como perceber a consciencialização em conformidade com a aquisição de competências, reforçando a preparação dos alunos para o Exame Nacional.

O exercício teve como referentes no enunciado: o texto “Deixemos a Humanidade à Sua Ordem Natural” de Almada Negreiros (cf. ponto 1.4.1. da primeira parte do relatório), e imagens de três obra de Rui Chafes intituladas: *Extinguish my eyes*, *What shal I do when you are not here?* e *I am your yesterday (and you are my tomorrow)* (Anexo Z).

A mensagem expressa através destes referentes reforça a necessidade de perceção que a natureza corresponde à máquina mais perfeita que existe e, por isso, não vale a pena o homem, que também é fruto da mesma natureza, tentar contrariar essa mesma perfeição, pois “O mundo da natureza é o modelo dos modelos de todas as maquinarias” (Negreiros, s.d.). Esta mensagem finaliza todo um processo que nasce com uma história, se desenvolve na liberdade que, muitas vezes, se confunde com o individualismo, e caminha na adequada valorização do homem e dos recursos, tal como a Arte assume uma finalidade espiritual que “torna visível o invisível” (Kandinsky, 2009, p.33).

A partir dos referentes, como estímulo visual, solicitou-se aos alunos que criassem nova representação, tendo em atenção o tratamento cromático e o desenvolvimento formal. Semelhante à Parte 2, este enunciado possibilitava a escolha

de utilização de três diferentes técnicas mistas: sanguínea e grafite, ou aguarela e lápis de cor, ou aguarela e tinta-da-china. O processo de avaliação dos exercícios de exame cumprem sempre os mesmos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação e, neste sentido, as cotações (anexo AA) apresentaram-se semelhantes à Parte 2. Apesar de alguns alunos não concluírem os desenhos, em geral, os resultados (Anexo AB) foram mais satisfatórios.

### **3.4. Finalização**

#### **3.4.1. A avaliação**

A avaliação “constitui uma das fases fundamentais do desenvolvimento curricular” (Zabalza, 1992, cit. Gaspar e Roldão, 2007, p. 92) e, por isso, deve ser entendida como sendo o suporte ao serviço da regulação de todo o processo. Durante todo o processo de preparação e execução dos exercícios foi importante a identificação de todos os critérios da avaliação, junto dos alunos, possibilitando uma maior envolvimento de todos os elementos.

A avaliação deve levar à compreensão da prática, ao serviço das aprendizagens, auxiliando, acompanhando o aluno para a sua própria evolução e identificando os resultados, ou seja, a avaliação deve articular-se em função de uma aprendizagem mais significativa e aprofundada quando aprende, avalia, ensina (Domingos, 2011), também reforçado no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho<sup>34</sup>.

A utilização da avaliação para a aprendizagem deve compreender todo o percurso escolar enquanto *ação pedagógica e ação didática*. A *ação pedagógica* possibilita ao aluno desenvolver-se a todo o campo de estudo, fazendo-o entender, identificar e diagnosticar o erro ou a incompreensão, levando-o à reflexão sobre o todo realizado ou, pontualmente, sobre uma situação. A *ação didática* oferece ao aluno ferramentas, orienta-o à observação e à sua realização, conforme refere Jussara Hoffmann (1993, cit. Ribeiro, 2011):

---

<sup>34</sup> Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho onde caracteriza a avaliação como: 1) processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno; 2) com o objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares suprimindo as dificuldades de aprendizagem; 3) possibilitar o conhecimento do estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objetivos curriculares fixados; 4) assegurar o envolvimento de alunos e professores em todo processo avaliativo.

A avaliação é uma reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar.

A avaliação é um momento de aprendizagem em sintonia com a gestão do currículo e deve servir para diagnosticar uma experiência e proceder de forma orientadora e inclusiva, atuando no campo pedagógico, principalmente, onde o aluno é parte integrante de todo o processo. Ao proceder à avaliação, o professor identifica as dificuldades reveladas por cada aluno em acompanhar os vários aspetos do programa, fazendo críticas construtivas. Mas se o aluno não reconhece a finalidade de determinada tarefa, “não consegue relacionar essa finalidade com a compreensão daquilo que a tarefa implica e com as suas próprias necessidades de continuidade” (Solé, 2001, p. 34). Para Gardner, a avaliação tem de atuar de forma a englobar uma aprendizagem que ocorre em diferentes domínios e através de diferentes processos cognitivos, caso contrário, qualquer que seja a inovação curricular, estará sempre destinada a permanecer inutilizadas (1995, cit. Ribeiro, 2011).

Neste sentido, a avaliação desenvolveu-se, nos exercícios de exame, de forma diagnóstica e, nos exercícios em sala de aula e no diário gráfico, de forma formativa e sumativa.

A avaliação diagnóstica apresentou-se com o propósito de selecionar e orientar para fundamentar um prognóstico sobre a evolução futura do aluno, definindo uma aptidão presumida face a uma nova situação de aprendizagem.

A avaliação formativa caracterizou-se de forma contínua, reflexiva e qualitativa. Sempre que possível, ao longo das aulas, foi feito o acompanhamento individual a cada aluno, permitindo uma apreciação singular, levando à construção de perguntas e respostas diretas entre professor estagiário e aluno, e possibilitando a avaliação não apenas pelo resultado final, mas pelo processo, empenho e dedicação do aluno. A avaliação formativa é um instrumento privilegiado ao serviço da educação pois constrói-se de forma contínua, diversificada, cumulativa, sistemática e intencional, contribuindo para o entendimento e a aquisição de conhecimentos, visando a correção de possíveis distorções e uma continuidade da aprendizagem, sem menosprezar a

participação de todos e a autonomia, assumindo-se como um processo essencial à educação, e revelando ser um mecanismo de identificação do estado de cada aluno.

Por fim, a avaliação sumativa que assume um papel certificativo, no final de cada ciclo de estudo. Contudo, e apesar de existir por determinação do nosso modelo educativo, procurou ser um fator de regulação positiva no ensino e na aprendizagem.

Os critérios utilizados para o desenvolvimento da avaliação foram definidos em conjunto com o professor titular da disciplina e tiveram em consideração a criatividade, a técnica, e as atitudes e valores, resultando numa soma numérica entre zero e vinte valores. A avaliação do diário gráfico decorreu de forma exclusivamente qualitativa, cujo resultado existiu para influenciar positiva ou negativamente o resultado final da avaliação sumativa.

#### **3.4.2. Os resultados da avaliação**

A avaliação é um processo pedagógico que deve conter mecanismos que se adaptem a cada aluno, com opções de escolha, consoante as suas próprias necessidades e condições, de modo a melhorar e desenvolver o seu percurso escolar.

Os resultados obtidos nas avaliações realizadas na Parte 2, Parte 3, Parte 4 e Parte 5 foram reflexo de um trabalho individual, caracterizado por diversos itens que serão referenciados de acordo com a sua respetiva parte. Apenas as avaliações da Parte 3 e Parte 4 foram consideradas no 2º período, as outras duas avaliação, Parte 2 e Parte 5, conforme já mencionado, apenas assumiram o papel de diagnosticar cada aluno.

A primeira avaliação, referente a Parte 2 (Quadro 1), foi uma avaliação diagnóstica e permitiu verificar que a maioria dos alunos demonstraram dificuldades em desenvolver, num curto período de tempo, uma composição plástica atrativa e coerente com o enunciado. Com exceção de dois alunos, todos apresentaram um resultado que variou entre os 37 e os 58 pontos, sendo que a totalidade do exercício correspondia a 90 pontos, o que representou muitos resultados negativos. Os dois alunos que, excepcionalmente, obtiveram resultados superiores aos outros, de 66 e 70 pontos, destacaram-se por demonstrarem uma rápida capacidade de interpretação, composição e representação a partir de referentes. Estes resultados serviram para

reforçar a necessidade de uma maior prática, tendo como suporte o diário gráfico e a análise e interpretação mais rápida sobre os temas e os conceitos. Os alunos 7, 8, 13 e 18 faltaram a esta aula e, por isso, não apresentam resultados. A média da turma foi de 44 pontos, o que traduz um resultado negativo.

Esta avaliação se desenvolveu conforme as cotações (Anexo K) destinada ao respetivo enunciado, e de acordo com as cotações dos Exames Nacionais.

Alunos	a) Domínio dos meios atuantes		b) Capacidade de análise e representação de objetos		c) capacidade de síntese		d) Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação da linguagem plástica		e) Coerência formal e conceptual		Total
	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	
1	1	8	2	12	1	8	1	8	1	5	<b>41</b>
2	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
3	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
4	3	16	2	12	3	16	3	16	2	10	<b>70</b>
5	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
6	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	2	12	2	12	2	12	2	12	2	10	<b>58</b>
10	2	12	2	12	1	8	1	8	1	5	<b>47</b>
11	2	12	2	12	1	8	1	8	1	5	<b>45</b>
12	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	3	16	2	12	2	12	3	16	2	10	<b>66</b>
15	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
16	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
17	2	12	2	12	1	8	1	8	1	5	<b>45</b>
18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
19	2	12	1	8	1	8	2	12	2	10	<b>50</b>
20	1	8	1	8	1	8	1	8	2	10	<b>42</b>
21	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
											<b>44</b>

Quadro 1. Resultado da avaliação referente a Parte 2

A segunda avaliação, referente à Parte 3 (Quadro 2), aconteceu recorrendo a uma avaliação formativa e sumativa aos dois elementos exigidos pelo enunciado: dez páginas A4 em diário gráfico e um A3.

Na avaliação do diário gráfico, três alunos não apresentaram qualquer trabalho, sendo que o aluno identificado pelo número 1, justificou por motivo de saúde. O aluno 14, não apresentou o diário e o trabalho A3 nos prazos definidos, sendo que a avaliação não chegou a ser realizada pelo professor estagiário. Apesar de alguns trabalhos em diário gráfico terem méritos, a maior parte dos alunos não respondeu, adequadamente, ao solicitado pelo enunciado. No entanto, para tentar motivar os alunos, este parâmetro foi considerado de menor relevância. A avaliação do diário gráfico, conforme já referido, apresentou de forma qualitativa influenciando o resultado da nota final, e partiu do princípio que, qualquer qualificação igual ou superior a Satisfaz (S) poderia influenciar a nota final em pelo menos um valor. Os resultados iguais a Satisfaz Pouco (SP) mantiveram a nota final, e os iguais ou inferiores a Não Satisfaz (NS) refletiram-se na diminuição da nota final em um valor. No entanto, o aluno 13 não entregou o diário gráfico, refletindo a diminuição de dois valores na nota final.

A avaliação sobre o exercício “Refigurar”, em formato A3, desenvolveu-se de forma tranquila. Todos os alunos entregaram o trabalho, excetuando-se o aluno 14, conforme foi referido, e o aluno 7 que simplesmente não fez, traduzindo-se num resultado igual a zero valores. No entanto, cinco alunos entregaram fora da data determinada, refletindo na diminuição na atribuição da nota nas atitudes e valores, que variou consoante o atraso de um, dois ou mais dias. O resultado das notas refletem uma turma que demonstra boa capacidade técnica na execução dos trabalhos, contudo a obtenção deste resultado só se torna possível quando é disponibilizado um prazo de tempo de execução significativo. A média da turma foi de 16 valores, excluindo os dois alunos que têm como resultado final zero valores.

Exercício sala de aula - Parte 3						
Alunos	diário gráfico (TPC)	Criatividade	Técnica	Atit. e Valores	Nota	Nota Final
		<b>9</b>	<b>9</b>	<b>2</b>		
1	-	8	9	1	18	<b>18</b>
2	B-	6	6	2	14	<b>15</b>
3	Ex++	8	7	2	17	<b>18</b>
4	B+	6	5	0*	11	<b>12</b>
5	Ex+++	8	8	2	18	<b>19</b>
6	Ex++	7	9	2	19	<b>19</b>
7	-	-	-	-	-	<b>0</b>
8	B++	7	6	2	15	<b>16</b>
9	Ex++	7	8	1*	16	<b>17</b>
10	Ex	7	7	2	16	<b>17</b>
11	Ex+++	8	6	2	16	<b>17</b>
12	Ex-	9	8	2	19	<b>19</b>
13	-	8	6	1*	15	<b>13</b>
14	*	-	-	-	*	<b>0</b>
15	SP	6	5	0*	11	<b>11</b>
16	Ex+	8	7	2	17	<b>18</b>
17	B-	8	7	2	17	<b>18</b>
18	Ex+	7,5	6	1*	15	<b>16</b>
19	B+	8	8	2	18	<b>18</b>
20	B+	7	6	2	15	<b>16</b>
21	B-	7	6	2	15	<b>15</b>
						<b>16</b>

\* atraso na entrega

**Ex** - Excelente **18** valores (Ex- 17,5 / Ex+ 18,5 / Ex++ 19 / Ex+++ 20)

**B** - Bom **15** valores ( B++ 16,5 / B+ 15,5 / B- 14)

**S** - Satisfaz **12** valores (S+ 13 / S- 11) - **SP** - satisfaz pouco **10** valores - **NS** - não satisfaz **8** valores

Quadro 2. Resultado da avaliação referente a Parte 3

A terceira avaliação, que faz referência à Parte 4 (Quadro 3), consistiu na análise de seis estudos no formato A4 em diário gráfico e na sequência constituída por três folhas no formato 20 x 20 cm. Com exceção do aluno 9, que se encontrava doente, todos entregaram os trabalhos na data prevista, apesar de alguns trabalhos se apresentarem incompletos, influenciando a avaliação sumativa. A avaliação do diário gráfico sobre o resultado final seguiu as mesmas premissas referenciadas na avaliação da Parte 3. Com o resultado atribuído na avaliação do diário gráfico, todos alunos subiram a nota, excetuando-se os alunos 13 e 7 que não executaram o diário gráfico o

que resultou na penalização sobre a nota final do trabalho. Mais uma vez verificou-se que a capacidade demonstrada por todos os alunos, tanto a nível técnico, como plástico é bastante satisfatório. A média da turma foi de 16 valores.

Exercício sala de aula - Parte 4								
Alunos	diário gráf. (TPC)	Criativid.	Técnica	Composiç.	Sequência	Atit. e Val.	Nota	Nota Final
		<b>5</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>2</b>		
1	Ex++	4	5	2	2	2	15	<b>16</b>
2	Ex	5	3	3	2	2	15	<b>16</b>
3	Ex+	5	4	4	4	2	19	<b>19</b>
4	Ex	5	5	2	0	1	13	<b>14</b>
5	Ex++	3	4	4	4	2	17	<b>18</b>
6	Ex+	2	5	4	4	2	17	<b>18</b>
7	-	4	2,5	2	2	2	12,5	<b>10,5</b>
8	B+++	5	4	4	4	2	19	<b>20</b>
9	Ex+++	-	-	-	-	-	-	-
10	Ex-	3	3	3	3	2	14	<b>15</b>
11	Ex++	5	4	3	3	2	17	<b>18</b>
12	B	3	4	2,5	2	2	13,5	<b>14,5</b>
13	-	4	3	1	1	1	10	<b>8</b>
14	-	4	4	4	4	2	18	<b>18</b>
15	Ex-	4	2,5	3	4	2	15,5	<b>16,5</b>
16	Ex+	4	3,5	2,5	3	2	15	<b>16</b>
17	Ex	5	5	4	4	2	20	<b>20</b>
18	Ex+	5	3,5	3	3	2	16,5	<b>17,5</b>
19	Ex	5	4	4	4	2	19	<b>20</b>
20	Ex	5	3	4	4	2	18	<b>19</b>
21	B-	3	2,5	3	2,5	2	13	<b>14</b>
								<b>16</b>

**Ex** - Excelente **18** valores (Ex- 17,5 / Ex+ 18,5 / Ex++ 19 / Ex+++ 20)

**B** - Bom **15** valores ( B++ 16,5 / B+ 15,5 / B- 14)

**S** - Satisfaz **12** valores (S+ 13 / S- 11) - **SP** - satisfaz pouco **10** valores - **NS** - não satisfaz **8** valores

Quadro 3. Resultado da avaliação referente a Parte 4

A quarta avaliação, que incidiu sobre a Parte 5 (Quadro 4), possibilitou verificar uma melhoria no desempenho na turma. Com exceção de quatro alunos que não realizaram o exercício da Parte 2, e do aluno 20, que obteve um resultado inferior ao conseguido no primeiro exercício, todos os restantes alunos obtiveram resultados superiores aos anteriormente registados. Este facto resultou do trabalho desenvolvido ao longo do 2º período e à familiarização com a linguagem dos exames

nacionais, evidenciado por parte do professor estagiário, que clarificou o que é exigido e como deve ser concebido. Mesmo assim, os resultados demonstraram a necessidade de mais trabalho sobre a tipologia de exercícios que constituem o exame nacional, principalmente porque a turma apresenta boas capacidades, apenas têm dificuldade de materializá-las em curtos espaços de tempo. A avaliação decorreu segundo os mesmos parâmetros referidos na avaliação da Parte 2, recorrendo as cotações (Anexo AA). A média da turma foi de 47 pontos.

Alunos	a) Domínio dos meios atuantes		b) Capacidade de análise e representação de objetos		c) capacidade de síntese		d) Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação da linguagem plástica		e) Coerência formal e conceptual		Total
	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	Nível	Pontos	
1	3	16	2	12	2	12	2	12	2	10	<b>62</b>
2	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
3	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
4	4	20	4	20	3	16	4	20	2	10	<b>86</b>
5	2	12	2	12	2	12	3	16	2	10	<b>62</b>
6	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
7	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
8	2	12	2	12	1	8	2	12	1	5	<b>49</b>
9	3	16	2	12	2	12	3	16	2	10	<b>66</b>
10	2	12	2	12	2	12	2	12	2	10	<b>58</b>
11	3	16	2	12	3	16	3	16	2	10	<b>70</b>
12	1	8	1	8	2	12	2	12	1	5	<b>45</b>
13	2	12	2	12	2	12	2	12	2	10	<b>58</b>
14	3	16	3	16	3	16	3	16	2	10	<b>74</b>
15	1	8	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
16	2	12	2	12	2	12	2	12	1	5	<b>53</b>
17	3	16	2	12	2	12	3	16	1	5	<b>61</b>
18	1	8	1	8	2	12	1	8	1	5	<b>37</b>
19	3	16	2	12	2	12	3	16	2	10	<b>66</b>
20	2	12	1	8	1	8	1	8	1	5	<b>37</b>
21	2	12	2	12	2	12	2	12	2	10	<b>58</b>
											<b>47</b>

Quadro 4. Resultado da avaliação referente a Parte 5

Todo o processo de avaliação formativa desenvolvido, ao longo das aulas, procurou alertar e orientar os alunos para a obtenção de resultados positivos. Este trabalho reflexivo exigiu do professor estagiário um acompanhamento constante do percurso de cada aluno, estabelecendo um processo contínuo de interação. Todas as avaliações procuraram levar o aluno à responsabilização, não houve qualquer problema na atribuição das classificações, tendo os alunos sido informados previamente das regras de atribuição de classificações, acentuando a importância do esforço e da qualidade do desempenho<sup>35</sup>.

### **3.4.3. A Disseminação**

Conforme mencionado no capítulo 3.1.2, todos os trabalhos realizados em sala de aula, normalmente, são submetidos a uma seleção interna realizada pelo Departamento de Artes Visuais da escola, a fim de serem apresentados, primeiramente, na Festa da Comunidade Educativa, e depois na exposição anual que se realiza no Centro Comercial CascaisShopping.

A disseminação dos trabalhos também acontece via *facebook*, no entanto, apenas os trabalhos da Parte 4 foram divulgados dessa forma pelo responsável do Departamento de Artes Visuais.

Todo este processo, dividido nas cinco partes, foi construído de forma a contribuir para o envolvimento, a aquisição de competências e a reflexão do tema do Sarau, cuja temática, esteve presente ao longo de todo o desenvolvimento dos exercícios. Após o término do plano de aulas, o professor estagiário manteve-se presente durante mais quinze aulas de 90 minutos e ainda nos ensaios gerais, contribuindo com a sua opinião, ajudando na execução do guarda-roupa e do cenário, e participando em todos os trabalhos que resultaram na apresentação no Sarau<sup>36</sup>. A execução dos elementos culminou numa avaliação<sup>37</sup>, feita pelo professor titular, que se subdividiu em três partes: guarda-roupa (Anexo AC), ensaios e apresentação do conceito (Anexo AD).

---

<sup>35</sup> A atribuição de boas notas, também é um fator de motivação e, porque os alunos se encontram no último ano de escolaridade, é um incentivo tendo em vista o ingresso no ensino superior.

<sup>36</sup> Algumas imagens do guarda roupa e do diário gráfico estão presentes neste relatório apenas para demonstrarem os objetivos enunciados no plano das aulas realizadas pelo professor estagiário, bem como os resultados alcançados.

<sup>37</sup> A avaliação do guarda roupa, ensaios e diário gráfico não foi tida em conta neste relatório.

A apresentação do conceito foi desenvolvida em diário gráfico e derivou do processo, das escolhas, da construção do fato e da percepção do tema. O resultado desta avaliação foi tida em consideração na nota do 3º período. O processo de escolha, estrutura e construção dos fatos, das músicas e da coreografia, na apresentação no Sarau (Anexo AE), foi da exclusiva responsabilidade dos alunos. O professor estagiário e os professores titulares foram apenas orientadores.







## QUARTO | ANÁLISE E REFLEXÃO

O desenho é uma forma de expressão e comunicação, ferramenta indispensável ao desenvolvimento da investigação artística, ajudando a esclarecer ideias, ou usado como modo de representação do real.

Para que o ensino do desenho seja efetivo, deve desenvolver-se num ambiente cultural que permita a pesquisa, que obrigue a refletir e desenvolva o sentido crítico. Deste modo, os alunos desenvolvem as suas capacidades comunicacionais e criativas em simultâneo com a sensibilidade estética. Conforme refere Hausman, estas atitudes propiciam critérios e julgamentos próprios:

Teachers can encourage the making of visual judgments. Much of our communication is based upon verbal and/or mathematical symbols, yet much of our experience is based upon visual symbols. From illustrations in textbooks to mass - produced images in our magazines, on our television and motion picture screens, and on our highways, we are being confronted with powerful and pervasive images. Students need to learn to see the world about them; they need to learn to make visual judgments. They can be helped to talk about and evaluate what they see - by comparing and noticing differences and similarities, by becoming aware of shapes, textures, and other visual qualities, and above all, by making judgments as to quality. Judgments of quality are not simple yes-no, good-bad judgments. Students should be helped to develop and refine their own criteria for the judgments they make.<sup>25</sup> (Hausman, 1967, p. 17)

Neste sentido, o processo de aquisição de conhecimentos deve ter em conta aspetos afetivos e emocionais que permitem estabelecer uma relação de empatia e confiança, possibilitando condições favoráveis ao trabalho e à motivação.

---

<sup>37</sup> Os professores podem incentivar a leitura crítica dos fenómenos visuais. Grande parte da nossa comunicação é baseada em símbolos verbais e/ou na matemática, mas grande parte da nossa experiência é baseada em símbolos visuais. Das ilustrações em livros didáticos às imagens produzidas em massa para as revistas, na televisão, no cinema e nas auto-estradas, vamos sendo confrontados com imagens poderosas e penetrantes. Os alunos têm de aprender a ver o mundo; precisam de ter sentido crítico sobre a envolvente visual. Eles podem ser ajudados a avaliar o que vêem e a falar sobre isso - através da comparação, percebendo as diferenças e as semelhanças, tornando-se conscientes das formas, texturas e outras qualidades visuais e, acima de tudo, aprender a fazer julgamentos quanto à qualidade. Os alunos devem ser ajudados a desenvolver os seus próprios critérios em relação aos julgamentos que fazem.

#### **4.1. Apresentação e análise dos dados recolhidos**

No ensino, hoje em dia, assistimos a sistemáticas mudanças, devidas às alterações das condições políticas e económicas e, por esse motivo, devemos tentar perceber quais os interesses e motivações dos alunos, avaliando em cada momento as melhores estratégias pedagógicas e não cristalizando em fórmulas ultrapassadas. Neste âmbito, foram realizados três questionários. O primeiro e o segundo questionários (Anexo H) eram iguais e com perguntas de resposta aberta, no entanto, foram respondidos em momentos distintos, no início e no fim do plano das aulas. Em ambos os questionários, os alunos foram identificados pelo seu número na turma, de forma a poderem ser comparados. O assunto destes dois questionários incidia sobre a temática do Sarau. O terceiro questionário (Anexo I), de preenchimento anónimo, compreendeu a avaliação do professor-estagiário, e incluía perguntas de resposta aberta e fechada. A avaliação destinada ao professor e realizada pelos alunos foi entendida como forma de melhorar os métodos de ensino adotados, mas também, para promover o envolvimento e a responsabilização dos alunos, e assim possibilitar a reflexão de todas as partes envolvidas no processo educativo.

##### **4.1.1. Questionários 1 e 2**

Relativamente à primeira pergunta do questionário 1 (Anexo AF): *Qual o papel das tecnologias na sua vida?* - quase todos os alunos responderam que as tecnologias proporcionam um acesso mais fácil a conteúdos, bem como à comunicação com as outras pessoas, assumindo um papel muito importante nas suas vidas. Contudo, um aluno referiu que não gosta do papel ativo que a tecnologia tem na sua vida, e outro aluno acrescentou que é muito dependente dela, desnecessariamente. Já outro aluno acredita que não consegue viver sem a tecnologia. Comparando com o questionário 2 (Anexo AG), as respostas à mesma pergunta foram semelhantes, no entanto, destaca-se a referência que foi feita por um aluno que comentou que a tecnologia origina a sobrevivência de todos. Outro aluno, ainda, referiu que somos dependentes da tecnologia. Em todas as respostas, relativas à primeira pergunta, é unânime a importância que a tecnologia tem nas suas vidas.

As respostas à segunda pergunta: *Como acha que a tecnologia influencia a sua formação enquanto aluno e enquanto cidadão?* - demonstraram, efetivamente, a importância da tecnologia. No questionário 1 (Anexo AF), em geral, os alunos responderam que a tecnologia permite um maior acesso à informação, enquanto aluno, e enquanto cidadão, para além da aquisição de conhecimentos. No entanto, alguns alunos referiram que a tecnologia também é fonte de distração, sendo uma influência negativa. Houve quem referisse ainda que a tecnologia facilita a sua vida, mas também a prejudica, pois interfere na sua maneira de pensar e agir. Outro aluno acrescentou que a tecnologia impede-o de trabalhar “à moda antiga”, e, enquanto cidadão, de desfrutar do mundo. As respostas do questionário 2 (Anexo AG), apresentaram-se muito semelhantes às do questionário 1, contudo, um aluno comenta que apesar de útil, a tecnologia torna-o num cidadão mais passivo. Outro aluno acrescentou que, “a nossa geração é muito afetada pela tecnologia [...] estamos sempre dependentes disso”. Apesar das respostas apresentarem semelhanças, comparativamente ao questionário 2, verificou-se uma reflexão mais crítica, bem como a incorporação de conceitos e vocabulário que foram trabalhados nas aulas de intervenção, como é o caso do conceito *passivo*.

Na última questão: *Como utilizar as tecnologias de forma consciente?* - foi possível perceber uma maior mudança na tomada de consciência nas respostas entre questionários. Em geral, todos os alunos, em resposta ao questionário 1 (Anexo AF), mencionaram que as tecnologias devem ser utilizadas de forma responsável, para conhecer e ajudar, mas também como instrumento de informação. Contudo, quando comparadas com as respostas do questionário 2 (Anexo AG), é notório a tomada de consciência dos alunos. Podemos verificar esta mudança, comparando a resposta de um mesmo aluno, que no questionário 1, escreve: “as tecnologias, se forem utilizadas de forma correta, são um bom instrumento no nosso dia-a-dia”, e no questionário 2: “é necessário usar a tecnologia para o bom funcionamento da sociedade, não deixando que esta se sobreponha aos nossos valores humanos”. Estas respostas comprovam o que foi referido. Tal mudança também foi verificada nas respostas de outro aluno que, no questionário 1, disse: “[...] sabermos utilizar para coisas úteis e não só como forma de entretenimento [...]”, e no questionário 2 acrescentou: “[...] não deixar que altere a convivência com os amigos/família”. Quase todos os alunos apresentaram, no questionário 2, uma utilização da tecnologia mais consciente e moderada.

Nas respostas dos alunos, mais evidentes no questionário 2, verificou-se a preocupação com a dependência da tecnologia e a falta de contacto humano. Atualmente, todos usamos com vantagens a *internet* e essa prática é replicada pelas nossas gerações, como utilizadores de computadores, vídeos, jogos, entre outros, acreditando na segurança destas práticas, “convencidos de que é melhor enfrentar o menos palpável risco virtual [...] do que a incerteza e insegurança das ruas” (Carvalho & Parra, 2009, cit. Parra, 2009).

A análise dos dois questionários permite-nos perceber, efetivamente, a aquisição de conhecimentos ao longo do processo letivo e, conseqüentemente, uma maior consciência dos problemas colocados pelas novas tecnologias.

#### **4.1.2. Questionário 3**

No final do 2º período, foi solicitado aos alunos da turma 12.4 que respondessem a um questionário referente à avaliação do trabalho desenvolvido pelo professor estagiário (Anexo AH). Este processo teve o intuito de permitir uma reflexão sobre o estágio, bem como os recursos utilizados, incidindo sobre cinco itens: *qual o exercício que mais gostou de desenvolver e porquê, os meios de auxílio, os melhores recursos e a prestação do professor-estagiário.*

No primeiro e segundo item: *qual o exercício que mais gostou de desenvolver, e porquê*, verificou-se que, dos vinte e um alunos, treze preferiram o exercício de aula “Naturalização” (Parte 4) devido à utilização de processos de transformação, por entenderem que possibilitou uma maior liberdade de criação e pela mensagem transmitida que parte do tecnológico para o natural; três alunos manifestaram maior interesse nos exercícios desenvolvidos no diário gráfico “Naturalização” (Parte 4) por acharem um tema pertinente e gostarem de trabalhar em diário gráfico; outros três alunos preferiram desenvolver o exercício “Refigurar” (Parte 3) pois possibilitou-lhes uma melhor percepção da temática do Sarau; e dois alunos preferiram o exercício de exame (Parte 5) por considerarem mais interessante intelectualmente, conforme podemos verificar no gráfico 5.

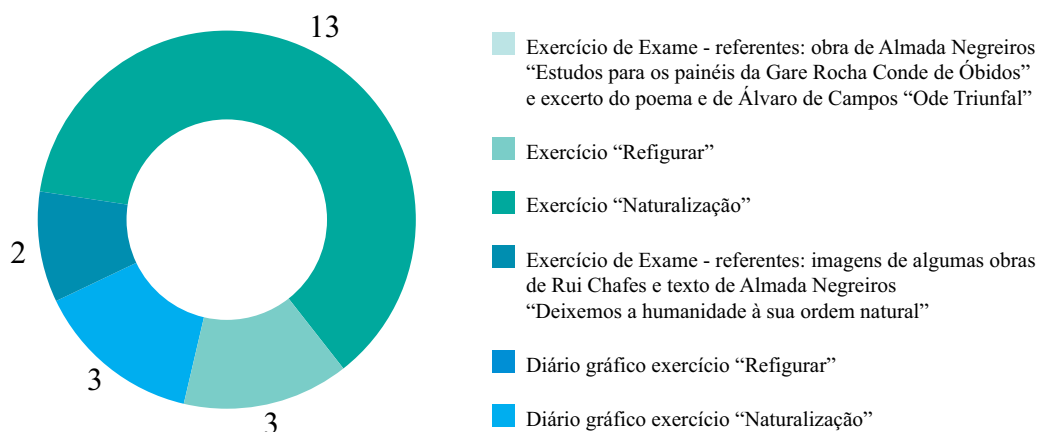


Gráfico 5. Respostas dos alunos sobre: Qual o exercício que mais gostou de desenvolver?

Os alunos quando questionados, no terceiro item, sobre: *quais os meios de auxílio que consideraram mais importantes no acompanhamento e elaboração dos exercícios*, referiram que a sala de aula não constitui o ambiente de eleição para o desenvolvimento dos mesmos. Os recursos tecnológicos, *email* e *facebook*, são considerados mais importantes que o espaço da sala de aula, conforme podemos verificar pela análise do gráfico 6.

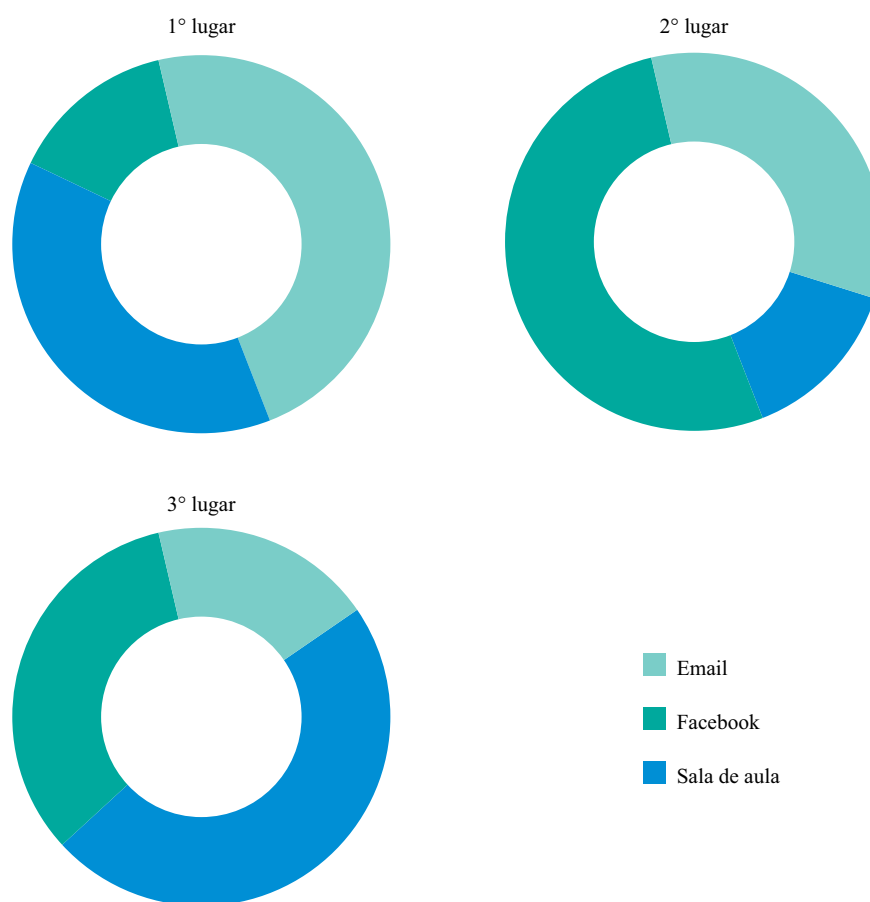


Gráfico 6. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre os meios de auxílio e acompanhamento dos exercícios

No quarto item: *os recursos disponibilizados pelo professor-estagiário serviram de contributo ao acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento dos exercícios*. A maioria concordou que o filme *Metropolis* foi o recurso menos interessante; em segundo, os textos disponibilizados no *facebook* (Anexo AI); em terceiro, os pdf's (Anexos N e U), em quarto, voltaram a referir o filme, revelando estar, entre o atrativo e menos o atrativo; em quinto, as imagens disponibilizadas no *facebook* (Anexos Q e W); em sexto, os *slideshows* (diapositivos) (Anexos N e U); e em sétimo, os enunciados (Anexos J, M, T e Z), sendo considerado o mais importante recurso. Contudo, na resposta a esta pergunta, houve alguma confusão, pois os alunos disseram que os pdf's colocados no *facebook* não se apresentaram como um dos melhores recursos, no entanto, estes pdf's são constituídos pelos *slideshows* apresentados nas aulas, apenas foram disponibilizados por meios diferentes. A partir da análise a esta questão, verificamos que os alunos preferem receber, pessoalmente, os conteúdos, através do professor.

O quinto item, apresentado no terceiro questionário, centrou-se na prestação do professor estagiário, dividido em duas abordagens. A partir de uma escala que variou entre o insatisfaz, representado pelo valor 1, e o satisfaz bastante, representado pelo valor 5, cada aluno procedeu à sua avaliação. Na primeira abordagem referente a: *prestação do mestrando no auxílio ao desenvolvimento do trabalho do aluno*, o resultado foi positivo, com doze alunos a atribuírem o valor 5, cinco atribuírem 4, dois alunos atribuíram o valor 1, um aluno que atribuiu o valor 2 e outro atribuiu o valor 3, conforme análise do gráfico 7.

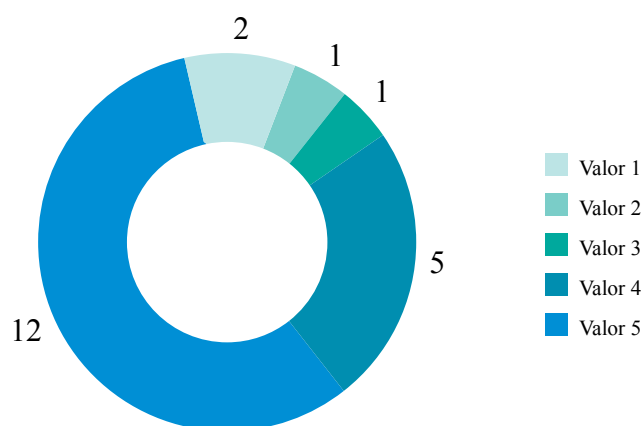


Gráfico 7. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre a prestação do professor-estagiário

Na segunda abordagem, do quinto item, referente à *avaliação dos exercícios realizados e aos recursos disponibilizados como meio para uma melhor observação, compreensão e preparação para o tema do Sarau*, quinze alunos atribuíram o valor 5 e seis

alunos atribuíram o valor 4. Este resultado demonstra que os objetivos das intervenções realizadas nas aulas foram alcançados, conforme podemos verificar no gráfico 8.

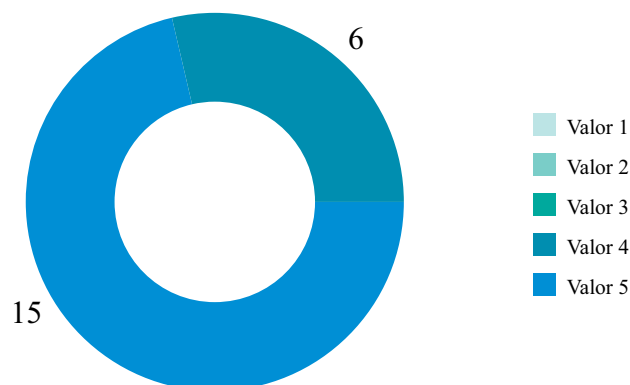


Gráfico 8. Respostas dos alunos sobre: Avaliação sobre os recursos disponibilizados para a preparação do tema do Sarau

#### 4.2. Reflexão

Todo o trabalho de preparação, desenvolvimento e implementação, que culmina neste relatório, procurou encontrar estratégias para motivar cada aluno. A oferta de diversos recursos teve em mente a boa prossecução dos objetivos a atingir.

Após a recolha e análise dos dados dos questionários, foi possível refletir sobre as necessidades dos alunos e da nossa prática letiva. Na primeira aula, referente à Parte 1, verificou-se que o recurso disponibilizado, o filme *Metropolis*, não foi a melhor escolha. Tal deveu-se, não à qualidade e pertinência do tema, mas sim, por exigir uma maior maturidade por parte dos alunos. Na Parte 2, a turma, em geral, demonstrou falta de domínio da linguagem utilizada nos exames, vindo esta situação a alterar-se positivamente, mesmo que em alguns casos de modo ligeiro, na Parte 5. Na resolução dos exercícios das Partes 3 e 4, quase todos os alunos apresentaram boas capacidades técnicas, com exceção de alguns alunos menos trabalhadores, e este resultado deveu-se à maior disponibilidade de tempo.

Durante as aulas e, posteriormente, com apoio das respostas dadas nos questionários, foi possível verificar a importância que os alunos dão aos meios tecnológicos, com destaque para o *email* e o *facebook*. Na plataforma do *facebook*, diariamente foram disponibilizados recursos, que captaram o interesse dos alunos. Este interesse foi demonstrado com a atribuição de “gosto”. No entanto, os alunos revelaram através das respostas ao questionário e de algumas atitudes, a falta de interesse em estar

fisicamente no espaço de sala de aula para elaborar os seus trabalhos, apesar de terem preferência em receber os recursos diretamente e, presencialmente, pelo professor. Acreditamos que este desconforto em permanecer na sala de aula é reflexo das escolas estarem ao serviço da produção e não a serviço do homem e da cultura. O nosso sistema educativo tem sido responsável por um ensino centrado na transmissão de saberes ou por uma aprendizagem reduzida à sua apreensão e memorização, conduzindo a um ensino despersonalizado, em que os alunos se sentem obrigados a estar na escola, e não reconhecem um projeto educativo que dê resposta às suas necessidades, à partilha de conhecimento e à aquisição de experiências.

Através dos resultados obtidos, verificamos que os recursos disponibilizados, pela sua diversidade, responderam às necessidades individuais de cada aluno, e os questionários foram uma mais-valia para afirmarmos que: “o ensino só tem sentido quando interfere na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende (Paiva, 2008, cit. Lourenço & Paiva, 2010, p. 139), assim permitirá conforme refere Domingos Rêgo (2011, p. 116):

[...] que o estudante de arte não cristalice nos conhecimentos adquiridos e não se limite a reproduzir esquemas gastos. O domínio das regras de uma determinada linguagem não assegura só por si a possibilidade de produzir objectos significantes do ponto de vista artístico, digamos que é condição necessária mas não suficiente.

Tal evidência permitiu verificar que, ao longo das aulas, a maioria dos alunos adotava primeira ideia que surgia, exigindo do professor estagiário uma intervenção mais ativa, sendo insuficiente em alguns casos. Verificaram-se poucos momentos de discussão e reflexão coletiva, não houve questões que servissem de debate ou despertassem curiosidade, demonstrando a necessidade de saber para além do conteúdo disponibilizado. Ao executarem um trabalho, raramente, procuraram ir mais além do que era pedido, não demonstrando iniciativa, refletindo uma atitude muito passiva e *bulímica* conforme foi referido por Maria Acaso, neste relatório no ponto 1.4.4.

Verificamos que existe uma grande passividade por parte dos alunos e, neste sentido, o vídeo de Pedro Krupenski (2013) cumpriu uma dupla função. Em primeiro lugar, ajudou a reforçar o tema do Sarau e, por outro lado, contribuiu para despertar mentalidades. Neste contexto, devemos entender que é importante estimular os alunos a colocarem questões, suscitando novos argumentos, novas mensagens e novos pensamentos.

Ao longo das aulas, apesar dos resultados alcançados, verificou-se que a maioria dos alunos arrastaram a execução dos trabalhos, procedendo à sua finalização, na véspera da data de entrega. Em todos os ensaios para a apresentação do Sarau, foram necessárias intervenções por parte do professor titular, alertando os alunos para a sua passividade e falta de atitude. Por mais que fossem elogiados ou até mesmo criticados, a inércia parecia ser generalizada, demonstrando falta de interesse.

Precisamos abandonar a “trilogia dos saber-fazer – ler, escrever, contar – em que assentou a escolaridade obrigatória no século XIX” (Perrenoud, 2003, p. 35), pois já não se apresenta à altura das necessidades da nossa época. Parece-nos que já não basta a ampliação dos objetivos de cada aluno, é necessário alcançar uma motivação, “factor interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa” (Murray, 1886, cit. Lourenço & Paiva, 2010, p. 133), para satisfazer as exigências espontâneas, promover as necessidades intelectuais, gerando novas aprendizagens e novas inquietações pelos saberes culturais (Ricardo, 2010), a fim de estimular uma geração ativa.

A necessidade de mudança que se faz sentir através dos alunos, reflete uma angústia que acreditamos que eles próprios não entendem a sua origem. Por isso, somos da opinião que o ensino do Desenho e da Arte ajuda a encontrar um sentido para a existência. O desenho tem uma herança histórica e cultural e, de facto, não é uma simples ação, pois exige concentração e reflexão, relacionando o que está à volta com o que entendemos ou imaginamos. E porque exige tanto da pessoa, contribui para a sua formação integral, melhorando aspetos da atenção. No ato de desenhar observamos um detalhe, mas também analisamos o todo. Todo este processo exige ainda o trabalho dos sentidos, o que implica o ver, o cheirar, o tocar, o ouvir e até mesmo o saborear, em busca da concretização de uma forma, ou de uma ideia. Neste sentido, se o desenho é a projeção de uma ideia então podemos considerar que o desenho também é uma visão do futuro, rasgando novos horizontes e alargando a perceção do mundo.

Se alguns questionam o rumo da sociedade atual, dando prioridades ao investimento nas máquinas, para as novas gerações existe o fascínio pelo futuro e pela ideia do Homem rodeado de tecnologia. Tal facto demonstra-nos que, conforme já referimos neste relatório, é importante rejeitar a aceitação passiva deste estado de coisas, ampliando a discussão sobre os benefícios e os danos das novas tecnologias, reforçando a mensagem de respeito pelo próximo. A sociedade atual e a educação de que dispomos prepara as pessoas para uma vida programada, por isso, é importante contrariar esta

formatação através da reflexão e de um processo de tomada de consciência, pois caso contrário também seremos seres programáveis, seremos máquinas.

A educação em arte contraria a formatação, pois estimula o sentido crítico e origina novas ideias: “pensar sobre o pensamento facilita o pensamento criativo e crítico e desenvolve habilidades” (Ferreira, 2002, p. 166). A Arte busca sempre algo de novo e combate a vulgaridade. Esta aprendizagem contraria uma sociedade massificada. Acreditamos que uma educação que investe na arte e que trabalha em simultâneo com uma formação humanista permitirá ao aluno maior autoconfiança, autonomia e consciência na liberdade de decisão. A formação humanista é mais do que um conjunto de estratégias, consiste em privilegiar as atitudes, valorizando o respeito pelos alunos.

Sabemos que os alunos não são iguais, contudo, continuamos a insistir num ensino massificado, muitas vezes devido à falta de tempo ou pela pressão de resultados positivos. Esta dissertação permitiu-nos refletir sobre aspetos que configuram a atual cultura educacional que dá mais ênfase à precisão, ao controlo e aos resultados, do que à descoberta e à exploração (Eisner, 2008).

É nosso dever alterar a visão social da educação, fazendo um maior investimento numa verdadeira escola para todos, seguindo as orientações expressas por Elliot Eisner (2008, p. 16):

Dar maior importância à exploração do que à descoberta, dar maior valor à surpresa do que ao controlo, dedicar mais atenção ao que é distintivo do que ao padronizado, dedicar mais interesse ao que está mais relacionado com o metafórico do que com o literal. É uma cultura educacional que dá um maior enfoque ao tornar-se do que ao ser, que dá maior valor à imaginação do que ao factual, dá maior prioridade ao valorizar do que ao avaliar e, considera a qualidade da caminhada mais significativa do que a velocidade a que se chega ao destino.

Mas apesar de muitas vozes proclamarem essa mudança, receamos que ela tarde em acontecer e, por isso, devemos acreditar que o futuro promissor dependerá de nossa deliberada escolha de uma vida de ação em vez de uma vida de consumo, conforme refere Ivan Illich (1985, p. 65):

o futuro depende mais da nossa escolha de instituições que incentivem uma vida de ação do que do desenvolvimento de novas ideologias e tecnologias.

Precisamos de um conjunto de critérios que nos permitam reconhecer aquelas instituições que favorecem o crescimento pessoal em vez do simples acréscimos. Precisamos também ter a vontade de investir nossos recursos tecnológicos, de preferência, nessas instituições promotoras do crescimento pessoal.

Para encararmos um futuro promissor, devemos saber investir na ética social, pois só a partir daí seremos capazes de assumir responsabilidades pelas consequências das nossas ações, bem como pela defesa das nossas ideias. A percepção de um padrão ético possibilita o fortalecimento das nossas capacidades, o questionamento e a análise dos padrões de vida atuais são essenciais para o Homem. A necessidade de reencontrar o prazer no trabalho e em viver integrado na sociedade, o desejo de cultivar as amizades e o convívio podem ajudar a reconstruir o tecido social: é o amor mútuo, que está no fundamento do vínculo social, e origina a identificação pessoal. É possível que a partir daqui seja restaurado o sentido social, originando sociedades melhores e um ensino mais auspicioso.

Segundo a ficha, *Em comunhão para a missão*, do Colégio Amor de Deus:

O ensino no futuro deve estimular, muito mais que o tradicional, a criatividade e o talento dos alunos e também dos professores. Alguns autores colocam grande interesse na educação do talento pondo especial ênfase em trabalhar a motivação dos alunos. A criatividade e o talento são muito necessários para os desafios que aguardam o ser humano e que ainda estão por resolver, no campo das ciências, tecnologia e também humanidades. (Coordenação Geral de Missão Amor de Deus, 2014).

O trabalho desenvolvido na componente prática do mestrado permitiu um acompanhamento pedagógico direcionado à criatividade e ao talento intrínseco de cada aluno. O reflexo disso traduziu-se na resposta positiva à última pergunta do terceiro questionário, a avaliação do professor estagiário e os recursos disponibilizados para a preparação do Sarau.

O futuro no ensino constrói-se a partir das lições do passado, reconhecendo o que funciona bem e o que requer mudança. A escola, tal como a sociedade, requerem dinamismo e sentido crítico, tendo em vista a melhoria das condições de aprendizagem e a melhor realização pessoal e profissional de cada aluno. Foi acreditando nestes pressupostos que empreendemos o trabalho que aqui apresentamos.



## Referências bibliográficas

- Acaso, M. (2009). *La educación artística no son manualidades*. Madrid: Los Libros de la Catarata.
- Arnheim, R. (2013). *Consideraciones sobre la educación artística* (6ª ed.). Barcelona: Paidós.
- Barbosa, A. M. (org.) (2007). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez Editora.
- Baudrillard, J. (1991). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Cabau, P. (2012). *O dispositivo do desenho: A implementação da prática do desenho no ensino artístico contemporâneo*. Leiria: Edições hESAD.cr.
- Delors, J. (Coord.) (1996). *Educação: um Tesouro a Descobrir*. Rio Tinto: Asa.
- Derdyk, E. (2007). *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac.
- Derdyk, E. (2010). *Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento Grafismo Infantil*. Porto Alegre: Coleção Similis, Zouk Editora.
- Dias, F. P. R. & Tavares, C. A. (2007). *As artes visuais e as outras artes: As primeiras vanguardas*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
- Domingos, F. (2011). *Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: Questões Teóricas, Práticas e Metodológicas*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Edwards, B. (1984). *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint.
- Efland, A. (1990). *A history of art education: Intellectual and social currents in teaching the visual arts*. Nova Iorque: Teachers College Press.
- Efland, A. (1999, Maio). *Cultura, sociedade, arte e educação em um mundo pós-moderno*. Apresentado no II Encontro - Palestra de Arthur Efland, SESC - Serviço Social do Comércio Administrativo Regional, São Paulo, Brasil. Disponível em [http://ww2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text\\_2.htm](http://ww2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_2.htm)
- Efland, A. D., Freedman, K., Stuh, P. (2003). *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós.
- Eisner, E. (2008, Jul/Dez). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.5-17.
- Enriquez, E. (2006). O homem do século XXI: sujeito autónomo ou indivíduo descartável. *Revista Réfractons*. v.5, n.1, Art.10. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v5n1/29568.pdf>

- Ferreira, B. W. (2002). A aprendizagem na perspectiva humanista: Carl R. Rogers. In Jorge La Rosa (org.). *Psicologia e educação: o significado do aprender*. (p. 149-167). Porto Alegre: EDIPUCRS
- Ferrer, J. (2001). *Paul Klee*. Lisboa: Livros e Livros.
- Figueiredo, O. (2006). Estabelecendo pontes entre ocidente e o oriente: Um contributo da perspectiva budista na educação para a sustentabilidade. *Interações*, nº3, pp.122-150. Disponível em <http://www.eses.pt/interaccoes>
- Fleury, A. & Fleury, M. T. L. (2001). Construindo o conceito de competência. *Revista de Administração Contemporânea*, 5 (Edição Especial), 183-196. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf>
- Gaspar, M. I. & Roldão, M. C. (2007). *Elementos do desenvolvimento curricular*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Gonçalves, S. M. L. P. & Simon, C. L. (2010). Corpo de biotecnologia: A indagação das fronteiras humanas em Stelarc. *Intexto*, v. 2, n. 23, p. 69-86. Porto Alegre: UFRGS.
- Hall, E. (2003). *La dimensión oculta*. México: Siglo Veintiuno Editores.
- Hausman, J. (1967). The teacher as artist & artist as teacher. *Art Education*. National Art Education Association.
- Illich, I. (1985). *Sociedade sem escolas* (7ªed.). Petrópolis: Vozes.
- Kandinsky, W. (2009). *Curso da Bauhaus*. Lisboa: Edições 70.
- Klee, P. (2001). *Sobre a arte moderna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2008). *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- Massironi, M. (1989). *Ver pelo Desenho: Aspectos Técnicos, Cognitivos, Comunicativos*. Lisboa: Edições 70.
- Matos, J. F. (2005). Educara para a cidadania hoje. In C. Carvalho, J. Pintassilgo, & F. Sousa. *A educação para a cidadania como dimensão transversal do currículo escolar*. (p. 37-47). Lisboa: Porto Editora.
- McLuhan, M. (1974b). El aula sin muros. In E. Carpenter e M. McLuhan. *El aula sin muros: Investigaciones sobre técnicas de comunicación* (pp. 155-156). Barcelona: Editorial Laia.
- McLuhan, M. (1974a). Itinerario de los medios de comunicación. In E. Carpenter e M. McLuhan. *El aula sin muros: Investigaciones sobre técnicas de comunicación* (pp. 157-159). Barcelona: Editorial Laia.
- McLuhan, M. (1996). *Comprender los medios de comunicación: Las extensiones del ser humano*. Barcelona: Paidós.

- Molina, J.J.G., Cabezas, L & Borges, J. (2005). *El manual de dibujo: Estratégias de su enseñanza en el siglo XX* (3ª ed.). Madrid: Ediciones Cádadra.
- Pallasmaa, J. (2006). *Los ojos de la piel*. Baelona: Editorial Gustavo Gili.
- Parra, J. B. (Dir.) (2009). *Seminário Brasileiro sobre o Pensamento de Jacques Ellul. Novos Atores Globais, Técnica e Direito: um diálogo com Jacques Ellul*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCL
- Perrenoud, P. (2003). *Porquê construir competências a partir da escola?* (1ª ed.). Porto: Asa.
- Pimenta, S. G. (1996). Formação de professores: Saberes da docência e identidade do professor. *Revista Faculdade de Educação* (USP), v.22, n.2, 72-89.
- Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Read, H. (2007). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Read, H. (1968). *O significado da arte* (2ªed.). Lisboa: Editora Ulisseia.
- Rogers, C. R. (1987). *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU.
- Roldão, M. C. (2010). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor* (2ªed.). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Santos, A. S. (1999). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte
- Solé, I. (2001). Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In C. Coll, E. Martin, T. Mauri, M. Miras, J. Onrubia, I. Solé & A. Zabala (Eds.). *O construtivismo na sala de aula* (p. 28-63). Porto: ASA
- Virilio, P. (2000). *Cibermundo: A política do pior*. Lisboa: Teorema.

## **Fontes**

- Carta Educativa do Concelho de Cascais*. In: Câmara Municipal de Cascais. Cascais: Instituto Superior de Serviço Social Centro de Estudos e Investigação Aplicada. Acedido em 20 de Maio de 2014 em [http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/carta\\_da\\_educacao\\_\\_\\_versao\\_reduzida.pdf](http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/carta_da_educacao___versao_reduzida.pdf)
- Censos 2011: XV Recenseamento geral da população, V Recenseamento geral da habitação, Resultados Preliminares*. In: Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P. 2011. Acedido em 20 Maio de 2014 em <http://censos.ine.pt>
- Campos, M. J., Coelho M. C., Grosso, M. J., Loureiro, M. L. S., Pascoal, J. & Seixas, J. (2002). *Programa de Português 10.º, 11.º e 12.º anos*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

Colégio Amor de Deus (2014a). *Projeto Educativo: Escolas Amor de Deus* [Manual]. Cascais: Congregação das Irmãs do Amor de Deus.

Colégio Amor de Deus (2014b). *Projeto Curricular 2013/2014* [Manual]. Cascais: Congregação das Irmãs do Amor de Deus.

Colégio Amor de Deus (2014c). *Regulamento Interno* [Manual]. Cascais: Congregação das Irmãs do Amor de Deus.

Coordenação Geral de Missão Amor de Deus (2014). *Em comunhão para a missão. Temas de formação permanente para a missão partilhada* [Fichas]. Madrid: Congregação das Irmãs do Amor de Deus.

Decreto-Lei n° 139/2012 de 5 de Julho. Diário da República 1ª Série. N° 129 (5-7-2012), 3476-3491

Decreto-Lei n° 139/2012 de 5 de Julho. Diário da República 1ª Série. N° 129 (5-7-2012), 3476-3491

Despacho Normativo n° 5/2013 de 8 de Abril. Diário da República n° 68-8-4-2013 - 2.ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Ramos, A (Coordenador/Autor), Barros, S. N., Queiroz, J. P.& Reis, V. (2001). *Programa Desenho A 10º ano. Curso Científico e Humanístico de Artes Visuais*. Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário

Ramos, A (Coordenador/Autor), Barros, S. N., Queiroz, J. P.& Reis, V. (2002). *Programa Desenho A II e 12º anos. Curso Científico e Humanístico de Artes Visuais*. Ministério da Educação, Departamento de Ensino Secundário

## **Webgrafia**

\_\_\_\_\_ (2013, Setembro 23). Na ilha da Sardenha, Papa Francisco renova esperança de desempregados. Especial Santo Padre. *A12*. Disponível em <http://a12.com/santopadre/na-ilha-da-sardenha-papa-francisco-renova-esperanca-de-desempregados/>

Almeida, L. S. (2002). Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6 (2), p. 155-165. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v6n2/v6n2a06.pdf>.

Azevedo, F. (2009, Outubro 9). *Jacques Maritain e a Declaração Universal do Direitos Humanos*. Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em [http://www.unicap.br/catedradomhelder/?page\\_id=56](http://www.unicap.br/catedradomhelder/?page_id=56)

Carneiro, R. (1998). A sociedade educativa e os professores – Um olhar sobre o século XXI. *Administração*, n.º 40, vol. XI, 2.º, p. 349-367. Governo da Região Administrativa Especial de Macau. Disponível em [http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM\\_004148](http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004148)

Domingos Rego, J. (2011). Saber desenhar uma flor. In *Ciclo de Conferências desenhar, saber desenhar*, (p. 108-117). Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10290/2/Domingos%20Rego.pdf>

*Declaração Universal do Direitos Humanos*. In: INCM, Imprensa Nacional da Casa da Moeda 1997-2013. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros. Acedido em 29 de Abril de 2014 em <https://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>

Dias, I. S. (2010). Competências em Educação: conceito e significado Pedagógico. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (1), p. 73-78. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a08>.

Ladra, D. (2007, Janeiro). Stelarc: próteses robóticas e o corpo vazio. *Revista Número*, 6. Disponível em <http://www.forumpermanente.org/rede/numero/rev-numero6/seisdanilabra>

Lourenço, A. A. & Paiva, M. O. A. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências & Cognição*. Vol 15 (2), p. 132-141. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/313/195>

Maia, I. F. (2011). As tecnologias móveis e os letramentos na cultura da convergência. *Revista Geminis*. Ano 2, (nº 1), p. 171-193. Disponível em <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/download/46/43>

Negreiros, A. (s.d.). *Deixemos a Humanidade à Sua Ordem Natural*. Disponível em <http://www.citador.pt/textos/deixemos-a-humanidade-a-sua-ordem-natural-jose-sobral-de-almada-negreiros>

Nóvoa, A. (2009). Educação 2021: Para uma história do futuro. *Sistema Integrado de Bibliotecas Repositório*. Universidade de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/670>

Pessoa, F. (1914). *Ode triunfal*. Disponível em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt>

Randi Korn & Associates, Inc. (2010). *Educational Research: The Art of Problem Solving*. Disponível via Solomon R. Guggenheim Museum New York, NY em [http://media.guggenheim.org/ita/pdfs/APS\\_Executive\\_Summary.pdf](http://media.guggenheim.org/ita/pdfs/APS_Executive_Summary.pdf).

Ribeiro, E. T. L. (2011). Avaliação Escolar: Desafios e Perspetivas. *P@rtes a Revista Virtual*. Disponível em <http://www.partes.com.br/educacao/avaliacaoescolar.asp>

Ribeiro, O. (2013, Julho 7). Humanismo, a nova ideologia. *MidiaNews*. Disponível em <http://midianews.com.br/conteudo.php?sid=262&cid=167672>

Ricardo, E. C. (2010). Discussão acerca do ensino por competências: problemas e alternativas. *Cadernos de Pesquisa*, 40 (140), 605-628. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1540140.pdf>.

Salesianos – Inspeção Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora (2014). Papa Francisco fala de amor, preparo e coerência na educação. Disponível em <http://www.salesianos.com.br>

Sequeira, E. (2014, Fevereiro 17). Primeiro chip faz 40 anos [mensagem de blog]. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Intel\\_4004](http://pt.wikipedia.org/wiki/Intel_4004)

Vieira, Pe. A. (1718). *História do futuro*. Disponível em [http://triplov.org/letras/historia\\_do\\_futuro/capitulo\\_01.htm](http://triplov.org/letras/historia_do_futuro/capitulo_01.htm)

Vigneron, J. (2001). Humanismo cristão e comunicação. *UMESP*. Disponível em [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/ba/Jacques\\_Vigneron.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/ba/Jacques_Vigneron.pdf)

### **Videografia**

Griyo SRL (2012). 2111 Super humanos. [ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=anPQ-GfEapc>

Krupenski, P. (2013). Educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade. . [ficheiro em vídeo]. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=hFVs2-Scppc>

Lang, F. (1927). Metropolis [Filme]. Classic Line: Alemanha.

Robinson, K. (2006, Fevereiro). How schools kill creativity [ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lnkSsU0S550>





# Anexo A

Plano das aulas



**Plano das aulas:**

**Filme (Parte 1) + Exercício Exame (Parte 2) + Exercício aula (Parte 3)**

Professor: Cristiane Veneza

Disciplina: Desenho A

Escola: Colégio Amor de Deus

Data: início 12/12/2013

Ano: 12º ano - Turma: 12.4

Hora da aula: 8:30hs até 10:00hs

Tema Planificado: **REFIGURAR**

Tempo: 2x45 min.=90min.

**Sumários:**

Aula 01\_12/12/2013: Projeção do filme Metropolis – Parte 1

Aula 02\_7/1/2014: Exercício de Exame Diagnóstico – Grupo II – Parte 2

Aula 03\_8/1/2014: Apresentação, projeção de imagens, discussão e entrega de enunciado Parte 3

Aula 04\_9/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3 + Apresentação reportagem “Super Humanos”

Aula 05\_14/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3 + Apresentação conferência Ken Robinson

Aula 06\_15/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3

Aula 07\_21/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3

Aula 08\_22/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3

Aula 09\_23/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3

Aula 10\_28/1/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 3 e entrega Diário Gráfico Parte 3

Aula 11\_29/1/2014: Desenvolvimento do trabalho A3 Parte 3

Aula 12\_30/1/2014: Desenvolvimento do trabalho A3 e entrega final Parte 3

**Programa Nacional**

**Articulação da figura humana com forma mecânica ou utensílio**

Sinopse: representar a figura humana tomando um aluno como modelo numa pose que inclua uma acção sobre um objecto.

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe (Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário)

**Temas curriculares/competências Nacionais**

› **Procedimentos/técnicas de registo:**

forma, textura, densidade, cor, tom, combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros);

› **Procedimentos/ensaios:** análise – estudo do corpo humano; síntese – transformação gráfica, infografia e invenção.

› **Sintaxe:** domínios linguagem plástica, movimento, dinamismo

**Avaliação**

Contínua de observação direta.

Avaliação formativa e sumativa

Avaliação quantitativa e qualitativa

**Recursos**

**Material do professor:**

› computador com exemplos de imagens, trabalhos, composições, fotografias, pinturas, etc...

**Material aluno:**

› diários gráficos A4, papel 180 g A3, computadores, material para desenho (lápiz de cor, grafites, canetas, aguarelas)

**Sala de aula:** Projetor

Aprendizagens prévias: desenvolvimento de competências visuais

Anexo A - Plano das aulas

Aula/tempo	Conteúdos	Atividades	Objetivos	Competências	Estratégias	Recursos
Aula 01 12/12/2013 2x45 + 15 minutos do intervalo		Projeção do filme “Metropolis”  (Parte 1)	<ul style="list-style-type: none"> <li>&gt; Preparar os alunos para as aulas a serem dadas no 2º período.</li> <li>&gt; Preparar os alunos para a apresentação do Sarau de Artes que culminará no final do 2º período.</li> <li>&gt; Finalizar o 1º período com um momento descontraído</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1) Saber respeitar o próximo;</li> <li>2) Tomar decisões e agir socialmente como cidadão participativo e crítico;</li> <li>3) Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns;</li> <li>4) Manter uma postura adequada ao espaço onde está inserido;</li> </ul>	Aula expositiva  Para estimular a aprendizagem, o conhecimento, a interação, o desenvolvimento e o gosto pela disciplina.	Material professor: DVD, computador, colunas
Aula 02 7/1/2014 2 x 45 min	<p>Materiais: Meios atuante riscadores.</p> <p>Procedimentos: Modos de registro, modos de transferência.</p> <p>Ensaíos: Processos de síntese.</p> <p>Sintaxe: Conceitos da linguagem plástica e domínio da linguagem plástica.</p>	<p>Exercício de Exame. Grupo II</p> <p>Excerto do Poema Álvaro de Campos, “Ode Triunfal”, Junho de 1914 (publicado no Orpheu, nº 1, 1915) – Fase Futurista + Imagem da Obra de Almada Negreiros, Estudo para os painéis da Gare Rocha Conde de Óbidos, (1948), 162 x 219 cm</p> <p>(Parte 2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>&gt; Perceber se o aluno sabe aplicar os procedimentos e as técnicas com adequação e correção, criando novas imagens a partir dos referentes.</li> <li>&gt; Perceber a capacidade de síntese, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstratas,.</li> <li>&gt; preparar o aluno para a aquisição de conhecimento a nível do Exame Nacional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>5) Respeitar e organizar o espaço de trabalho;</li> <li>6) Desenvolver as capacidades de observação, interrogação, autonomia e interpretação.</li> <li>7) Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.</li> <li>8) Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.</li> </ul>	Aula diagnóstica  > diagnosticar cada aluno a fim de perceber quais as dificuldades, de forma a encontrar as melhores estratégias para melhorar o desempenho, a fim de originar o acesso ao ensino superior.	<p>Material professor: Folhas de exame e enunciado</p> <p>Material do aluno: lápis de cor, aguarelas, canetas de aparo, pastel, sanguine, grafite...</p>
Aula 03 8/1/2014 2 x 45 min	<p>Exercício “REFIGURAR”</p> <p>Articulação da &gt; figura humana + forma mecânica ou alusiva à manipulação.</p> <p>Sinopse: representar a figura humana tomando uma imagem (do aluno ou de outra pessoa) como modelo numa pose a construir uma composição.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>&gt; Apresentação da Unidade de Trabalho e primeira fase dos conteúdos;</li> <li>&gt; Análise e debate sobre os conteúdos e o trabalho a desenvolver;</li> <li>&gt; Os alunos devem conseguir comunicar as suas ideias e dúvidas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>&gt; Perceber a capacidade de síntese, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstratas,.</li> <li>&gt; Usar o desenho como instrumento de conhecimento e reflexão, partindo do estudo de formas naturais e artificiais;</li> <li>&gt; Compreender e saber aplicar os processos de síntese, processos de transformação gráfica e invenção, partindo do processo de análise;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>9) Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registro gráfico possa assumir.</li> <li>10) Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.</li> <li>11) Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.</li> <li>12) Utilizar corretamente o material didático de apoio.</li> <li>13) Compreender a importância de materiais e processos utilizados no fabrico de objetos técnico;</li> </ul>	<p>Aulas interrogativas e demonstrativas</p> <p>&gt; Acompanhar individualmente os alunos ao longo das diferentes fases de trabalho, de forma espontânea e sempre que solicitado, sem que isso constitua um atropelo ao espírito de iniciativa e à autonomia dos alunos;</p> <p>&gt; Concertar e articular diferentes meios pedagógicos (apresentações, oral, meios multimédia, trabalhos, discussões);</p>	<p>Material professor: Apresentação dos movimentos Futurista, Cubista e construtivista + Enunciado com trabalho aula, tpc diário e tpc A2</p> <p>Material aluno: suporte A3 mínimo 150grs branca. Lápis de cor aguareláveis + aguarela + canetas caligráficas / aparo + grafite</p>
Aula 04 9/1/2014 2 x 45 min	<p>Conteúdos envolvidos</p> <p>Materiais: Meios atuante riscadores, suportes em papel e infografia.</p> <p>[...]</p>	<p>Continuação do plano de trabalho (Parte 3) sala: A3 TPC: DG + Apresentação da reportagem “Super Humanos” <a href="http://www.youtube.com/watch?v=EF_2Xdg9Ri8">http://www.youtube.com/watch?v=EF_2Xdg9Ri8</a></p>	[...]	[...]	[...]	[...]

Aula/tempo	Conteúdos	Atividades	Objetivos	Competências	Estratégias	Recursos
Aula 05 14/1/2014 2 x 45 min	[...]  Procedimentos: Modos de registo, modos de transferência.  Ensaios: Processos de análise e síntese.  Síntaxe: Conceitos da linguagem plástica e domínio da linguagem plástica.	Continuação do plano de trabalho (Parte 3) sala: A3 TPC: DG + Apresentação Conferência Ken Robison <a href="http://www.ted.com/talks/lang/pt/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html">http://www.ted.com/talks/lang/pt/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html</a>	[...]  > Desenvolver modos próprios de representação e expressão, usando os distintos recursos do desenho, aprofundando as suas potencialidades no âmbito de um projeto visual e plástico;  > Explorar suportes com diferentes formatos, diferentes materiais, instrumentos e processos, partindo de uma condição prescrita para uma ação mais autónoma do trabalho.  > Estimular o tratamento gráfico, graus de compressão, captura de imagem, transformação e dinamização informática como meio de auxílio para o desenvolvimento criativo.	[...]  14) Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias;  15) Compreender os conceitos do desenho rigoroso;  16) Compreender que a natureza e a evolução da tecnologia é resultante do processo histórico;  17) Ajustar-se, intervindo criativamente e criticamente, às mudanças sociais e tecnológicas da comunidade/sociedade;  18) Elaborar soluções para os problemas propostos e propor soluções alternativas;  19) Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação;  20) Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros;  21) Compreender o objetivo da aula;  22) Estimular a criatividade.	[...]  > Dar a conhecer aos alunos diferentes obras, fomentando uma aprendizagem acompanhada de exemplos diversificados;  > Disponibilizar informação para possibilitar novas perspetivas e ideias.	
Aula 06 15/1/2014 2 x 45 min	Sentido: visão sincrónica e diacrónica do desenho	Continuação do plano de trabalho (Parte 3) sala: A3 TPC: DG				
Aula 07 21/1/2014 2 x 45 min						
Aula 08 22/1/2014 2 x 45 min						
Aula 09 23/1/2014 2 x 45 min		Continuação do plano de trabalho (Parte 3) sala: A3 entrega DG				
Aula 10 28/1/2014 2 x 45 min						
Aula 11 29/1/2014 2 x 45 min						
Aula 12 28/1/2014 2 x 45 min						

## Anexo A - Plano das aulas

### Plano das aulas: Exercício aula (Parte 4) + Exercício Exame (Parte 5)

Professor: Cristiane Veneza

Disciplina: Desenho A

Escola: Colégio Amor de Deus

Data: início 5/2/2014

Ano: 12º ano - Turma: 12.4

Hora da aula: 8:30hs até 10:00hs

Tema Planificado: **NATURALIZAÇÃO**

Tempo: 2x45 min.=90min.

#### Sumários:

Aula 13\_5/2/2014: Apresentação, projeção de imagens, discussão e entrega de enunciado Parte 4

Aula 14\_6/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4 + Apresentação Conferência Pedro Krupenski

Aula 15\_11/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 16\_12/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 17\_13/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 18\_18/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 19\_19/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 20\_20/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4 e entrega Diário Gráfico Parte 4

Aula 21\_25/2/2014: Desenvolvimento do trabalho Parte 4

Aula 22\_26/2/2014: Desenvolvimento do trabalho e entrega final do trabalho A3 – Parte 4

Aula 23\_27/2/2014: Exercício de Exame Diagnóstico – Grupo II – Parte 5

#### Programa Nacional

##### Animação

Sinopse: planejar e concretizar uma sequência para um filme de animação definindo o número de imagens, a sequência narrativa, a sua lógica comunicacional.

De um modo simples, poderá tratar-se da evolução de uma dada forma no espaço, através das suas transformações de configuração e tamanho. Poderá igualmente recorrer-se a registos fotográficos ou videográficos sucessivos que forneçam o material de base.

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

(Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário)

#### Temas curriculares/competências Nacionais

##### › Procedimentos/técnicas de registo:

forma, textura, densidade, cor, natureza e carácter, combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros);

› **Procedimentos/ensaios:** análise – estudo formas naturais e artificiais, contextos e ambientes; síntese – transformação gráfica, metamorfose, infografia e invenção.

› **Sintaxe:** domínios linguagem plástica, movimento, tempo, continuidade, sequência, narração e dinamismo.

› **Sentido:** visão representação, realismo e ilusão, totalidade e fragmento, interpretação, projecção, sugestão, expectativa e imaginação.

#### Avaliação

Contínua de observação direta.

Avaliação formativa e sumativa

Avaliação quantitativa e qualitativa

#### Recursos

##### Material do professor:

› computador com exemplos de imagens, trabalhos, composições, fotografias, pinturas, etc...

##### Material aluno:

› diários gráficos A4, papel 120g A2, 5 cartolinas 20x20, computadores, material de desenho

**Sala de aula:** Projetor

Aprendizagens prévias: desenvolvimento de competências visuais

Aula/tempo	Conteúdos	Atividades	Objetivos	Competências	Estratégias	Recursos
Aula 13 5/2/2014 2 x 45 min	Plano de trabalho P2 “NATURALI- ZAÇÃO”  Transformação de um objeto tecnológico, de forma dura e fria, num objeto sustentável, natural, ecologia.  Animação Sinopse: planejar e concretizar uma definindo por 3 Imagens. A sequência narrativa com a sua lógica comunicacional, tratar-se da evolução de uma dada forma no espaço, através das suas transformações de configuração e tamanho  Poderá igualmente recorrer-se a registos fotográficos.	> Apresentação da Unidade de Trabalho e segunda fase dos conteúdos;  > Análise e debate sobre os conteúdos e o trabalho a desenvolver;  > Os alunos devem conseguir comunicar as suas ideias e dúvidas	> além de tudo referido em P1, este trabalho pretende sensibilizar o aluno para a perceção do mundo como espaço tecnológico, mas também rico em recursos naturais e dos quais devemos saber conservá-lo;  > despertar senso crítico sobre questões de ordem social, económico, ético e moral.	1) Saber respeitar o próximo; 2) Tomar decisões e agir socialmente como cidadão participativo e crítico; 3) Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns; 4) Manter uma postura adequada ao espaço onde está inserido; 5) Respeitar e organizar o espaço de trabalho; 6) Desenvolver as capacidades de observação, interrogação, autonomia e interpretação. 7) Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação. 8) Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação. 9) Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir. 10) Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica. 11) Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência. 12) Utilizar corretamente o material didático de apoio. 13) Compreender a importância de materiais e processos utilizados no fabrico de objetos técnico; 14) Estimular a criatividade. [...]	Aulas interrogativas e demonstrativas  > Acompanhar individualmente os alunos ao longo das diferentes fases de trabalho, de forma espontânea e sempre que solicitado, sem que isso constitua um atropelo ao espírito de iniciativa e à autonomia dos alunos;  > Concertar e articular diferentes meios pedagógicos (apresentações, oral, meios multimédia, trabalhos, discussão);  > Dar a conhecer aos alunos novos conceitos fomentando uma aprendizagem acompanhada de exemplos diversificados;  > Disponibilizar informação para possibilitar novas perspetivas e ideias.	Material professor: computador  Material aluno: 5 cartolinas de cor escura 20x20 cms + pastel óleo, grafites... 1 ou mais objetos  Material professor: Folhas de exame e enunciado  Material aluno: lápis de cor, aguarelas, canetas de aparo, pastel, sanguínea, grafite...  Material professor: Apresentação pdf de movimentos Futurista, Cubista e construtivista + Enunciado com trabalho aula, tpc diário e tpc A2  Material do aluno: suporte A3 mínimo 150grs branca. Lápis de cor aguareláveis + aguarela + canetas caligráficas / aparo + grafite
Aula 14 6/2/2014 2 x 45 min		Continuação do plano de trabalho P4 + Apresentação conferência TED Coimbra Pedro Krupenski <a href="http://www.youtube.com/watch?v=hFVs2-Scppe">http://www.youtube.com/watch?v=hFVs2-Scppe</a>				
Aula 15 11/2/2014 2 x 45 min	Conteúdos envolvidos Materiais: Meios atuante riscadores, suportes em papel e infografia.	Continuação do plano de trabalho P4				
Aula 16 12/2/2014 2 x 45 min	Procedimentos: Modos de Registo, modos de transferência.  Ensaios: Processos de análise e síntese.  Sintaxe: Conceitos da linguagem plástica e domínio da linguagem plástica.  Sentido: visão sincrónica e diacrónica do desenho					

Anexo A - Plano das aulas

Aula/tempo	Conteúdos	Atividades	Objetivos	Competências	Estratégias	Recursos
Aula 17 13/2/2014 2 x 45 min		Continuação do plano de trabalho (Parte 4) sala: sequência TPC: DG		[...] 14) Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias;		
Aula 18 18/2/2014 2 x 45 min				15) Compreender os conceitos do desenho rigoroso;		
Aula 19 19/2/2014 2 x 45 min				16) Compreender que a natureza e a evolução da tecnologia é resultante do processo histórico;		
Aula 20 20/2/2014 2 x 45 min		Continuação do plano de trabalho (Parte 4) sala: sequência Entrega DG		17) Ajustar-se, intervindo criativamente e criticamente, às mudanças sociais e tecnológicas da comunidade/sociedade;		
Aula 21 25/2/2014 2 x 45 min		Continuação do plano de trabalho (Parte 4) sala: sequência		18) Elaborar soluções para os problemas propostos e propor soluções alternativas;		
Aula 22 26/1/2014 2 x 45 min		Finalização do plano de trabalho (Parte 4) Entrega sequência		19) Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação;		
				20) Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros;		
				21) Compreender o objetivo da aula.		
Aula 23 27/1/2014 2 x 45 min	<p>Materiais: Meios atuante riscadores.</p> <p>Procedimentos: Modos de Registo, modos de transferência.</p> <p>Ensaios: Processos de síntese.</p> <p>Sintaxe: Conceitos da linguagem plástica e domínio da linguagem plástica.</p>	Exercício de Exame. Texto “Deixemos a Humanidade à Sua Ordem Natural” de Almada Negreiros + Obras de Rui Chafes.	<p>&gt; Perceber se o aluno sabe aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção: síntese, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstratas,, criatividade.</p> <p>&gt; saber se o aluno já se encontra mais preparado.</p>	Aula diagnóstica		<p>Material professor: Folhas de exame e enunciado</p> <p>Material aluno: lápiz de cor, aguarelas, sanguínea, grafite, tinta-da-china.</p>

**Plano das aulas:**

**Filme (Parte 1) + Exercício Exame (Parte 2) + Exercício aula (Parte 3)**

**Exercício aula (Parte 4) + Exercício Exame (Parte 5)**

Professor: Cristiane Veneza

Disciplina: Desenho A

Escola: Colégio Amor de Deus

Total aulas: 23

Ano: 12º ano - Turma: 12.4

**Reflexão sobre a avaliação da aprendizagem**

Avaliação como uma reflexão transformada em ação; reflexão do educador sobre todo o contexto e acompanhamento constante do percurso do aluno quanto à construção do conhecimento. Um processo contínuo de interação e interatividade.

**Reflexão sobre a avaliação do ensino**

Desenvolvimento de mecanismos transformadores de atitudes e aplicabilidade.

**Observações Finais / Comentários adicionais**

**Agrupamento:** Individual

**Disseminação:** Todos os trabalhos, posteriormente a avaliação, são expostos:



## Anexo B

Calendário do plano das aulas



Anexo B - Calendário do plano das aulas

Calendário Plano das Aulas						
2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S	D
9 DEZ	10 DEZ	11 DEZ	12 DEZ P1 - Aula 1 Filme	13 DEZ	14 DEZ	15 DEZ
16 DEZ	17 DEZ	18 DEZ	19 DEZ	20 DEZ	21 DEZ	22 DEZ
23 DEZ	24 DEZ	25 DEZ	26 DEZ	27 DEZ	28 DEZ	29 DEZ
30 DEZ	31 DEZ	1 JAN	2 JAN	3 JAN	4 JAN	5 JAN
6 JAN	7 JAN P2 - Aula 2 Ex.Diag.	8 JAN P3 - Aula 3	9 JAN P3 - Aula 4	10 JAN	11 JAN	12 JAN
13 JAN	14 JAN P3 - Aula 5	15 JAN P3 - Aula 6	16 JAN	17 JAN	18 JAN	19 JAN
20 JAN	21 JAN P3 - Aula 7	22 JAN P3 - Aula 8	23 JAN P3 - Aula 9	24 JAN	25 JAN	26 JAN
27 JAN	28 JAN P3 - Aula 10 ENT. DG	29 JAN P3 - Aula 11	30 JAN P3 - Aula 12 ENT. A3	31 JAN	1 FEV	2 FEV
3 FEV	4 FEV	5 FEV P4 - Aula 13	6 FEV P4 - Aula 14	7 FEV	8 FEV	9 FEV
10 FEV	11 FEV P4 - Aula 15	12 FEV P4 - Aula 16	13 FEV P4 - Aula 17	14 FEV	15 FEV	16 FEV
17 FEV	18 FEV P4 - Aula 18	19 FEV P4 - Aula 19	20 FEV P4 - Aula 20 ENT. DG	21 FEV	22 FEV	23 FEV
24 FEV	25 FEV P4 - Aula 21	26 FEV P4 - Aula 22 ENT. SEQ.	27 FEV P5 - Aula 23 Ex.Diag	28 FEV	1 MAR	2 MAR
3 MAR	4 MAR	5 MAR	6 MAR	7 MAR	8 MAR	9 MAR
10 MAR	11 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	12 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	13 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	14 MAR	15 MAR	16 MAR
17 MAR	18 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	19 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	20 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	21 MAR	22 MAR	23 MAR
24 MAR	25 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	26 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	27 MAR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	28 MAR	29 MAR	30 MAR
31 MAR	1 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	2 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	3 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	4 ABR	5 ABR	6 ABR
7 ABR	8 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	9 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	10 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	11 ABR	12 ABR	13 ABR
14 ABR	15 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	16 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	17 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	18 ABR	19 ABR	20 ABR
21 ABR	22 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	23 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	24 ABR Acompanhamento Cenário +Fato +Apr.	25 ABR	26 ABR	27 ABR

■ Interrupção letiva

■ Implementação do plano das aulas

■ Aulas com apoio do professor-estagiário



## Anexo C

Breve história: da tecnologia primitiva aos dias de hoje



Desde sempre, que o homem procurou encontrar soluções que melhorassem a sua condição de vida, através, da incessante procura de formas e objetos que satisfizessem as suas necessidades. Foi no período primitivo, que aconteceu a maior descoberta de sempre: o fogo.

Durante muito tempo, o homem, beneficiou do auxílio dos animais, para melhorar o seu rendimento na agricultura, na construção de acessórios e de casas... tentando ultrapassar as dificuldades do dia a dia.

No Renascimento, Leonardo da Vinci, durante a sua longa vida, colocou em causa muitos dogmas que estavam estabelecidos. Redesenhou alguns artefactos melhorando, consequentemente, a sua construção. Sem dúvida, Leonardo da Vinci, foi um dos maiores criadores tecnológicos de sempre.

Mas foi no século XVIII, com a Revolução Industrial, em Inglaterra, que ocorre a maior mudança tecnológica. Com a necessidade de dar resposta a um sistema de produção, com o aumento da população, concentração de aglomerados populacionais em cidades, a ânsia burguesa de ter maiores lucros e menos custos em resposta a uma produção acelerada, fez desencadear-se a produção em massa, originando uma sociedade de massa.

Este processo de industrialização caracterizou-se por um avanço tecnológico gigante, que começou pelos transportes, e alcançou todo o tipo de produção, apoiado no incremento da velocidade, que como meio possibilitou a obtenção de capital. Este foi o primeiro momento da substituição do homem pela máquina, o que acabou por gerar grandes desigualdades sociais, devido ao crescimento do desemprego, às condições precárias do trabalho, aos salários baixos, bem como o trabalho infantil, sem quaisquer apoios ou leis que defendesse os direitos dos trabalhadores.

Contudo, e ingenuamente, durante o século XIX, acreditava-se no progresso social. Apoiado pelos Iluministas, é também nesta altura, que se investe no desenvolvimento da escola pública, em resposta à necessidade de organizar o grande número de crianças e prepará-las para servir e dar resposta à indústria de massa.

No século XX, especialmente no período pós-guerra, foi altura para mais um grande avanço e desenvolvimento científico-tecnológico (Figueiredo, 2006). Este foi o momento que garantiu a mudança em muitos quadrantes da sociedade, sem limites, colocando em causa algumas questões morais, éticas, políticas e sociais. É nesta “perspectiva, que se torna primordial a importância de (re)pensarmos quais os propósitos da atividade científico-tecnológica, em que moldes ela se deverá desenvolver e quais as finalidades da educação” (Figueiredo, 2006:123).

Foi também no século XX, que se desenvolveu uma das maiores descobertas, a qual viria mudar e redirecionar todo o investimento na tecnologia, a criação do chip. É a partir daqui que se torna possível uma nova abordagem da informação investindo numa sociedade baseada no conhecimento, aumentando as inúmeras possibilidades no avanço tecnológico e dando origem a revolução digital.

Hoje, no início do século XXI, ainda refletimos algumas mudanças ocorridas nos séculos anteriores como o automóvel, o avião, o telefone... reduzindo distâncias e possibilitando uma nova comunicação. Estamos perante a “era da informação”, onde “o diálogo entre saberes constitui uma característica fundamental da construção do conhecimento no século XXI” (Figueiredo, 2006:122).

Neste novo momento, que presenciamos, exige a todos, mas principalmente à escola, que esteja preparada para dar resposta às necessidades desta nova sociedade que exclui aquele que não sabe ou não possui conhecimentos informáticos. Estamos perante o “alfabetismo digital”, ou seja, a compreensão dos recursos informáticos fornecidas pelo mundo cibernético. A alfabetização digital visa capacitar o indivíduo para o uso do computador e dos diversos acessórios eletrónicos, com o apoio da internet, e de todo o sistema informático disponível. A partir do investimento na alfabetização digital pode-se garantir uma melhor aprendizagem escolar, oportunidades de futuro, emprego para a população e maiores perspetivas para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Presenciamos um momento em que, na atual economia, não existe futuro para quem viva sem o domínio dos códigos e redes informáticas, classificando o domínio da tecnologia tão importante quanto a leitura e a escrita. A informação possível através da tecnologia assume uma importância crescente nas nossas vidas, e exige uma constante atualização e especialização a todos que dela necessitam. Precisamos de saber analisar, quais os aspetos negativos, mas também os positivos. É preciso perceber que a sua utilização, cada vez mais rápida e dinâmica, facilita-nos no dia a dia mas também cria comodidade (positiva ou negativa), dependência, violência (cyberbullying), inércia, etc...

De facto, a Revolução Industrial tornou os métodos de produção mais eficientes, os produtos passaram a ser produzidos com maior velocidade, reduzindo o custo e estimulando o consumo. Mas a substituição das máquinas pela mão-de-obra humana, a poluição ambiental, o êxodo rural, o crescimento desordenado das cidades, ainda hoje se fazem sentir em toda a nossa sociedade.

É importante que consigamos refletir sobre a forma como a tecnologia tem mudado as nossas vidas oferecendo novos conhecimentos, mais comodidade e entretenimento, mas também é importante perceber que a sua utilização só será positiva quando utilizada de forma consciente.

### **Referências Bibliográficas**

Figueiredo, O. (2006). Estabelecendo pontes entre ocidente e o oriente: Um contributo da perspectiva budista na educação para a sustentabilidade. *Interações*, 3, pp.122-150.

Joaquim, C. (s.d.). *Pedagogia X tecnologia*. Disponível em: [http://www.moodle.ufba.br/file.php/10602/pedagogia\\_e\\_tecnologia\\_1\\_.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/10602/pedagogia_e_tecnologia_1_.pdf).

Virilio, P. (2000). *Cibermundo: A política do pior*. Lisboa: Editorial Teorema.

## Anexo D

Trecho do texto da Carta Encíclica de João Paulo II



Segundo Pimentel, “o homem é uma máquina construída por Deus, e, também, essa máquina possui alma, quando está animada, e isso é que lhe dá a consciência, a alma como uma espécie demente, considerando as suas particularidades, nos lança a uma outra espécie de dualidade expressa entre a mente e a máquina, ou se a mente é algo que pode ser representado por uma máquina. Mostraremos que a mente não possui um correlato mecânico como o restante do corpo”.

Segundo a CARTA ENCÍCLICA CENTESIMUS ANNUM DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II NO CENTENÁRIO DA RERUM NOVARUM de 1991, refere

No final do século passado, a Igreja encontrou-se diante de um processo histórico, em movimento já há algum tempo, mas que então atingia um ponto nevrálgico. Factor determinante desse processo foi um conjunto de mudanças radicais verificadas no campo político, económico e social, no âmbito científico e técnico, além da influência multiforme das ideologias predominantes. Resultado destas alterações foi, no campo político, uma nova concepção da sociedade e do Estado e, conseqüentemente, da autoridade. Uma sociedade tradicional se dissolvia, e começava-se a formar uma outra, cheia da esperança de novas liberdades, mas também dos perigos de novas formas de injustiça e escravidão.

No campo económico, para onde confluíam as descobertas e as aplicações das ciências, chegara-se progressivamente a novas estruturas na produção dos bens de consumo. Surgira uma nova forma de propriedade, o capital, e uma nova forma de trabalho, o assalariado, caracterizado por pesados ritmos de produção, sem horário nem qualquer atenção ao sexo, idade ou situação familiar, mas determinado apenas pela eficiência, na perspectiva do incremento do lucro.

O trabalho tornava-se assim uma mercadoria, que podia ser livremente comprada e vendida no mercado, e cujo preço era determinado pela lei da procura e da oferta, sem olhar ao mínimo necessário para o sustento vital da pessoa e sua família. E a maior parte das vezes o trabalhador nem sequer estava seguro de conseguir vender desse modo a «própria mercadoria», vendo-se continuamente ameaçado pelo desemprego, o que significava, na ausência de qualquer forma de previdência social, o espectro da morte pela fome.

Consequência desta transformação era «a divisão da sociedade em duas classes, separadas por um abismo profundo» 6: esta situação estava entrelaçada com uma acentuada alteração de ordem política. De facto, a teoria política então predominante procurava promover, com leis apropriadas ou, pelo contrário, com voluntária abstenção de qualquer intervenção, a total liberdade económica. Ao mesmo tempo, começava a surgir, de forma organizada e tantas vezes violenta, uma outra concepção da propriedade e da vida económica, que implicava uma nova organização política e social.

(...)

Continuação em:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus_po.html)

**Referências Bibliográficas**

João Paulo II, (1991). *Carta ecíclica Centsimus annum so sumo Pontífice João Paulo II* aos veneráveis irmãos no episcopado ao clero às famílias religiosas, aos fieis da igreja católica e a todos os homens de boa vontade no centenário da Rerum Novarum. [Consultado em 24-11-2013]. Disponível em: <<http://www.vatican.va/index.htm>>



Pimentel, R. (s/data). *A Natureza do homem e os limites da tecnologia*. Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora.

## Anexo E

A simbologia do triângulo



- TRIÂNGULO símbolo geométrico simples que assume diversas interpretações. A simbologia do triângulo, que também correspondente ao número 3.
- 3 (lados da figura), nas diferentes culturas, é identificado com a compreensão do Homem sobre o Mundo, do Real ao Espiritual:  = 3

MUNDO / VIDA	ESPIRITUALIDADE	OUTRAS RELIGIÕES/CULTURAS	TRADIÇÃO JUDAICA CRISTÃ	PSICANÁLISE DE NORBERTO KEPE	HISTÓRIA/CIVILIZAÇÃO
Passado Presente Futuro	Triângulo equilátero símbolo: <b>Divindade</b> <b>Harmonia</b> <b>Proporção</b>	<b>3</b> - Número mágico poderoso. Símbolo sagrado da Deusa Tripa: <b>Virgem, Mãe e Anciã</b>	Santíssima Trindade: <b>o Pai</b> <b>o Filho</b> <b>o Espírito Santo</b>	O Homem é : <b>sentimento, pensamento e ação</b> em semelhança com o <b>Criador</b> (pai, filho e espírito santo)	Colunas do Templo: jônica, dórica e coríntia, que simboliza a <b>Sabedoria, a Força e a Beleza</b>
<b>3</b> - designa os níveis da vida humana: <b>material racional espiritual/divino</b>	<b>3</b> - universalmente, um número fundamental que exprime a ordem intelectual e espiritual, em <b>Deus, no Cosmos</b> e no <b>Homem</b>	<b>3</b> - Para os Chineses, o número é perfeito (tch'eng), a expressão da totalidade, do todo acabado. O caráter chinês tsi, antigamente representado por um triângulo, exprime a noção de união e de harmonia	<b>3</b> são os Reis Magos que visitaram o Menino - eles simbolizam as 3 funções do Rei do Mundo, reunidas na pessoa de Cristo que acaba de nascer: <b>Rei, Padre e Profeta</b>	A triologia analítica faz-se na união de 3 campos: <b>Ciência</b> <b>Filosofia</b> <b>Espiritualidade</b>	Democracia representa: <b>Liberdade</b> <b>Igualdade</b> <b>Fraternidade</b>
enunciação: <b>Eu, Tu, Ele</b>	<b>Sabedoria</b> <b>Força</b> <b>Beleza</b>	<b>3</b> - No Budismo possui a sua expressão acabada no Triratna (Bouddha. Dharmma, Sangha)	<b>3</b> são os presentes que oferecem a Jesus: ouro, incenso e mirra.		Triângulo: <b>elemento base de estruturas estáveis</b>
Modelo linguístico: <b>significante, significado, referente</b>	 Com o vértice para cima simboliza o princípio masculino  Invertido simboliza o princípio feminino	Para os Indus, a Manifestação Divina é <b>tripla</b> (Trimürti): Brahma, Vishnu, Çiva, simbolizando: produtor, conservador e transformador	<b>Sagrada Família</b> : família de Jesus de Nazaré, composta segundo a Bíblia por <b>José, Maria e Jesus</b>		Triângulo: <b>Base</b> da concepção das Pirâmides do Egito
A criação implica um <b>criador, o ato de criar e a criatura</b>	Símbolo da força do etéreo (celestial) com vértice para cima	<b>3</b> - Na religião do Antigo Irão: Bom Pensamento Boa Palavra Boa Ação	<b>3</b> são as vezes que Pedro negou		
<b>Nascimento</b> <b>Maturidade</b> <b>Vida, Morte</b>	<b>3</b> - Na Alquimia, símbolo do fogo e do coração		<b>3</b> são os dias entre a Morte e a Ressurreição		
<b>3</b> são as luzes do semáforos simbolizando: <b>pare, olhe e siga</b>	<b>3</b> são as virtudes teológicas (que tem Deus por principal objeto)		<b>33</b> anos... A idade de Cristo...		
<b>Causa</b> <b>Ação</b> <b>Reação</b>	<b>3</b> são os elementos da Grande Obra Alquímica: o enxofre, o mercúrio e o sal				
	<b>3</b> são as fases da evolução mística: purgativa, iluminativa, unitiva				

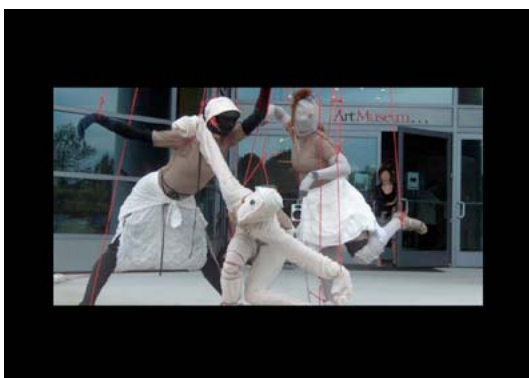


## Anexo F

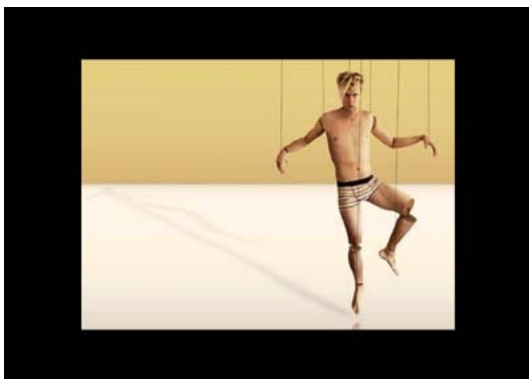
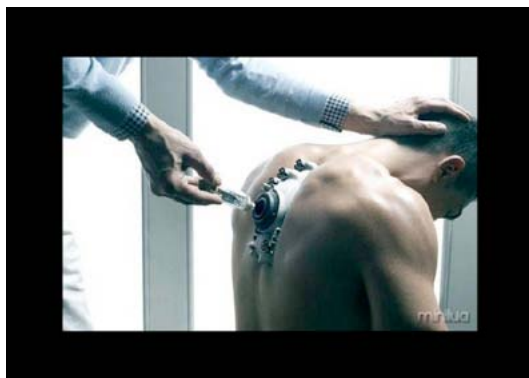
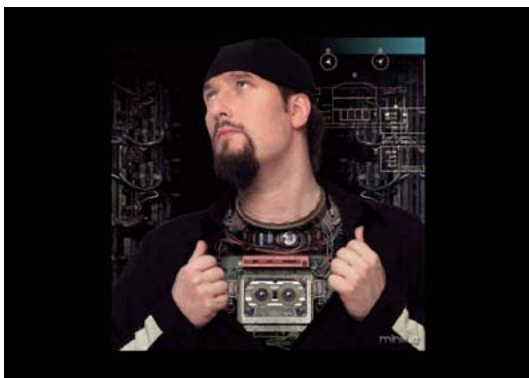
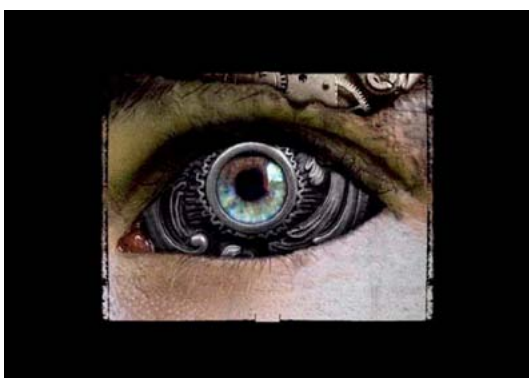
Imagens de apoio ao tema do Sarau

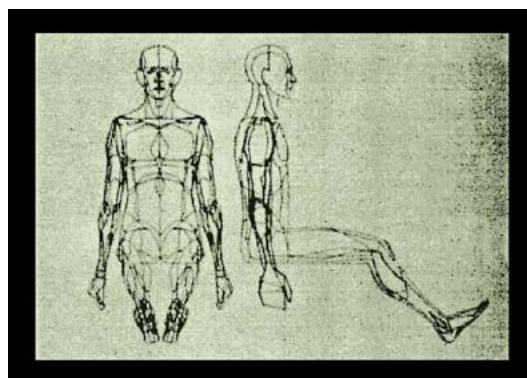
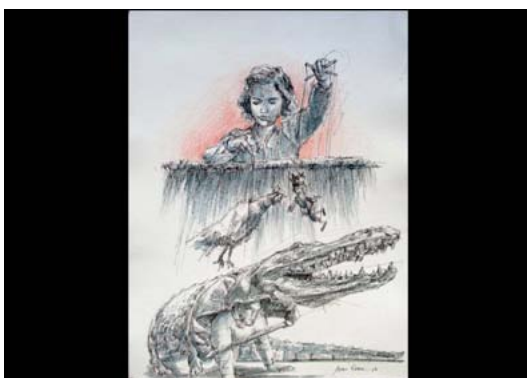
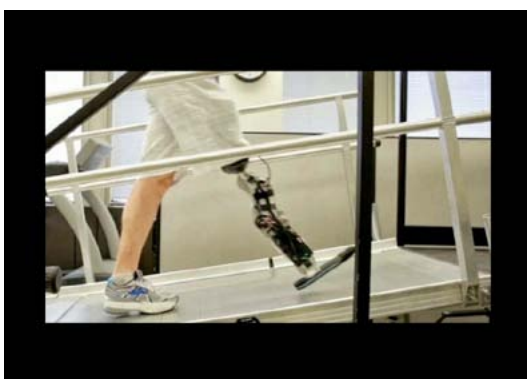
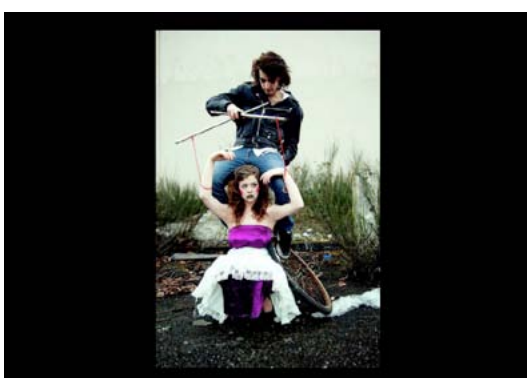


TECNO  
HUMAN  
PUPPET  
ROUPA  
TECNOLOGIA  
FORMAS TRIANGULARES

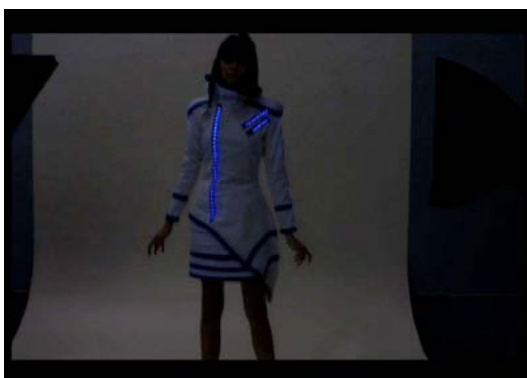
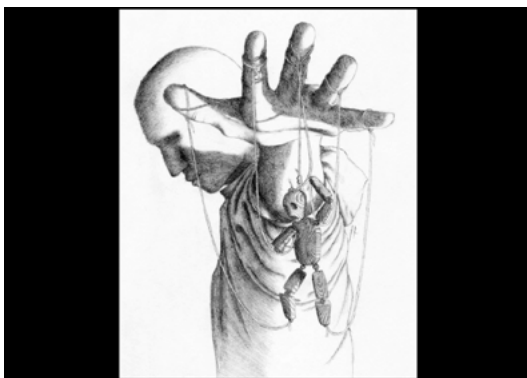
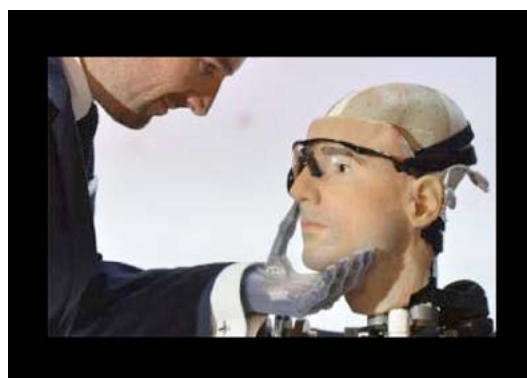


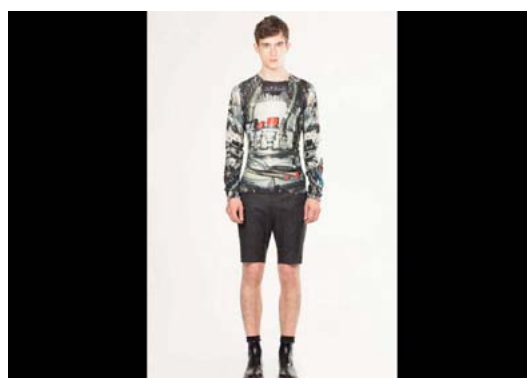
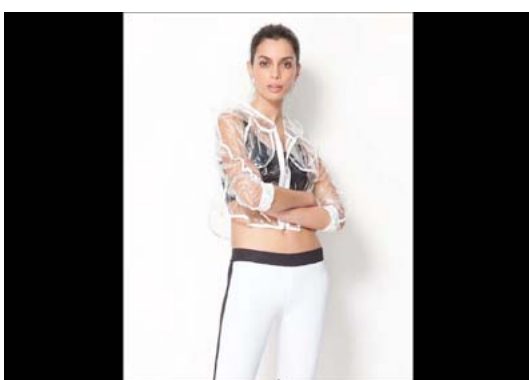
Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau



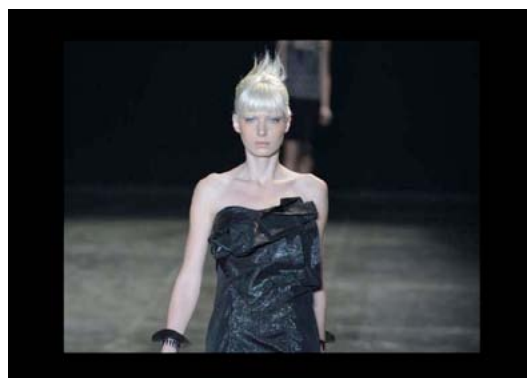


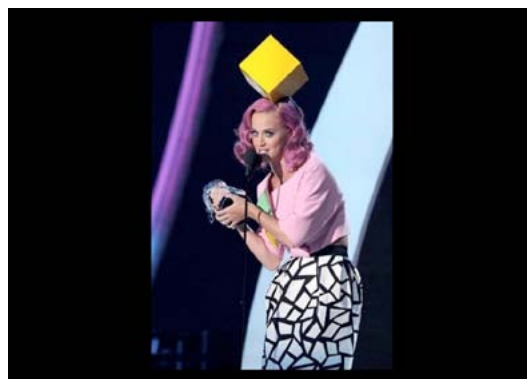
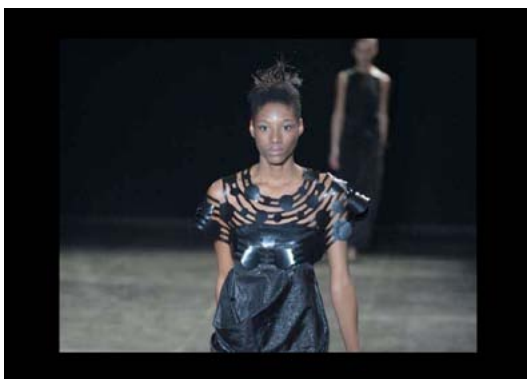
Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau



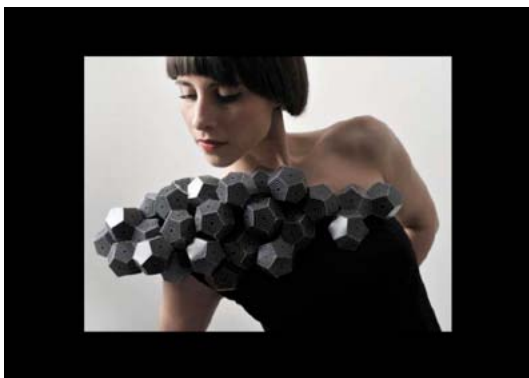
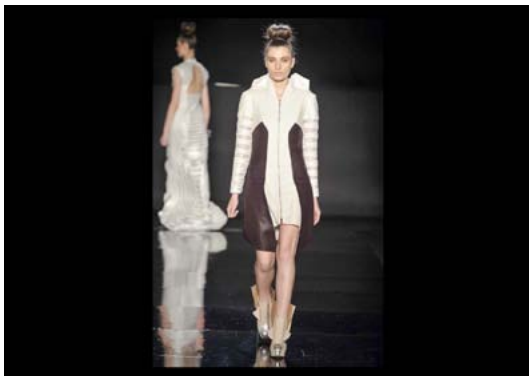


Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau



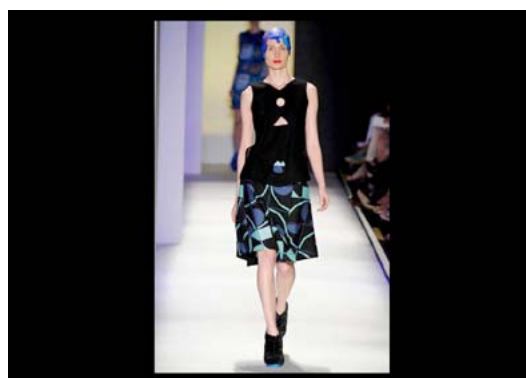


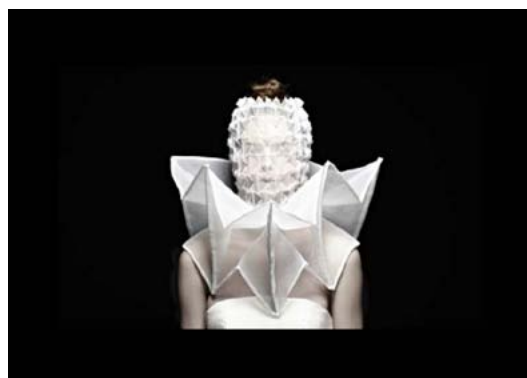
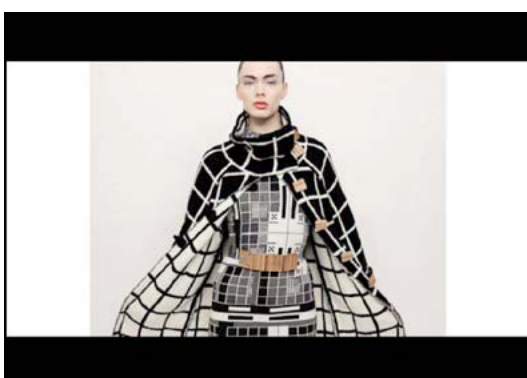
Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau



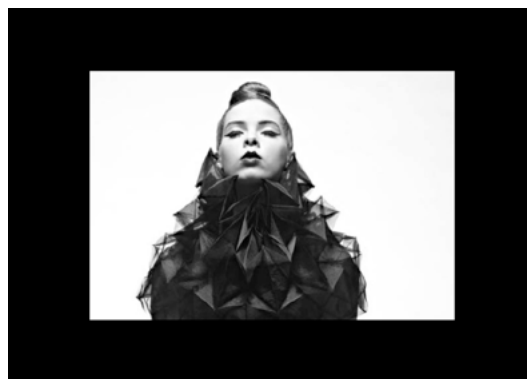


Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau





Anexo F -Imagens de apoio ao tema do Sarau



## Anexo G

Resumo da reunião de 12/12/2013



## **Estrutura para o desenvolvimento do Sarau de Artes 2014**

Ficou decidido que o Sarau:

- > será dividido em 3 momentos;
- > cada momento poderá se desenvolvido interligando um no outro, ou seja, seguidos;
- > a introdução terá início com o apoio a uma música clássica inserida no 1º momento (+ instrumentos de música);
- > a conclusão também deverá (ou poderá) conter outra música clássica.

**Os 3 momentos deverão apresentar-se assentes em 3 valores:**

**VERDADE**

**TRABALHO**

**PARTILHA**

**1º Momento:** a ideologia - a criação idílica assente nos valores de Usera

VERDADE = em Cristo, na palavra...

TRABALHO = dedicação, esforço, sacrifício...

PARTILHA = solidariedade, comunidade...

Este momento representa a missão Usera e os valores.

**2º Momento:** a má utilização da tecnologia X valores > manipulação (marionetas)

VERDADE = sem liberdade, alienação, ignorância, sofrimento... isolamento, etc...

TRABALHO = individualismo, etc...

PARTILHA = sem partilha, egoísmo, fechado em si, etc....

**3º Momento:** a tecnologia como meio para divulgação, comunicação e linguagem dos valores Usera. A tecnologia como o melhor meio para propagação da palavra, também é o futuro. A utilização da tecnologia para fazer o Bem.

VERDADE = no ser humano,...

TRABALHO = recompensa, louvor,...

PARTILHA = rápida e em todo lado, diálogo dos conhecimentos,...

Ainda por definir:

- > a entrada da “aluna acrobática”

Este resumo, deve servir de apoio ao que foi discutido, e tem como objetivo o registo das ideias e conceitos a fim de permitir o enriquecimento de outras novas ideias e conceitos.



## Anexo H

Questionário 1 e 2



Número de aluno:	Turma 12.4
------------------	------------

O presente questionário insere-se no desenvolvimento de uma dissertação do Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade de Lisboa e tem como objetivo a análise da sua relação com os diversos suportes tecnológicos.

**1)Qual o papel das tecnologias na sua vida?**

---

---

---

**2) Como acha que a tecnologia influencia a sua formação enquanto aluno e enquanto cidadão?**

---

---

---

**3) Como utilizar as tecnologias de forma consciente?**

---

---

---

Obrigada,  
Cristiane Veneza



# Anexo I

## Questionário 3



## Questionário

O presente questionário tem como objetivo a avaliação do trabalho desenvolvido pela mestrande Cristiane Veneza, no âmbito da dissertação do Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade de Lisboa.

1) Qual o exercício que mais gostou de desenvolver:

- Exercício de Exame - referentes: obra de Almada Negreiros “Estudos para os painéis da Gare
- Rocha Conde de Óbidos” e excerto do poema de Álvaro de Campos “Ode Triunfal”
- Exercício “Refigurar”
- Exercício “Naturalização”
- Exercício de Exame - referentes: imagens de algumas obras de Rui Chafes e texto de Almada
- Negreiros “Deixemos a humanidade à sua ordem natural”
- Diário Gráfico Exercício “Refigurar”
- Diário Gráfico Exercício “Naturalização”
- Desenhos A2

2) Porquê?

---

---

---

3) Avalie de 1 a 3, sabendo que 1 corresponde ao menos importante e 3 ao mais importante, os meios de auxílio para o acompanhamento na elaboração dos exercícios:

- Email
- Facebook
- Sala de aula

4) Avalie de 1 a 7, sabendo que 1 corresponde ao menos importante e 7 ao mais importante, os recursos que contribuíram para acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento dos exercícios:

**Filme “Metropolis”**

**As apresentações em diapositivos em sala de aula**

**Imagens disponibilizadas no facebook**

**Textos disponibilizados no facebook**

**Pdf’s disponibilizados no facebook ou via email**

**Vídeos assistidos na sala de aula**

**Enunciados dos exercícios**

5) Avalie de 1 a 5, sabendo que 1 corresponde a insatisfaz e 5 a satisfaz bastante:

A prestação do mestrando no auxílio ao desenvolvimento do seu trabalho:

Os exercícios realizados e os recursos disponibilizados como meio para uma melhor observação, compreensão e preparação para o tema do Sarau:



## Anexo J

Enunciado do exercício - Parte 2



## **Exercício Prático de Desenho A - I**

---

12º Ano de Escolaridade

3 Páginas

---

Duração do Exercício: 70 minutos + 15 minutos

---

**2014**

7/Janeiro

## GRUPO II

### Representação gráfica, com exploração da capacidade de síntese

Leia com atenção o texto que se segue:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Poema Álvaro de Campos, "Ode Triunfal", Junho de 1914 (publicado no Orpheu, nº 1, 1915)

Observe. A figura 1, presente na página 3, é a reprodução da obra de Tapeçaria de Almada Negreiros.

Crie graficamente uma ilustração ao texto apresentado que evoque o espaço e o ambiente que lhe sugere, segundo o poema que representa a fase futurista de Álvaro de Campos. Considere a imagem referente de Almada Negreiros como estímulo visual para a criação de uma nova representação que ilustre o texto.

Contextualize uma nova ilustração com atenção ao tratamento cromático que expresse a sua ideia e o desenvolvimento formal da sua proposta, transmitindo ritmo e movimento.

Recorra aos processos de síntese que considere adequados para que a sua proposta final seja, plasticamente interessante, formalmente dinâmica, evidenciando criatividade e invenção à composição gráfica.

Utilize um tratamento cromático expressivo, através da técnica que lhe parecer mais adequada para expressar a sua ideia, optando entre as técnicas mistas de: sanguínea e grafite ou aguarela e lápis de cor ou aguarela e tinta da china (pincéis, aparos e canetas caligráficas).

A mancha da ilustração deve resultar equilibrada, ocupando adequadamente o espaço da folha da prova.

## GRUPO II

Representação gráfica, com exploração da capacidade de síntese



Figura 1 - Almada Negreiros, *Estudo para os painéis da Gare Rocha Conde de Óbidos*, tapeçaria, (1948), 162 x 219 cm



## Anexo K

Cotações do enunciado do exercício - Parte 2



**GRUPO II (90 pontos)**

A resposta ao item do Grupo II permite avaliar:

- o domínio dos diversos meios atuantes, riscadores e aquosos;
- a capacidade de análise e representação de objetos e o domínio, no campo dos estudos analíticos de desenho à vista, da proporção, da escala, da distância, dos eixos e ângulos relativos, da volumetria, da configuração, dos pontos de inflexão, do contorno e da cor;
- o domínio e a aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica, compreendendo práticas de ocupação de página, enquadramento, processos de transferência e efeitos de cor;
- a capacidade de síntese: transformação – gráfica e invenção;
- a coerência formal e conceptual das formulações gráficas produzidas.

Estas competências estão operacionalizadas através dos descritores específicos.

**a) Domínio dos meios atuantes**

- **Materiais e instrumentos ..... 20 pontos**

Na resposta a este item, o examinando deve, obrigatoriamente, ter utilizado uma técnica mista de tinta da china e aguarela / grafite e lápis de cor.

Caso uma destas condições não se verifique, este parâmetro é classificado com 0 (zero) pontos.

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Evidencia muita expressividade e facilidade na definição da proposta, adequando corretamente o tipo de representação ao material escolhido:  Técnica mista de sanquinea/grafite: utiliza, com grande à-vontade, intensidades e espessuras de traço, tramas, malhas ou manchas de diferentes tons e densidades, numa mistura equilibrada e correcta dos dois meios actuantes. OU Técnica mista de grafite/lápis de cor: utiliza, com grande à vontade, diferentes grafismos, espessuras de traço e/ou intensidades de mancha, diferentes efeitos de cor, tons e densidades, numa mistura equilibrada e correta dos dois meios atuantes. OU Técnica mista de aguarela/tinta-da-china (pincéis, aparos e canetas caligráficas): utiliza, com grande à-vontade, diferentes cores, tons, densidades, gradações, intensidades de mancha, luminosidades e expressividade.	20
3	Denota bastante expressividade, apesar de se verificarem pequenas falhas no domínio da técnica.	16
2	Denota alguma expressividade, mas verificam-se várias falhas no domínio da técnica.	12
1	Evidencia dificuldade no domínio da técnica e/ou pouca expressividade na definição da proposta.	8

**b) Capacidade de análise e representação de objectos**

– Estudo do contexto e estudo de formas ..... 10 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Representa o espaço e as formas criados com muita correção.	20
3	Representa o espaço e as formas criados com bastante correção.	16
2	Representa o espaço e as formas criados com alguma correção.	12
1	Representa o espaço e as formas criados com pouca correção.	8

**c) Capacidade de síntese**

– Transformação – simplificação por acentuação e invenção ..... 20 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota muita criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	20
3	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota bastante criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	16
2	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota alguma criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	12
1	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota pouca criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	8

**d) Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica**

– Organização dinâmica, efeitos de cor e práticas de ocupação de página ... 20 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Demonstra muito conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	20
3	Demonstra bom conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	16
2	Demonstra algum conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	12
1	Demonstra pouco conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	8

**e) Coerência formal e conceptual****– Adequação ..... 10 pontos**

<b>Níveis</b>	<b>Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina</b>	<b>Pontuação</b>
2	A formulação gráfica produzida revela coerência formal e conceptual, na relação com o referente de Alamada Negreiros e com o enunciado da questão.	10
1	A formulação gráfica produzida revela pouca coerência, quer a nível formal, quer a nível conceptual, na relação com o referente de Alamada Negreiros e com o enunciado da questão.	5



## Anexo L

Resultado do exercício - Parte 2



EXAME FINAL TRICIONAL do Desporto A - Código 706 ANO LETIVO 2011/2012

**A PREENCHER PELO ESTUDANTE**

NOME COMPLETO \_\_\_\_\_  
DOC IDENTIFICAÇÃO Nº \_\_\_\_\_ OU Nº \_\_\_\_\_ (BASTAR COM UM DOS DOIS)  
ASSINATURA DO ESTUDANTE \_\_\_\_\_  
PROVA DE Desporto A - CÓDIGO 706  
REALIZADA NO ESTABELECIMENTO \_\_\_\_\_

PROVA DE Desporto A - CÓDIGO 706  
FASE \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR**

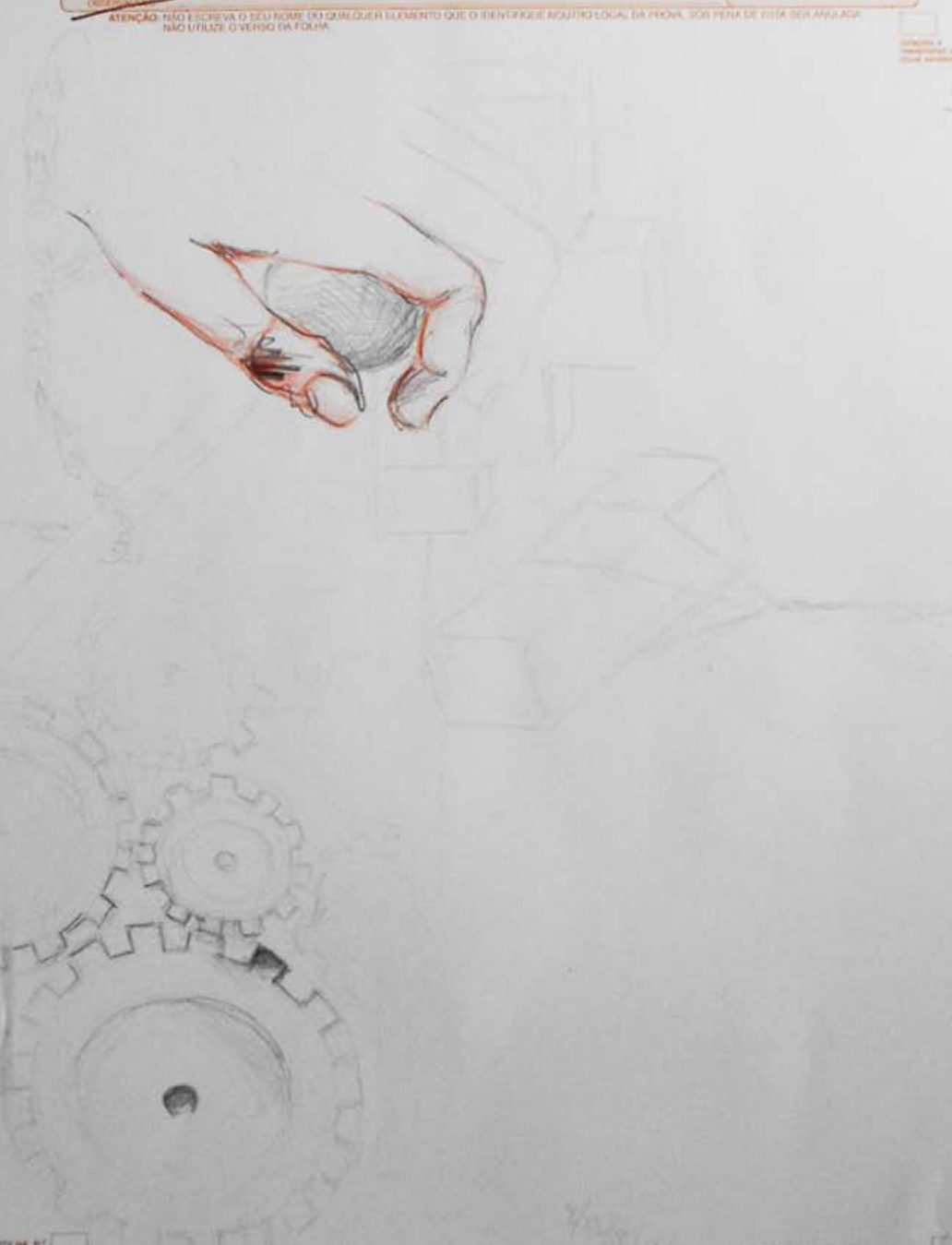
CLASSIFICAÇÃO DE \_\_\_\_\_ PONTOS \_\_\_\_\_  
CORRESPONDENTE A \_\_\_\_\_ VALORES \_\_\_\_\_  
DATA \_\_\_\_\_ HÁBITUA \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO ATRIBUÍDO**

Nº CONVENIÊNCIA \_\_\_\_\_  
Nº CONVENIÊNCIA \_\_\_\_\_  
Nº CONVENIÊNCIA DA ESCOLA \_\_\_\_\_

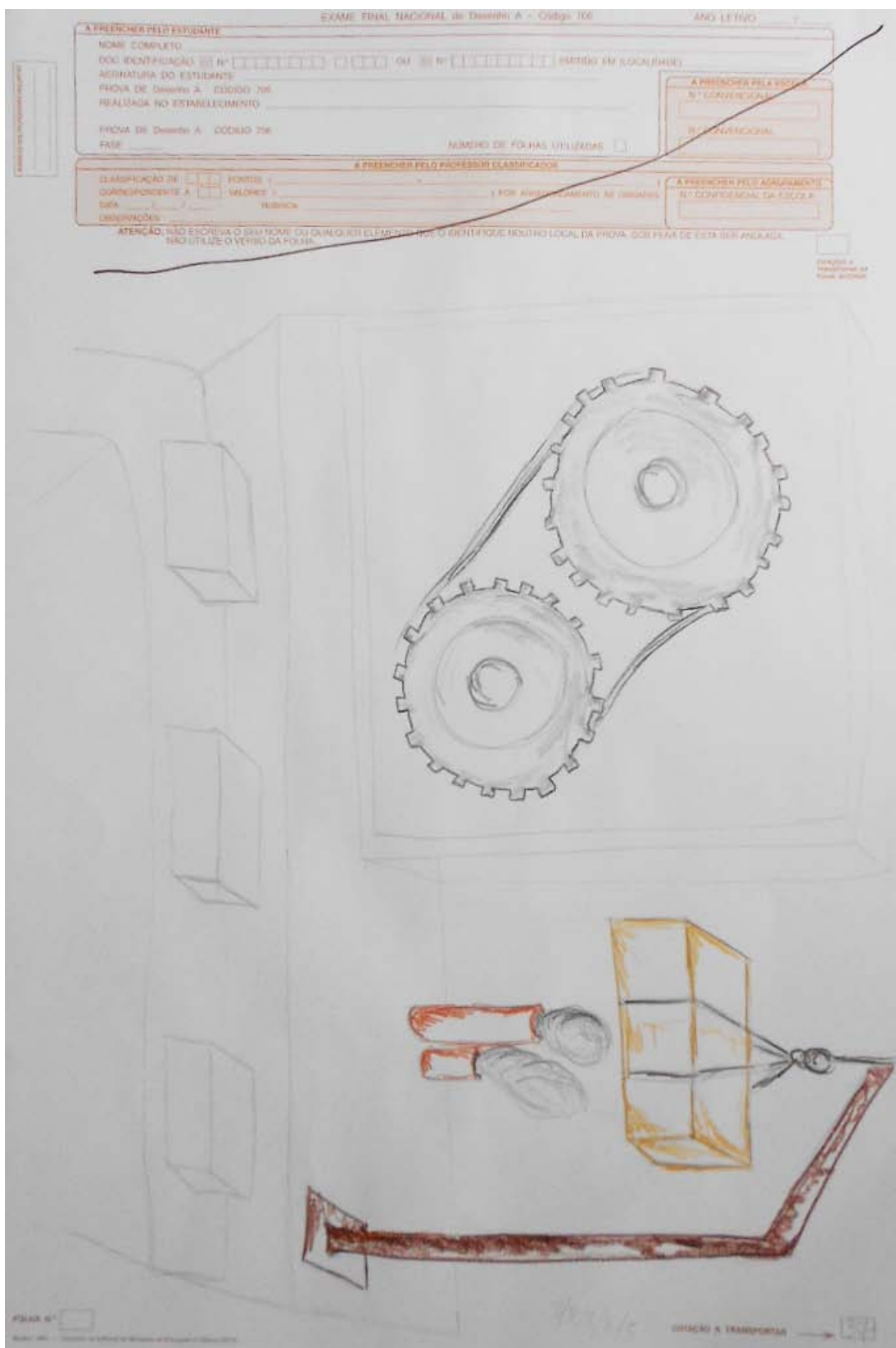
**ATENÇÃO:** NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER ELEMENTO QUE O IDENTIFIQUE ALGUTRO LOCAL DA PROVA, SOB PENA DE ESTA SER ANULADA. NÃO UTILIZE O VERSO DA FOLHA.

FIGURA Nº \_\_\_\_\_  
COTAÇÃO A TRANSPORTAR \_\_\_\_\_



Aluno 1

Anexo L - Resultado do exercício - Parte 2



Aluno 2

EXAME FINAL NACIONAL DE DESenho A - Grupo 706 ANO LETIVO 2014/2015

**A PREENHER PELO ESTUDANTE**

Nome completo \_\_\_\_\_  
CDD: INSTITUIÇÃO  Nº \_\_\_\_\_ OU  Nº \_\_\_\_\_ ENTROU EM LOCALIDADE \_\_\_\_\_  
ASSINATURA DO ESTUDANTE \_\_\_\_\_  
PROVA DE Desenho A - COCIMA 2014 REALIZADA NO ESTABELECIMENTO \_\_\_\_\_  
PRACA DE Desenho A - COCIMA 2014 \_\_\_\_\_  
FASE \_\_\_\_\_  
NÚMERO DE FOLHAS UTILIZADAS

**B PREENHER PELO ESCOLA**  
N.º CONVENCIONAL \_\_\_\_\_  
N.º CONVENCIONAL \_\_\_\_\_

**A PREENHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR**  
CLASSIFICAÇÃO DE \_\_\_\_\_ PONTOS 1 \_\_\_\_\_  
CORRESPONDENTE A \_\_\_\_\_ VALORES 1 \_\_\_\_\_  
DATA \_\_\_\_\_  
INSCRIÇÃO \_\_\_\_\_  
FABRICA \_\_\_\_\_  
1 SEM APROXIMAMENTO AS UNIDADES \_\_\_\_\_

**A PREENHER PELO AGRUPAMENTO**  
N.º CONVENCIONAL DA ESCOLA \_\_\_\_\_

ATENÇÃO: NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER ELEMENTO QUE O IDENTIFIQUE NOUTRO LOCAL DA PROVA, SOB PENA DE ESTA SER ANULADA. NÃO UTILIZE O VERSO DA FOLHA.

27/11/15

COPIAR & TRANSFERIR

Aluno 3





Aluno 5

Anexo L - Resultado do exercício - Parte 2

EXAME FINAL NACIONAL de Desenho A - Código 706 ANO LETIVO 2016/2017

**A PREENCHER PELO ESTUDANTE**

NOME COMPLETO: \_\_\_\_\_

N.º IDENTIFICAÇÃO: N.º \_\_\_\_\_ DA \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_ ENTIDO EM LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

REGISTO DO ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

PROVA DE Desenho A (Código 706) REALIZADA NO ESTABELECIMENTO: \_\_\_\_\_

PROVA DE Desenho A (Código 706) FASE: \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO ESTABELECIMENTO**

CLASSIFICAÇÃO DE: PONTOS: \_\_\_\_\_

CONDIÇÃO DE: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

INSCRIÇÃO: \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO PROFESSOR DE APOIAMENTO**

\_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO AGRUPAMENTO**

\_\_\_\_\_

ATENÇÃO: NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER ELEMENTO QUE O IDENTIFIQUE NOUTRO LOCAL DA PROVA, SOB PENA DE ESTÁ SER ANULADA. NÃO UTILIZE O VÍDEO DA FOLHA.

CONDIÇÃO A MANUTERER NA PROVA: \_\_\_\_\_




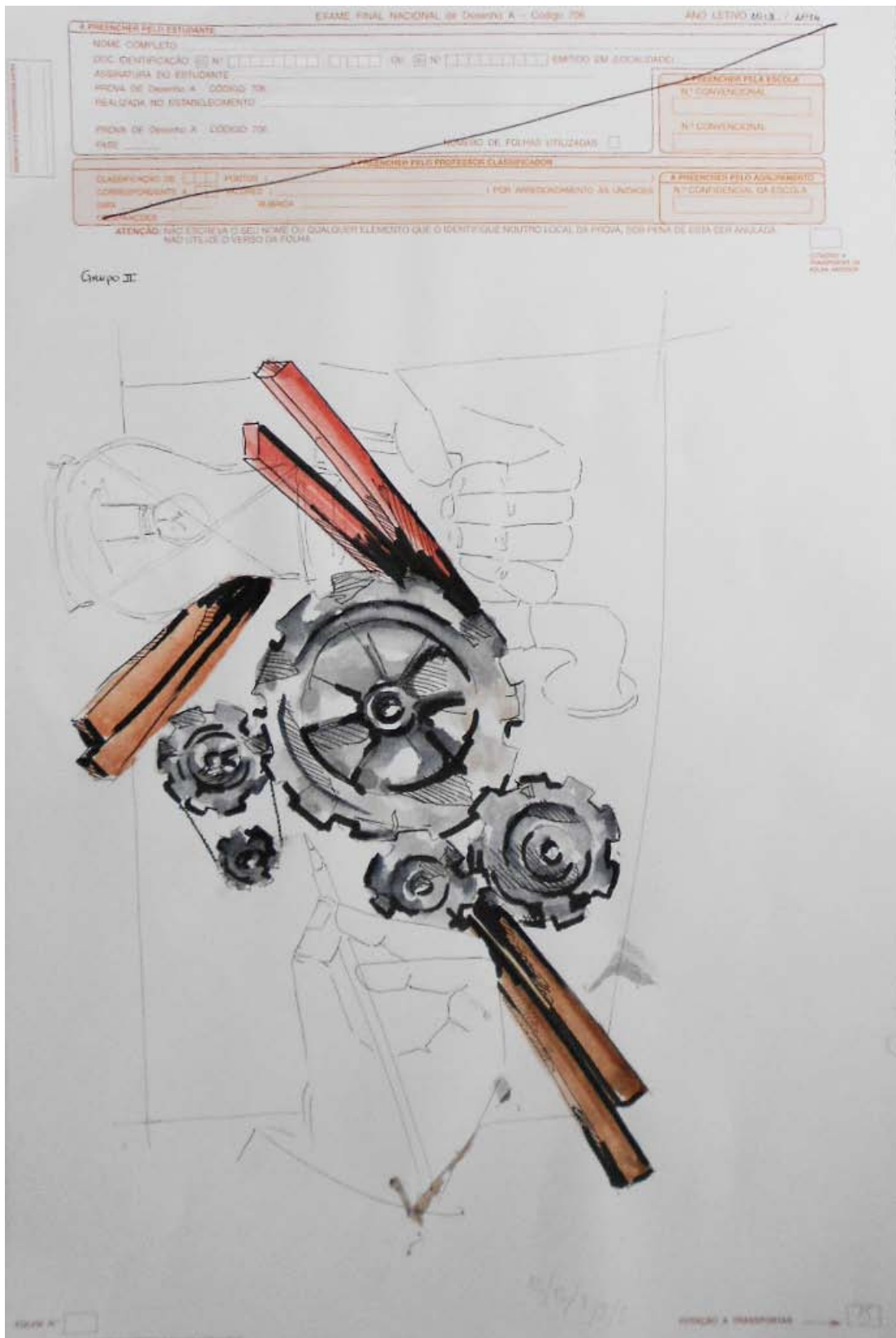
FIGURA Nº: \_\_\_\_\_

CONDIÇÃO A MANUTERER NA PROVA: \_\_\_\_\_

Aluno 6

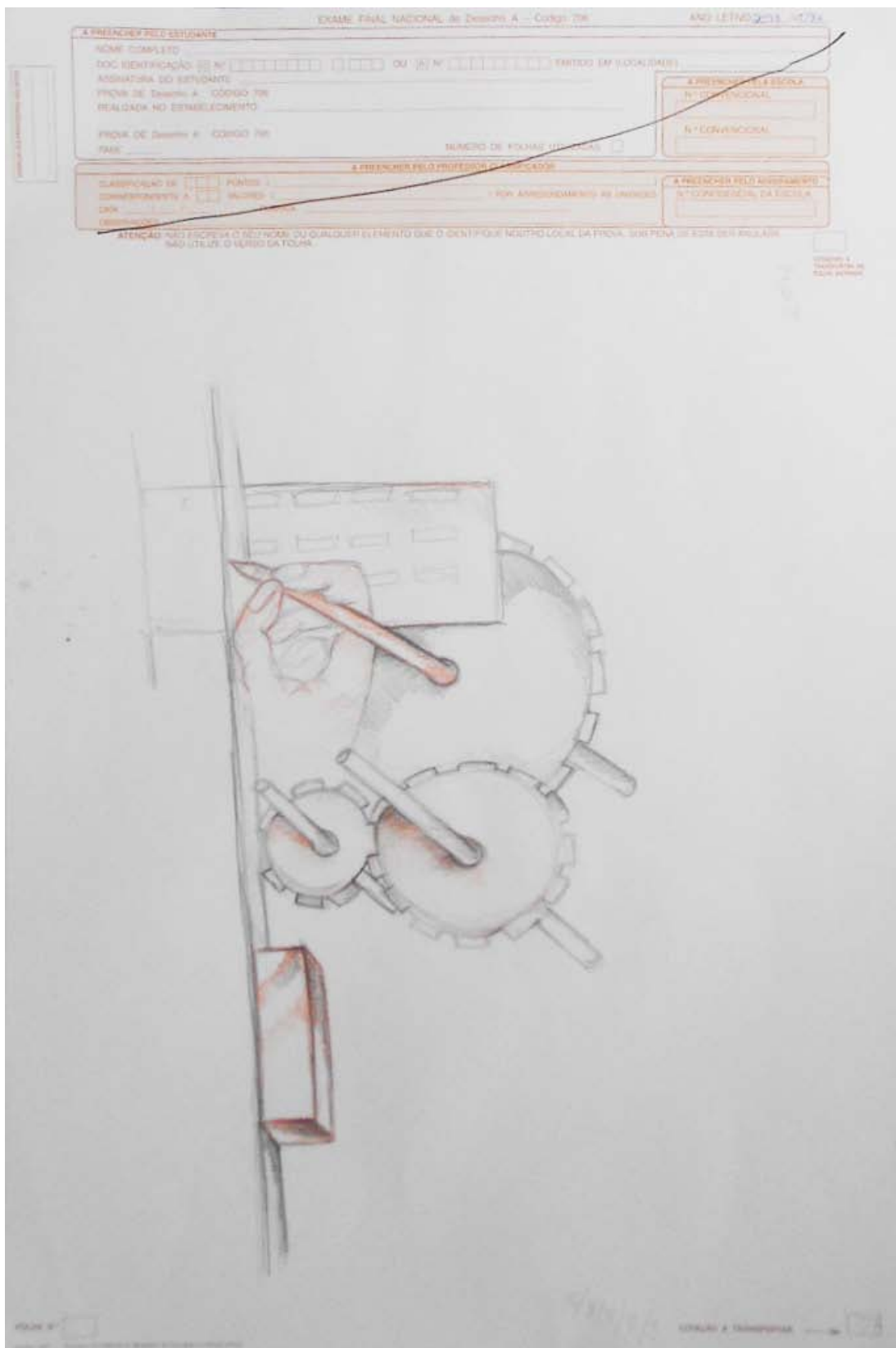






Aluno 11

Anexo L - Resultado do exercício - Parte 2

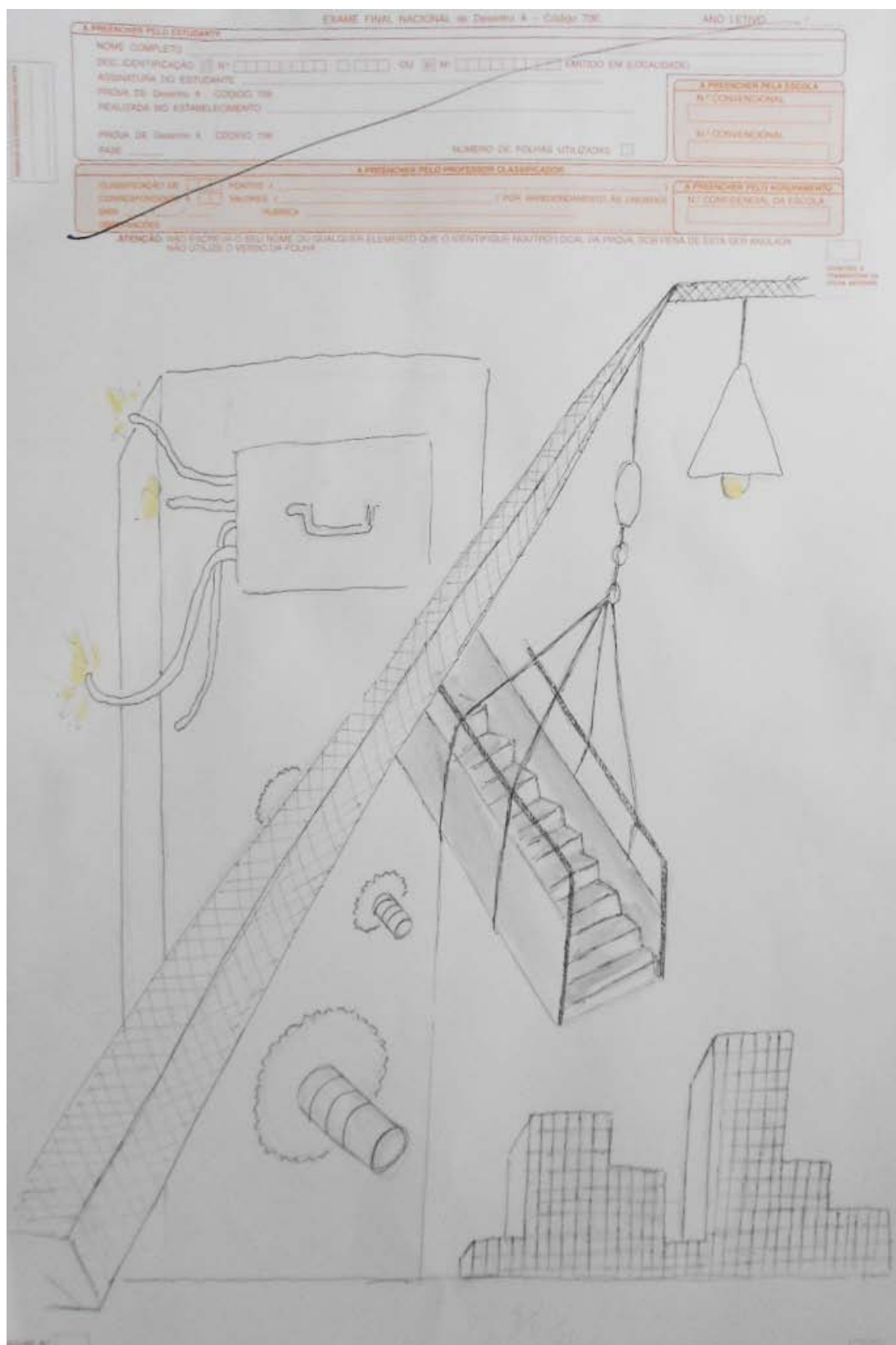


Aluno 12

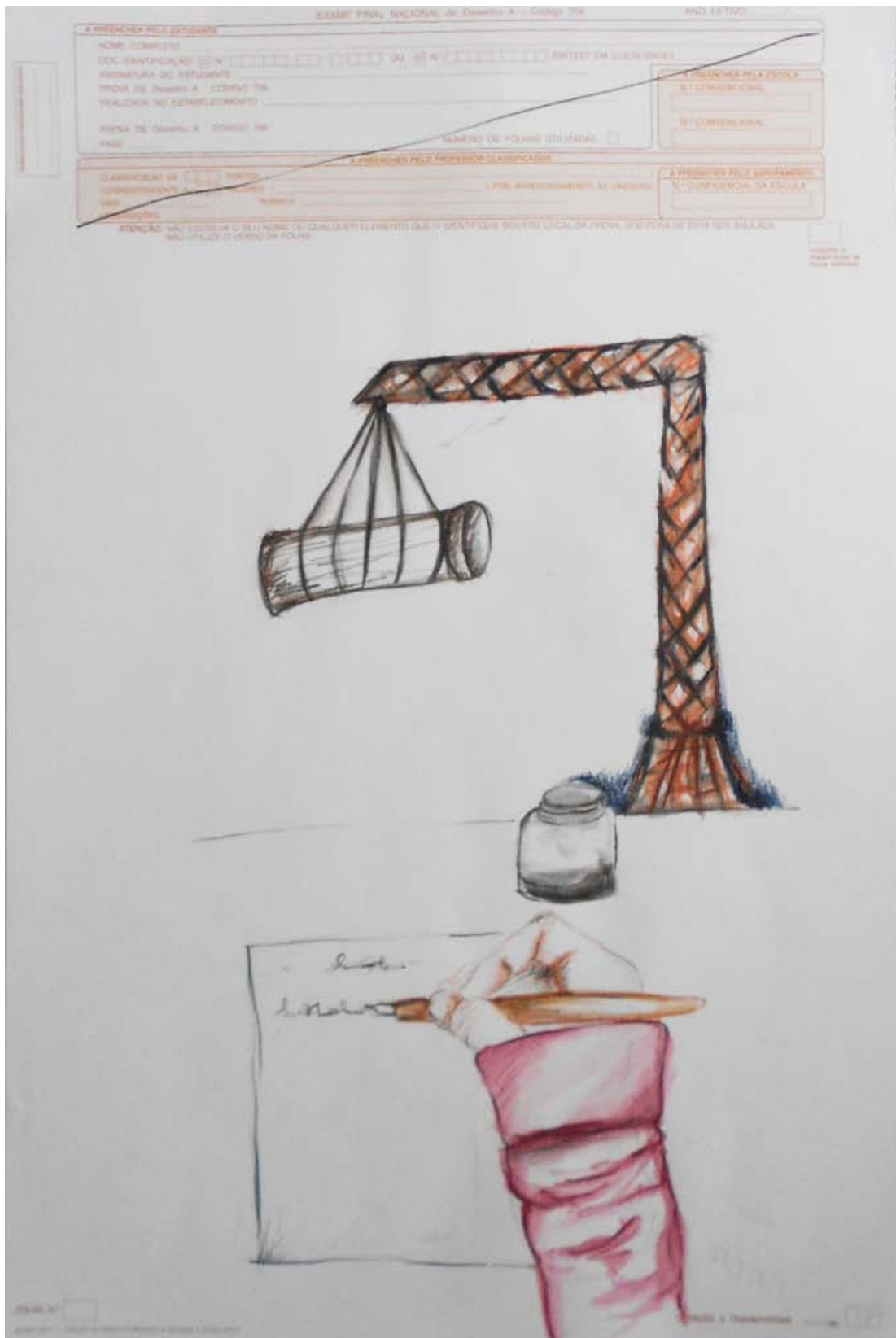


Aluno 14

Anexo L - Resultado do exercício - Parte 2

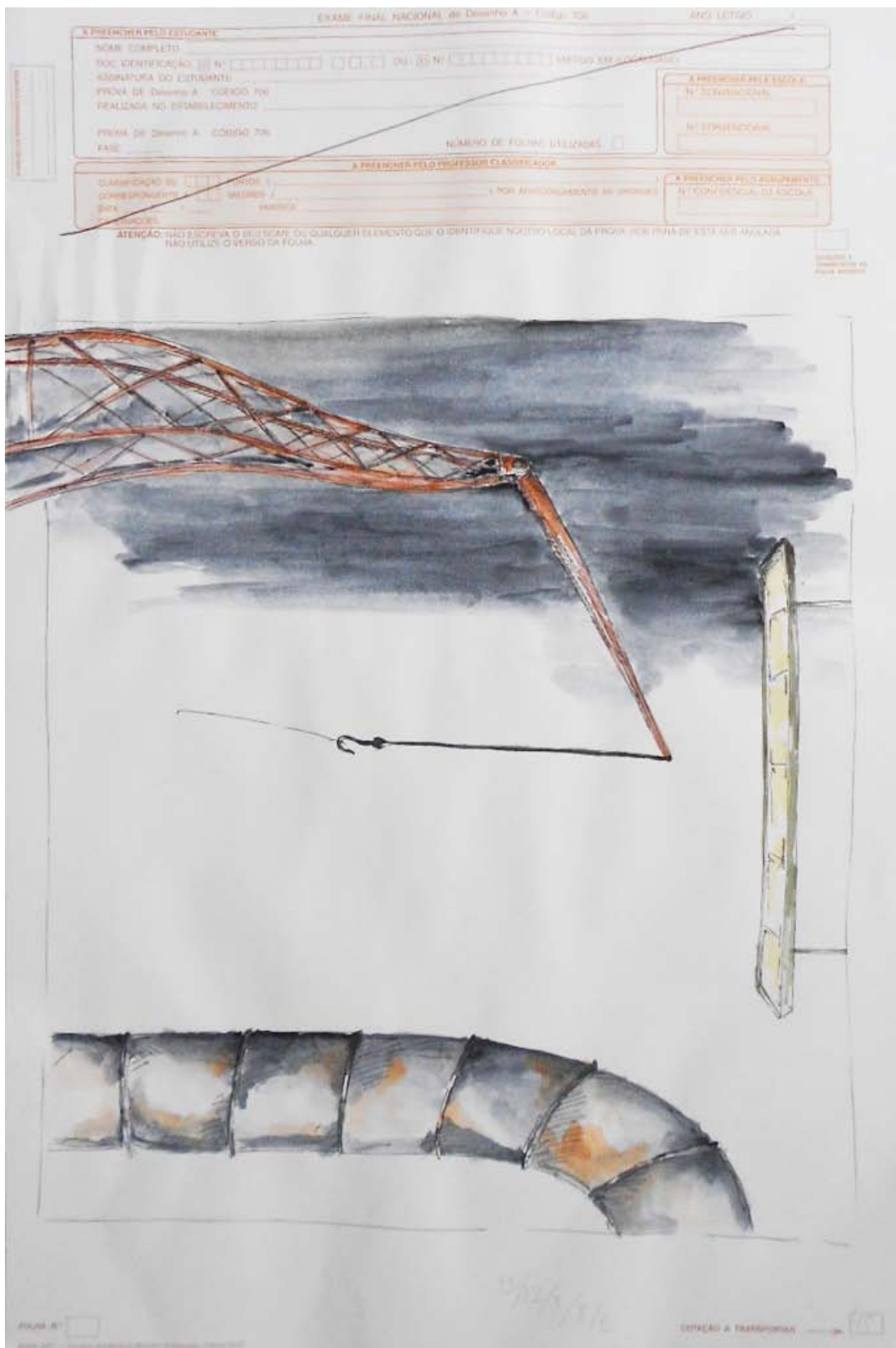


Aluno 15



Aluno 16

Anexo L - Resultado do exercício - Parte 2



Aluno 17





EXAME FINAL NACIONAL DE Desenho A - Código 706 ANO LETIVO 2017/2018

**A PREENCHER PELO ESTUDANTE**

NOME COMPLETO \_\_\_\_\_  
DOC. IDENTIFICAÇÃO Nº \_\_\_\_\_ EM \_\_\_\_\_ EMITIDO EM (LOCALIDADE) \_\_\_\_\_  
ASSINATURA DO ESTUDANTE \_\_\_\_\_  
PROVA DE Desenho A - CODIGO 706 \_\_\_\_\_  
REALIZADA NO ESTABELECIMENTO \_\_\_\_\_  
PROVA DE Desenho A - CODIGO 706 \_\_\_\_\_  
FOLHA \_\_\_\_\_ NÚMERO DE FOLHAS UTILIZADAS \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR**

CLASSIFICAÇÃO DE \_\_\_\_\_ POR \_\_\_\_\_  
CORRESPONDENTE \_\_\_\_\_ VALORES \_\_\_\_\_ POR APROXIMAMENTO AS UNIDADES \_\_\_\_\_  
DE \_\_\_\_\_ MARCA \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELO AGRUPAMENTO**

Nº ORAÇÕES DA ESCOLA \_\_\_\_\_

ATENÇÃO: NÃO ESCREVA O SEU NOME, OU QUALQUER ELEMENTO QUE O IDENTIFIQUE, NESTE LOCAL DA PROVA, SOB PENALIDADE DE ESSA SER ANULADA. NÃO UTILIZE O VARGO DA FOLHA.

10/10/2018

The image shows two hand-drawn architectural sketches. The top sketch is a perspective view of a building facade, featuring a central vertical column, a curved balcony or overhang, and several rectangular windows. The bottom sketch is a perspective view of a cube with two circular openings on its front face, with lines extending from the openings, possibly representing structural elements or light rays.



## Anexo M

Enunciado dos exercícios - Parte 3



**12º Ano - 2º Período**  
**Aula: Desenho A – 8.Jan.2014**

Entrega final Trabalho Aula: 30/1/2014

Entrega final TPC DG: 28/1/2014

**Exercícios Parte 3 . Tema: “REFIGURAR”**

• **10 x A4 Diário Gráfico (TPC)**

› **interação palavras + movimento artístico + figura humana + forma mecânica**

Sugestões:

1) Com palavras retiradas do filme, com significados opostos ou que tenha duas diferentes observações, o aluno deverá relacioná-las e construir composições que mais uma vez sugira a articulação da figura humana com formas mecânicas ou qualquer tipo de objeto mecânico.

2) Realizar pesquisa de trabalhos construtivistas, futuristas, cubistas... e relacionar.  
**Exs: Arq. Antonio Sant’Elia, Pablo Picasso, Almada Negreiros, Georges Braque, Juan Gris, Umberto Boccioni, Carlo Carrà, Giacomo Balla, El Lissitzky, Laszlo Moholy-Nagy.**

3) Materiais e técnicas a escolha: desde colagens, aplicação plástica e desenho à vista. Acompanhar uma memória descritiva, (sugestão: processo de sequência)

• **1 x A3 (aula)**

› Desenvolver composição ilustrativa que contenha os seguintes elementos em articulação: **a figura humana + forma mecânica ou alusiva à manipulação.**

A imagem da figura humana deverá ser obtidas através de observação direta ou suporte fotográfico, uma parte do corpo - membro articulável (exemplos: braços, pernas, pescoço, coluna...).

**As imagens utilizadas deverão interligar-se/interagir-se.**

› A composição deve aproximar-se ao tema do Sarau de Artes, cuja mensagem está identificada como “Uma escola de futuro” aliada a uma tecnologia que vive porque existe a ação humana.

› Suporte: **A3** (mínimo) 150grs - cor branca.

› Técnicas: Lápis de cor aguareláveis + aguarela + canetas caligráficas / aparo + grafite



## Anexo N

Apresentação em *slideshow* - Parte 3



**CUBISMO**

- › representação do objeto e de seus elementos, em vários pontos de vista.
- › rejeição do ponto de fuga numa perspectiva central, em função do ponto de fuga de cada objeto.

› **Cubismo analítico**, 1910-1913

redução da paleta de cores: ocre, cinzentos e verdes

› **Cubismo sintético**, 1913-1916

aplicação de cores vivas, colagens (papéis, palha,...).

**CUBISMO Georges Braque**



**CUBISMO Cézanne**

Primeiro a rejeitar o ponto de fuga numa perspectiva central:



Paul Cézanne. Compotier, verre et pommes, 1882

Bibico de Tournai, 1/3 data

**CUBISMO Georges Braque**



Mulher com guitarra, 1913

Festa da Normandia, 1909

**CUBISMO Pablo Picasso**



As Senhoritas de Algron (Les Femmes d'Alger), 1907

"Ma Jolie" (Mulher com uma citara no guitarra), 1911

Guitarra e garrafa, 1/3 data

**CUBISMO Juan Gris**



Garrafa e feix, 1911

A garrafa de Ato del Mundo, 1914

De la table de Beaulieu à un grato de Prouba, 1917

Planos, 1914

**FUTURISMO**

- › Movimento italiano.
- › corrente artística inspirada pelo ritmo veloz do mundo contemporâneo, caracterizado pelas máquinas.
- › nasce a partir de 1909, pelo poeta Filippo Marinetti através de um "Manifesto" publicado no jornal Le Figaro.
- › tem elementos em comum com o cubismo, expressionismo, construtivismo.
- › no fim da Primeira Guerra Mundial, o Futurismo entra em declínio, transformando-se como fonte para o desenvolvimento de outras correntes como: dadaísmo, surrealismo, abstracionismo...

**FUTURISMO Umberto Boccioni**



A entrada entra na casa, 1911

Mozartal Volume, 1913

Carga dos barcos, 1/3 data

**FUTURISMO** Carlo Carrà

Notabile, 1910  
Funeral do anarquista, V. data  
O cavaleiro russo, 1913  
Demonstração Internacional, 1914

**FUTURISMO** Giacomo Balla

Automóvel + velocidade + luz, V. data  
Velocidade em motocicleta, 1913 - 1914  
Tôa dos emburruados, 1913  
A rede do viciado, 1912

**FUTURISMO** Antonio Sant'Elia

Desenho: Edifício da Cidade Nova  
Estado de edifícios e comboios ferroviários e elevadores, 1914

**CONSTRUTIVISMO**

- > 1913 a 1930, na Europa > arte moderna
- > sofreu fortes influências da Revolução Industrial
- > forte referência Russa: com a vontade de criar uma sociedade mais justa, com leis fundamentais das estruturas (sociais e mecânicas)
- > estética nascida das máquinas + otimismo social + confiança no progresso humano.
- > representação de elementos geométricos, novas estruturas aliado a tecnologia.
- > objetivo era perseguir o ideal de abstração rompendo com elementos da natureza e com a arte do passado, da representação do real, propondo uma nova linguagem plástica-pictórica.

**CONSTRUTIVISMO** El Lissitzky

**CONSTRUTIVISMO** El Lissitzky

Sportmen 1923  
New Man 1923  
Número da revista MERZ, de Schwitters. Desenho de capa: El Lissitzky 1924

**CONSTRUTIVISMO** Laszlo Moholy-Nagy

Composições A, KX, 1925  
Salting, 1926 (Fotografia)  
Sfhu 1, 1926  
A19, 1927

**CONSTRUTIVISMO** Bauhaus

Criado em Weimar por Walter Gropius, em 1919.

J. Schmitt, Bauhaus

## Anexo O

Vídeo: 2111 - Os Super Humanos  
(cd)



## Anexo P

Vídeo: *How schools kill creativity*, de Ken Robinson  
(cd)



## Anexo Q

Recursos no *facebook* - Parte 3



(3) 12.4 Artes + Stora moci

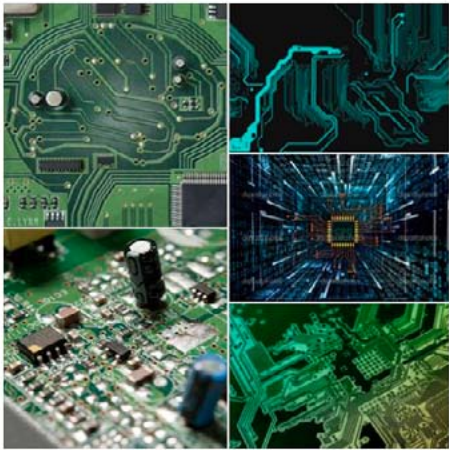
https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

Most Visited Getting Started Latest Headlines Estância Vodafo... orkut - login Bem-vindo ao F... Apple Sapo Google Maps

12.4 Artes + Stora moci

Cristiane Página inicial Encontrar amigos

**Cristiane Veneza** adicionou fotos ao álbum 14 de Janeiro de 2014.



Gosto · Comentar

3 pessoas gostam disto. Vista por 26

Escreva um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Tony Carreira** Daniela Heis e Eulália Silva gostam disto. Gosto
- Coisas.com** Sofia Almeida Moreira e 9 outros amigos gostam disto. Gosto
- CHEF ONLINE** Ana Sousa e 26 outros amigos gostam disto. Gosto
- Fnac Portugal** Ana Paula Saraiva e 25 outros amigos gostam disto. Gosto
- Liga Portuguesa Contra o Cancro** Joana Cabrita Martins e 32 outros amigos gostam disto. Gosto
- Net-Empregos** Equipa Gema e 26 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

Most Visited Getting Started Latest Headlines Estância Vodafo... orkut - login Bem-vindo ao F... Apple Sapo Google Maps

12.4 Artes + Stora moci

Cristiane Página inicial Encontrar amigos

**Cristiane Veneza** 14/1 - Cascais

Transumanismo, significa o upload ou mudança do seu espírito para uma máquina, descartando o seu corpo, em seguida alcançando a imortalidade e vivendo para sempre através de máquinas e robôs.  
Saber mais em: <http://minilua.com/voce-ja-ouvi-falar-transhumanismo/>



**Você já ouvi falar de Transhumanismo?**  
Você já ouviram falar em Transhumanismo? (Transumanismo). Esse termo significa o upload ou mudança do seu espírito...

MINILUA.COM

Gosto · Comentar · Partilhar

Vista por 26

Escreva um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Tony Carreira** Daniela Heis e Eulália Silva gostam disto. Gosto
- Coisas.com** Sofia Almeida Moreira e 9 outros amigos gostam disto. Gosto
- CHEF ONLINE** Ana Sousa e 26 outros amigos gostam disto. Gosto
- Fnac Portugal** Ana Paula Saraiva e 25 outros amigos gostam disto. Gosto
- Liga Portuguesa Contra o Cancro** Joana Cabrita Martins e 32 outros amigos gostam disto. Gosto
- Net-Empregos** Equipa Gema e 26 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

### Anexo Q - Recursos no facebook - Parte 3


(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora moci

Cristiane Veneza adicionou fotos ao álbum 14 de Janeiro de 2014.

14/1



Gosto · Comentar

Filipa Marques gosta disto. Vista por 26

Escreve um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Tony Carneira Daniela Reis e Eulália Silva gostam disto. Gosto
- Coisas.com Sofia Almeida Moreira e 9 outros amigos gostam disto. Gosto
- CHEF ONLINE Ana Sousa e 26 outros amigos gostam disto. Gosto
- Fnac Portugal Ana Paula Saralva e 25 outros amigos gostam disto. Gosto
- Liga Portuguesa Contra o Cancro Joana Cabrita Martins e 32 outros amigos gostam disto. Gosto
- Net-Empregos Equipa Gama e 26 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora moci

Cristiane Veneza

21/1

Algumas imagens de metais, um desenho, entre outras coisas. Estas imagens servem apenas para analisarem os pormenores e perceberem como é a textura do metal, como é representado: brilho, luz/sombra... Espero que vos ajude!



Gosto · Comentar

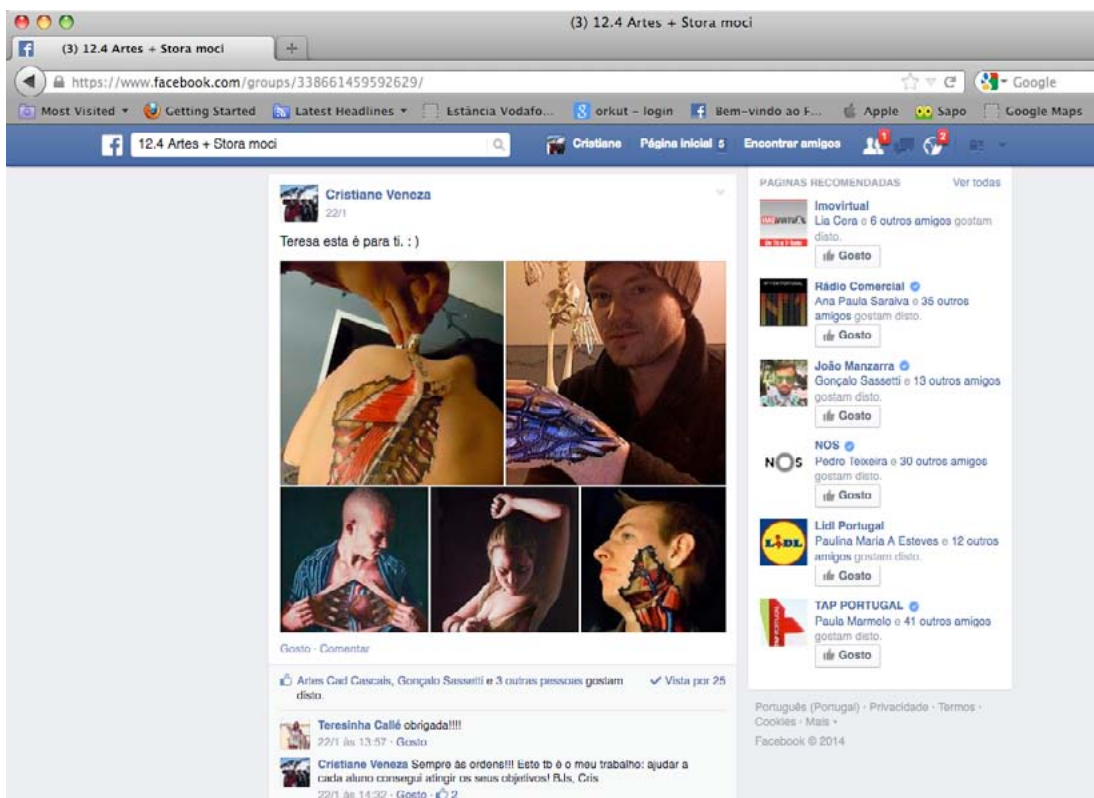
Artes Cad Cascais e Gonçalo Gasseti gostam disto. Vista por 25

Escreve um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Imovirtual Lia Cera e 6 outros amigos gostam disto. Gosto
- Rádio Comercial Ana Paula Saralva e 35 outros amigos gostam disto. Gosto
- João Manzarra Gonçalo Gasseti e 13 outros amigos gostam disto. Gosto
- NOS Pedro Teixeira e 30 outros amigos gostam disto. Gosto
- LIDL Lidi Portugal Paula Maria A Esteves e 12 outros amigos gostam disto. Gosto
- TAP PORTUGAL Paula Marmelo e 41 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014



### Anexo Q - Recursos no facebook - Parte 3


(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

Most Visited Getting Started Latest Headlines Estância Vodafo... orkut - login Bem-vindo ao F... Apple Sapo Google Maps

12.4 Artes + Stora moci Cristiane Página Inicial 6 Encontrar amigos

**Cristiane Veneza**  
23/1  
+ algumas inspirações!!!



Gosto Comentar

Vista por 25

Escreve um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Nuno Markl Marco Leal e 25 outros amigos gostam dele. Gosto
- Manuel Luis Goucha - TVI Vera Sobral e 7 outros amigos gostam dele. Gosto
- SEASIDE Catarina Pereira Lourenço e 6 outros amigos gostam disto. Gosto
- Cláudia Vieira Teresinha Callé e 3 outros amigos gostam dela. Gosto
- McDonald's Portugal Gonçalo Sasseti e 4 outros amigos gostam disto. Gosto
- Cabelo Pantene Sandra Martins Sousa Mendes e 4 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) Privacidade Termos Cookies Mais Facebook © 2014


(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

Most Visited Getting Started Latest Headlines Estância Vodafo... orkut - login Bem-vindo ao F... Apple Sapo Google Maps

12.4 Artes + Stora moci Cristiane Página Inicial 6 Encontrar amigos

**Cristiane Veneza**  
23/1  
Alguns cabos



Gosto Comentar

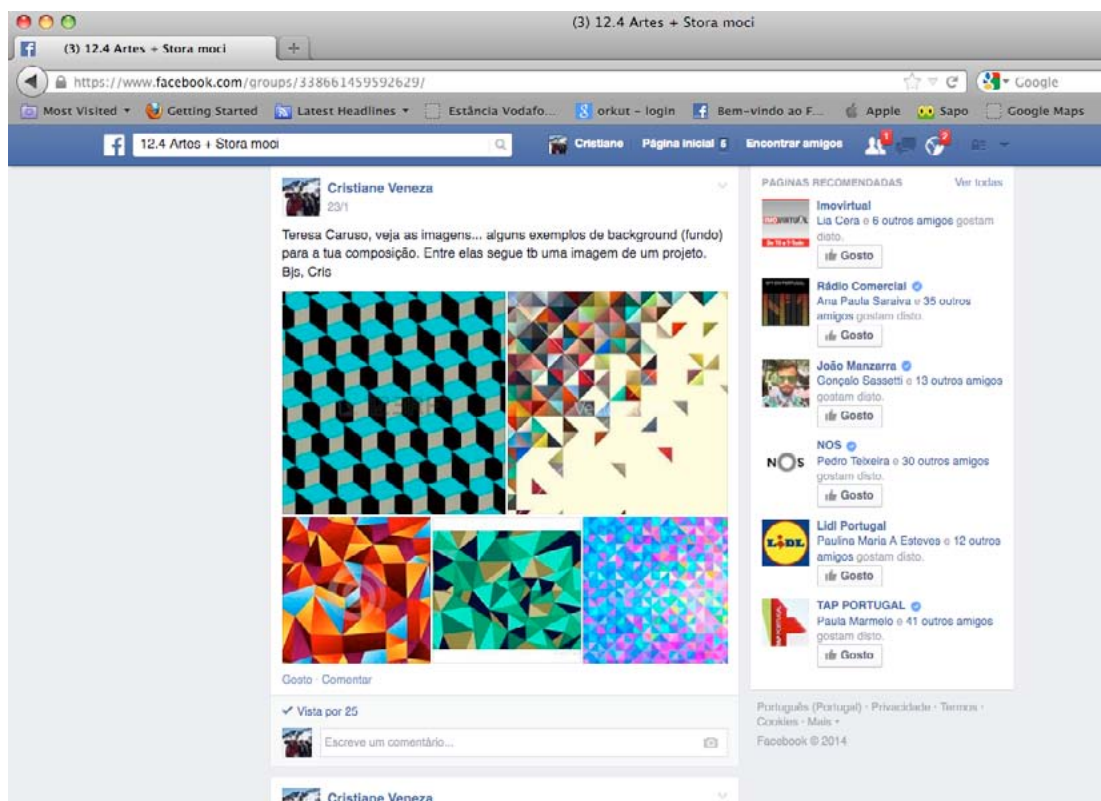
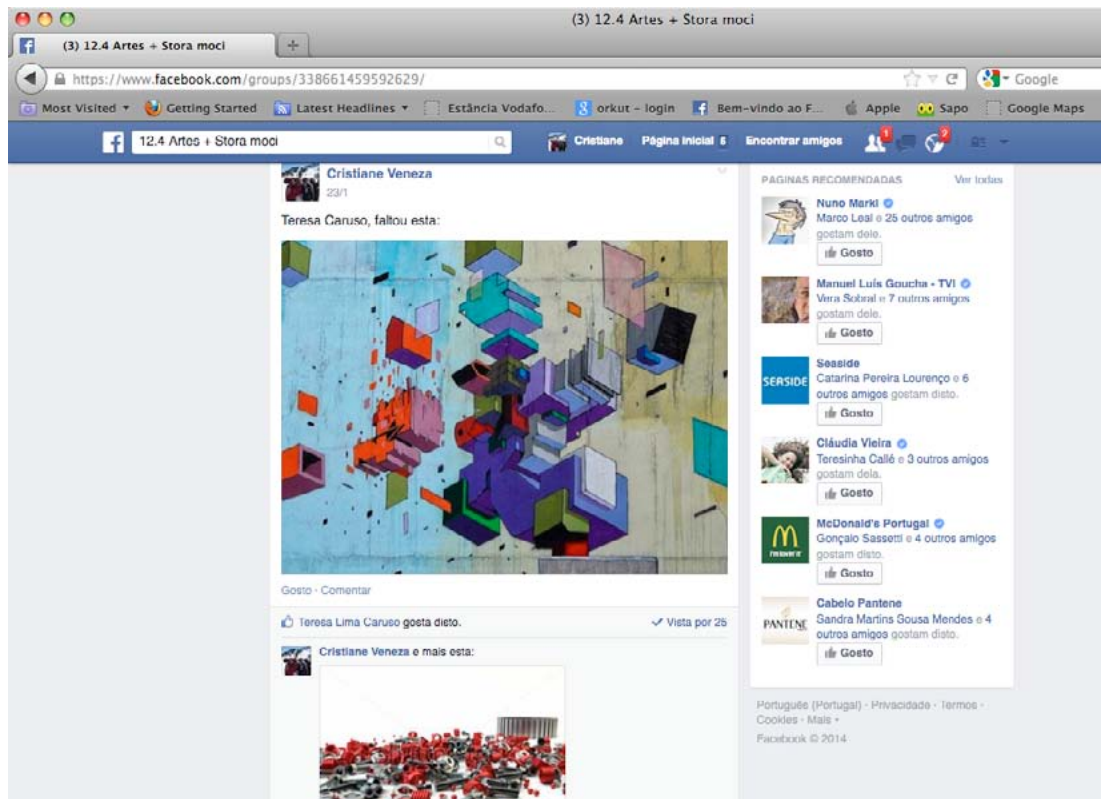
Vista por 25

Escreve um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Nuno Markl Marco Leal e 25 outros amigos gostam dele. Gosto
- Manuel Luis Goucha - TVI Vera Sobral e 7 outros amigos gostam dele. Gosto
- SEASIDE Catarina Pereira Lourenço e 6 outros amigos gostam disto. Gosto
- Cláudia Vieira Teresinha Callé e 3 outros amigos gostam dela. Gosto
- McDonald's Portugal Gonçalo Sasseti e 4 outros amigos gostam disto. Gosto
- Cabelo Pantene Sandra Martins Sousa Mendes e 4 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) Privacidade Termos Cookies Mais Facebook © 2014

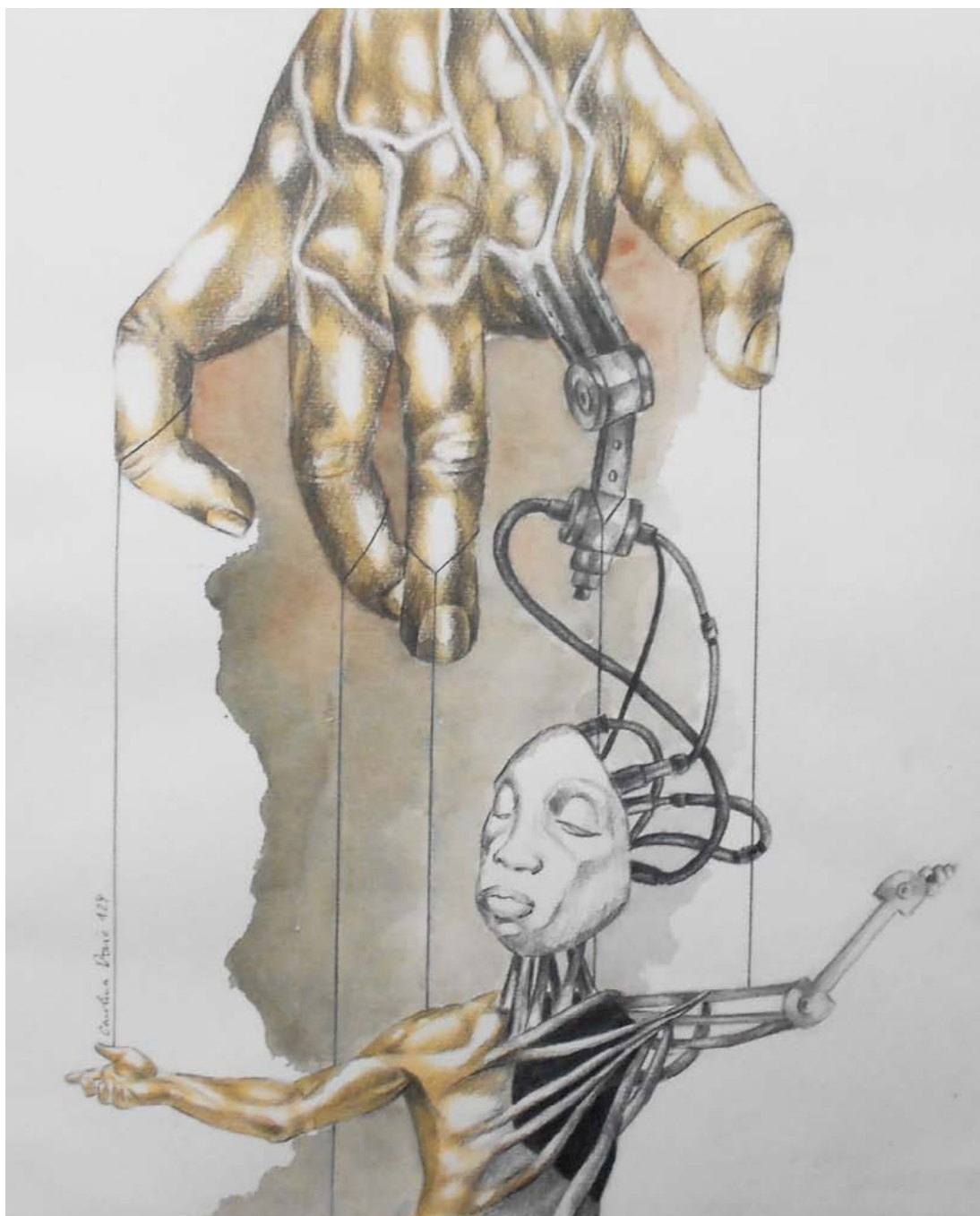




## Anexo R

Resultado do exercício “Refigurar” (sala de aula) - Parte 3

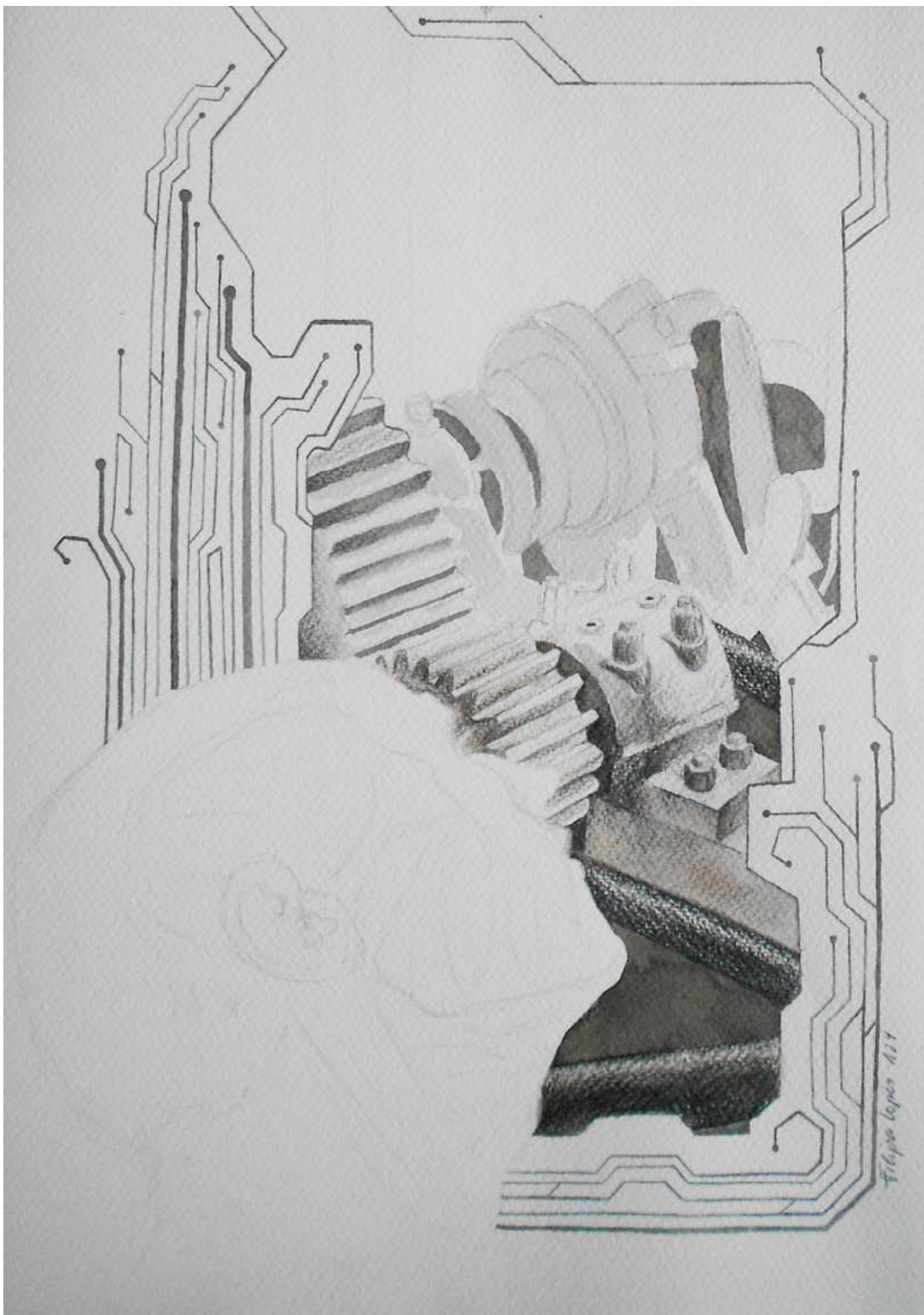




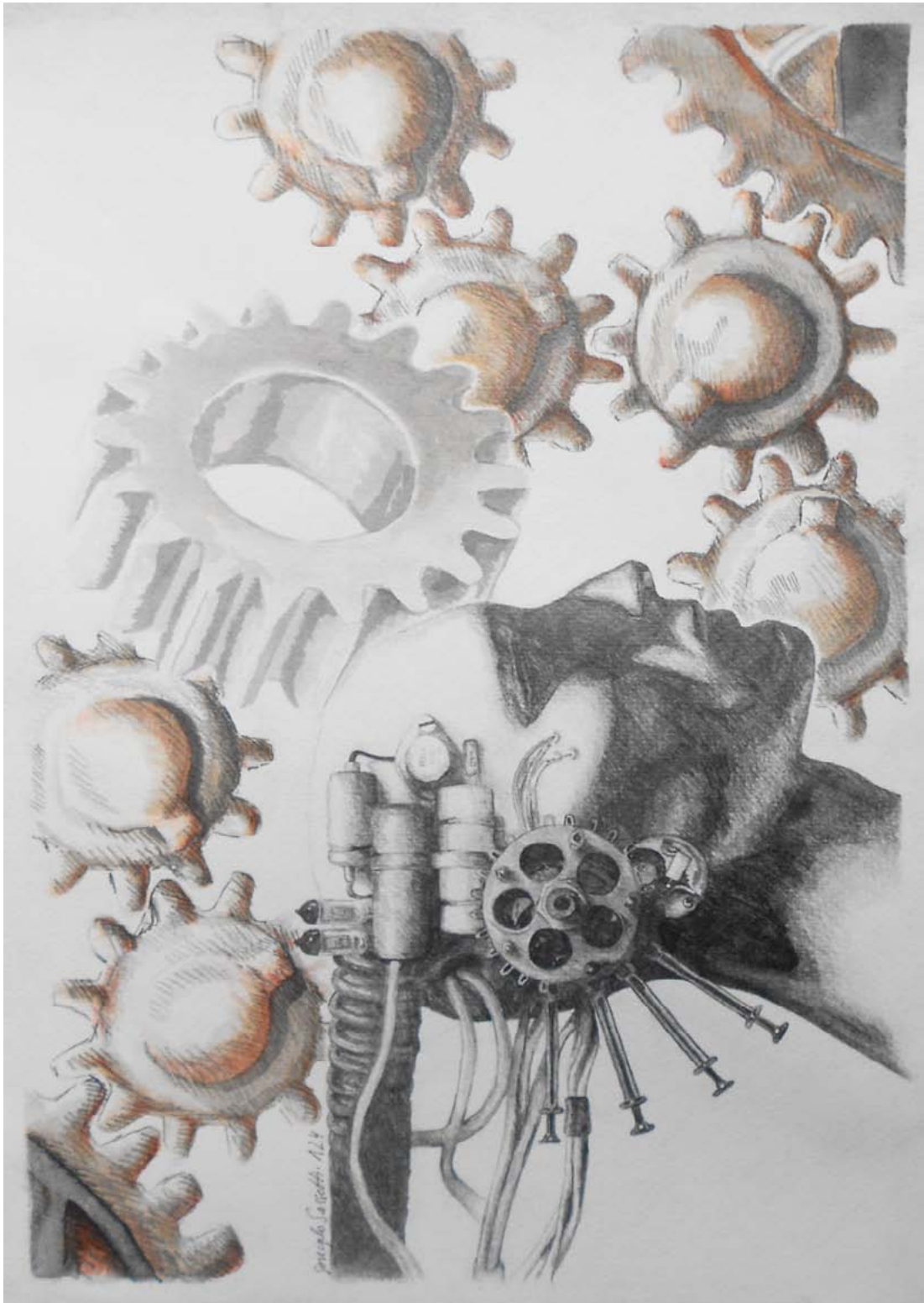


Aluno 2





Aluno 4





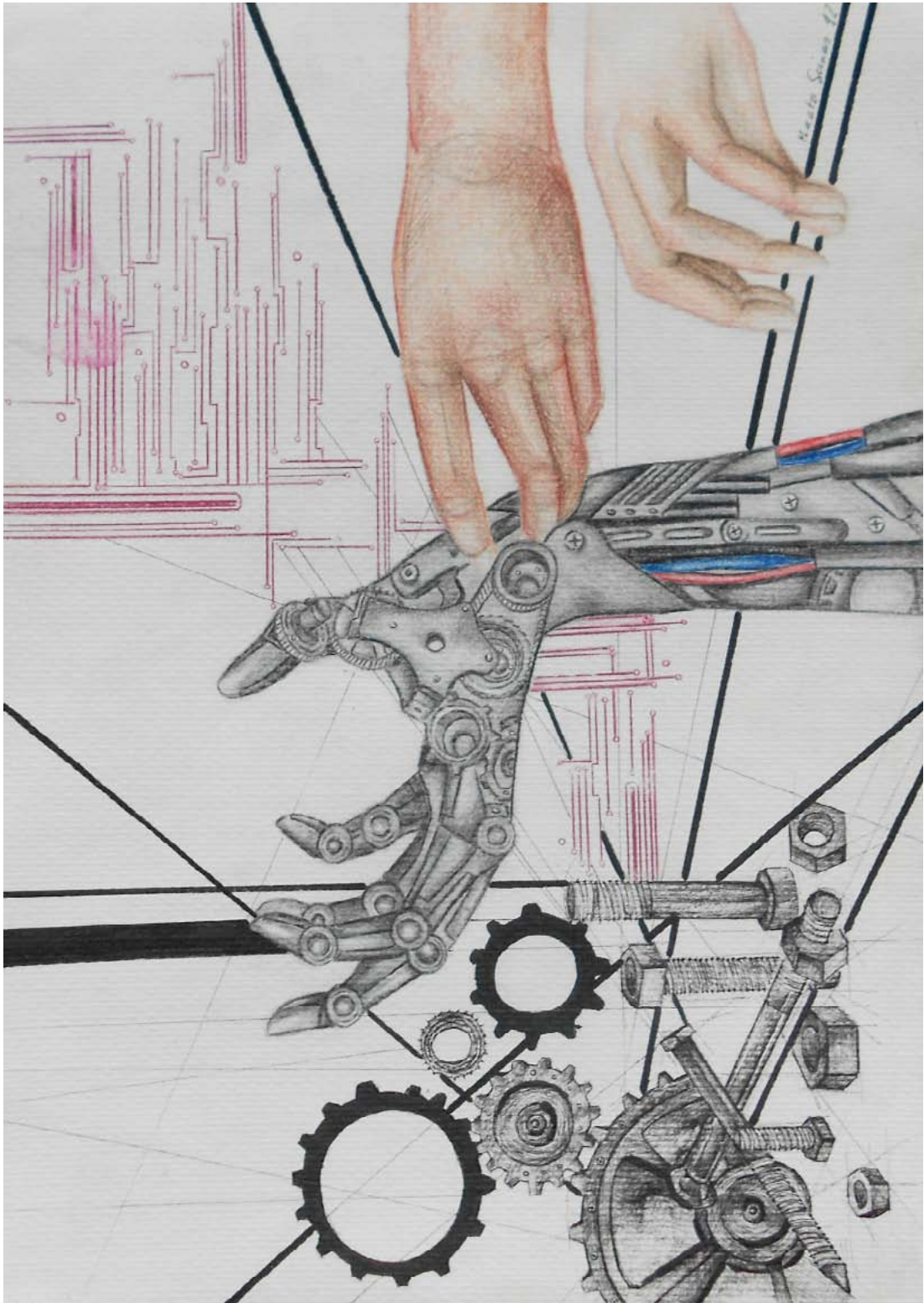
Aluno 8



Aluno 9

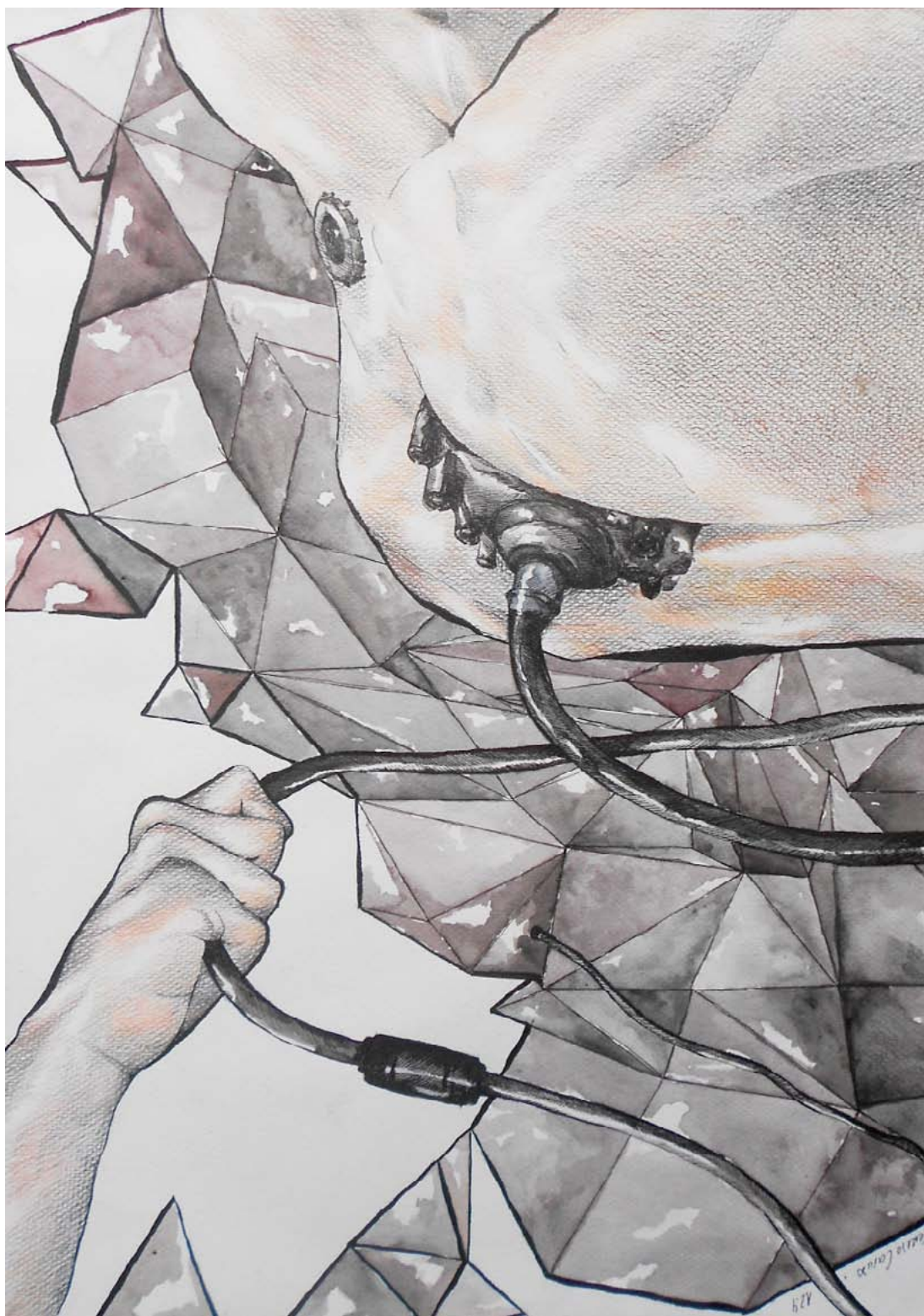


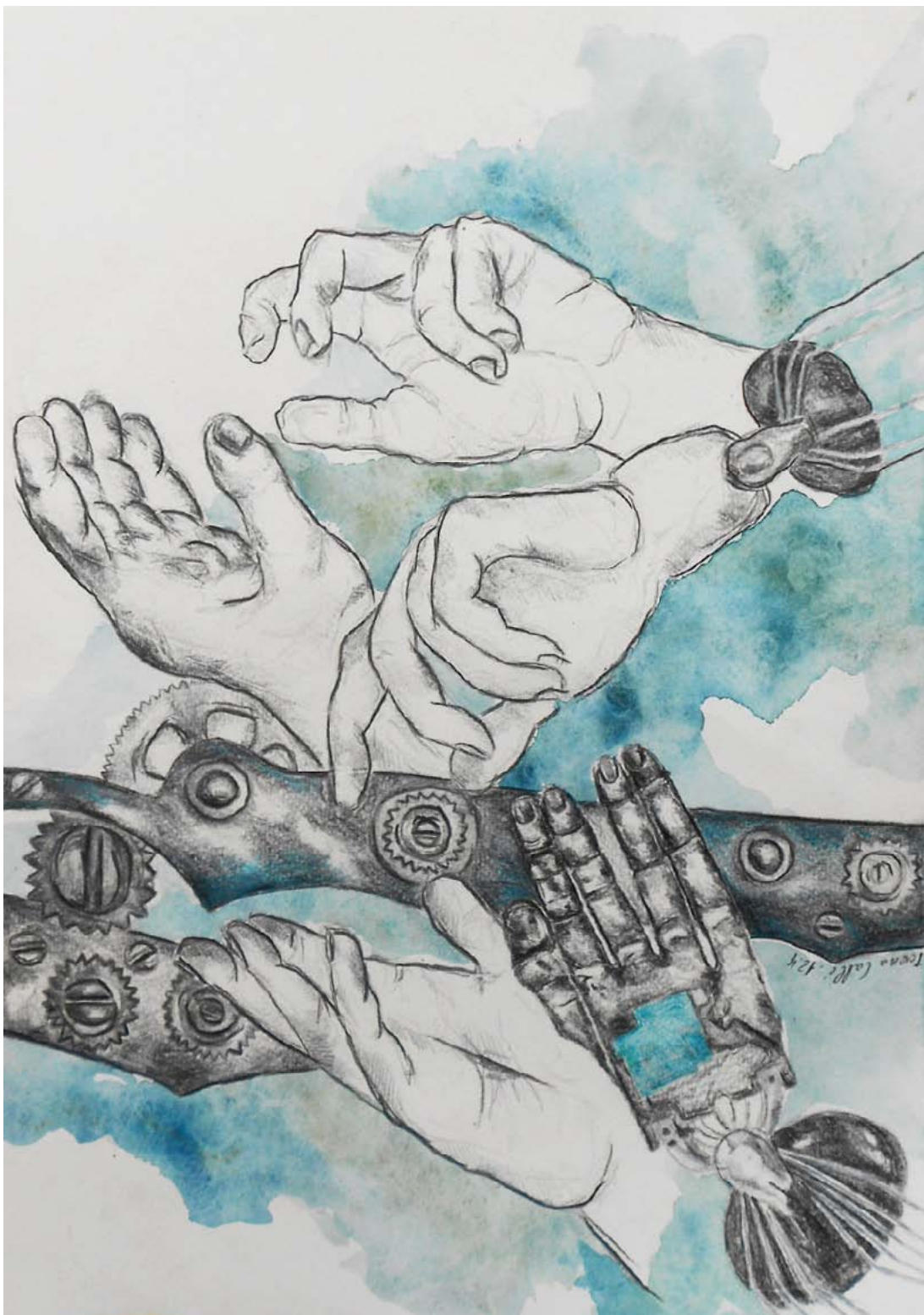
Aluno 10



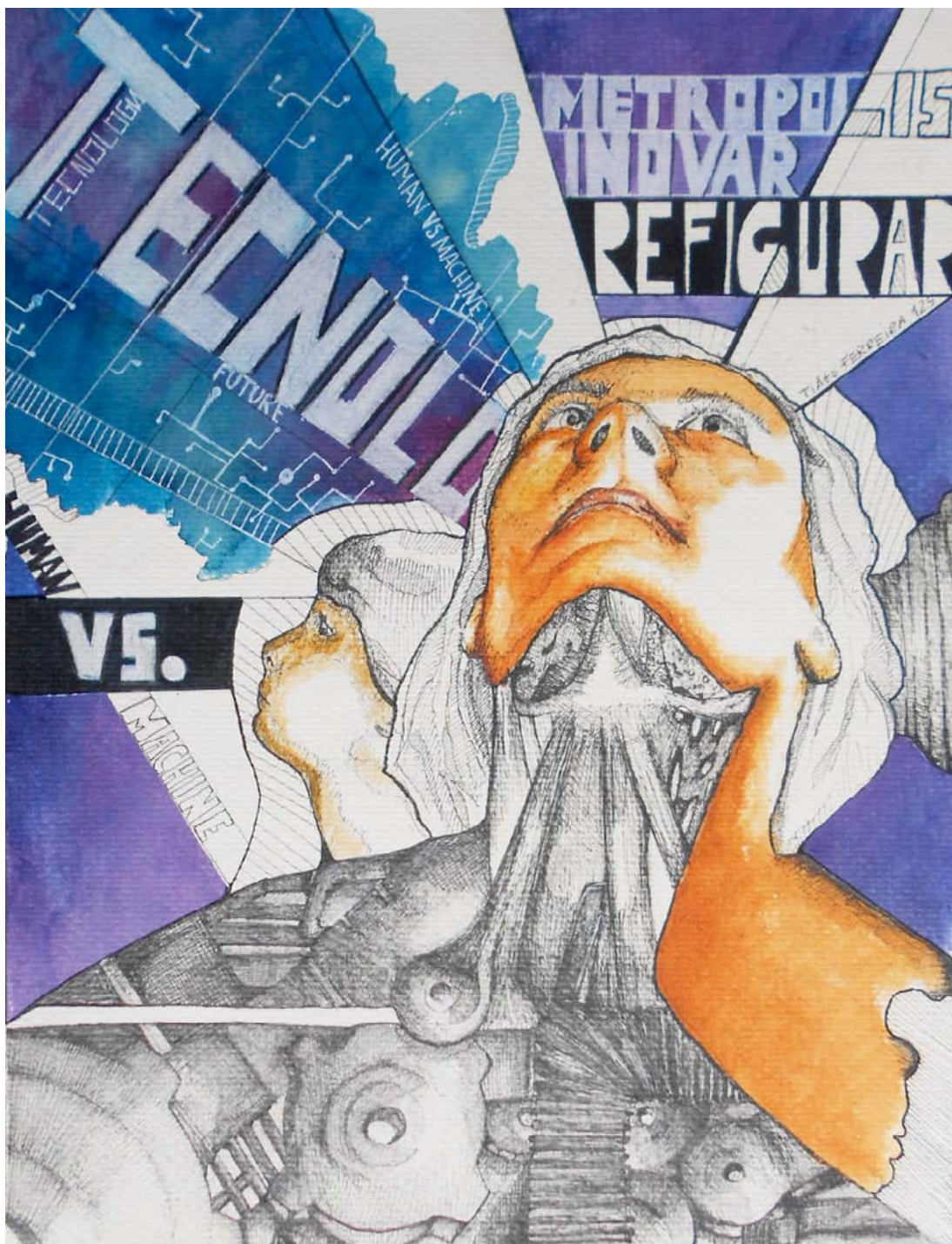


Aluno 12



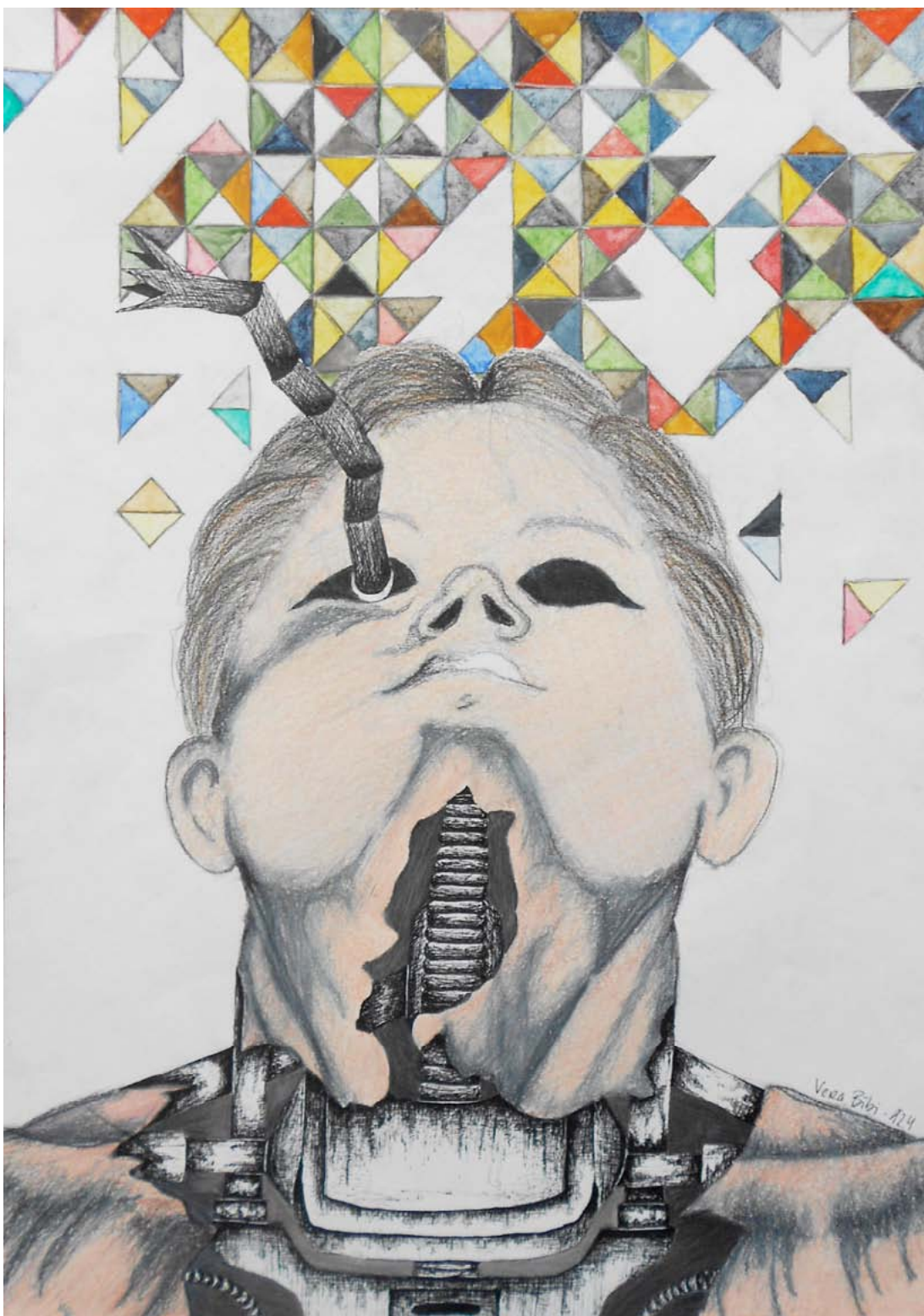


Aluno 18





Aluno 20



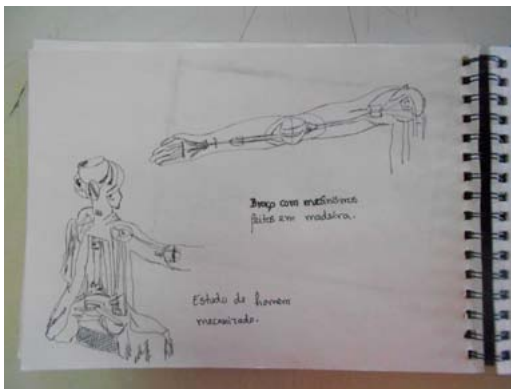
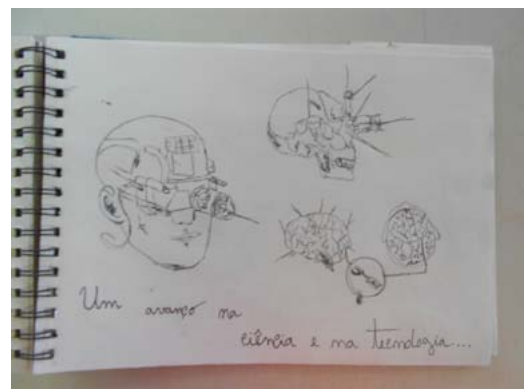
Aluno 21



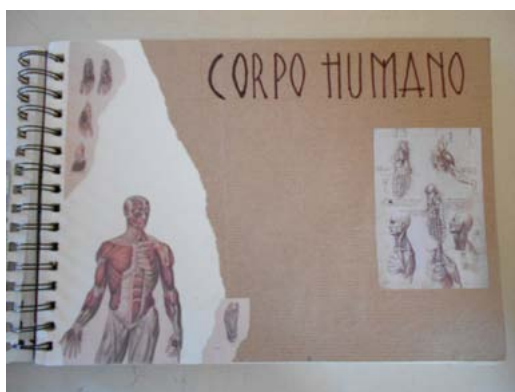
## Anexo S

Resultado do exercício “Refigurar” (diário gráfico) - Parte 3

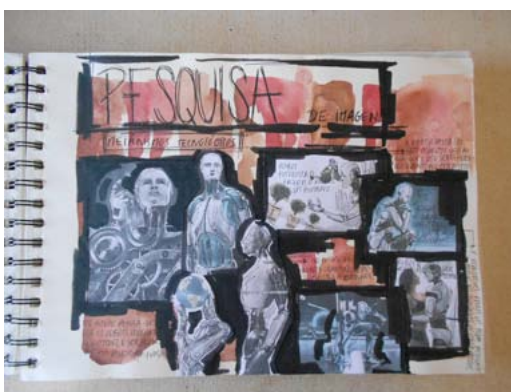
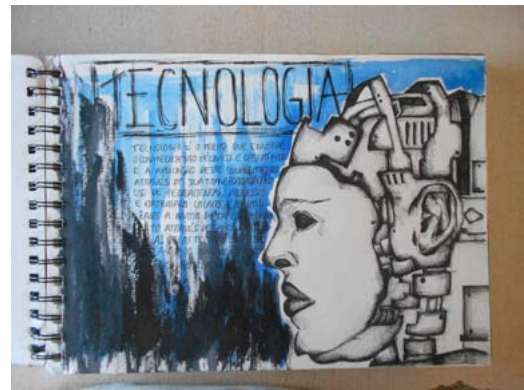




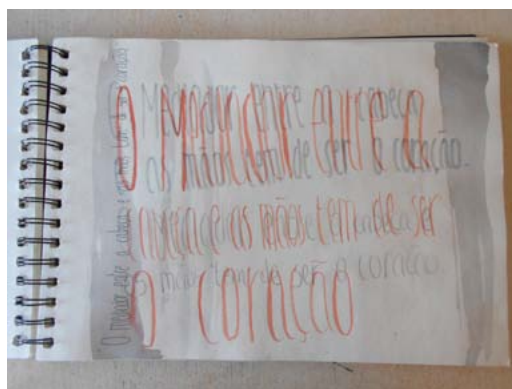
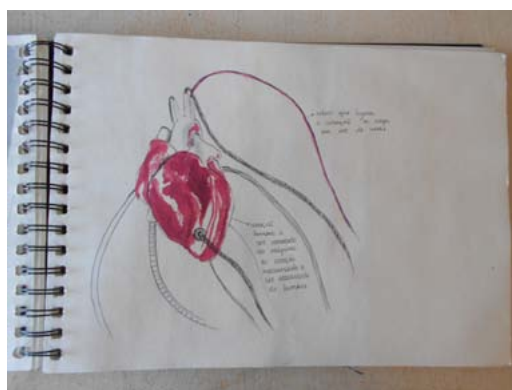
Anexo S - Resultado do exercício “Refigurar” (diário gráfico) - Parte 3

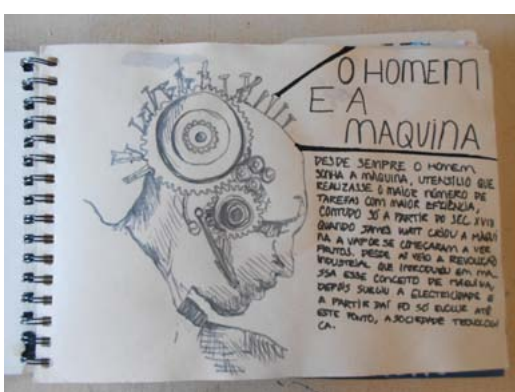


Aluno 4

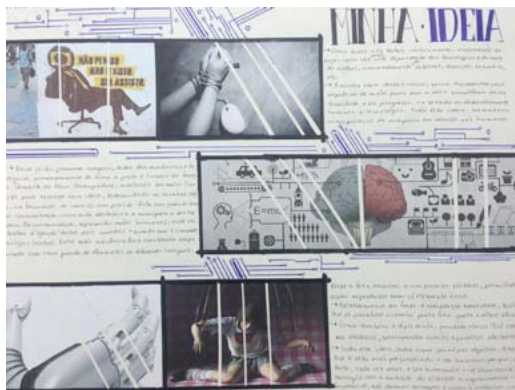
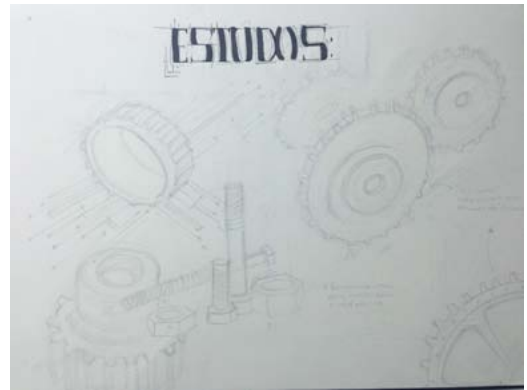
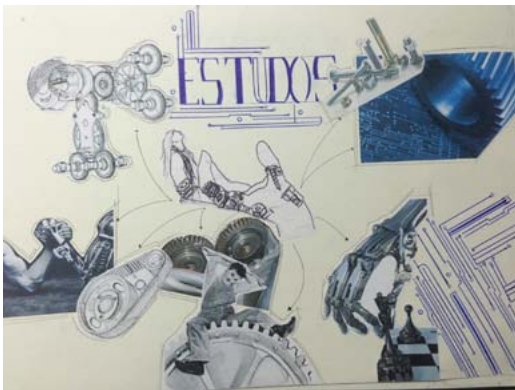
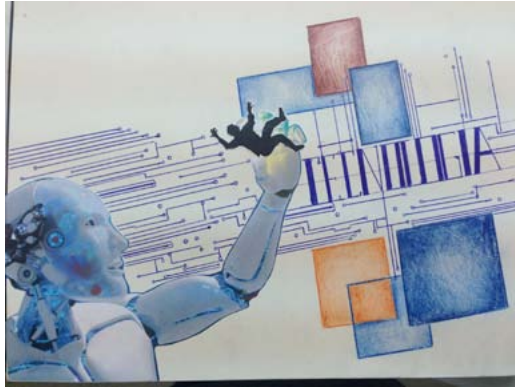


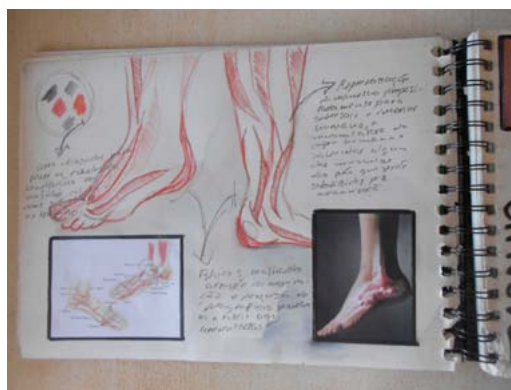
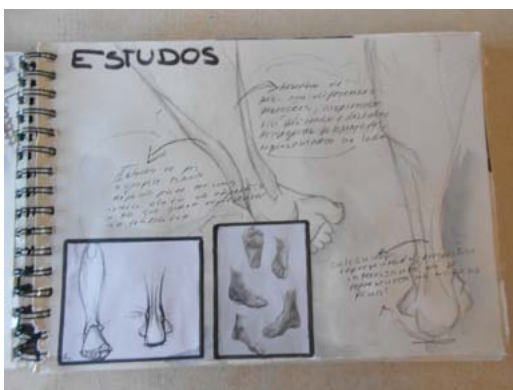
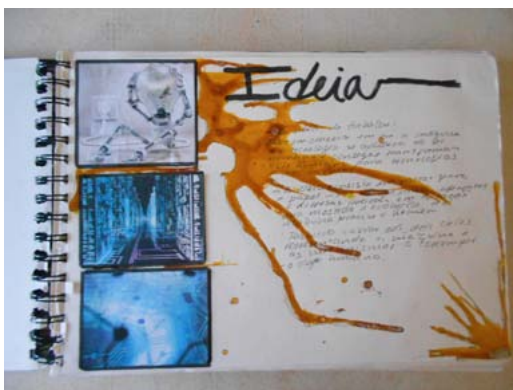


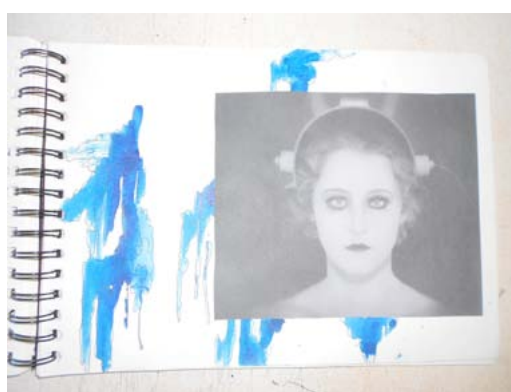
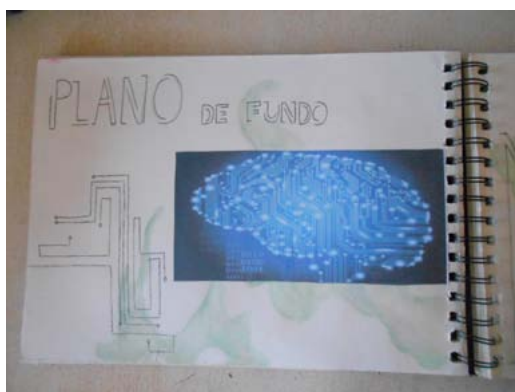


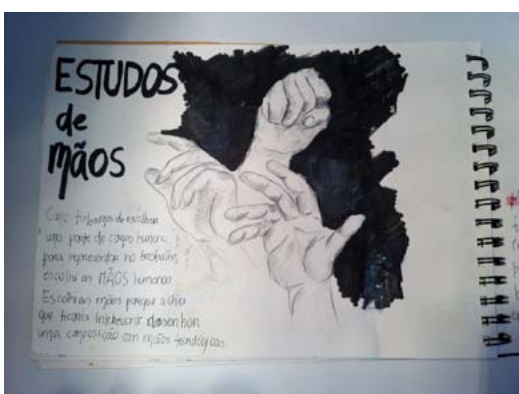
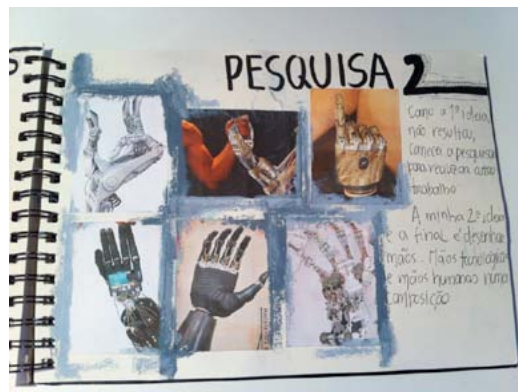


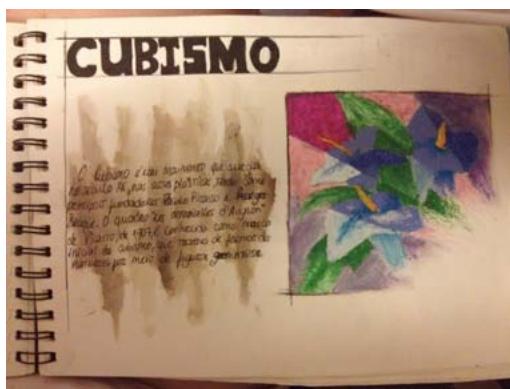
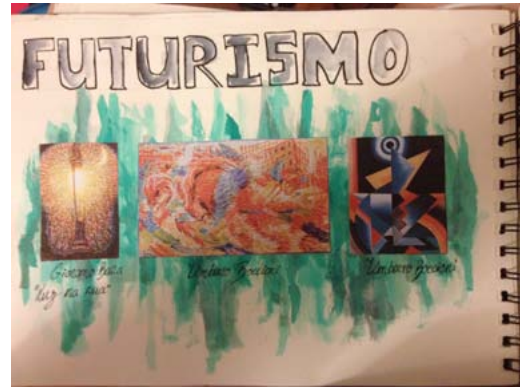
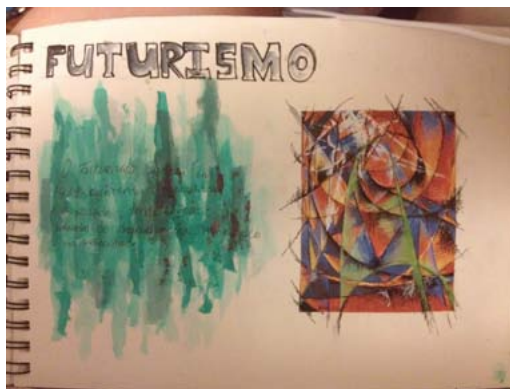
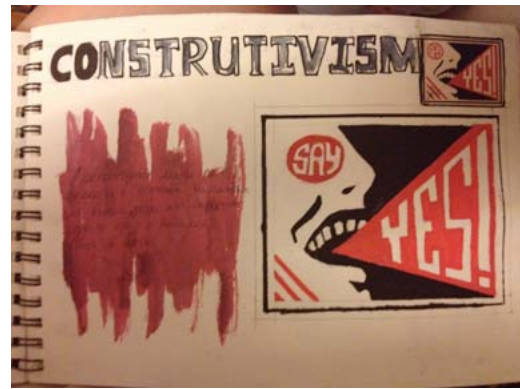
Aluno 10



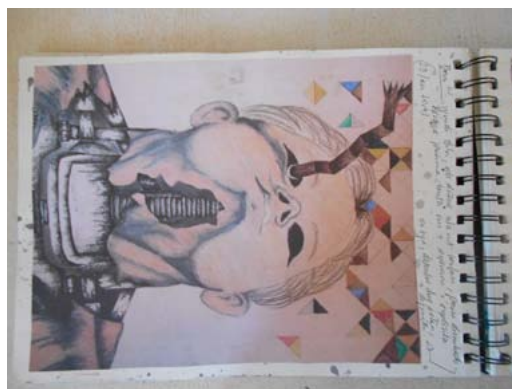
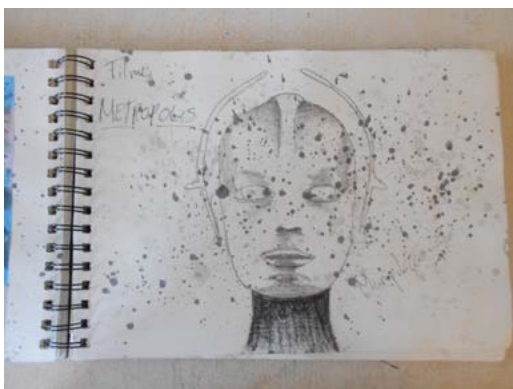








Anexo S - Resultado do exercício “Refigurar” (diário gráfico) - Parte 3



Aluno 21

## Anexo T

Enunciado dos exercícios - Parte 4



**12º Ano - 2º Período**  
**Aula: Desenho A – 5.Fev.2014**

Entrega final Trabalho Aula: 26/2/2014

Entrega final TPC DG: 20/2/2014

**Exercícios Parte 3 . Tema: “NATURALIZAÇÃO”**

• **6 x A4 Diário Gráfico (TPC)**

- › estudos de transformação de um objeto dando-lhe outra textura.
- › Materiais e técnicas a escolha: desde colagens, aplicação plástica e desenho à vista...

• **3 x 20x20 cms Trabalho final (aula)**

- › Animação ilustrativa/desenho sequencial (movimento – processos de síntese)
- › Transformação de um objeto tecnológico, de forma dura e fria, num objeto sustentável, natural, ecológico.

**Mensagem:** a aquisição de uma nova textura “**mais natural**” apreende-se a um significado positivo. Nada está perdido, existe esperança. Devemos tomar consciência da necessidade de vivermos com os recursos naturais, tanto físicos (florestas, animais...) como espirituais (mensagem Padre Usera, família, amizade, respeito pelo próximo...).

**Este processo de transformação e metamorfose deve ser desenvolvido em 3 suportes no formato 20x20 cms.**

- › No primeiro suporte, deve representar a sua *essência* (como nós o conhecemos), no segundo suporte o seu *processo de transformação*, e no terceiro suporte o *resultado*, assumindo o seu novo estado.

**Sugestão:** Talvez fosse interessante que no 1º suporte também fosse representado um pormenor do processo em o produto/objeto será submetido.

**Atenção:** A exploração do Tempo na imagem por folha/frame deverá estar dividido em **partes iguais**, ou seja, o movimento de transformação tem de estar dividido e distribuído de igual tempoXmovimento pelas 3 folhas.

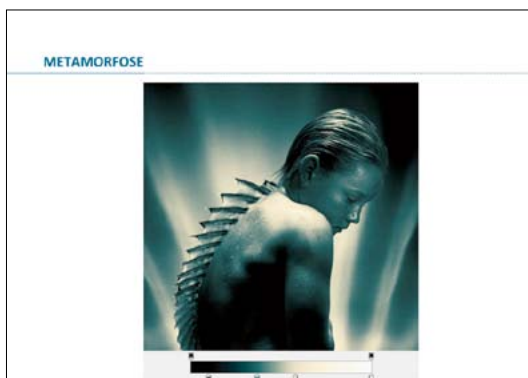
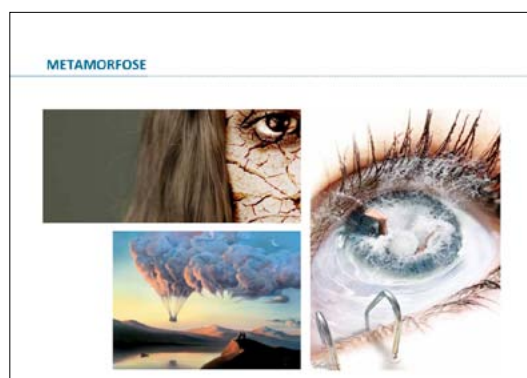
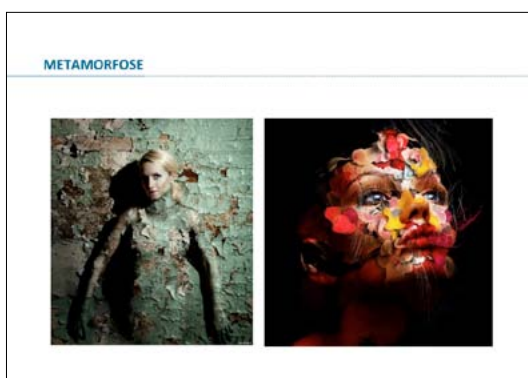
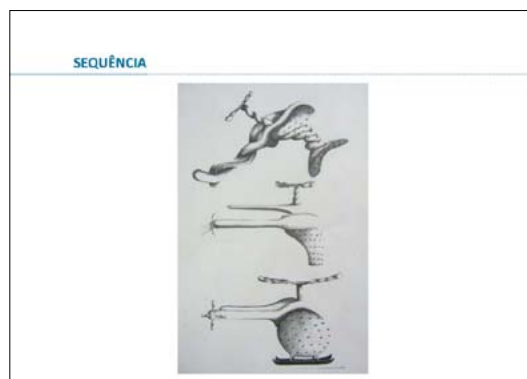
- › Suporte: **20x20 cm** - cartolina 150grs de cor a escolher pelo aluno.
- › Técnicas: Lápis de cor e grafite



## Anexo U

Apresentação em *slideshow* - Parte 4







REVESTIMENTO



REVESTIMENTO



REVESTIMENTO



METAMORFOSE



METAMORFOSE



METAMORFOSE

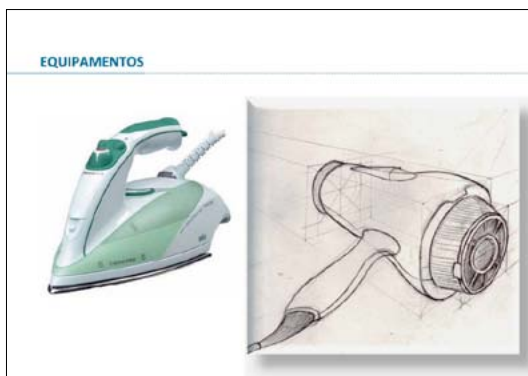


METAMORFOSE



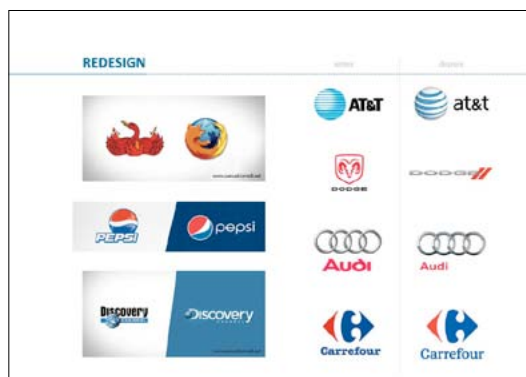
METAMORFOSE

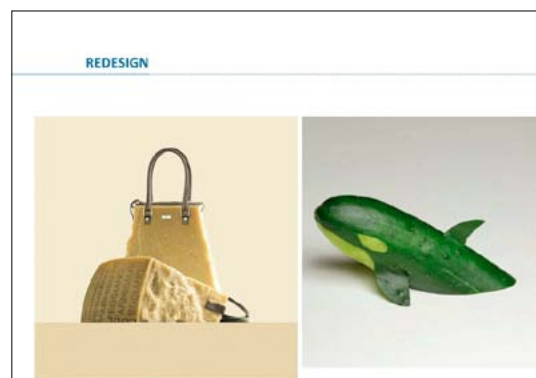
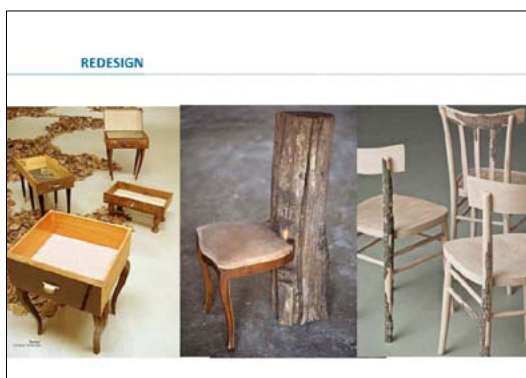
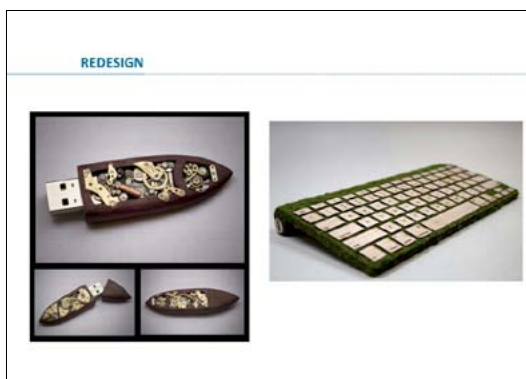
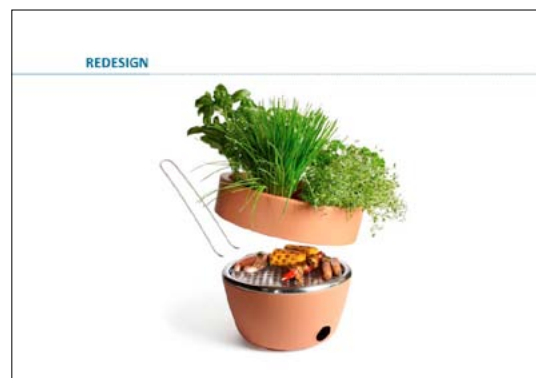
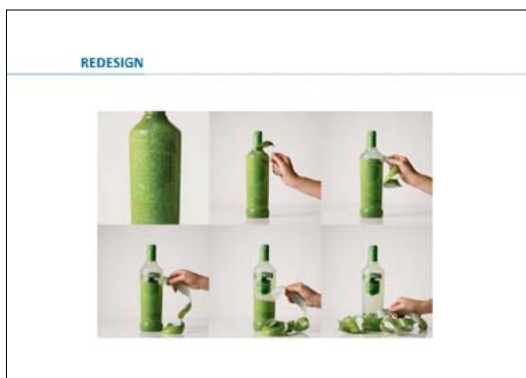


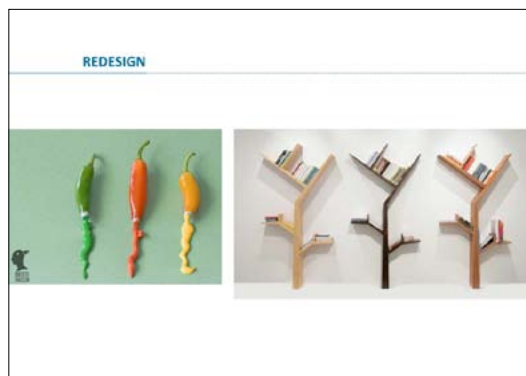
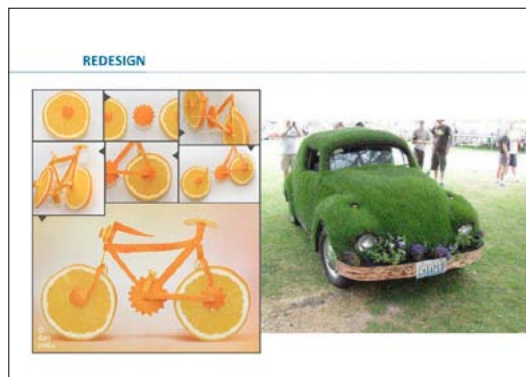
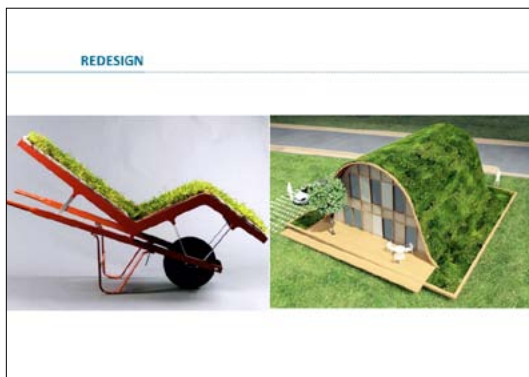


REDESIGN

- › significa: redesenhar
- › É um processo mais difícil do que fazer um design novo, de raiz.
- › Ao contrário do trabalho de design que pede algo totalmente original, o redesign GRITA por algo totalmente original.
- Mas atenção: não se pode descaracterizar a imagem original.
- › Porquê mudar: estratégias de mercado, tendências, ...







## Anexo V

Vídeo: Educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade, de Pedro Krupenski  
(cd)



## Anexo W

Recursos no *facebook* - Parte 4



(3) 12.4 Artes + Stora mocí

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora mocí

Cristiane Página Inicial Encontrar amigos

**Cristiane Veneza** 3/2

O Design de Produtos Ecológicos

O impacto ambiental de um produto é decidido a partir do momento em que a equipe de desenvolvimento de produtos de uma empresa começa a fazer seus esboços. A fase inicial de pesquisa e design é o primeiro e melhor momento para colocar um produto no caminho da redução de seus impactos ambientais. Através de um processo de design ecológico, ecodesign ou design para o meio ambiente, uma empresa pode firmar o compromisso de resolver os problemas am... Ver mais



Gosto · Comentar

Artes Cid Cascais e 2 outras pessoas gostam disto. Vista por 25

Escreva um comentário...

**Cristiane Veneza** 3/2 · Cascais

Uma das maiores fontes de inspiração de designers, principalmente os de produto, é a natureza. A biónica, uma ciência focada no estudo de processos biológicos e na adaptação de tais processos em sistemas industriais, têm trazido com bastante frequência soluções extraordinárias.

PÁGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Samsung Portugal Vítor Fonseca Pereira e 16 outros amigos gostam disto. Gosto
- OLX Portugal Sandra Batista e 7 outros amigos gostam disto. Gosto
- Staples Portugal Bruno Conceição e 5 outros amigos gostam disto. Gosto
- Sport Lisboa e Benfica Sandra Batista e 24 outros amigos gostam disto. Gosto
- Missão Sorriso Ana Paula Saraiva e 13 outros amigos gostam disto. Gosto
- Daily Cristina Silveira Paqueta e 2 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

Fabiana Silva partilhou a foto de Associação Devotos de Fátima.

Ana Sousa gosta da foto de Mónica Júlio.

João M B Costa e Rosiane Xandrine Kuiper são agora amigos.

Nuno Simões Não é uma boa ideia é uma EXCELENTE IDEIA... Agora falta fazerem...

Nuria Peña Gómez · Viso

Danielle Kim ... · Visualizar

Cláudia Raposo · Viso

Mateus Pereira · Viso

Wilson Cruz · Viso

Nuno Azevedo · Viso

João Dorrinho · Visualizar

Fabiana Silva · Visualizar

Batata Frita · Visualizar

Karla Karla · Visualizar

Procurar

(3) 12.4 Artes + Stora mocí


https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora mocí

Cristiane Página Inicial Encontrar amigos

**Cristiane Veneza** 3/2

outra imagem em que entrelaça e constrói ou reveste uma forma.



Gosto · Comentar

Artes Cid Cascais gosta disto. Vista por 25

Escreva um comentário...

**Cristiane Veneza** 3/2 · Cascais

link para vídeo

Orador: Pedro Krupenski

Tema: Cidadania

[http://www.jardimvertical.pt/htmls/6\\_2\\_2014.mp4](http://www.jardimvertical.pt/htmls/6_2_2014.mp4)

Partido · Comentar

PÁGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Samsung Portugal Vítor Fonseca Pereira e 16 outros amigos gostam disto. Gosto
- OLX Portugal Sandra Batista e 7 outros amigos gostam disto. Gosto
- Staples Portugal Bruno Conceição e 5 outros amigos gostam disto. Gosto
- Sport Lisboa e Benfica Sandra Batista e 24 outros amigos gostam disto. Gosto
- Missão Sorriso Ana Paula Saraiva e 13 outros amigos gostam disto. Gosto
- Daily Cristina Silveira Paqueta e 2 outros amigos gostam disto. Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

Fabiana Silva partilhou a foto de Associação Devotos de Fátima.

Ana Sousa gosta da foto de Mónica Júlio.

João M B Costa e Rosiane Xandrine Kuiper são agora amigos.

Nuno Simões Não é uma boa ideia é uma EXCELENTE IDEIA... Agora falta fazerem...

Nuria Peña Gómez · Viso

Danielle Kim ... · Visualizar

Cláudia Raposo · Viso

Mateus Pereira · Viso

Wilson Cruz · Viso

Nuno Azevedo · Viso

João Dorrinho · Visualizar

Fabiana Silva · Visualizar

Batata Frita · Visualizar

Karla Karla · Visualizar

Procurar

(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora moci

**Cristiane Veneza** 14/1

INSPIRAÇÃO. Um corpo que retira a sua primeira capa.  
Vejam mais em: <http://www.taylorjames.com/>



Gosto · Comentar

Sofia Weinstein Jardim gosta disto. Vista por 26

**Cristiane Veneza** <http://www.taylorjames.com/lady>

**Taylor James - Taylor James**  
[www.taylorjames.com](http://www.taylorjames.com)

A high-end Creative Production Studio working at the forefront of digital production, we blend innovative storytelling with technical expertise.

15/1 às 14:07 · Gosto · Eliminar pré-visualização

Facebook

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

- Inovirtual**  
Lia Cera e 6 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Rádio Comercial**  
Ana Paula Saraiva e 35 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- João Manzarre**  
Gonçalo Sasseti e 13 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- NOS**  
Pedro Teixeira e 30 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Lidl Portugal**  
Paulina Maria A Esteves e 12 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- TAP PORTUGAL**  
Paula Marmelo e 41 outros amigos gostam disto.  
Gosto

Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014


(3) 12.4 Artes + Stora moci

https://www.facebook.com/groups/338661459592629/

12.4 Artes + Stora moci

**Cristiane Veneza** 5/2 · Cascais

Uma das maiores fontes de inspiração de designers, principalmente os de produto, é a natureza. A **biônica**, uma ciência focada no estudo de processos biológicos e na adaptação de tais processos em sistemas industriais, têm trazido com bastante frequência soluções extraordinárias, principalmente para o design de novos produtos.  
fonte: <http://www.criadesignblog.com/post/636/bionica-design-baseado-na-natureza>



**Biônica - Design baseado na natureza**

Uma das maiores fontes de inspiração de designers, principalmente os de produto, é a natureza. A **biônica**, uma ciência focada no estudo de processos biológicos e na...

CRIADESIGNBLOG.COM

Gosto · Comentar · Partilhar

Artes Cad Cascais, Gonçalo Sasseti e Marta Seixas gostam disto. Vista por 25

Escreve um comentário...

PAGINAS RECOMENDADAS Ver todas

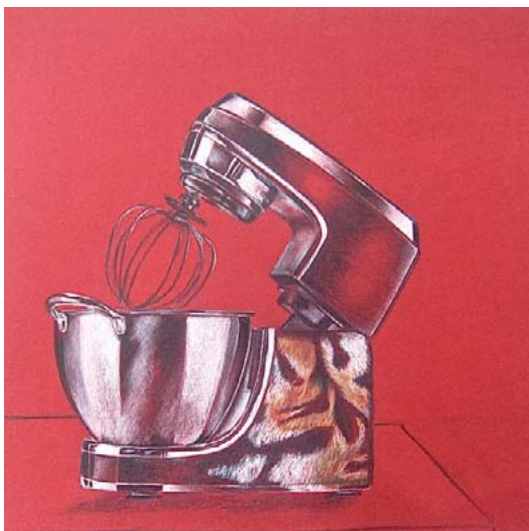
- Samsung Portugal**  
Vitória Fonseca Pereira e 16 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- OLX Portugal**  
Sandra Batista e 7 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Staples Portugal**  
Bruno Conceição e 5 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Sport Lisboa e Benfica**  
Sandra Batista e 24 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Missão Sorriso**  
Ana Paula Saraiva e 13 outros amigos gostam disto.  
Gosto
- Daily Cristina**  
Silvia Pamota e 2 outros amigos gostam disto.  
Gosto

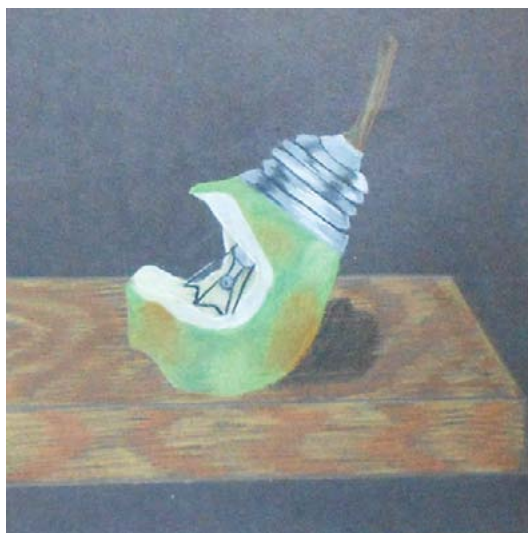
Português (Portugal) · Privacidade · Termos · Cookies · Mais · Facebook © 2014

## Anexo X

Resultado do exercício “Naturalização” (sala de aula) - Parte 4



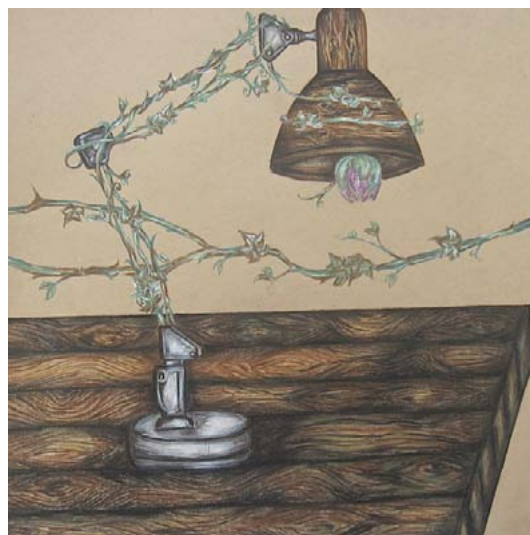
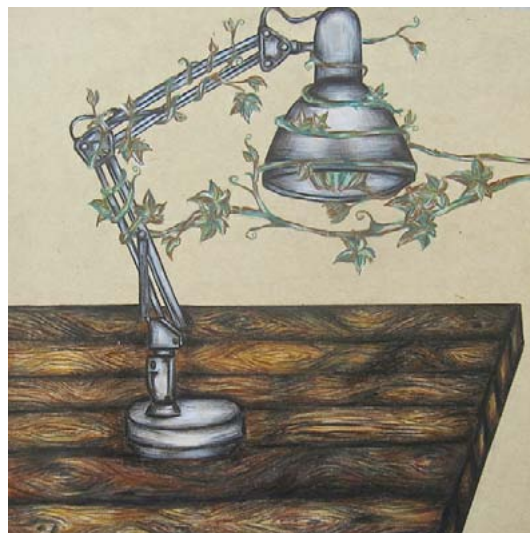








Aluno 4





Aluno 6





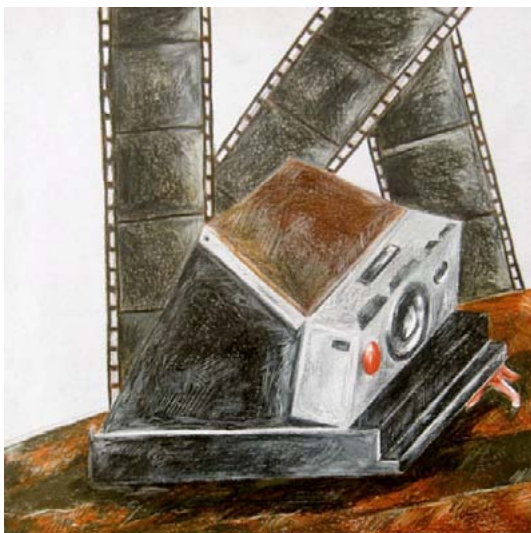
Aluno 8

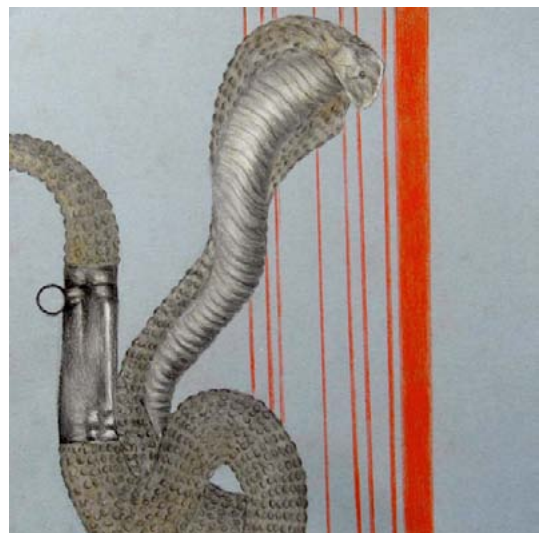
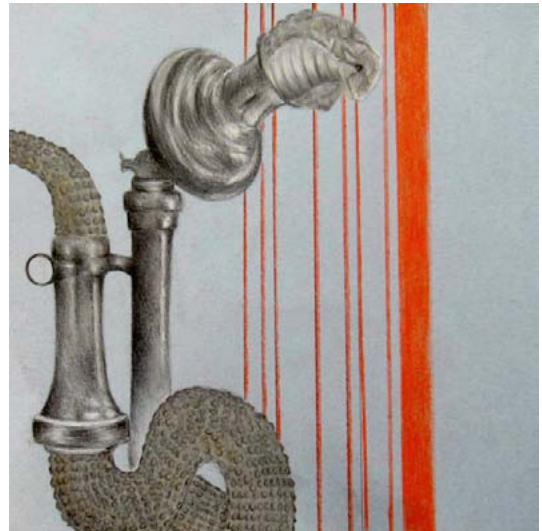
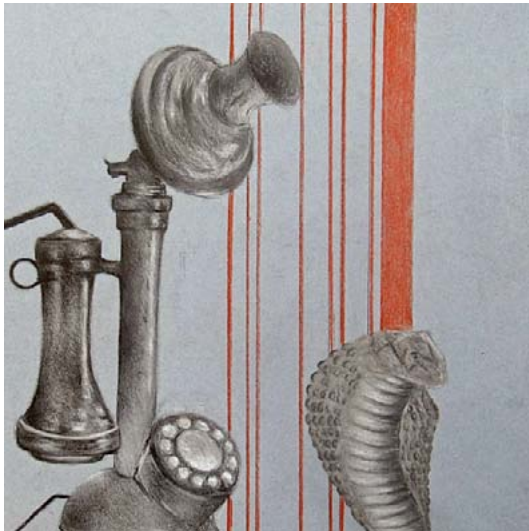




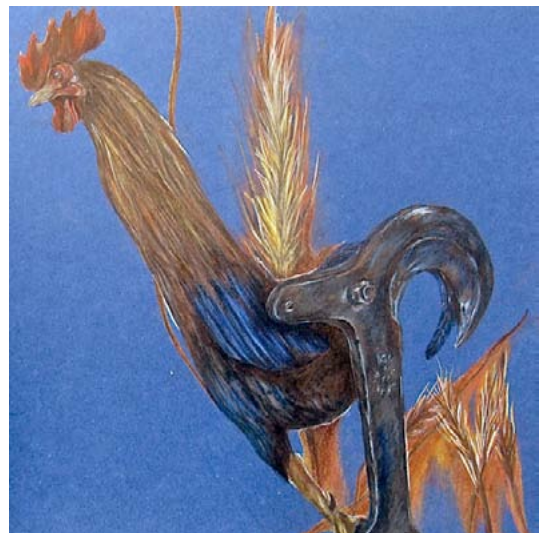




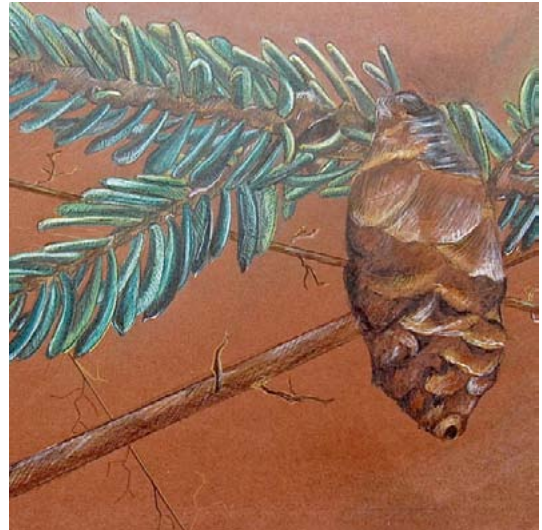
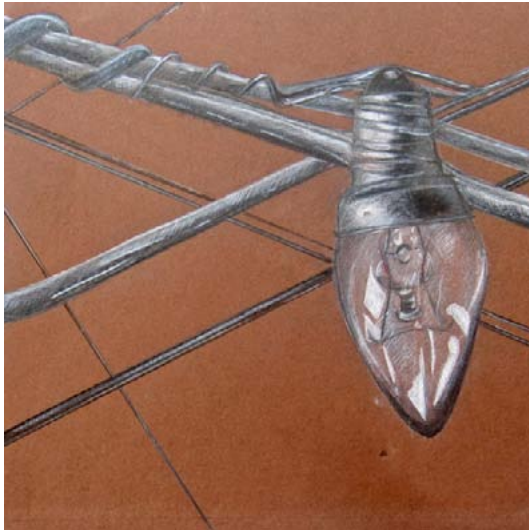












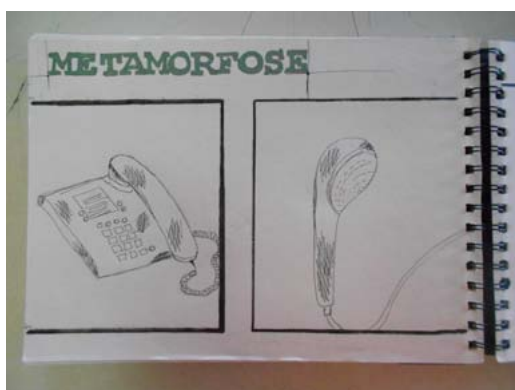
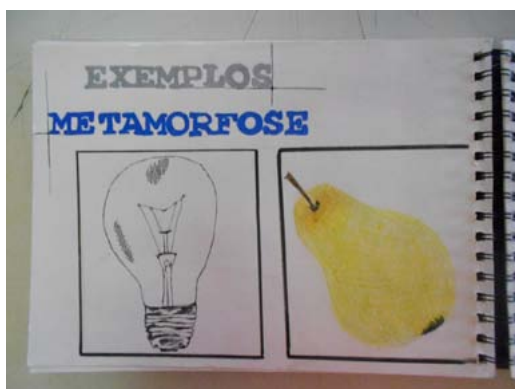


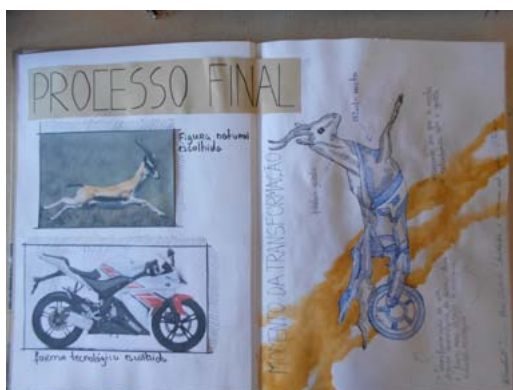


## Anexo Y

Resultado do exercício “Naturalização” (diário gráfico) - Parte 4

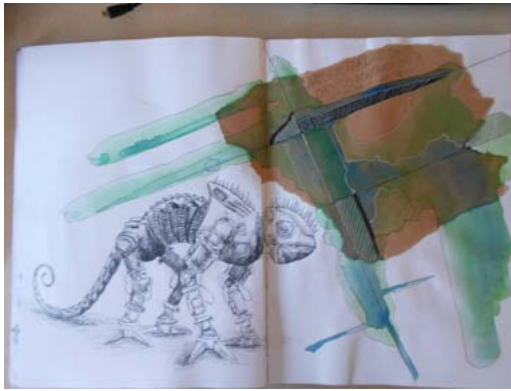




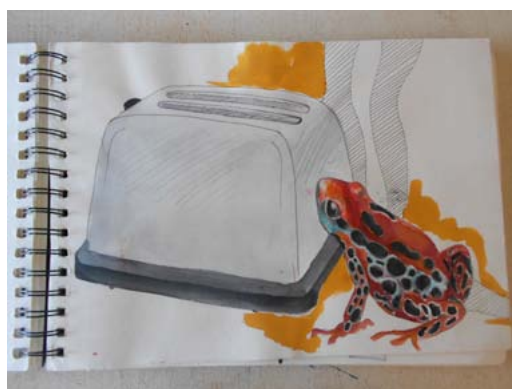
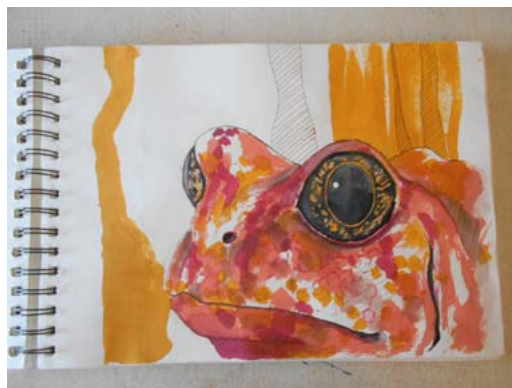








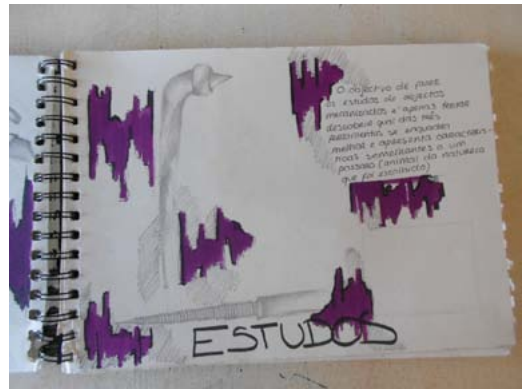
Anexo Y - Resultado do exercício “Naturalização” (diário gráfico) - Parte 4

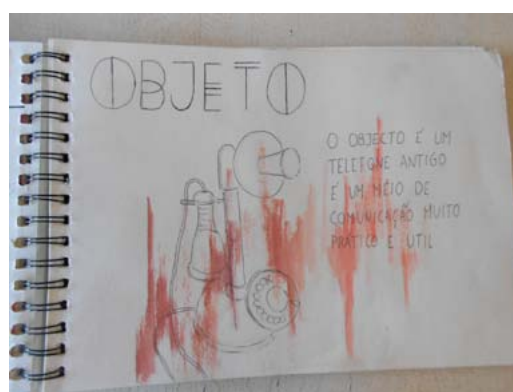


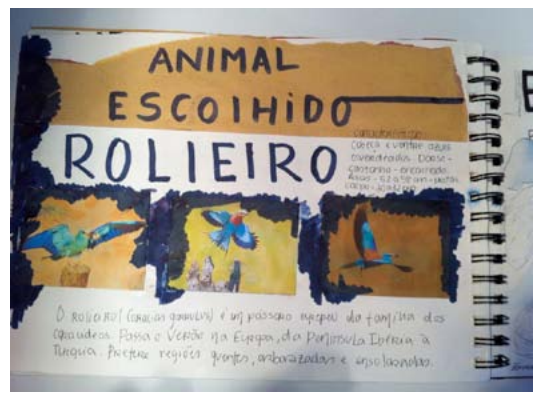
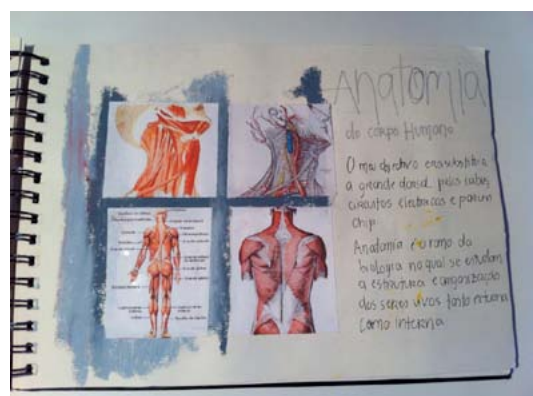
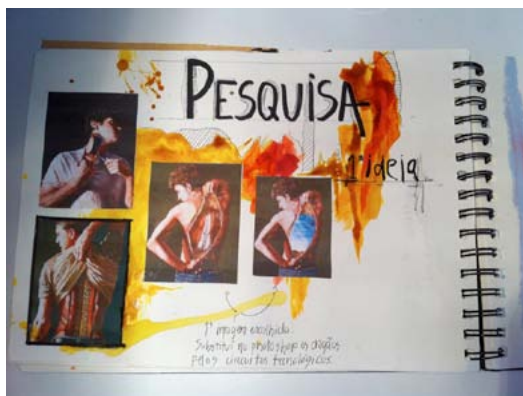


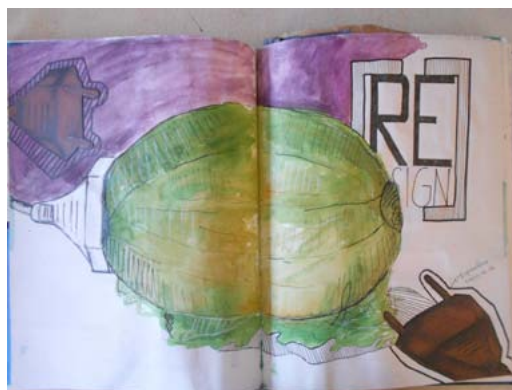


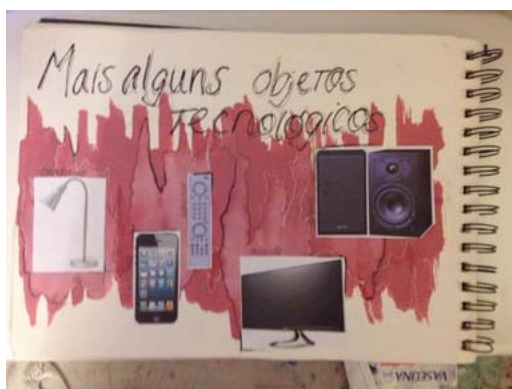
Aluno 11

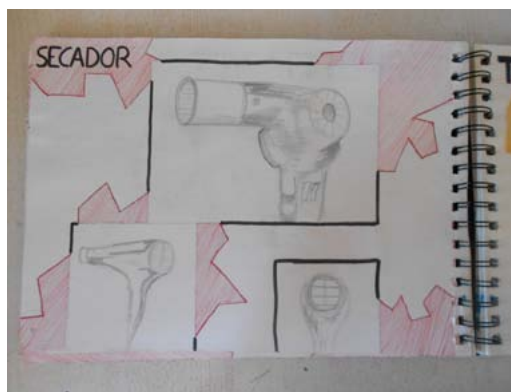
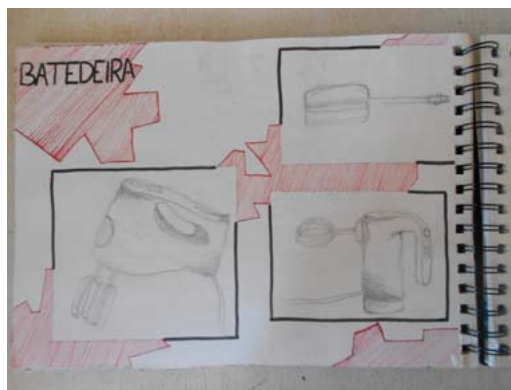












## Anexo Z

Enunciado do exercício - Parte 5



## **Exercício Prático de Desenho A - II**

---

12º Ano de Escolaridade

3 Páginas

---

Duração do Exercício: 70 minutos + 15 minutos

---

**2014**

27/Fevereiro

## GRUPO II

### Representação gráfica, com exploração da capacidade de síntese

Leia com atenção o texto que se segue:

“Não aleijemos a pobre humanidade mais do que ela já está com tantas sacudidelas da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, de cima para baixo e de baixo para cima. Do individualismo para o colectivismo e do colectivismo para o individualismo. Não sejamos tão crianças que queiramos levantar ao ar a esfera pretendendo agarrá-la apenas pelo hemisfério da direita ou apenas pelo da esquerda, ou apenas pelo hemisfério superior, porque a única maneira de agarrá-la bem tão-pouco é pôr-lhe as mãos por baixo, nem ainda abraçando-a com os dois braços e os dedos metidos uns nos outros para não deixar escapar as mãos e com o próprio peito do lado de cá a ajudar também; a única maneira de equilibrar a esfera no ar é deixá-la estar no ar como a pôs Deus Nosso Senhor, ás voltas à roda do sol, como a lua à roda de nós e assegurada contra todos os riscos dos disparates da humanidade.

Não temos mais remédio do que ir aprender tecnicamente como funcionam estas coisas tão naturais!

O Mundo da Natureza é o modelo dos modelos de todas as maquinarias, porque não havemos então de acertar também o mundo social no seu próprio funcionamento como todas as outras máquinas do mundo?”

Almada Negreiros, *“Deixemos a Humanidade à Sua Ordem Natural”*, in *“Ensaaios”*

Observe. As quatro figuras, presentes na página 3, é a reprodução de três obras de Rui Chafes.

Crie graficamente uma ilustração ao texto apresentado que evoque e o espaço e o ambiente que lhe sugere, segundo o texto de Almada Negreiros. Considere a imagem referente de Rui Chafes como estímulo visual para a criação de uma nova representação que ilustre o texto.

Contextualize uma nova ilustração com atenção ao tratamento cromático que expresse a sua ideia e o desenvolvimento formal da sua proposta, transmitindo ritmo e movimento.

Recorra aos processos de síntese que considere adequados para que a sua proposta final seja, plasticamente interessante, formalmente dinâmica e evidencie criatividade e invenção à composição gráfica.

Utilize um tratamento cromático expressivo, utilizando a técnica que lhe parecer mais adequada para expressar a sua ideia, optando entre as técnicas mistas de: sanguínea e grafite ou aguarela e lápis de cor ou aguarela e tinta da china (pinceis, aparos e canetas caligráficas).

A mancha da ilustração deve resultar equilibrada, ocupando adequadamente o espaço da folha da prova.

**GRUPO II**

**Representação gráfica, com exploração da capacidade de síntese**



Figura 1 - Rui Chafes, *Extinguish my eyes* (2005), ferro, 130x130x214 cm

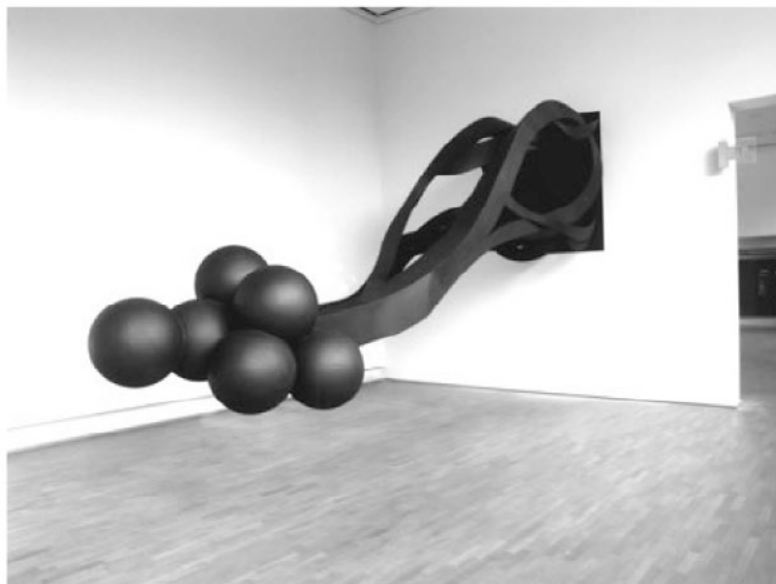


Figura 2 - Rui Chafes, *What shall I do when you are not here?* (2004), ferro, 524x120x210 cm



Figura 3 - Rui Chafes, *Extinguish my eyes* (2005), ferro, 130x130x214 cm



Figura 4 - Rui Chafes, *I am your yesterday (and you are my tomorrow)* (2010), ferro, 420x270x354 cm



## Anexo AA

Cotações do enunciado do exercício - Parte 5



**GRUPO II (90 pontos)**

A resposta ao item do Grupo II permite avaliar:

- o domínio dos diversos meios atuantes, riscadores e aquosos;
- a capacidade de análise e representação de objetos e o domínio, no campo dos estudos analíticos de desenho à vista, da proporção, da escala, da distância, dos eixos e ângulos relativos, da volumetria, da configuração, dos pontos de inflexão, do contorno e da cor;
- o domínio e a aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica, compreendendo práticas de ocupação de página, enquadramento, processos de transferência e efeitos de cor;
- a capacidade de síntese: transformação – gráfica e invenção;
- a coerência formal e conceptual das formulações gráficas produzidas.

Estas competências estão operacionalizadas através dos descritores específicos.

**a) Domínio dos meios atuantes**

**- Materiais e instrumentos ..... 20 pontos**

Na resposta a este item, o examinando deve, obrigatoriamente, ter utilizado uma técnica mista de tinta da china e aguarela / grafite e lápis de cor.

Caso uma destas condições não se verifique, este parâmetro é classificado com 0 (zero) pontos.

<b>Níveis</b>	<b>Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina</b>	<b>Pontuação</b>
4	Evidencia muita expressividade e facilidade na definição da proposta, adequando corretamente o tipo de representação ao material escolhido:  Técnica mista de sanquinea/grafite: utiliza, com grande à-vontade, intensidades e espessuras de traço, tramas, malhas ou manchas de diferentes tons e densidades, numa mistura equilibrada e correcta dos dois meios actuantes. OU Técnica mista de grafite/lápis de cor: utiliza, com grande à vontade, diferentes grafismos, espessuras de traço e/ou intensidades de mancha, diferentes efeitos de cor, tons e densidades, numa mistura equilibrada e correta dos dois meios atuantes. OU Técnica mista de aguarela/tinta-da-china (pincéis, aparos e canetas caligráficas): utiliza, com grande à-vontade, diferentes cores, tons, densidades, gradações, intensidades de mancha, luminosidades e expressividade.	20
3	Denota bastante expressividade, apesar de se verificarem pequenas falhas no domínio da técnica.	16
2	Denota alguma expressividade, mas verificam-se várias falhas no domínio da técnica.	12
1	Evidencia dificuldade no domínio da técnica e/ou pouca expressividade na definição da proposta.	8

**b) Capacidade de análise e representação de objectos**

– Estudo do contexto e estudo de formas ..... 10 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Representa o espaço e as formas criados com muita correção.	20
3	Representa o espaço e as formas criados com bastante correção.	16
2	Representa o espaço e as formas criados com alguma correção.	12
1	Representa o espaço e as formas criados com pouca correção.	8

**c) Capacidade de síntese**

– Transformação – simplificação por acentuação e invenção ..... 20 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota muita criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	20
3	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota bastante criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	16
2	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota alguma criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	12
1	Utiliza processos de síntese adequados à transmissão da ideia de direção e denota pouca criatividade, invenção e sentido expressivo na definição e manipulação dos elementos.	8

**d) Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação na linguagem plástica**

– Organização dinâmica, efeitos de cor e práticas de ocupação de página ... 20 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
4	Demonstra muito conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	20
3	Demonstra bom conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	16
2	Demonstra algum conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	12
1	Demonstra pouco conhecimento dos conceitos estruturais da linguagem plástica no modo como organiza a estrutura compositiva transmitindo equilíbrio. Criação de um espaço dinâmico, com a utilização de um tratamento cromático de acordo com a técnica escolhida e a dimensão do registo no espaço da folha de prova.	8

**e) Coerência formal e conceptual****- Adequação ..... 10 pontos**

<b>Níveis</b>	<b>Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina</b>	<b>Pontuação</b>
2	A formulação gráfica produzida revela coerência formal e conceptual, na relação com o referente de Rui Chafes e com o enunciado da questão.	10
1	A formulação gráfica produzida revela pouca coerência, quer a nível formal, quer a nível conceptual, na relação com o referente de Rui Chafes e com o enunciado da questão.	5



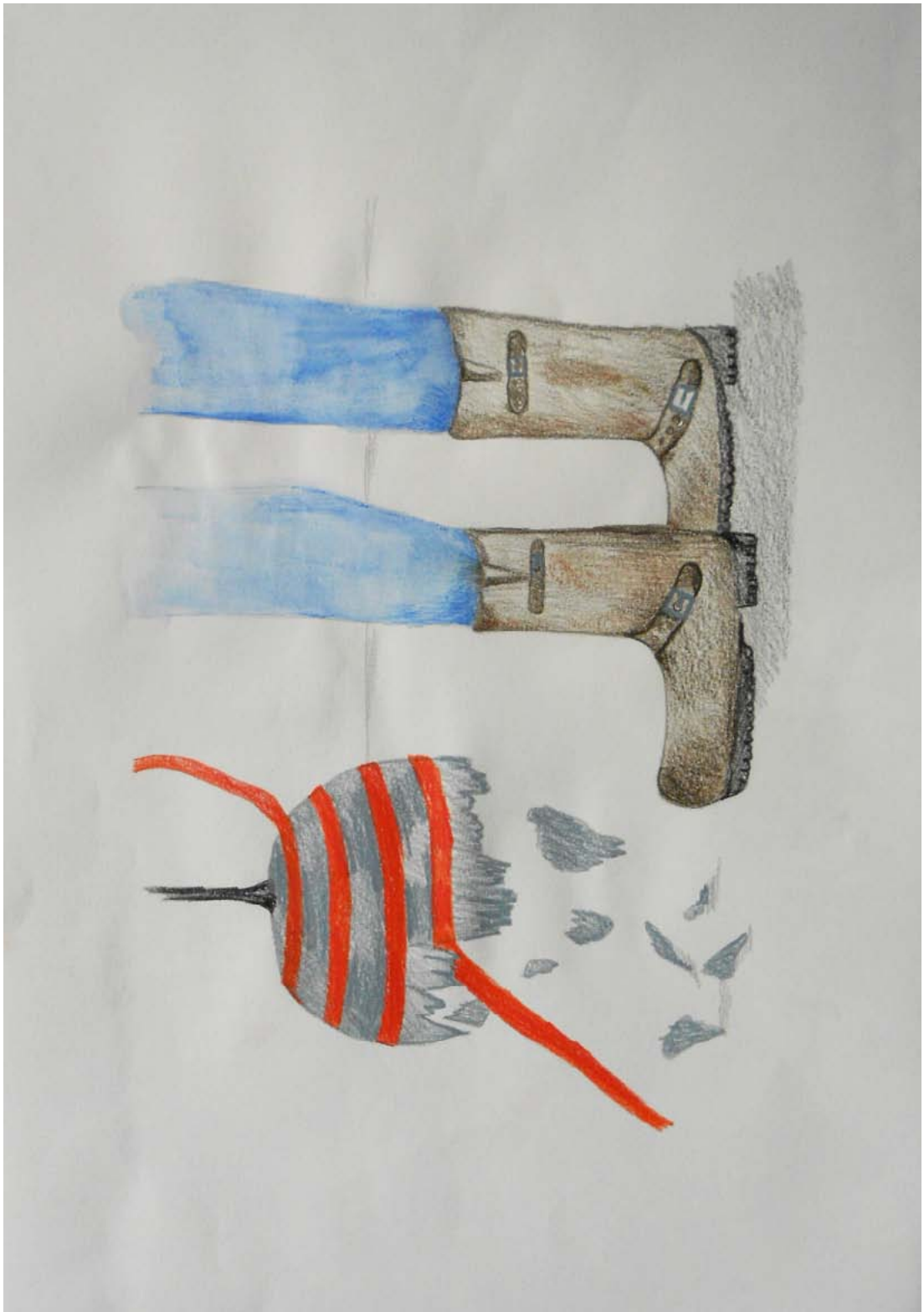
## Anexo AB

Resultado do exercício - Parte 5





Aluno1



Aluno 2





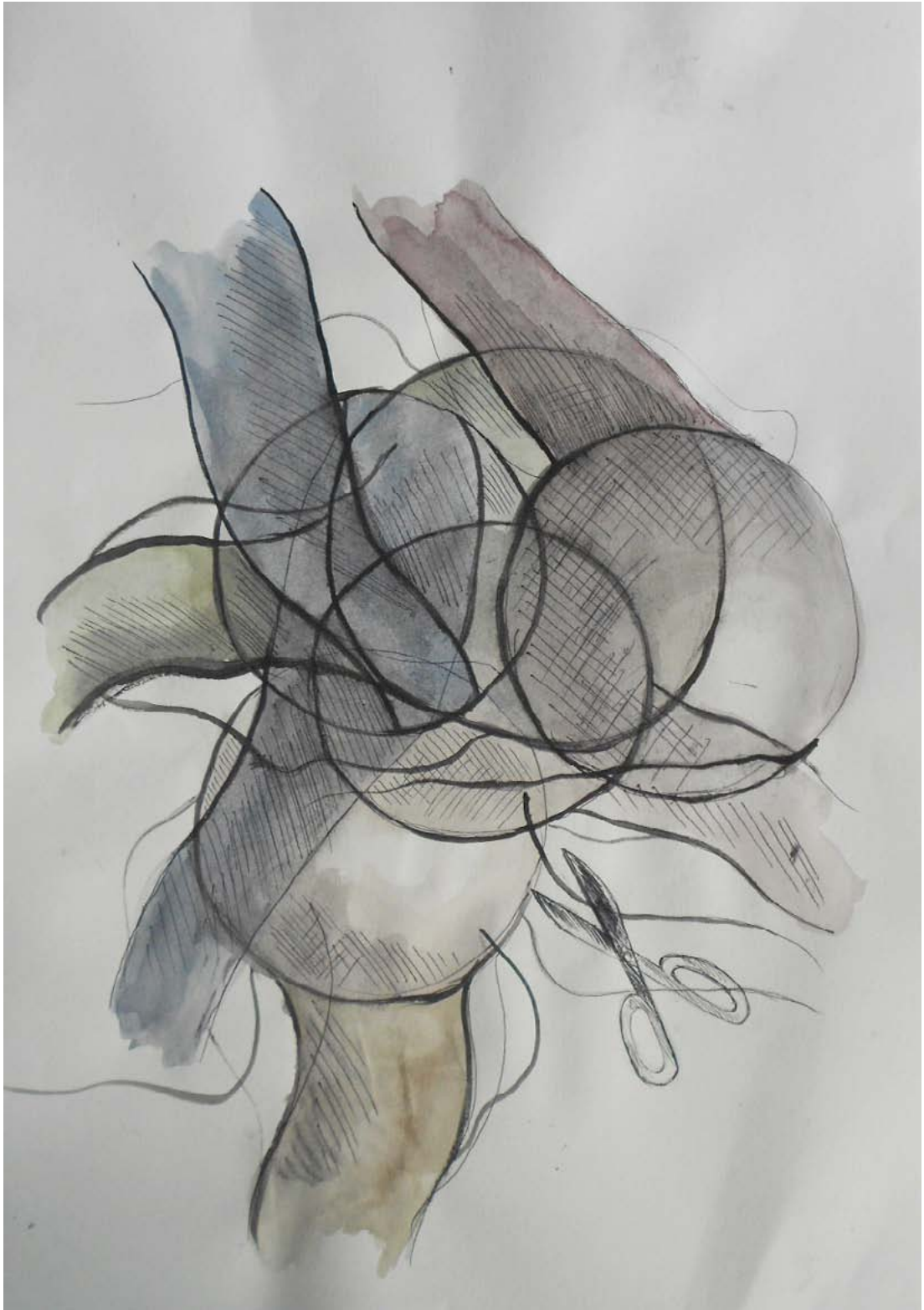
Aluno 4



Aluno 5



Aluno 7



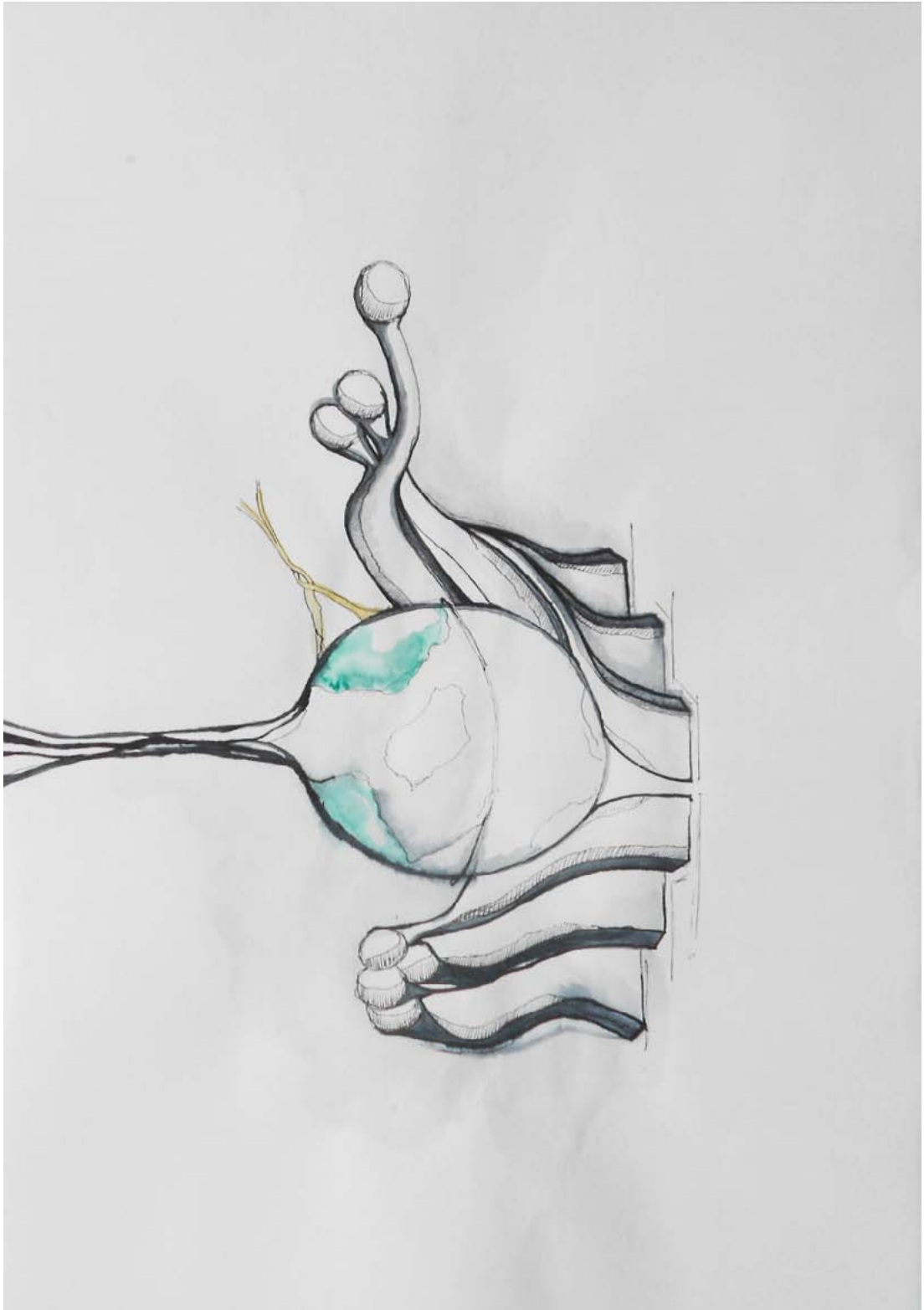


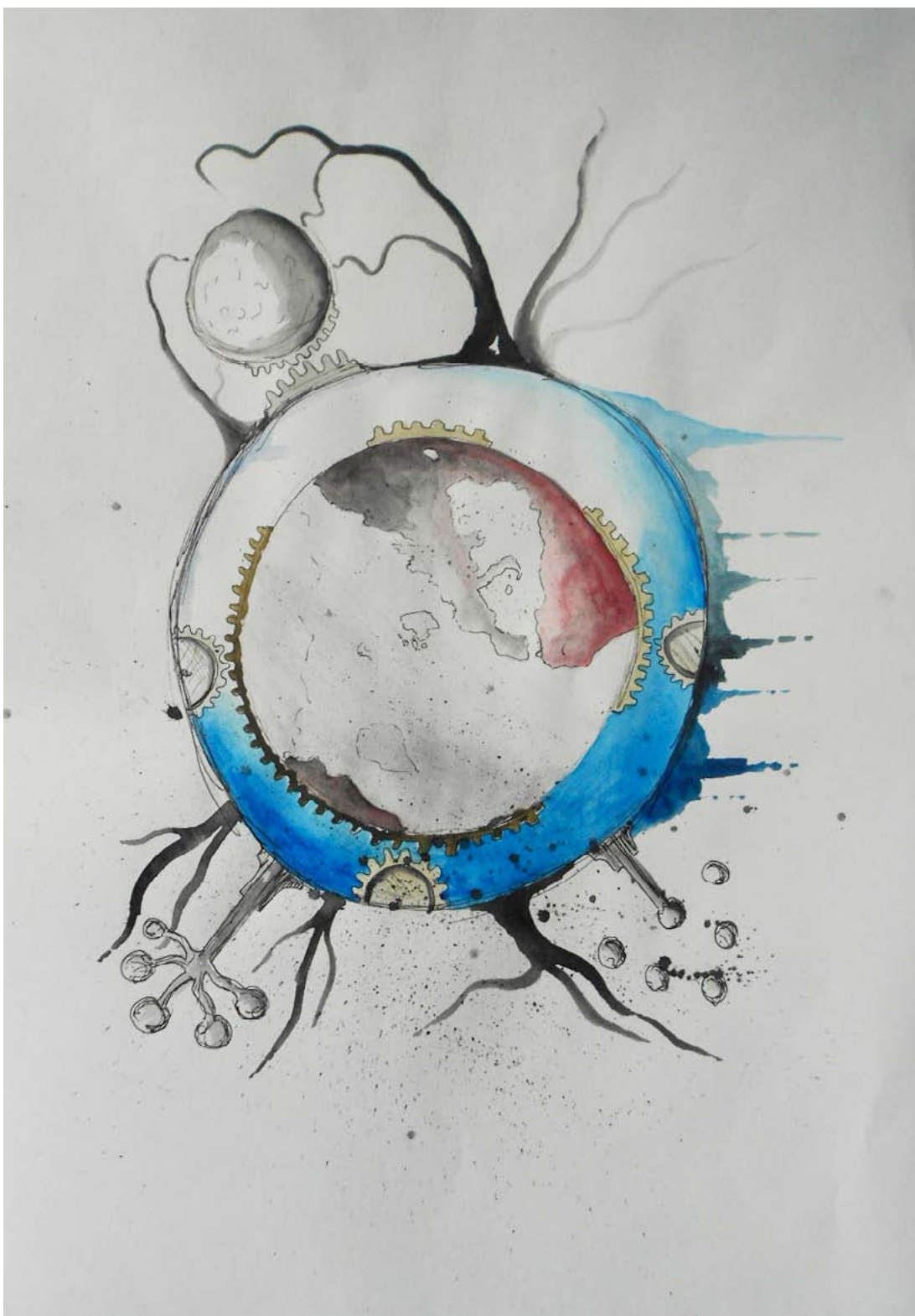
Aluno 9





Aluno 11

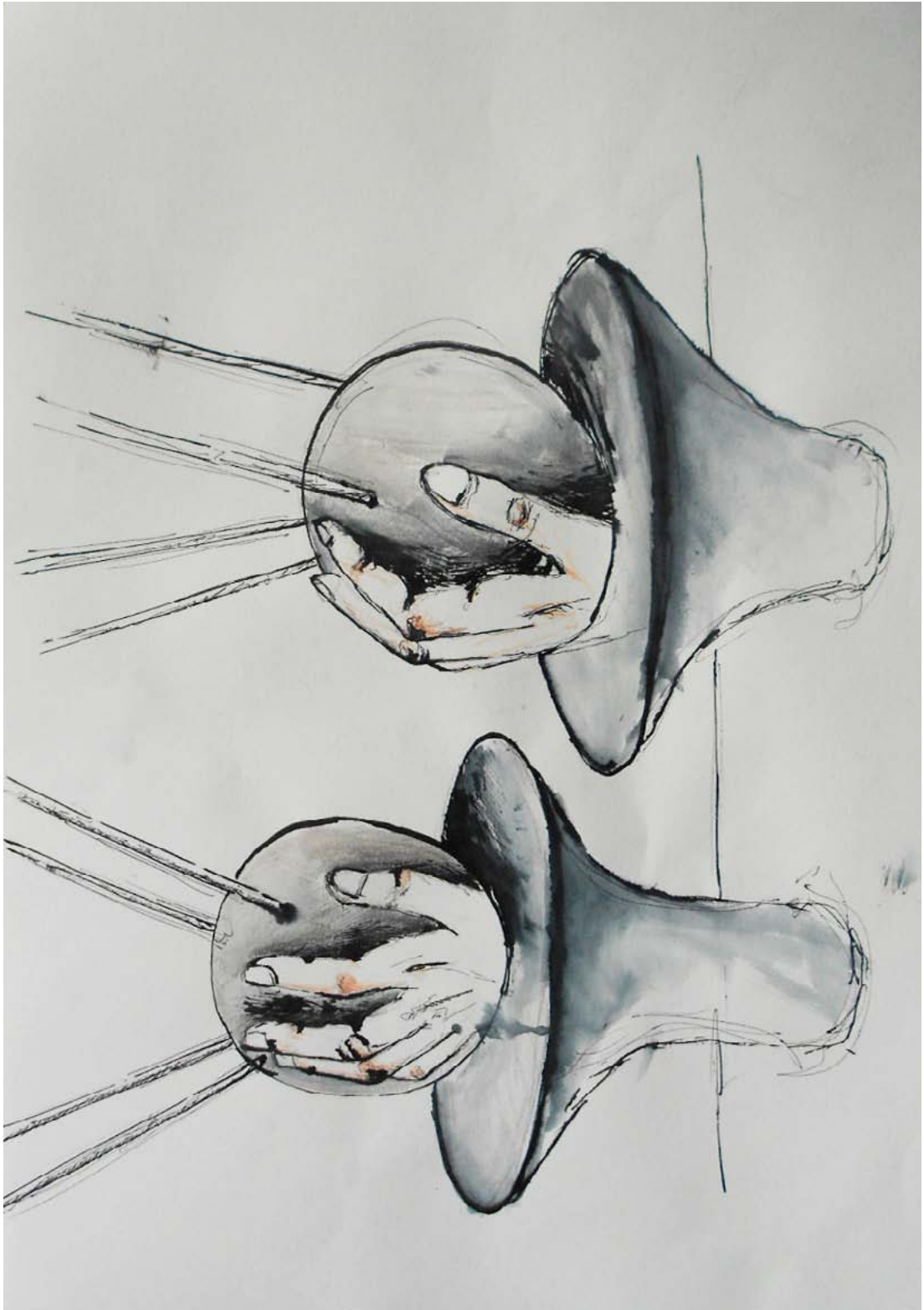


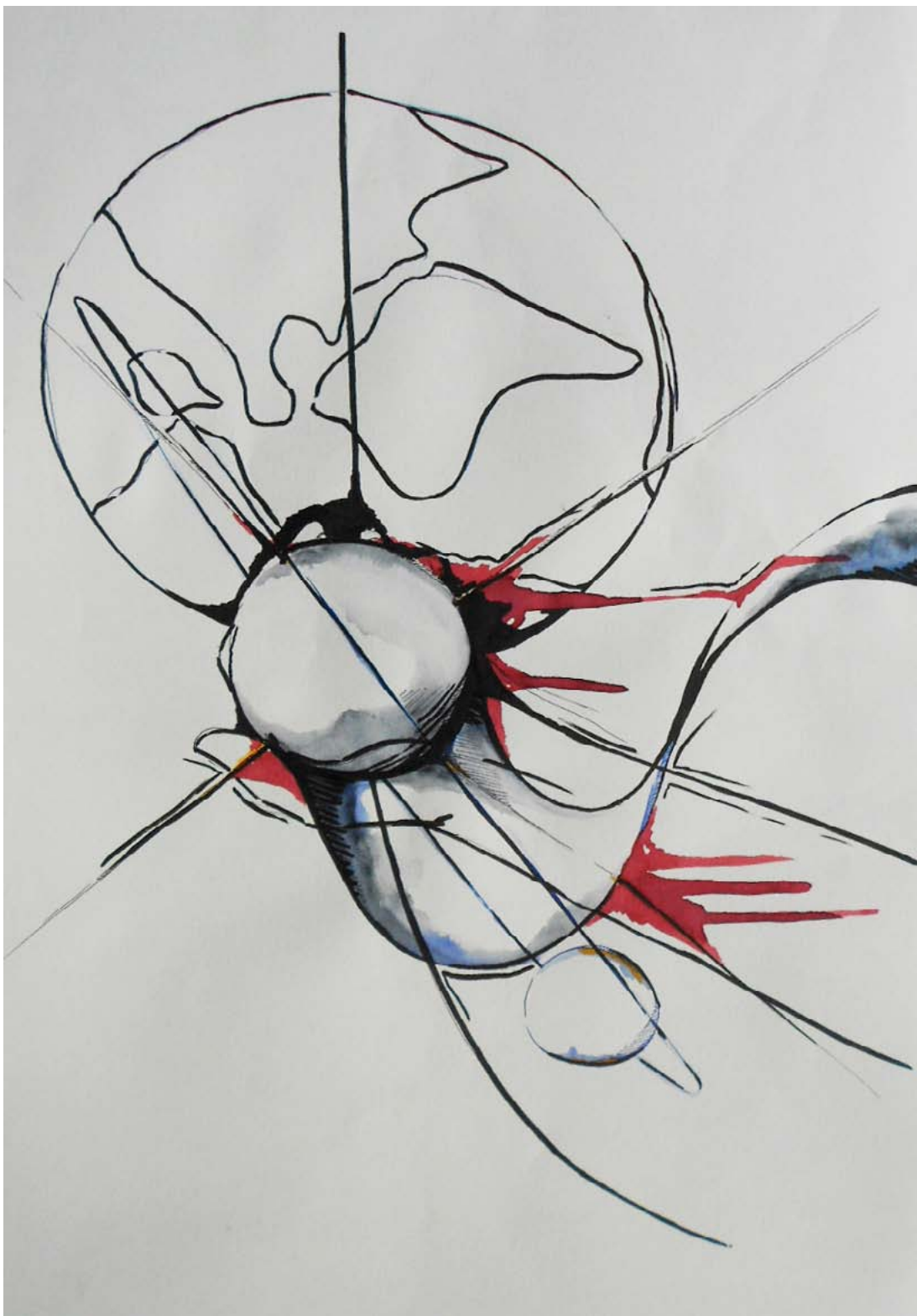






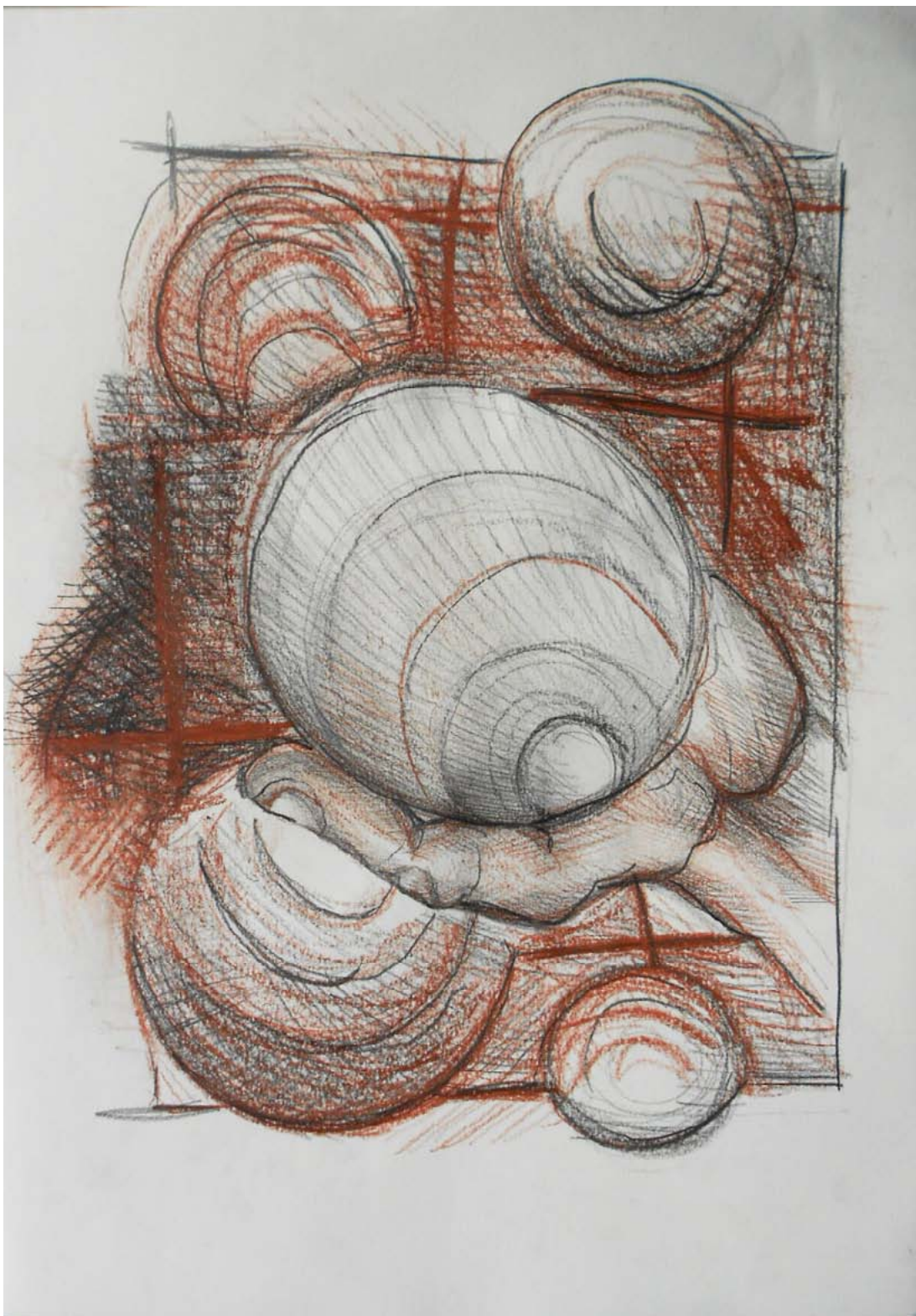
Aluno 15



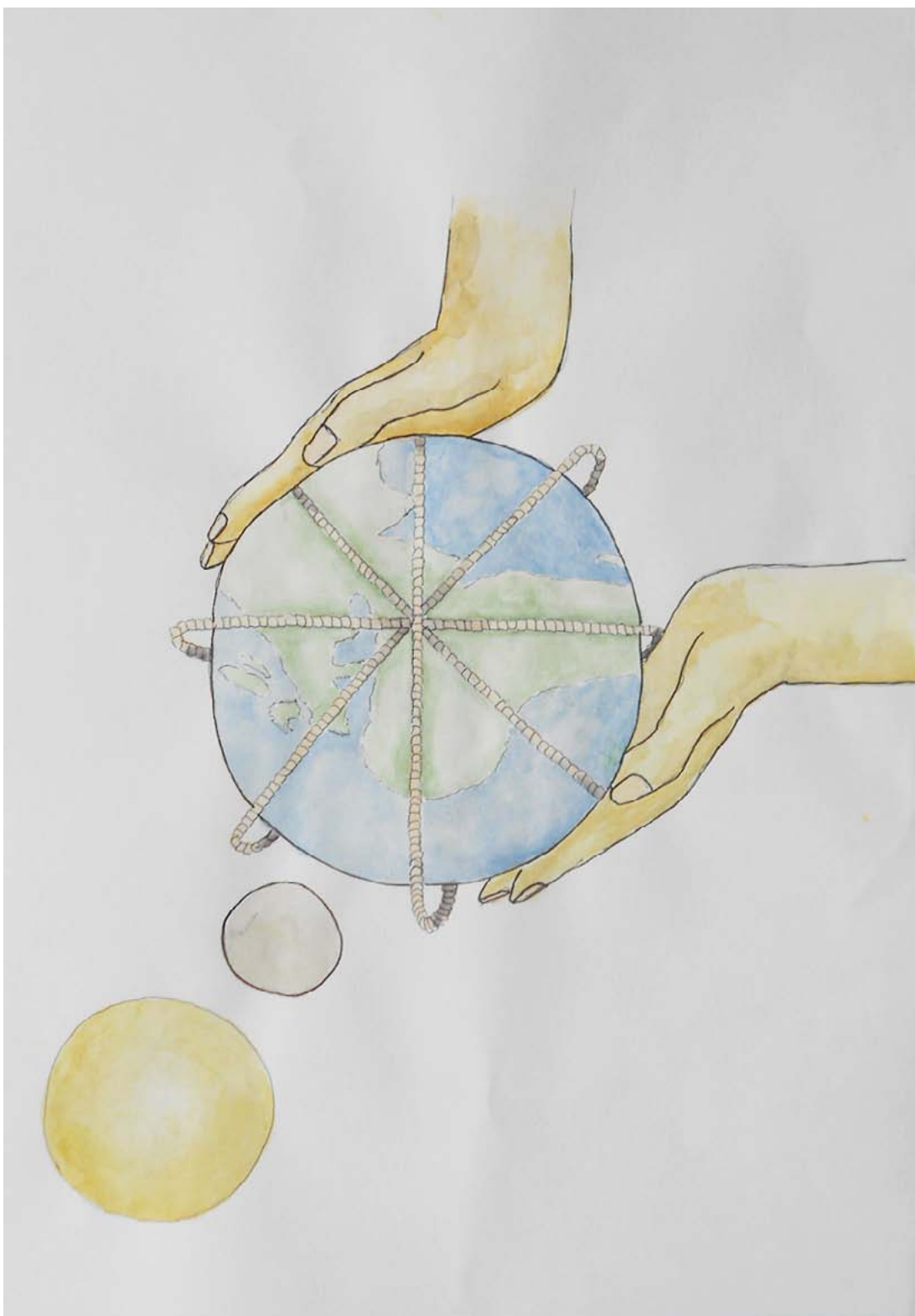


Aluno 17









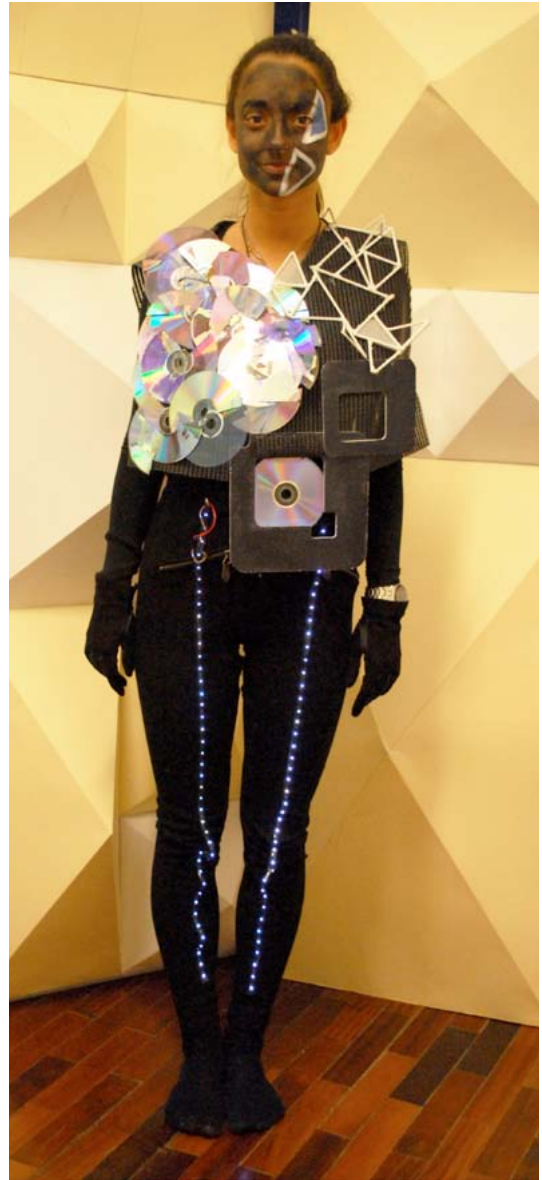
## Anexo AC

Algumas imagens guarda-roupa Sarau









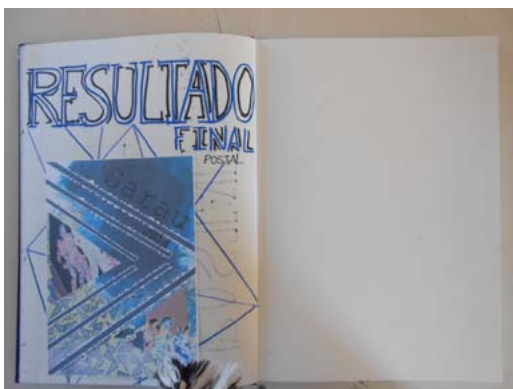
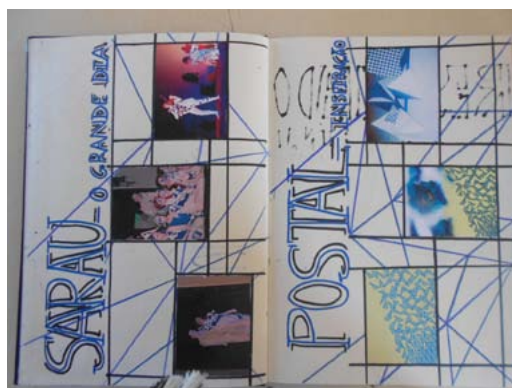


## Anexo AD

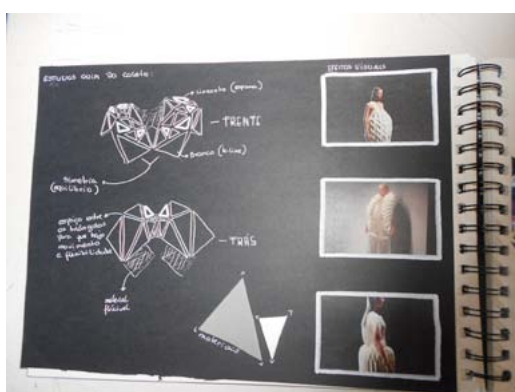
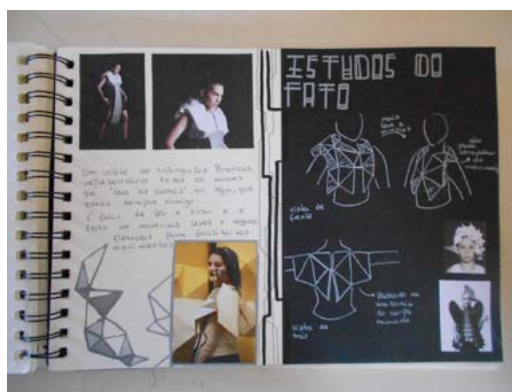
Imagens diário gráfico Sarau

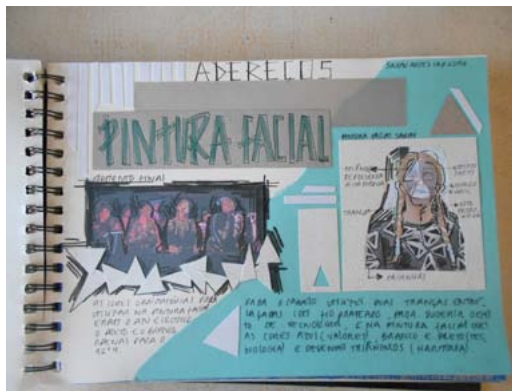
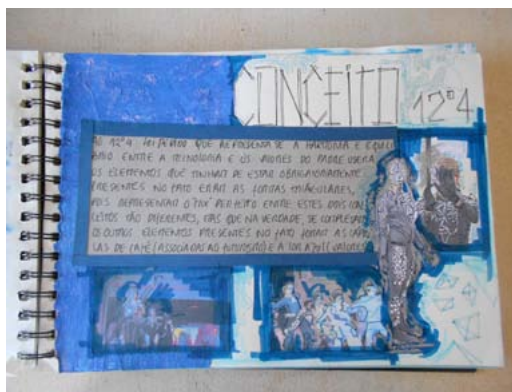
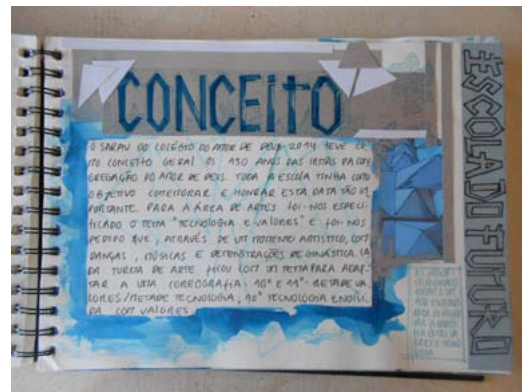


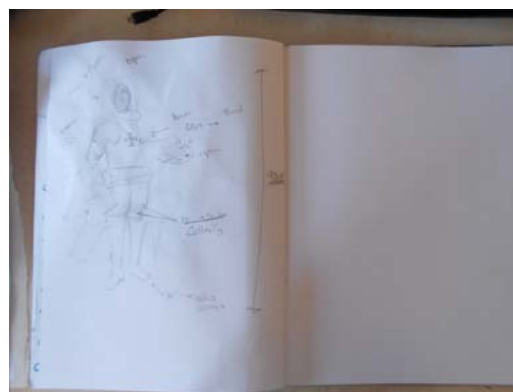
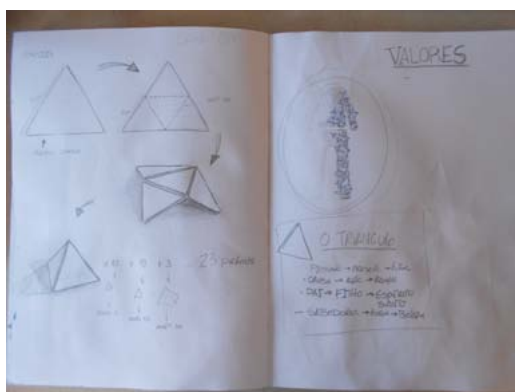


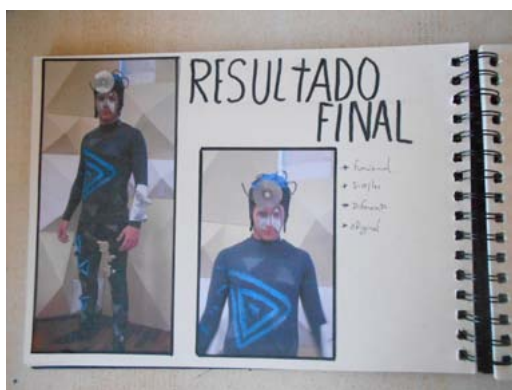
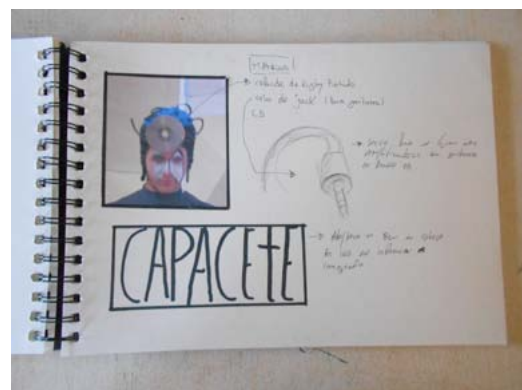
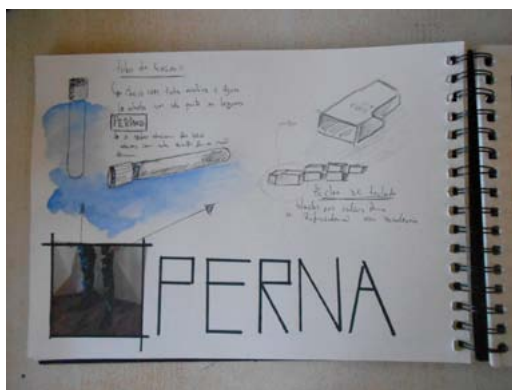
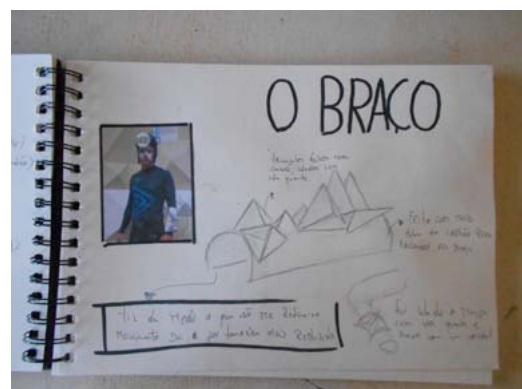
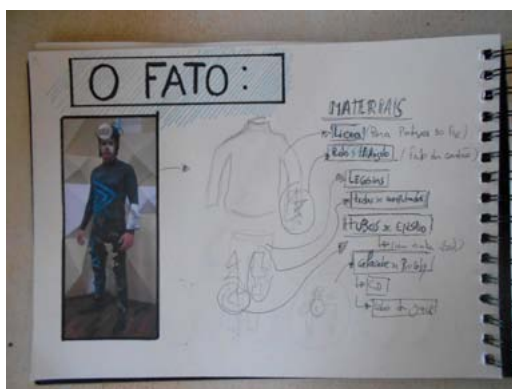


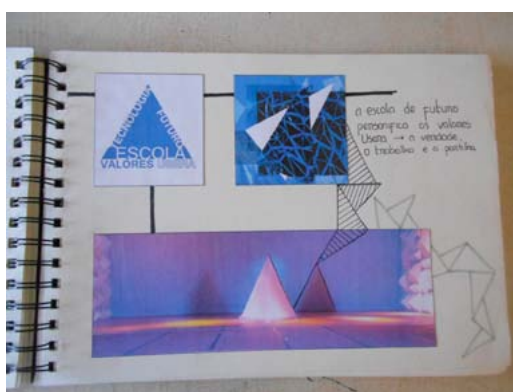
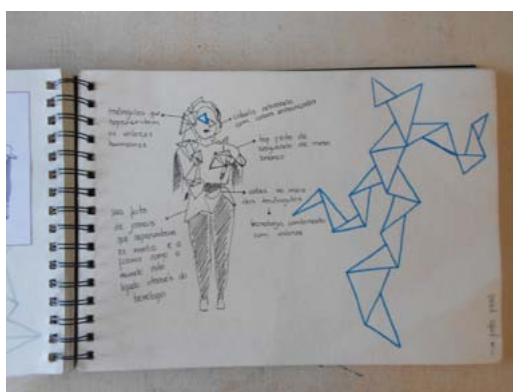
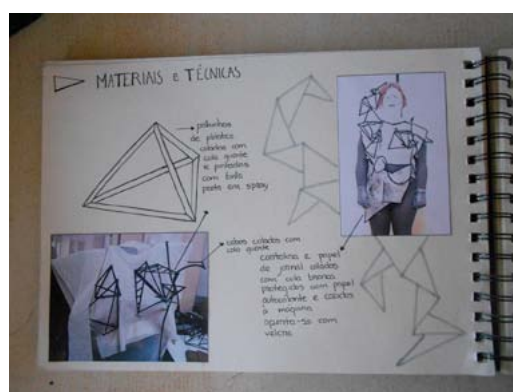






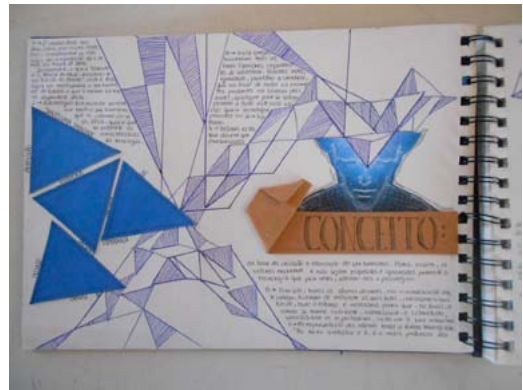








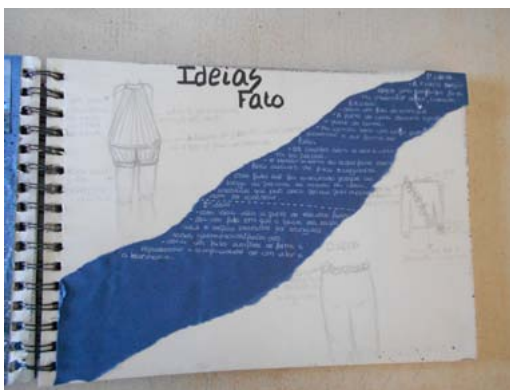


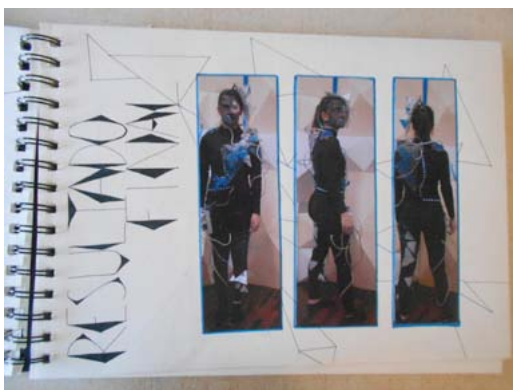


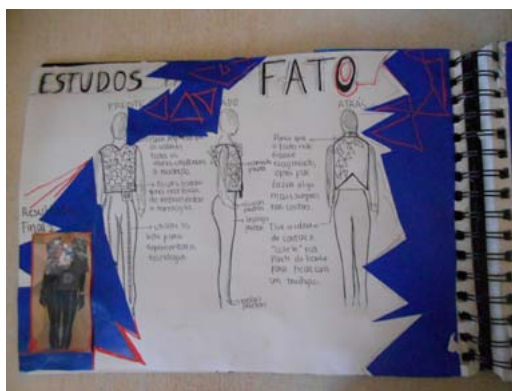




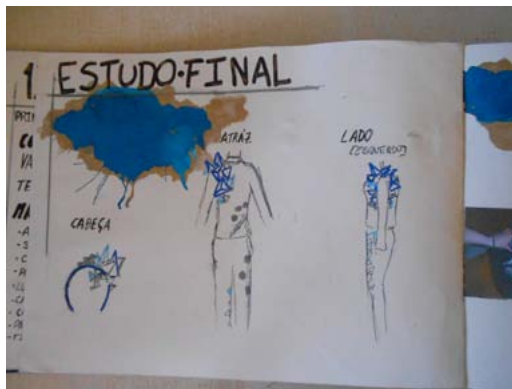
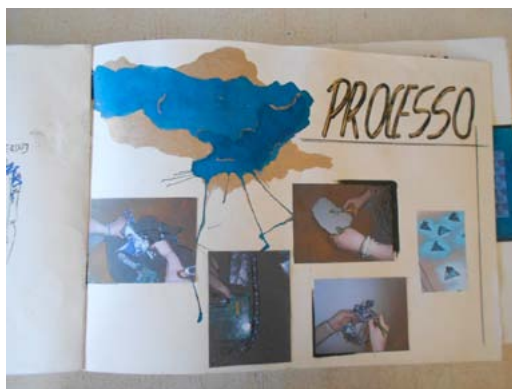


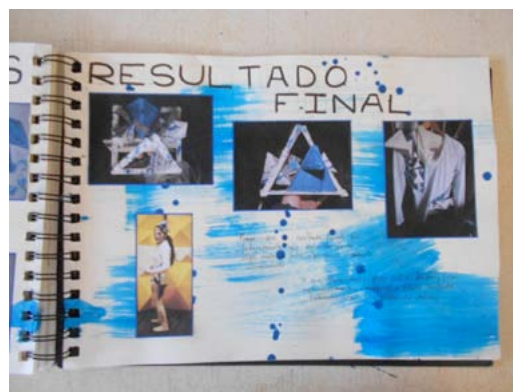
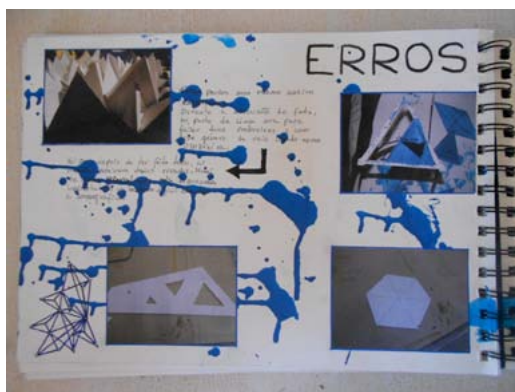












## Anexo AE

Estrutura da apresentação no Sarau



Sarau ARTES 2014 "A Escola de Futuro"

Grande é o Amor de Deus

Valores USERA versus Tecnologia

MUSICA	MOMENTO	DESENVOLVIMENTO
<p>"To Build a Home" - Cinematic Orchestra Piano: Francisca Correia Vozes: Gonçalo Sasseti + ...</p>	<p><b>1º Momento</b> Criação da Humanidade</p>	<p>Vídeo/ Texto de introdução a explicar o Sarau. Criação da Humanidade Fred / Samir / Inês Magno / Mad. Gradiz / Carolina Fernandes</p>
	<p>Passagem ½</p>	<p>A meio do momento 1. Acrobacia da <u>Madalena Carlos</u> (sozinha) - Representa o <b>Padre USERA</b></p>
	<p><b>1º Momento</b> Aparecimento Valores Usera</p>	<p>Coreografia Valores (triângulo) • TRABALHO / DEDICAÇÃO <b>10º ANO</b> (8 alunos) • BEM / PARTILHA <b>11º ANO</b> (6 alunos) • VERDADE <b>12º ANO</b> (6 alunos)</p> <p>Violino clássico - tradicional</p>
<p>"Crystallize" – Lindsey Stirling Violino: Mariana Santos</p>	<p><b>2º Momento</b> Aparecimento da Tecnologia (Neutro) 10ºano</p>	<p>Coreografia - 21 fatos tecnológicos + 10 Valores alunos <b>10º ANO</b> Violino eletrónico - troca</p>
	<p>Passagem ¾</p>	<p>Saem os alunos do 10ºano e entra o Filipe (tecnologia) e a Madalena (padre Usera). <b>Madalena a ser manipulada pelo Filipe.</b> Acrobacia</p>
<p>"Tecnologic" - Daft Punk</p>	<p><b>2º Momento</b> Má Manipulação Tecnológica</p>	<p>Tecnologia em força. Coreografia - <b>11º ANO Valores Humanos a serem manipulados pela tecnologia.</b> Metade da turma Valores, metade Tecnologia.</p>
<p>"Hope there's someone" Avicii Voz: Feminina</p>	<p>Passagem 4/5</p>	<p>Coreografia com os melhores dançarinos (pequeno grupo) <b>Passar da Má tecnologia para a Boa tecnologia</b></p>
<p>"Bad style" Time Back Piano Violino</p>	<p><b>3º Momento</b> Valores vs. Tecnologia</p>	<p>Coreografia - <b>12º ANO.</b> União dos valores com a tecnologia. <b>Valores misturam-se com a tecnologia.</b> Fatos: metade Tecnologia, metade Valores.</p>
<p>One"U2 e Mary J. Blige Voz: Gonçalo Sasseti + ...</p>	<p><b>3º Momento</b> Final</p>	<p>Final todos os alunos em palco. Pequena Coreografia .</p>



**Anexo AF**  
Respostas questionário 1  
(cd)



**Anexo AG**  
Respostas questionário 2  
(cd)



**Anexo AH**  
Respostas questionário 3  
(cd)



## Anexo AI

Outros recursos disponibilizados no *facebook*







## Anexo AJ

Relatório de avaliação de prática supervisionada





Relatório de avaliação de prática supervisionada da formanda  
**Cristiane Quintanilha**

O A Cristiane demonstrou, ao longo de todo este processo de aprendizagem, uma grande vontade de aprender, bem como uma disponibilidade para corrigir todos aspectos que lhe foram referidos como importantes para uma prática de ensino de excelência.

Foram supervisionadas aulas na disciplina de Desenho A do 12º ano. Esta observação/supervisão decorreu de Outubro a Março do corrente ano lectivo.

**1. Processo de ensino – aprendizagem**

**1.1 Programação do Processo Ensino – Aprendizagem**

Consideramos que a Cristiane desenvolveu muito bom trabalho. Explicita sempre de uma forma correta e clara todos os pressupostos científicos/didáticos em que fundamenta a sua planificação, reflecte alguma inovação sem nunca perder de vista a adequação aos alunos da escola e ao meio, define muito bem as competências e objectivos e escolhe estratégias diferentes, sempre em coerência com os pressupostos metodológicos e conteúdos. Estabelece sempre formas de avaliação de acordo com a modalidade de planificação.

**1.2 Elaboração e Selecção do Material Didáctico**

Neste ponto a Cristiane demonstrou um excelente nível, tendo produzido sempre materiais didáticos de excelente qualidade, muito bem executados e bem adequados à prática pedagógica. No entanto, na construção de itens para a execução, poderia melhorar a clareza e expressividade da comunicação

### **1.3 Instrumentos de avaliação**

A Cristiane apresentou sempre instrumentos de avaliação de forma adequada, sem nunca deixar de apelar às diferentes competências dos alunos, tais como competências técnicas, competências criativas e competências relacionadas com o esforço e empenho. Por tudo isto consideramos que a formanda apresentou um desempenho muito bom.

#### **1.3.2. Utilização e Análise**

Todos os instrumentos foram utilizados com muita eficácia tendo sido sempre rentabilizados de modo a incentivar a qualidade dos trabalhos.

## **2. Formação Científica e Pedagógica**

### **2.1 Formação Científica e Capacidade de Utilização**

A Cristiane demonstra um bom domínio dos programas, tentando sempre relacionar os conteúdos programáticos com as experiências do quotidiano dos alunos, privilegiando os aspectos práticos. Manifesta também, uma constante vontade de se manter atualizada.

### **2.2 Abertura à Inovação Pedagógica**

Foi sempre evidente a preocupação da Cristiane em se manter sensível à necessidade de inovar, notando-se isso especialmente nas atividades extracurriculares por ela propostas, em que assumiu sempre uma atitude de inovação, tanto nos temas escolhidos como nas abordagens feitas.

## **3. Concretização na aula**

### **3.1 Gestão do tempo do espaço**

A Cristiane revela boa gestão do tempo e do espaço de aula. No entanto por vezes demonstrou algumas dificuldades em otimizar as estratégias de comunicação interactiva.

### **3.2 Motivação**

Foi evidente que a Cristiane criou sempre situações capazes de tornar as aprendizagens significativas, embora por vezes não tenha conseguido criar a melhor empatia com os alunos.

### **3.3 Utilização dos Recursos Materiais**

#### **3.3.1 Materiais Didáticos**

A Cristiane explorou sempre com muita eficiência os materiais didáticos, tirando dele todo o partido de modo a concretizar as suas estratégias. Utiliza muito bem os meios audiovisuais, tirando especial vantagem deles.

#### **3.4 Capacidade de expressão e de comunicação**

A Cristiane revela uma boa capacidade de comunicação. No entanto, por vezes deveria ser mais expressiva, a fim de conseguir mais empatia com os alunos. Usa uma linguagem correcta e adequada ao nível etário dos alunos, poderia, no entanto fazer uma melhor análise do perfil dos alunos com que comunica.

#### **3.5 Desenvolvimento de capacidades dos alunos**

Incentiva os alunos a participarem nas actividades, tentando explorar as situações de aprendizagem.

#### **3.6 Capacidade de Inflexão**

Revela alguma maneabilidade na execução do plano de aula, tirando partido de situações contextuais. Pode no entanto melhorar um pouco no que respeita à capacidade de improvisar quando surge uma situação imprevista, e assim aproveitar melhor o efeito da inflexão.

### **4. Integração na Vida Escolar**

#### **4.1 Participação nas Áreas Curriculares não Disciplinares**

Participa com muito interesse nas actividades, tanto nas das Áreas Curriculares não Disciplinares .

#### **4.2 Participação nas Actividades de Escola**

Participa com muita dedicação e interesse nas actividades da escola, tais como exposições e eventos importantes relacionados com actividades artísticas, onde se destacou, não só pelo excelente empenho da sua participação como pela qualidade das suas iniciativas. Destacou-se na preparação do Sarau do Colégio sendo muito participativa na preparação dos materiais necessários para este evento, tendo sido sempre muito motivada e empenhada.

## **5. Atitudes Profissionais**

### **5.1 Responsabilidade**

É uma pessoa muito responsável, cumpre com empenho todos os compromissos assumidos, aceitando o risco das suas decisões, é muito assídua e pontual.

### **5.2 Capacidade de Análise Crítica**

Revela capacidade de análise, reflecte sobre as situações que vão surgindo e procura expressar os seus juízos de forma fundamentada.

### **5.3 Relações Humanas**

#### **5.3.1. Com os Alunos**

Procura desenvolver autonomia e o sentido de responsabilidade nos alunos. Procura desenvolver receptividade social, no entanto poderia ser menos formal nas situações em que esta atitude é indutora de proximidade com os alunos e por consequência potenciadora de maior receptividade social.

#### **5.3.2 No grupo de Estágio e na Escola**

Revela bastante maturidade nas relações que estabelece com os professores e restantes membros da comunidade educativa. Tem sentido de humor, e uma postura que é geradora de boas relações interpessoais. Demonstra um grande empenho na ajuda aos colegas.

**Pedro A. Correia**

